

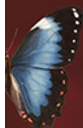
O FENÓMENO YOUNG ADULT DO MOMENTO

REBECCA ROSS



PROMESSAS CRUÉIS

SECRET
SOCIETY



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O FENÓMENO YOUNG ADULT DO MOMENTO

REBECCA ROSS

PROMESSAS
CRUÉIS

SECRET
SOCIETY

REBECCA ROSS



PROMESSAS CRUÉIS

SECRET
SOCIETY

Índice

Promessas Cruéis

A Borboleta deste livro

Trigger warnings

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Prólogo: Enva

PARTE UM *A Magia Ainda Acontece*

1 Um Encontro Sinistro

2 Palavras Que Enfeitiçam

3 Todas as Histórias Têm Dois Lados

4 Seda de Aranha e Gelo

5 A Primeira Alouette

6 Preferimos Usar os Nomes do Meio

7 Todas as Cartas Perdidas

8 O Nome de Um Caracol de Estimação

9 O Estafeta e o Roadster

10 A Lavandaria das Almas Antigas

11 R

PARTE DOIS *A Atração da Chama*

12 Um Rouxinol Cativo

13 Já Viste Pior do Que Isto

14 Fome

15 As Teclas «E» e «R»

16 Nove Vidas

17 Queima as Minhas Palavras

18 Nada Mais do Que Nevoa e Recordação

19 Uma Brigadeiro Feita de Estrelas

20 Uma Casa Que Sabe Aquilo de Que Precisas

21 Cara a Cara com Um Sonho

22 Desfeito em Fumo

23 Corações Incandescentes

24 O Que Aconteceu Verdadeiramente em Bluff e Mais Além

PARTE TRÊS *Asas Numa Gaiola*

25 Superar Mais Uma Vez

26 Fala-Me da Iris E. Winnow

27 Deuses nas Sepulturas

28 Quando se Perde o Cheiro do Lar

29 Sinais do Quinto Andar

30 Não Te Iludas com Esta Liberdade

31 A Gravidade num Mundo Diferente

32 Estática na Linha

33 Leite e Mel

34 23h12

35 Nunca me Esqueças

36 Hospedes Permanentes

37 Os Fios Escondidos

38 Apenas por Convite

39 Prateado no Verde

PARTE QUATRO *Um Crescendo Para Sonhos*

40 Vir à Tona Respirar

41 Conversas com a Divindade

42 Entrego-Te as Minhas Mãos

43 Cortesia da Iris Inkridden

44 Ferro e Sal

45 Cem Vezes, Mil Vezes

46 A Tua Alma Jurada à Minha

47 Onde Todos os Traidores Pousam a Cabeça

48 Um Portal Que Já Atravessaste

49 O Peso de 50 Asas

50 Uma Canção de Embalar Para Amantes Condenados

51 Ícore Derramado

52 O Que Podia Ter Sido

53 Um *Tribune* Que Sangra

54 Querida Iris

55 A Última Palavra

Epílogo: Coda

Agradecimentos

[Nota editorial](#)

[Os Seekers que trabalharam neste livro](#)

[Seek the butterfly](#)

[O que é a Secret Society?](#)

[Sobre este livro](#)

[Sobre Rebecca Ross](#)

Butterfly^{en}
'batəflai



Morpho helenor

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Guerra

Luto

Morte e perda

Tortura

Trauma

Violência



Edição em formato digital: junho de 2024

PROMESSAS CRUÉIS

Título original: *Ruthless Vows*

© 2023, Rebecca Ross

Publicado por Wednesday Books,
uma chancela de St. Martin's Publishing Group, Nova Iorque.
Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Secret Society é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º Andar, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.

Este livro não

pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editor: Rodrigo Manhita

Coordenação Editorial: Inês Martins

Tradução: Pedro Póvoa

Revisão: Manuela Duarte

Adaptação de capa: Wonder Studio / Ana Teixeira

Design da capa: © HarperCollinsPublishers Ltd 2024

Ilustração da capa: © Kelley McMorris / Shannon Associates

ISBN: 978-989-583-076-3

Composição digital: [Simon and Sons ITES Services Private Limited](#)

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Seek the butterfly: seekthebutterfly.pt

Instagram: [boldreadspt](https://www.instagram.com/boldreadspt)

Instagram: [@secretsonetyppt](https://www.instagram.com/secretsonetyppt)

*Dedicado àqueles que procuraram novos mundos para lá da porta de um
roupeiro, aos que escreveram cartas que continuam sem resposta, ou
àqueles que sonham com histórias e sangram palavras.*

*Passando os prados cercanos, mais além do riacho calmo,
Vencida a encosta,*

Foi enterrar-se nas profundezas do vale ulterior:

Uma visão, ou um devaneio?

A música suspensa: durmo ou estou desperto?

JOHN KEATS, *ODE TO A NIGHTINGALE*

{ PRÓLOGO }

ENVA

Ela nunca teve a menor dúvida, mesmo depois de todos estes anos mortais poeirentos, que Dacre haveria um dia de vir atrás dela. Enva sabia que a sua música não o manteria no túmulo para sempre. Por muito que tivesse sacrificado para o entoar, o feitiço que o mantinha cativo haveria um dia de perder o seu poder.

Tinha entoado a canção de embalar durante um ano. A primavera dera lugar ao verão, com as suas tempestades plúmbeas a tornarem o mundo verde e ameno; o verão cedera passagem ao outono e às suas árvores umbrosas e douradas, ao limo que cobria com o seu manto as ervas moribundas; o inverno sucedera ao outono, com as montanhas a ganharem presas de gelo e o ar frígido ao ponto de se tornar quebradiço. Até ter chegado novamente a primavera.

Foi o que bastou para manter o seu antigo amante coberto de lama durante séculos — pelas contas mortais — e para tranquilizar o rei humano da altura. Quanto às outras três divindades, Alva, Mir e Luz, Enva nunca se preocupara com o seu despertar.

Mas não há bem que sempre dure. E todas as canções têm um verso final.

Dacre haveria de acordar, e ela estaria à sua espera.

Enva cerrou os seus longos dedos num punho e sentiu a dor nas articulações inchadas. Sabia que o seu feitiço acabaria por perder o efeito, mas o que ela *não* tinha previsto era o custo de engolir tanto poder.

Momentaneamente perdida no passado, Enva permaneceu a coberto de uma sombra na Broad Street, observando as pessoas afadigadas nos seus deveres, alheias à sua presença. Mas estava habituada a ser ignorada, como era sua intenção. Conseguia fundir-se numa multidão de mortais como se tivesse nascido entre eles, com a mesma carne condenada a sangrar e a apodrecer, o mesmo espírito semelhante à chama de uma vela, trémula e incandescente. Brilhante na escuridão.

Aguardou alguns instantes até o sol se pôr. Só então deu um passo

em frente para o crepúsculo e atravessou a rua, com os olhos postos num café específico. Tinha quase a certeza de que já havia ali estado, há muito, muito tempo. Antes de esta cidade se ter erguido de um emaranhado de pedras da calçada; antes de os edifícios ganharem forma com os seus esqueletos de aço altaneiros.

Quase conseguia lembrar-se deste lugar, se deixasse a sua memória recuar no tempo. Bastava que se atrevesse a reviver a época que tinha passado com Dacre no submundo, quando quase se permitiu afogar-se naquelas sombras solitárias, despertando na cama dele, ansiando pelo céu.

Ele tinha-a colocado numa gaiola dourada, mas ela tinha conseguido escapar-lhe.

Enva chegou à entrada do café. Já estava fechado, mas a verdade é que as fechaduras nunca tinham sido um impedimento. Entrou no edifício e observou tudo à sua volta. Sim, ela já ali tinha estado, mas era um lugar muito diferente na altura. Tinha a estranha sensação de que, enquanto tudo à sua volta tinha mudado e evoluído como as estações, ela permanecera igual. Era a mesma de há séculos, proveniente de constelações muito antigas, onde reinava o vento e o frio.

Mas não estava ali para ser vítima do passado.

Enva afilou o olhar e deu um passo em frente, em busca da porta.

PARTE UM

A MAGIA AINDA ACONTECE

UM ENCONTRO SINISTRO

A primavera tinha finalmente tomado conta da cidade de Oath, mas nem mesmo o calor do sol conseguia derreter o gelo que se instalara nos ossos de Iris Winnow. Sabia que alguém estava a segui-la enquanto abria caminho pelo bulício da Broad Street, estugando o passo sobre os carris do elétrico e as pedras da calçada. Resistindo à tentação de olhar para trás, enfiou as mãos nos bolsos da gabardina e continuou a calcorrear a fileira de ervas daninhas que brotavam das fendas no passeio.

O casaco tinha apenas três dias e ainda cheirava à loja onde Iris o tinha comprado — um aroma a perfume de rosas, chá preto oferecido às clientes e sapatos de couro polido — e a verdade é que os dias já estavam a ficar demasiado quentes para precisar dele nas suas caminhadas de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Mas Iris descobriu que gostava de ter o casaco cingido ao corpo e atado à cintura, como se fosse uma armadura.

Estremeceu ao ziguezaguear por uma multidão reunida à porta de uma padaria, na esperança de que a pessoa que estava no seu encalço a perdesse de vista no tumulto de gente que comprava os seus pães matinais. Ponderou se seria Forest a segui-la. A imagem fê-la sentir-se imediatamente melhor, mas depois profundamente pior. Ele já tinha feito algo semelhante, em Avalon Bluff. Tinha passado vários *dias* a observá-la, à espera do momento certo para aparecer, e ela ainda estremecia quando se lembrava disso.

Iris não aguentou mais. Olhou de relance por cima do ombro, com o vento a atirar-lhe algumas madeixas de cabelo para o rosto.

Não viu o irmão mais velho, mas a verdade é que ele já não era a pessoa afetuosa e risonha que tinha sido antes de se alistar na causa de Enva. Não, a guerra tinha deixado as suas marcas, tinha-o ensinado a manobrar nas trincheiras, a disparar uma arma e a esgueirar-se por entre os mortos para entrar em território inimigo. A guerra tinha-o deixado profundamente ferido. E se Forest estava a segui-la naquela manhã, isso significava que ainda duvidava dela.

Ainda acreditava que ela seria capaz de fugir, de o deixar a ele e a Oath para trás sem uma palavra de despedida.

Quero que confies em mim, Forest.

Iris engoliu em seco e apressou-se a seguir o seu caminho. Passou pelo edifício onde outrora trabalhara, as instalações do *Oath Gazette*, no quinto andar, o local onde conhecera Roman, a quem rotulara imediatamente de snobe arrogante de classe alta; o local onde as suas palavras tinham encontrado pela primeira vez um lugar no jornal, onde ela tinha descoberto a emoção do jornalismo.

Iris passou por aquelas pesadas portas de vidro, traçando com a ponta do dedo a aliança que usava no anelar. Virou numa rua secundária mais calma, à escuta, atenta ao som de passos atrás de si. Mas o barulho das campainhas dos elétricos e dos vendedores ambulantes nas esquinas era demasiado alto e ela atreveu-se a tomar um atalho por um beco.

Era uma ruela estreita e irregular que a maioria dos veículos não percorreria sem raspar com o espelho retrovisor lateral. Uma via de paralelepípedos, onde ainda se sentia a magia ao passar por determinadas portas, ao olhar para o brilho das janelas ou ao atravessar uma sombra que nunca se desvanecia, por mais brilhante que fosse a luz do sol.

Iris estancou quando viu palavras pintadas a vermelho numa parede de tijolo branco.

O lugar dos deuses é nos seus túmulos.

Não era a primeira vez que se deparava com aquela frase. Na semana anterior, tinha-a visto pintada na parede de uma catedral e nas portas da biblioteca. As palavras estavam sempre a vermelho, brilhantes como sangue, e muitas vezes seguidas de um único nome: *Enva*.

Há semanas que ninguém via a deusa. Já não cantava para inspirar as pessoas a alistarem-se e a lutarem na guerra. Por vezes, Iris perguntava-se se Enva estaria sequer na cidade, apesar de haver quem afirmasse ter visto a deusa ocasionalmente. Quanto aos autores daquela frase sinistra que se lia por toda a cidade... Iris não fazia ideia de quem pudessem ser, mas parecia ser um grupo de pessoas em Oath que não queria nenhuma divindade viva em Cambria. Incluindo Dacre.

Com um arrepio, Iris seguiu caminho. Estava quase a chegar ao *Inkridden Tribune* quando se permitiu um último olhar para trás.

Havia de facto alguém mais ao fundo da rua. Mas, fosse quem fosse, virou-se e desapareceu num umbral sombrio, e Iris não conseguiu sequer distinguir a sua constituição, quanto mais os contornos do rosto.

Suspirou e esfregou a pele arrepiada dos braços. Tinha chegado ao

seu destino e, se era Forest que a seguia, falaria com ele mais tarde, quando regressasse ao apartamento. Era uma conversa que estava a fermentar há uma semana e que nenhum dos dois parecia ter pressa em começar.

Iris passou pela porta de madeira, indiferente ao matraquear das suas botas no chão de mosaicos pretos e brancos do átrio. Desceu a escadaria, sentindo a temperatura a mudar, sublinhada pelo ligeiro zumbido das lâmpadas por cima da sua cabeça. Mais uma razão para usar a gabardina durante todo o ano.

O *Inkridden Tribune* ficava na cave de um edifício antigo, onde parecia reinar um outono perene, com secretárias de carvalho cheias de papéis, um teto com canos de cobre à mostra, paredes de tijolo exposto que não protegiam das correntes de ar e onde a luz dos candeeiros de latão sobre as secretárias iluminavam o bruxulear do fumo dos cigarros e o brilho das teclas das máquinas de escrever. Era um sítio escuro, mas acolhedor, e Iris acomodou-se com uma expiração suave.

Attie já estava sentada à mesa que partilhavam, fitando distraída a sua máquina de escrever. As mãos castanhas e esguias seguravam uma chávena de chá, o cenho estava fechado, perdida que estava em pensamentos profundos.

Iris despiu a gabardina e deixou-a cair sobre as costas da cadeira. Ainda usava os botins com atacadores que lhe tinham sido entregues para usar na linha da frente, que eram muito mais fáceis de calçar do que os sapatos de salto alto que usara em tempos no *Gazette*. Os botins não combinavam com a saia axadrezada e a blusa branca que tinha escolhido, mas Helena Hammond não parecia importar-se com o visual desirmanado, desde que Iris escrevesse bons artigos para o jornal.

— Bom dia — cumprimentou Attie.

— Bom dia — replicou Iris, enquanto se sentava. — Hoje, o tempo está bom.

— O que significa que vai estar a chover quando sairmos — contrapôs Attie, antes de beber um gole de chá. Mas logo a seguir a sua voz suavizou-se e ela sussurrou. — Há novidades?

Iris sabia ao que Attie se estava a referir. Estava a perguntar por Roman. Se Iris tinha tido notícias do seu paradeiro e da sua situação.

— Não — respondeu, com um nó na garganta. Tinha enviado vários telegramas desde que voltara a Oath. Tiros no escuro para estações ferroviárias que ainda estavam operacionais, apesar da proximidade à frente de guerra.

ALERTA DE PESSOA DESAPARECIDA STOP ROMAN C KITT STOP CABELO PRETO OLHOS AZUIS CORRESPONDENTE DE GUERRA STOP VISTO PELA ÚLTIMA VEZ EM AVALON BLUFF STOP CONTACTAR I WINNOW VIA CORREIOS DE OATH STOP

Iris ainda não obtivera resposta, mas pensando bem, o que podia ela esperar? Havia inúmeros soldados e civis desaparecidos. Distraiu-se a preparar a máquina de escrever, que na verdade não era a *sua*, mas sim uma que o *Tribune* lhe emprestara. Era velha, tinha a barra de espaços gasta pelos inúmeros polegares que a tinham dedilhado e algumas teclas que ficavam presas e davam azo a gralhas. Ainda estava a tentar habituar-se a ela, com saudades da máquina mágica que a avó lhe tinha oferecido. A máquina de escrever que a tinha ligado a Roman. A Terceira Alouette.

Iris colocou uma nova folha de papel no rolo, mas pensou na sua máquina de escrever, perguntando-se onde estaria. Vira-a pela última vez no seu quarto na pensão de Marisol. E embora a casa tivesse sobrevivido milagrosamente ao bombardeamento, era impossível saber o que Dacre e as suas forças tinham feito à vila depois de a terem tomado. Talvez a Terceira Alouette continuasse no seu antigo quarto, intocada e coberta de cinzas. Talvez um dos soldados de Dacre a tivesse roubado e estivesse agora a usá-la para escrever cartas nefastas, ou talvez a tivesse partido e espalhado os pedaços cintilantes pela rua.

— Estás bem, miúda? — A voz de Helena Hammond interrompeu-lhe os pensamentos, e Iris olhou para cima para ver a sua chefe de pé ao lado da secretária. — Estás um pouco pálida.

— Sim, estava só a... pensar — respondeu Iris com um ligeiro sorriso. — Desculpe.

— Não tens de pedir desculpa. Não queria interromper as tuas reflexões, mas tenho uma carta para ti. — Um sorriso quebrou o semblante fechado de Helena, que retirou um envelope amarrado do bolso das calças. — É de alguém de quem acho que vais gostar de ter notícias.

Iris arrancou a carta da mão de Helena, incapaz de esconder a sua ansiedade. Só podia ser uma notícia de Roman. O seu estômago contorceu-se de esperança e terror quando abriu o envelope. Começou por ficar surpreendida com a extensão da mensagem — demasiado longa para ser um telegrama — e exalou um suspiro trémulo quando começou a ler.

Querida Iris,

não tenho palavras para descrever o quanto fiquei (e ainda estou!) aliviada ao saber que regressaste em segurança a Oath! Tenho a certeza de que a Attie já te contou o que aconteceu em Avalon Bluff naquele dia horrível, mas esperámos por ti e pelo Roman no camião o mais que pudemos. Fiquei de coração partido quando fomos obrigados

a retirar sem vocês os dois, e tudo o que podia fazer era rezar para que estivessem a salvo e para que fosse possível voltarmos a estar juntos.

A Helena escreveu-me a dar conta de que o Roman ainda não foi encontrado. Lamento imenso, minha querida amiga. Gostava de poder fazer alguma coisa para aliviar a preocupação que deves estar a sentir. Quero que saibas que serás sempre bem recebida em casa da minha irmã, em River Down. Estamos apenas a um dia de viagem de Oath, e temos aqui um quarto para ti e para a Attie, caso queiram visitar-nos.

Até lá, o meu coração está contigo. Tenho saudades tuas!

A tua amiga,
Marisol

Iris pestanejou, afastando as lágrimas, e guardou a carta no envelope. Tinham passado apenas duas semanas desde que Iris vira Marisol pela última vez. Duas semanas desde que tinham estado todos juntos na pensão. Duas semanas desde que ela se casara com Roman C. Kitt no jardim.

Uma quinzena não era muito tempo; Iris ainda tinha nódoas negras e crostas nos joelhos e nos braços, de quando rastejara por entre os escombros e as nuvens de gás. Ainda conseguia ouvir o estrondo das bombas a explodir, sentir o estremecimento da terra sob os seus pés. Ainda sentia a respiração de Roman no seu cabelo enquanto a abraçava, como se nada pudesse separá-los.

Duas semanas pareciam um suspiro de tempo — poderia ter sido ontem, vivas que estavam as feridas internas de Iris — e, no entanto, ali em Oath, rodeada de pessoas que faziam a sua vida normalmente, como se a guerra não estivesse a quilómetros de distância a oeste... Iris quase sentia que aqueles dias em Avalon Bluff tinham sido um sonho febril. Ou que tinham ocorrido há vários *anos*, e que a memória de Iris tinha reconstituído aqueles momentos tantas vezes que tinham adquirido uma tonalidade sépia com o passar dos anos e o desgaste.

— Presumo que a Marisol esteja bem — interrompeu Helena.

Iris acenou com a cabeça, colocando o envelope debaixo de um livro sobre a secretária.

— Sim. Convidou-me a mim e à Attie para a visitarmos a ela e à irmã.

— Devíamos ir em breve — disse Attie.

Claro, pensou Iris. Attie já tinha estado em River Down. Tinha levado Marisol (e também uma gata chamada Lilás) até lá para

cumprir a promessa que tinha feito a Keegan. E Keegan, capitã das forças de Enva, era outra pessoa com quem Iris estava preocupada. Não sabia se a mulher de Marisol tinha sobrevivido à batalha de Avalon Bluff.

Iris estava prestes a responder quando um silêncio se instalou na redação. Um dos candeeiros piscou, como se estivesse a dar um aviso, e o matraquear das teclas das máquinas de escrever desvaneceu-se até parecer que o coração do *Tribune* tinha parado de bater, suspenso em silêncio. Helena franziu o sobrolho e virou-se para a porta, e Iris seguiu o seu olhar, fixando-se no homem que perfilado sob o lintel de tijolo.

Era alto e magro, e vestia um fato de três peças azul-escuro com um lenço vermelho enfiado no bolso do peito. Era difícil adivinhar a sua idade, mas o rosto pálido estava sulcado pelas rugas. Um bigode adornava a parte superior dos lábios franzidos e os seus olhos miúdos brilhavam como obsidianas à luz ténue. Por baixo do chapéu de coco, o cabelo grisalho estava penteado para trás com pomada.

A princípio, Iris não o reconheceu. Perguntou-se se teria sido ele a segui-la naquela manhã, até que reparou nos dois seguranças atrás dele no corredor, com os braços corpulentos atrás das costas.

— Chanceler Verlice — disse Helena num tom cauteloso. — O que o traz ao *Inkridden Tribune*?

— Um assunto privado — respondeu o chanceler. — Posso dar-lhe uma palavrinha?

— Sim. Por aqui. — Helena passou por entre as secretárias até ao seu gabinete.

Iris ficou a ver o chanceler a segui-la, com os olhos a varrerem os editores e colunistas por onde passava. Quase parecia que olhava *através* deles, ou talvez procurasse *alguém*, e o coração de Iris vacilou quando os seus olhares se cruzaram em extremos opostos da sala.

Os seus olhos inescrutáveis mantiveram-se fixos nos dela por um longo instante antes de se desviarem para olhar para Attie. Por essa altura, ele já tinha chegado ao gabinete de Helena e não teve alternativa senão baixar o olhar ao passar pela soleira da porta. Helena fechou a porta atrás dele; os dois seguranças ficaram de sentinela no corredor, impedindo qualquer pessoa de entrar ou sair.

Lentamente, o *Inkridden Tribune* retomou o seu zumbido de atividade. Os editores voltaram a editar as pilhas de papel com as suas canetas de tinta vermelha, os colunistas retomaram a datilografia, os assistentes correram da bancada de chá e do telefone, levando chávenas fumegantes e mensagens rabiscadas para as várias secretárias.

— O que achas que se passa? — sussurrou Attie, inclinando a cabeça para a porta do gabinete de Helena. Iris afastou um arrepio.

Vestiu a gabardina, apertando-a bem na cintura.

— Não sei — sussurrou. — Mas não pode ser nada de bom.

Dez minutos depois, a porta do gabinete abriu-se.

Iris não tirou os olhos do papel e das palavras que estava a datilografar, entrando no ritmo da máquina de escrever, mas distinguia o chanceler pelo canto do olho. O homem demorou-se a percorrer a sala e ela voltou a sentir o seu olhar, como se estivesse a avaliá-las, a ela e a Attie.

Iris cerrou os dentes, inclinando o queixo para baixo para que o cabelo caísse em cascata à volta do rosto, interpondo-se entre ela e o olhar do chanceler como um escudo.

Deu graças quando Verlice e os seus dois seguranças desapareceram no cimo das escadas, mas a nuvem pungente do seu perfume permaneceu como um nevoeiro. Iris estava prestes a levantar-se e a servir-se de uma chávena de chá, para lavar o mau travo que tinha na boca, quando viu Helena acenar-lhe.

— Iris, Attie. Preciso de falar convosco.

Attie parou de escrever, levantando-se sem dizer uma palavra, como se estivesse à espera daquele chamado. Mas ao vê-la morder o lábio Iris percebeu que a amiga estava tão ansiosa como ela. O motivo da visita do chanceler devia estar relacionado com elas. Iris seguiu Attie até ao gabinete de Helena.

— Sentem-se, as duas — disse Helena enquanto se instalava atrás da secretária.

Iris fechou a porta e sentou-se num sofá de couro gasto, mesmo à esquerda de Attie. Resistiu à vontade de estalar os dedos, enquanto esperava que Helena quebrasse o silêncio.

— Sabem porque é que o chanceler nos visitou? — disse Helena finalmente, num tom de voz estranhamente calmo e frio. Como a água debaixo de uma camada de gelo.

Attie olhou de relance para Iris. Ela tinha chegado à mesma conclusão. Iris via-o nos seus olhos. O aborrecimento, a preocupação, o fulgor da raiva.

— Ele não gostou dos nossos artigos — constatou Iris. — Os que acabou de publicar sobre as evacuações de Clover Hill e Avalon Bluff depois de serem bombardeadas e gaseadas.

Helena pegou num cigarro e depois suspirou, atirando-o para uma pilha de papéis.

— Não, não gostou. Eu sabia que ele não ia gostar, mas publiquei-os na mesma.

— Bem, ele não tem de *gostar*, pois não? — disse Attie, levantando uma mão em sinal de frustração. — Porque eu e a Iris escrevemos a verdade.

— Ele não vê as coisas dessa maneira. — O cabelo ruivo de Helena

pendia-lhe sobre a testa. Tinha manchas roxas ténues por baixo dos olhos, como se não tivesse dormido. As suas sardas contrastavam com a pele pálida, assim como a cicatriz no rosto.

— Como é que vê, então? — quis saber Iris, enquanto rodava a aliança no dedo.

— Ele vê os artigos como propaganda e disseminação de medo. Acha que estou a tentar aumentar as minhas vendas com este tipo de manchetes.

— Isso é um disparate! — gritou Attie. — Eu e a Iris fomos *testemunhas oculares* do ataque. Estamos a fazer o nosso trabalho de repórteres. Se o chanceler tem algum problema com isso, então é obviamente um simpatizante de Dacre.

— Eu sei — disse Helena, calmamente. — Acredita, miúda. Eu sei. Vocês escreveram a verdade. Escreveram o que viveram, de forma corajosa e honesta, como vos incumbi. E sim, o chanceler parece ser um brinquedo de Dacre, disposto a dançar à ordem do deus. O que me leva ao meu próximo ponto: o Verlice acha que estou a tentar criar problemas ao fomentar o pânico e a ira junto das pessoas. Culpa-nos pelo mais recente ato de vandalismo: alguém escreveu «o lugar dos deuses é nos seus túmulos» na entrada da sua casa, em letras garrafais, hoje de manhã.

Iris fletiu a mão. Lembrou-se de ter visto aquele slogan destemido no seu passeio matinal.

— As pessoas podem ter as suas próprias opiniões e crenças sobre a divindade, quer as venerem ou não. Não podemos controlar isso.

— Foi o que eu disse ao Verlice — disse Helena. — Mas ele discorda.

— Que consequências tem isso para nós? Quer que deixemos de escrever sobre a guerra? Devemos agir como se os deuses não existissem?

— Claro que não — respondeu Helena com um resfolegar. Mas a prosápia esmoreceu quando continuou. — Não vos quero pedir isto, porque já passaram por coisas que nenhum de nós consegue imaginar. E acabaram de regressar. Mas se Dacre está a avançar em força para leste, como vocês viram em Bluff... as pessoas têm de ser alertadas, sobretudo se o nosso chanceler está em conluio com ele. Temos de saber quanto tempo temos antes de o deus chegar a Oath, e o que podemos fazer para nos prepararmos para essa eventualidade.

O coração de Iris disparou. Sentia-se vazia desde que regressara a Oath. Dormia, mas não sonhava. Comia, mas não sentia o sabor. Escrevia três frases e apagava duas, como se não soubesse como avançar.

— Precisa que regressemos à frente de batalha — constatou, sem fôlego.

Helena franziu o sobrolho.

— Sim, Iris. Mas não será como dantes, porque a Marisol já não está em Avalon Bluff.

— Então, como? — perguntou Attie.

— Ainda estou a ultimar os pormenores, mas não posso adiantar nada. — Helena passou uma mão pelo cabelo, deixando-o mais mole e despenteado do que antes. — E não quero que respondam já. Na verdade, quero que tirem o resto do dia de folga. Quero que *pensem* bem nisto e no que significa para vocês, e não que me deem apenas a resposta que acham que *quero* ouvir. Entendido?

Iris acenou com a cabeça, e os seus pensamentos desviaram-se imediatamente para Forest. O irmão não ia querer que ela partisse. O medo subiu-lhe à garganta quando se imaginou a dar-lhe a notícia. Olhou de relance para Attie, sem saber o que a amiga iria fazer.

Porque a verdade é que Attie tinha cinco irmãos mais novos e pais que a adoravam. Tinha-se matriculado em cursos de prestígio na Universidade de Oath. Tinha muitos laços que a mantinham presa aqui, enquanto Iris só tinha um. Mas Attie era também uma instrumentista que mantinha o seu violino escondido na cave, desafiando a lei do chanceler que obrigava a entregar todos os instrumentos de corda. Era a jovem que tinha presenteado o seu antigo professor — o mesmo que vaticinara que ela nunca teria uma carreira como jornalista — com uma assinatura do *Inkridden Tribune*.

Attie não era pessoa para deixar que gente como o chanceler Verlice ou professores de vistas curtas ficassem por cima.

E Iris depressa percebeu que ela própria também não.

*

Quando Iris chegou ao parque ribeirinho, o céu estava coberto de nuvens negras. Tinha-se separado de Attie num café da esquina onde tinham tomado um pequeno-almoço tardio juntas antes de seguirem o conselho de Helena. Attie queria voltar a passear pelo pátio da universidade antes de regressar à casa dos pais, e Iris queria visitar o parque que ela e Forest tinham frequentado quando eram mais novos.

Iris parou numa rocha coberta de musgo, com o estojo da máquina de escrever a pesar-lhe numa mão. Olhou para os rápidos pouco profundos.

Salgueiros e bétulas cresciam tortos ao longo das margens sinuosas, e o ar tinha um sabor húmido e doce. Era estranho como aquele local parecia distante da cidade, como as campainhas dos elétricos, o ruído dos veículos e as muitas vozes pareciam desvanecer-se à distância. Por instantes, Iris imaginou que estava a quilómetros de Oath, numa zona rural idílica, e ajoelhou-se para apanhar alguns seixos, arrepiando-se ao choque gelado da água nos dedos.

Anos antes, Forest tinha encontrado um caracol entre os seixos e tinha-o oferecido a Iris. Chamou-lhe *Morgie* e levou-o orgulhosamente para casa como animal de estimação.

Sorriu, mas a recordação era nítida, cortando-lhe os pulmões como vidro.

Se me vires muitas vezes, vais acabar por te cansar das minhas histórias tristes sobre caracóis, escreveu ela uma vez a Roman.

Impossível, respondeu ele.

Iris deixou que as pedras lhe caíssem das mãos para dentro de água. Os trovões ribombaram no céu e o vento agitou os ramos das árvores. As primeiras gotas de chuva caíram sobre os ombros de Iris, escorrendo pela sua gabardina como lágrimas.

Começou a caminhar rapidamente para casa, com a chuva a cair a sério. O cabelo estava encharcado quando chegou ao seu apartamento. Felizmente, o estojo da máquina de escrever era impermeável. Normalmente, não levava a máquina para casa à noite, depois do trabalho, mas tinha percebido que não gostava de estar sem ele. Não fosse a inspiração sorrir-lhe à meia-noite.

Iris subiu apressadamente a escada exterior para o segundo andar, com as botas a bater nos degraus de aço, mas parou abruptamente quando viu que a porta do seu apartamento estava entreaberta. Quando saíra naquela manhã, Forest ainda estava em casa, sentado no sofá a engraxar o seu velho par de sapatos. Parecia relutante em sair do apartamento, e Iris imaginou que ele estaria com receio de ser reconhecido e acusado de ter abandonado o seu posto. Era muito mais complicado do que isso, mas a maioria das pessoas em Oath não fazia ideia do que realmente se passava na frente de batalha.

— Forest? — chamou, aproximando-se da porta. Abriu-a mais ainda, ouvindo-a ranger nas dobradiças. — Forest, és tu?

Não houve resposta, mas Iris conseguia ver a luz do candeeiro, quente e enevoada, no interior. Havia alguém dentro da sua casa, e ela sentiu um arrepio pelas costas.

— Forest? — chamou novamente, mas não houve resposta. Apenas um fio de fumo pungente e o som de alguém a mexer-se.

Iris cruzou a soleira da porta.

Um homem alto, de alguma idade, com um casaco de pele e um fato escuro, estava na sala de estar, a alguns passos de distância. Era um homem que nunca tinha visto, mas Iris soube quem era assim que os seus olhares se cruzaram, e o arrepio espalhou-se por todo o seu corpo, gelando-lhe o sangue.

Ele deu uma última baforada no charuto como se estivesse a preparar-se para uma luta, com o tabaco enrolado a fumar enquanto o tirava da boca.

— Olá, Miss Winnow — saudou o homem, numa voz cava. —

Onde está o meu filho?

PALAVRAS QUE ENFEITIÇAM

Não era assim que Iris tinha imaginado conhecer o pai de Roman.

Na verdade, era a *última* coisa que ela esperava. Não devia acontecer no seu pequeno e triste apartamento, com o papel de parede manchado, a mobília desgastada e o chão sujo. Um lembrete claro de que Iris pertencia à classe trabalhadora, ao contrário dos Kitt. Não devia acontecer com ela desgrehada e encharcada pela chuva, com o coração partido e sozinha.

Não, na sua mente, ela ter-se-ia aperaltado, apresentar-se-ia de cabelo encaracolado e preso com ganchos de pérolas, e os dedos entrelaçados com os de Roman. Seria na extensa propriedade dos Kitt, no extremo norte da cidade, talvez ao ar livre, nos jardins banhados pelo sol, e a astuta avó de Roman e a sua mãe bondosa estariam a servir chá e sandes cortadas em triângulos.

Era um balde de água fria perceber que raramente sonhos como aquele se alinhavam com a realidade. A cena que Iris tinha imaginado era impossível. Mas ela manteve uma postura rígida, recusando-se a deixar que o seu olhar se desviasse primeiro.

— Olá, Mr. Kitt — respondeu ao cumprimento. — Não estava à sua espera.

— Perdoe-me por ter aparecido sem avisar — desculpou-se ele, embora fosse óbvio que não lamentava minimamente. — Como já deve saber, o meu filho não tem por hábito informar-me do seu paradeiro e preciso que ele volte para casa.

Casa.

A palavra atingiu-a como um dardo, e Iris fez um compasso de espera para respirar, pousar o estojo da máquina de escrever e despir a gabardina, colocando-a nas costas da cadeira mais próxima. Graças aos deuses, a eletricidade estava de novo ligada e Forest tinha-se ocupado da limpeza do apartamento desde o seu regresso. Já não havia garrafas de vinho por toda a parte. As teias de aranha tinham sido limpas e o chão varrido. Havia comida na cozinha e água corrente na casa de banho, embora a casa ainda parecesse estranha

sem a mãe.

Iris afastou esses pensamentos. Tinha um dilema em mãos, um dilema para o qual não estava preparada. Não sabia o que dizer a Mr. Kitt em relação a Roman, ou o quanto ele já sabia. Não sabia o que podia dizer e o que deveria esconder.

Tentou pensar na vontade de Roman, mas sentiu um espasmo de dor no peito.

— Aceita uma chávena de chá, Mr. Kitt? — perguntou.

— Não. Não ouviu a minha pergunta, rapariga?

— Claro que ouvi. Não sabe onde está o seu filho, mas pensa que eu sei.

Mr. Kitt ficou calado durante vários segundos de tensão. Olhou para ela, e Iris obrigou-se a manter o olhar fixo. Não lhe daria poder aqui; não se encolheria nem desviaria o olhar como se fosse dele a vantagem.

As semelhanças entre Roman e o pai eram notórias. Eram ambos altos, com ombros largos, cabelo preto espesso e olhos azuis como centáureas. Tinham maxilares bem definidos, maçãs do rosto esculpidas e uma pele propensa a corar. Iris conseguia perceber sempre que Roman estava encavacado, desconfortável ou zangado, porque o rosto dele ficava inapelavelmente vermelho. Lembrou-se de como achava isso cativante. No caso de Mr. Kitt, as bochechas pareciam coradas devido a anos de fumo e bebida.

Deu mais uma passa no charuto e deixou o fumo rodopiar. Talvez não gostasse da forma como ela o escrutinava, ou talvez não esperasse que ela fosse tão teimosa. Iris não se importou com isso, mas não pôde deixar de retesar os músculos quando Mr. Kitt pegou no casaco.

— Ao princípio, não percebi — começou ele, e a tensão diminuiu quando Iris percebeu que estava apenas a tirar um jornal dobrado de dentro do casaco. Em seguida, atirou-o para o chão entre eles, e Iris viu que era um exemplar do *Inkridden Tribune*. Leu a manchete da primeira página e o seu coração palpitou com a familiaridade, como se tivesse acabado de ver o reflexo do seu rosto num espelho.

DACRE BOMBARDEIA AVALON BLUFF, GASEIA CIDADÃOS E SOLDADOS NAS RUAS

por INKRIDDEN IRIS

— Ao princípio, não compreendi — repetiu Mr. Kitt — porque é que o meu filho desistiria de tudo para ir trabalhar para um pasquim sensacionalista na frente de guerra. Porque abdicaria do seu cargo no *Oath Gazette*. Porque poria fim ao seu noivado com uma jovem bonita e inteligente. Porque me desobedeceria e despedaçaria o coração da sua mãe pela segunda vez. Era algo insondável, até que li o seu

primeiro artigo no *Tribune*, e então tudo fez sentido.

Iris não se mexeu, não respirou. A sua coragem esmoreceu quando sentiu que Mr. Kitt lhe estava a preparar uma armadilha bem montada, e ficou com a boca seca enquanto esperava que ele desenvolvesse o raciocínio.

Ele sorriu para o jornal, para o cabeçalho que era dela. Para as palavras que ela tinha escrito. O horror que ela tinha vivido e do qual escapara por um triz. Mas quando o olhar de Mr. Kitt voltou a cruzar-se com o seu, ela viu a fúria e o ressentimento nos seus olhos.

— Sabe, Miss Winnow... o Roman sempre foi atraído por histórias e palavras. Desde miúdo, quando entrava à socapa na minha biblioteca para roubar livros das prateleiras. Foi por isso que a minha sogra lhe deu uma máquina de escrever quando fez 10 anos, porque ele sonhava em ser «romancista». Em escrever algo que fosse importante para os outros. Foi por isso que ingressou num curso universitário onde mais não fazia do que analisar os pensamentos dos outros e tentar escrever os seus próprios.

Iris sentiu o calor a subir-lhe à pele.

— O que está a tentar dizer-me, Mr. Kitt?

— Estou a dizer que as suas palavras o enfeitiçaram. E preciso que o liberte do seu jugo.

Ela teve de abafar a explosão de riso que lhe queria escapar dos lábios. Porque quando o silêncio se fez sentir na sala, ela viu que Mr. Kitt estava a falar muito a sério.

— Se as minhas palavras enfeitiçaram o seu filho, então saiba que as dele tiveram o mesmo efeito em mim — disse-lhe, voltando a tocar na aliança como por reflexo.

As recordações surgiram, ameaçando afogá-la.

Iris tinha-as revivido centenas de vezes, como se estivessem fundeadas na aliança. O momento em que Roman a colocara no seu dedo. Como as estrelas tinham começado a refulgir no céu, as flores a adoçar o crepúsculo ao redor de ambos. Como ele lhe sorriu por entre as lágrimas. Como havia sussurrado o nome dela no escuro.

O seu movimento inquieto chamou a atenção de Mr. Kitt para a sua mão. Iris viu-o reparar no brilho da aliança. Uma expressão terrível ensombrou-lhe o rosto. Uma expressão que fez a respiração congelar no seu peito.

— Compreendo. — Foi tudo o que ele disse, mas as palavras saíram arrastadas, deliberadas. Ele pigarreou. — Com que então está grávida.

Iris sobressaltou-se como se ele lhe tivesse dado uma bofetada.

— O quê?

— Porque não vejo outra razão para o meu filho se ligar legalmente a uma rapariga como você, uma rapariga sardenta e de

baixo nível que só quer ficar-lhe com a herança. Claro que o Roman tem a sua honra, embora muitas vezes se esqueça dela...

— Seguiu-me até ao jornal hoje de manhã — interrompeu Iris, começando a enumerar as ofensas dele com os dedos da mão esquerda, só para que ele pudesse continuar a ver o brilho da aliança. — Entrou no meu apartamento. Sem dúvida que revistou todos os meus objetos pessoais. E agora insulta-me de tal forma que não me resta mais nada para lhe dizer. — Fez sinal para a porta da rua, que continuava aberta, com a chuva a cair forte e fria para lá da soleira. — *Saia* antes que eu chame as autoridades para o escoltarem daqui para fora.

Mr. Kitt riu-se, mas as palavras dela devem ter tido algum peso, porque começou a dirigir-se para a porta. Pisou o jornal, sujando a manchete de Iris, e ela foi obrigada a reprimir o chorrilho de improperios que lhe assomaram aos lábios.

Mas ele parou ao seu lado e voltou a estudá-la, com os seus olhos azuis e ensanguentados. O fumo transparecia no seu hálito.

Há instantes, Iris tinha visto as semelhanças físicas entre Roman e o pai. Mas ao olhar para ele agora, sentiu um enorme alívio ao reconhecer que Roman Carver Kitt não era nada parecido com o seu progenitor.

— Ele não pode esconder-se atrás das suas saias por muito mais tempo, Miss Winnow — declarou, como se se recusasse a reconhecê-la como uma Kitt. — Quando o vir esta noite, diga-lhe que preciso de falar com ele. Que eu e a mãe queremos que ele volte para casa. Que lhe perdoo pelo que fez.

Iris tinha dois segundos para decidir as suas palavras de despedida. Dois segundos, e embora quisesse manter Mr. Kitt completamente na ignorância, também sabia que aquele homem era poderoso e que seria capaz de tudo para ter Roman em casa.

— Ele não está aqui — atirou.

— Onde é que ele está?

— Não está em Oath.

O homem arqueou uma sobrancelha, mas as palavras implícitas de Iris pareceram atingi-lo.

— Estranho amor esse que sente pelo meu filho, Miss Winnow. Para o deixar para trás em Avalon Bluff enquanto se punha a salvo.

Passou por ela e saiu finalmente do apartamento.

Iris, pálida e a tremer, ficou a vê-lo até ele se dissolver na tempestade, enquanto se sentia sufocar com o fumo do perfume e do charuto. As lágrimas ardiam-lhe nos olhos. Lágrimas, raiva e remorsos que sentiu como uma faca a cortar-lhe a carne até aos ossos.

Esperou até ter fechado e trancado a porta para se ajoelhar lentamente no chão.

TODAS AS HISTÓRIAS TÊM DOIS LADOS

Querido Kitt,

Estou a tornar-me uma atormentada pelos remorsos.

Todas as manhãs, acordo do meu sono pardo e sem sonhos e penso em ti. Pergunto-me onde estarás. Se estás ferido, com fome ou amedrontado. Pergunto-me se estás cá em cima ou no mundo inferior, se Dacre te acorrentou ao centro da Terra, tão entranhado no seu domínio ao ponto de eu não ter a menor hipótese de te encontrar.

Quem me dera nunca ter largado a tua mão naquele dia. Devia ter ficado ao teu lado quando estávamos a tentar ajudar os soldados na colina. Devia ter-me recusado a deixar que o gás nos separasse. Devia ter percebido que o meu irmão não eras tu. Se tivesse feito uma destas coisas, nós os dois ainda estaríamos juntos.

*

A porta da rua abriu-se.

Iris parou de escrever e susteve a respiração. Mas reconheceu o som dos passos de Forest e levantou-se rapidamente do seu lugar no chão, saindo do quarto para o cumprimentar.

Ele estava a tentar sacudir a chuva do casaco e das botas. Já era quase noite, e Iris não sabia onde o irmão tinha estado. Custava-lhe sentir o quanto aquilo reavivava uma ferida ainda por cicatrizar — todas as alturas em que a mãe tinha chegado tarde a casa, e todos os momentos em que Iris se preocupava com ela, mas sem tomar qualquer medida.

Mais um remorso a juntar à lista.

Forest fungou e estancou. Levantou o olhar, com a chuva a refulgir

no seu rosto, e encarou Iris, do outro lado da sala.

— Estiveste a fumar um charuto? — indagou, sem conseguir esconder o choque.

Iris estremeceu. Devia ter-se esforçado mais para arejar o apartamento.

— Não.

— Então, esteve aqui alguém. Quem? Fizeram-te mal?

— *Não*. Quer dizer, sim — disse ela, esfregando a testa. O que dizer a Forest? — O meu sogro veio cá fazer-me uma visita. Queria saber do Roman. Perguntou-me onde ele estava.

Forest soltou um suspiro. Trancou a porta atrás de si e dirigiu-se à mesa da cozinha para pousar um saco de papel. O jantar, pelo cheiro.

— O que lhe disseste? — perguntou, a medo.

— Que o Roman não está em Oath. Não disse nada sobre Dacre.

Forest retirou duas sandes, embrulhadas em papel de jornal. Mas Iris viu-o cerrar o maxilar, como se estivesse a ponderar o que devia dizer a seguir.

— Toma, senta-te e come — disse por fim, enquanto puxava uma das cadeiras da cozinha. — Trouxe a tua sandes preferida.

Iris sentou-se em frente ao irmão e desembulhou a sandes. Era de facto a sua preferida — uma sandes de peru em pão de centeio com uma camada extra de cebola roxa — e sentiu um calorzinho no coração, até reparar que havia um picle em cima do pão. Teve de engolir o nó que se formou na sua garganta. Engolir as recordações de Roman e do dia em que se sentaram lado a lado num banco de jardim; o dia em que ela percebeu quem ele realmente era.

Comeram em silêncio. Iris já tinha percebido que Forest andava muito calado ultimamente. Andavam os dois, muitas vezes perdidos nos seus próprios pensamentos. Ficou surpreendida quando o irmão quebrou o constrangimento do nada.

— Desculpa não ter estado aqui quando chegaste do trabalho. — Fez uma pausa, enquanto limpava as migalhas da camisa. — Fui a algumas entrevistas, para ver se arranjo trabalho.

Iris ergueu o sobrolho.

— Ai sim? Isso são ótimas notícias, Forest. Estás a pensar voltar para a relojoaria?

Forest abanou a cabeça.

— Não. Teria demasiadas perguntas à minha espera. Eles sabem que me alistei e não quero ter de explicar o que aconteceu.

Iris compreendia. Mas também não queria que o irmão sentisse que tinha de se manter na sombra e recomeçar a sua vida do zero, tudo porque Dacre lhe tinha cravado as garras, manipulando-o como um fantoche. Abriu a boca para dizer isso mesmo, mas depois conteve as palavras. Forest olhou para cima.

— O que foi?

— Nada. É só que... Estou orgulhosa de ti. — O rosto do irmão contorceu-se num esgar. De repente, parecia estar a lutar contra as lágrimas, e Iris apressou-se a acrescentar, num tom mais ligeiro — Claro que seria bom se me deixasses um bilhete, para eu saber que saíste e que vais voltar. Para não me preocupar. Hoje saí mais cedo do trabalho. A Helena deu-nos folga, a mim e à Attie, e...

— Porque é que ela te deu o dia de folga? — interveio Forest, como se pressentisse a tempestade que se estava a formar. Iris enrolou a língua atrás dos dentes. *Bem*, pensou, *não faz sentido adiar o inevitável*. — Iris?

— A Helena pediu-nos para voltarmos para a frente.

— Claro. — Forest deitou fora o resto da sua sandes. — Voltaste há duas semanas e ela já está pronta para te mandar embora outra vez!

— É o meu trabalho, Forest.

— E tu és minha irmã! A irmã mais nova que eu devia proteger. — Passou a mão pelo cabelo húmido. Os lábios formaram uma linha fina. — Nunca vos devia ter deixado sozinhas, a ti e à mãe. Devia ter ficado aqui, e nada *disto* teria acontecido.

Isto.

Forest ter sido ferido e curado por Dacre para lutar pelo inimigo. A mãe ter sucumbido ao álcool, sendo atropelada por um elétrico quando voltava bêbeda para casa. Iris ter ido para a linha da frente para relatar a guerra, quase despedaçada por uma granada durante o ataque.

Tudo parecia irremediavelmente emaranhado, os fios entrelaçados uns nos outros.

— Porque partiste? — perguntou Iris, tão suavemente que pensou que Forest poderia ignorá-la.

Já sabia parte da resposta: o irmão tinha-se alistado porque ouvira Enva a tocar harpa, uma noite, quando regressava do trabalho. E aquela canção tinha-lhe perfurado o coração com a verdade sobre a guerra. Durante uma estrofe completa, Forest tinha visto as trincheiras como se lá estivesse fisicamente. O rasto de devastação que as forças de Dacre deixaram para trás em pequenas vilas rurais. Fumo, sangue e cinzas que caíam como neve.

— Queres saber *por que* decidi lutar? — contrapôs.

Iris acenou com a cabeça.

Forest ficou calado, a tirar uma cutícula, mas depois disse:

— Lutei por nós. Lutei pelo teu futuro. Pelo meu. Pelas pessoas do Oeste que precisavam de ajuda. Não era por Enva. A sério que não. Ela nunca apareceu na frente de batalha. Nunca guiou as nossas forças depois de nos convencer a alistarmo-nos.

— E eu escrevo pelos mesmos motivos — disse Iris. — Ciente

disso... ainda me vais impedir de ir?

Forest suspirou, mas parecia abatido. Levou uma mão à cintura e Iris percebeu que ele estava a tocar numa das suas cicatrizes.

Perguntou-se se o irmão ainda sentiria as feridas antigas. Três balas tinham-lhe atravessado o corpo, duas delas atingindo órgãos vitais. *Ele devia estar morto*, pensou Iris com um arrepio gelado. *Devia estar morto, e não sei se devo estar grata a Dacre por o ter salvado, ou furiosa por o meu irmão viver agora com cicatrizes tão dolorosas.*

— As tuas feridas, Forest — disse ela, tentando levantar-se da mesa. Queria aliviar a angústia que ele ainda sentia, mas não sabia o que fazer para o ajudar. Sinceramente, Forest não gostava que ela se referisse aos seus ferimentos.

— Eu estou bem — disse, pegando na sua sandes. Deu uma dentada, mas ela notou a palidez da sua cara. — Senta-te e come, Iris.

— Já pensaste em ir ao médico? — tornou ela. — Acho que seria bom ires.

— Não preciso de médicos.

Ela voltou a sentar-se na cadeira. Nos últimos quinze dias respeitara o desejo de privacidade de Forest e silenciara a maioria das suas perguntas. Mas ela estava prestes a partir, quer Forest lhe desse a sua bênção ou não. Estava prestes a seguir em direção a Dacre novamente — em direção a Roman — e precisava de saber mais.

— As tuas cicatrizes doem-te constantemente? — inquiriu.

— Não. Não te preocupes comigo.

Não acreditou nele. Percebia que raros eram os dias em que o irmão não se sentisse mal, e custava-lhe saber disso.

— E se eu fosse contigo ao médico, Forest?

— E dizemos o quê? Como vou explicar-lhe que vivo com feridas mortais? Que fui curado quando devia estar morto? — Iris desviou a cara, para esconder o brilho nos olhos. Forest ficou em silêncio, com o rosto corado dos remorsos pela sua rispidez. Sussurrou com doçura: — Olha para mim, Pequena Flor. — Ela olhou, mordendo a parte interna da bochecha. — Eu sei que estás a pensar no Roman. — A abrupta mudança de assunto sobressaltou-a. — Sei que estás preocupada com ele. Mas é provável que Dacre o tenha por perto. Está a curar as feridas dele, a apagar todas as ligações que ele já teve. Ligações como a família, a sua vida em Oath, os seus sonhos. Até *tu*. Tudo o que possa interferir na sua missão e levá-lo a tentar fugir, como eu fiz.

Iris pestanejou. Uma lágrima escorreu-lhe pela cara, mas ela limpou-a rapidamente, fixando o olhar no pescoço de Forest. Ele ainda usava o medalhão de ouro da mãe. O objeto que lhe dera forças para escapar das garras de Dacre.

— Estás a dizer que o Kitt não se vai lembrar de mim?

— Estou.

Iris sentiu um nó no estômago. Custava-lhe respirar, e ela esfregou a clavícula.

— Acho que ele não se esqueceria.

— Presta atenção — cortou Forest, inclinando-se para o outro lado da mesa. — Eu sei mais do que tu sobre isto. Eu sei...

— Como fazes questão de me lembrar! — gritou ela, incapaz de se conter. — Dizes-me que *sabes mais* e, no entanto, não me dizes quase nada. Dás-me meias palavras, mas se fosses franco comigo... se me contasses a história toda, talvez eu fosse capaz de compreender!

O irmão ficou em silêncio, mas manteve o olhar fixo. A cólera de Iris era como um fogo fátuo, intenso e de curta duração. Custava-lhe tanto estar em desacordo com ele. Recostou-se na cadeira como se tivesse perdido o fôlego.

— Não quero que voltes para a frente — disse Forest, por fim. — É demasiado perigoso. E não há nada que possas fazer pelo Roman, senão manteres-te em segurança, como ele queria. Não se vai lembrar de ti, pelo menos durante algum tempo. — Amarrotou o jornal em volta dos restos da sua sandes. A conversa terminou, e Forest levantou-se para deitar o jantar no caixote do lixo.

Iris ficou a observá-lo enquanto se retirava para o antigo quarto da mãe, que o irmão tinha tomado como seu desde que regressaram a casa. Não bateu com a porta, mas o som sobressaltou-a mesmo assim.

Embrulhou o resto da sandes e colocou-a no frigorífico antes de regressar ao seu quarto. Olhou para a máquina de escrever no chão, tal como a tinha deixado, com o papel enrolado no cilindro. Nas suas garras, a carta por terminar, endereçada a Roman.

Iris não sabia por que tinha decidido escrever-lhe. Aquela máquina era normal; a ligação mágica que a unia a Roman estava quebrada. Mesmo assim, retirou e dobrou o papel. Meteu-o debaixo da porta do roupeiro e esperou alguns instantes.

Quando abriu o roupeiro, deparou-se com o cenário expectável. A carta ainda lá estava, pousada no chão sombrio.

*

A meio da noite, Iris foi acordada pelo som de música.

Sentou-se na cama com um arrepio, e ficou à escuta. A música era ténue, mas incandescente, um crescendo de notas arrancadas a um violino solitário. A luz tremeluzia por baixo da porta do quarto, corroendo a escuridão, e havia um leve cheiro a fumo. Tudo parecia estranhamente familiar, como se ela já tivesse vivido aquele momento. Iris escorregou da cama, persuadida a sair do quarto pela música e por aquele toque de conforto.

Para seu choque, encontrou a mãe na sala de estar.

Aster estava sentada no sofá, embrulhada no seu casaco roxo

preferido, com os pés descalços apoiados na mesinha de centro. Um cigarro ardia entre os seus dedos e a sua cabeça estava inclinada para trás, os olhos fechados. As pestanas escuras sobressaíam no seu rosto pálido, mas ela parecia em paz, à escuta.

Iris engoliu em seco. Quando falou, a voz saiu-lhe esganiçada.

— Mãe?

Os olhos de Aster abriram-se. Através do fumo, fixou o olhar em Iris e sorriu.

— Olá, querida. Queres vir para ao pé de mim?

Iris acenou com a cabeça e sentou-se ao lado da mãe no sofá, com a mente toldada por uma bruma de confusão. Havia algo que precisava de recordar, mas não sabia o quê. Devia estar a franzir o sobrolho, porque Aster pegou-lhe na mão.

— Não penses muito, Iris — disse-lhe. — Ouve apenas o instrumento.

A tensão que se instalara nos ombros de Iris atenuou-se; permitiu que a música a percorresse, e não se apercebeu de como estava sedenta das notas, de como a vida quotidiana se tinha tornado árida sem o som das cordas para refrescar as horas.

— Isto não vai contra a lei do chanceler? — perguntou à mãe. — Ouvir música assim?

Aster deu uma longa baforada no cigarro, mas os seus olhos brilhavam como brasas na luz fraca.

— Achas que uma coisa tão bonita pode ser ilegal, Iris?

— Não, mãe. Mas pensava...

— *Ouve* só — voltou a sussurrar Aster. — Ouve as notas, minha querida.

Iris olhou para o outro lado da sala e reparou no rádio da avó em cima do aparador. A música saía do pequeno altifalante, clara como se o violinista estivesse na sua presença, e Iris ficou tão contente por ver o rádio que se levantou e atravessou a sala.

— Pensei que nunca mais o veria — disse, estendendo a mão para os botões.

Os seus dedos atravessaram o rádio. Ficou a ver, espantada, como ele se derretia numa poça de tons prateados, castanhos e dourados. De repente, a música tornou-se dissonante, um guincho de um arco em cordas demasiado apertadas, e Iris virou-se, arregalando os olhos quando Aster começou a desvanecer-se.

— Mãe, espera! — Iris correu para o outro lado da sala. — *Mãe!* — Aster não era mais do que uma mancha de tinta violeta, entrelaçada com fumo e manchada de cinzas, e Iris gritou novamente enquanto tentava abraçar a mãe. — Não vás! Não me deixes assim!

Um soluço quebrou-lhe a voz. Parecia que tinha o oceano dentro do peito, os pulmões a afogarem-se em água salgada. Arquejou

quando uma mão quente pousou sobre o seu ombro e se tornou uma âncora repentina, puxando-a para a superfície.

— Iris, acorda — disse uma voz grave. — É só um sonho. — Iris acordou sobressaltada. Piscou os olhos contra uma luz baça e viu Forest sentado na beira da cama. — Foi só um sonho — repetiu ele, embora parecesse tão abalado como ela. — Está tudo bem.

Iris emitiu um som abafado. Ainda com o coração a bater descompassado, acenou com a cabeça, regressando gradualmente ao seu corpo. No entanto, a visão de Aster não a largou, como se estivesse a arder atrás dos seus olhos. Percebeu que era a primeira vez que sonhava em semanas.

— Forest? Que horas são?

— Oito e meia.

— *Merda!* — Iris levantou-se. — Estou atrasada para o trabalho.

— Tem calma — disse Forest, retirando a mão do seu ombro. — E desde quando dizes asneiras?

Desde que te foste embora, pensou Iris, mas não o disse, porque embora em parte isso fosse verdade, em parte não era. Não podia culpar o irmão pelas palavras que lhe saíam da boca ultimamente.

— Veste roupa para a chuva. — Forest levantou-se da cama, mas lançou-lhe um olhar incisivo. — Está a chover.

Iris olhou para a janela. Viu a chuva a escorrer pelo vidro e apercebeu-se de que a luz sombria da tempestade a tinha feito adormecer. Rapidamente vestiu um vestido de linho com botões à frente e calçou as botas do tempo da guerra. Não teve tempo de arranjar o cabelo e passou os dedos pelos longos fiapos emaranhados enquanto voava para fora do quarto, arrebanhando a sua pequena mala, a gabardina e a máquina de escrever fechada no estojo preto.

Forest estava de pé junto à porta da rua, com uma chávena de chá numa mão e um biscoito de melão na outra.

— Queres que vá contigo? — indagou.

— Não é preciso. Hoje, vou de elétrico — respondeu, espantada quando ele lhe estendeu o chá e o biscoito.

— Para o caminho.

Era a sua forma de pedir desculpa pela noite passada.

Ela sorriu. Parecia que tinham voltado aos velhos tempos. Aceitou o chá morno, bebendo-o de um só gole. Devolveu-lhe a chávena em troca do biscoito, e ele abriu-lhe a porta.

— Devo estar em casa às cinco e meia — disse ela, avançando para o ar húmido da manhã.

Forest acenou com a cabeça, mas ficou à porta com uma expressão preocupada. Iris sentia-se observada enquanto descia as escadas escorregadias.

Comeu o biscoito antes que a chuva o estragasse e correu para a

paragem. O elétrico estava atulhado e agitado, com a maioria das pessoas a procurar abrigo da tempestade nas suas deslocações para o trabalho. Iris ficou na parte de trás e apercebeu-se lentamente do silêncio que reinava. Ninguém estava a conversar ou a rir, como normalmente acontecia no elétrico. O ambiente era estranho, desequilibrado. Pensou que devia ser do tempo, mas aquela sensação acompanhou-a durante todo o caminho até ao edifício do *Inkridden Tribune*.

Parou no passeio quando viu as palavras pintadas por cima das portas do átrio. Brilhantes como sangue fresco, ainda a pingar nos tijolos.

Onde estás, Enva?

Iris estremeceu ao entrar no edifício, mas sentiu o peso da frase quando passou sob o lintel. Alguém a deve ter escrito há horas, durante a noite, porque ontem não estava lá. Perguntou-se quem seria, e se a sua intenção era mesmo colocar Enva de novo numa sepultura, morta ou a dormir. Seria alguém que tinha perdido um ente querido na guerra? Alguém que estava farto de lutar pelos deuses?

Fosse quem fosse, Iris não o censurava; sentia esse conflito interior todos os dias quando pensava no que tinha acontecido ao irmão, tudo porque Dacre tinha acordado e Enva tinha dedilhado a verdade da guerra. Isso deixava-a zangada, triste, orgulhosa. *Devastada*.

Apesar de tudo, ela também se perguntava onde estaria a deusa celestial. Porque teimava Enva em esconder-se? Sentir-se-ia realmente intimidada pelos mortais que estavam ansiosos para vê-la pelas costas?

Onde estás, Enva?

Iris tinha ficado abalada com a provocação pintada a vermelho, mas ainda esperava que o *Tribune* estivesse ao rubro. Contava ver os editores a datilografar, o telefone a tocar e os assistentes a apressarem-se à volta das secretárias com mensagens. Esperava ver Attie, já com três chávenas de chá bebidas, a escrever o seu próximo artigo.

Iris foi recebida por um escritório solene e imóvel.

Todos estavam imóveis, como se tivessem sido encantados e transformados em estátuas. O fumo era a única coisa que atravessava as sombras, emanando dos cigarros e dos cinzeiros. Iris penetrou no silêncio, com a respiração entrecortada pela apreensão. Descobriu Helena de pé no centro da sala, a ler um jornal. Attie estava ao lado dela, com a mão a tapar a boca.

— O que se passa? — perguntou Iris. — Aconteceu alguma coisa?

Sentiu inúmeros olhos a virarem-se para ela, refulgentes à luz do candeeiro. Alguns com expressões de pena, compaixão. Outros de desconfiança. Mas manteve o olhar fixo em Helena, que baixou o

jornal para a encarar.

— Sinto muito, miúda — disse Helena.

Sente muito porquê?, quis perguntar, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta quando a chefe lhe estendeu o jornal.

Iris pousou a máquina de escrever. Pegou no jornal. Helena estava a ler algo na primeira página.

Era o *Oath Gazette*. O antigo local de trabalho de Iris. Que estranho ter aquele jornal na mão agora, na cave do *Inkridden Tribune*. Quase parecia que estava outra vez num sonho, mas depois viu finalmente o que Helena tinha estado a ler.

Uma manchete preenchia a página, em tinta preta e a negrito. Um título que Iris nunca esperou ver.

DACRE SALVA CENTENAS DE FERIDOS EM AVALON BLUFF

por ROMAN C. KITT

Iris leu o nome impresso no papel. O nome dele, que nunca pensara voltar a ver numa manchete.

O Kitt está vivo.

O alívio diminuiu, deixando-a gelada e trémula quando começou a ler as palavras de Roman. Sentiu a pele a arrepiar-se e a cara a ruborizar. Teve de ler a mesma sequência de frases várias vezes, tentando dar-lhes sentido.

Todas as histórias têm dois lados. Talvez conheçam um deles, contado através da lente de uma deusa que arrastou muitos dos vossos filhos inocentes para uma guerra sangrenta. Mas talvez gostassem de conhecer o outro. Um lado que vos diz que os vossos filhos não estão feridos, mas curados. Um lado que quer que a paz volte a reinar. Uma história que não está confinada a um museu ou a um livro de História que muitos de nós nunca abrirão, antes uma história que está a ser escrita. Escrita agora, no momento em que seguram neste jornal e leem as minhas palavras.

Porque eu estou na frente de batalha, a salvo entre as forças de Dacre. E posso contar-vos o que desejam saber do outro lado.

— Não — sussurrou Iris. Sentiu a bÍlis a subir, a queimar-lhe o peito como fogo.

— Sinto muito, Iris — repetiu Helena, com a luz a desaparecer-lhe

dos olhos. — O Roman virou-se contra nós.

SEDA DE ARANHA E GELO

Roman olhava fixamente para a máquina de escrever com a página em branco. Estava sentado à secretária, diante de uma janela que dava para um campo dourado, e a tarde começava a perder fulgor. Em breve seria noite, as estrelas pontilhariam os céus como tachas, e ele haveria de acender as velas e escrever à luz das chamas, porque as palavras surgiam mais facilmente na escuridão.

Esta era sempre a parte mais difícil para ele. Começar os artigos. Doía-lhe escrever, e doía-lhe *não* escrever.

A frustração era-lhe familiar. Roman devia ter passado horas do seu passado a olhar para uma página em branco, a decidir que palavras escrever. Contudo, apesar dos vários dias que tinham passado desde que acordara, ainda não se lembrava desses momentos antigos ao pormenor. Fletiu a mão quando pensou no que Dacre lhe tinha dito.

Confia apenas no que consegues ver.

O deus não precisava de se preocupar com as recordações de Roman. Era difícil lembrar-se do que tinha acontecido antes de acordar no submundo, como se montanhas tivessem crescido através da névoa na sua mente, bloqueando anos da sua vida.

— Vai demorar algum tempo — afiançara Dacre —, mas acabarás por te lembrar do que é importante. E vais encontrar o teu lugar aqui.

*

Quando acordou no mundo inferior, Roman arfou como se estivesse a respirar pela primeira vez. Abrira os olhos para a luz bruxuleante da lareira, observara as paredes de mármore branco à sua volta, sentira a dura laje de rocha debaixo de si, e soubera que estava *noutro* lugar. Um lugar mágico onde nunca tinha estado.

E estava nu.

Com um gemido, sentou-se, perscrutando a estranha sala.

Era uma câmara de dimensões incomuns, inteiramente escavada na rocha. Tinha nove paredes, todas elas brancas com veios azuis, que

brilhavam como as facetas de um diamante. O teto refulgia com pequenas pepitas de ouro, que faziam lembrar o céu noturno, se Roman semicerrasse os olhos. Quatro tochas ardiam em suportes de ferro, e o fogo era a única fonte de luz.

Com um estremecimento, Roman deslizou da mesa dura onde tinha estado deitado. A rocha sob os seus pés descalços era lisa e ele começou a caminhar diante das paredes, à procura de uma porta. Não encontrou nenhuma, e conteve o pânico, voltando a contornar as paredes, com os dedos a tatear a pedra.

— Está aí alguém? — chamou, com a voz ainda áspera do sono.

Não houve resposta. Apenas o som da sua própria respiração, que subia e descia.

Não se lembrava de ter sido trazido para esta câmara. Não sabia há quanto tempo estava confinado naquele lugar, e estremeceu, acabando por parar.

Observou o seu corpo, pálido à luz do fogo, como se pudesse encontrar respostas na sua pele. Para seu grande choque, encontrou qualquer coisa.

Roman franziu o sobrolho quando se inclinou e examinou o conjunto de cicatrizes na sua perna direita. Eram muitas, algumas longas e irregulares, outras pequenas e suaves, e traçou-as com os dedos como se fossem trilhos num mapa. Por fim, pressionou com força as marcas suaves, na esperança de que a dor o ajudasse a lembrar-se.

Não sentiu dor, mas viu algo a brilhar no canto do olho. Quando levantou a cabeça percebeu que o que tinha visto não era algo na sala, mas sim um fragmento na sua mente. A luz do sol e o fumo, o estrondo da artilharia. O chão estava a tremer; o vento cheirava a metal quente e a sangue. Uma dor de tal forma lancinante que lhe roubou o fôlego e o fez cair no chão. Mas não estava sozinho. Alguém tinha estado com ele, a segurar na sua mão.

As pontas dos dedos de Roman afastaram-se das suas cicatrizes. Aproximou as palmas das mãos da cara e reparou que havia uma marca no mindinho esquerdo. A dada altura, devia ter usado um anel. Tocou ao de leve na marca deixada pelo aro.

Não havia nada para recordar. Nenhum lampejo brilhante ou pedaço do seu passado para reavivar.

Fletiu a mão até os nós dos dedos ficarem brancos.

Estarei morto?

Em jeito de resposta, a dor surgiu de repente. Roman sentiu uma dor de cabeça tão forte que se prostrou no chão de pedra. Gritou, cingindo os joelhos contra o peito. Sentiu uma lâmina na sua mente, a serrar para trás e para a frente. Uma lâmina que o esfolava por dentro.

A dor era tal que ele perdeu os sentidos.

Alguns minutos depois, acordou novamente com os olhos raiados de sangue.

Alguém tinha feito uma entrega. No chão estava um tabuleiro com comida: uma tigela de guisado fumegante, um pedaço de pão escuro, um jarro de água e um pequeno copo de madeira. Ao lado, uma pilha de roupas e um par de botas de couro.

Roman rastejou até à oferta. Estava com tanta fome, tão *vazio* por dentro, que não pensou duas vezes antes de comer a comida ou beber a água. Mas quando pegou nas roupas e as desdobrou, fez uma pausa.

Era um macacão. Mais uma vez, a sensação de familiaridade tomou conta de si. A roupa era de um vermelho-escuro, e Roman examinou o distintivo branco cosido no bolso esquerdo do peito: CORRESPONDENTE SUBTERRÂNEO.

Roman vestiu o macacão, ignorando a onda de inquietação que lhe corria no sangue.

Assim que terminou de apertar o último botão, o frio fugiu do seu corpo. Sentiu o calor irradiar das costelas como se tivesse engolido a luz do sol, e rapidamente calçou o par de meias e de botas disponibilizados.

Alguns batimentos cardíacos depois, um som quebrou o silêncio.

Roman virou-se quando uma fissura se abriu na parede. A porta que ele tinha procurado e que não tinha conseguido encontrar.

Um jovem com uma farda castanha entrou na câmara. Parecia ter mais ou menos a idade de Roman, talvez alguns anos mais velho, e tinha pele clara e cabelo loiro cortado curto. O cenho estava franzido e a boca apertada numa linha fina, como se não sorrisse com frequência.

— Quem és tu? — grunhiu Roman.

— Sou o tenente Gregory Shane. E tu, como te chamas?

Roman ficou paralisado. O seu nome? Não se lembrava, e a mente começou a divagar.

O pânico deve ter transparecido na sua expressão, porque o tenente disse:

— Não te preocupes. Vais lembrar-te. Não forces.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Há um par de dias. Estiveste a sarar.

— De quê?

— Ele vai querer contar-te. Agora, vem comigo.

Shane virou costas e Roman não teve alternativa senão segui-lo antes que a porta se fechasse e desaparecesse na parede.

Os corredores eram largos o suficiente para deixar passar duas pessoas ombro com ombro, e altos o bastante para que alguém da estatura de Roman pudesse passar sem problema. As paredes eram iguais às da sua câmara: lisas, frias e brancas, com veios azuis

cintilantes. Havia tochas a iluminar o caminho a cada dez passos, e o silêncio era sepulcral; isto até passarem por um túnel ramificado e Roman ouvir batidas ao longe.

Abrandou, espreitando para as sombras do corredor da direita. Parecia uma forja. Um martelo a bater numa bigorna, misturado com gritos e o tilintar de maquinaria. Foi assomado por um súbito sopro de ar quente e metálico.

— Não pares — disse o tenente, bruscamente.

Roman retomou o passo. Mas estava ansioso por saber onde estava e porque tinha sido levado para o mundo subterrâneo. Reparou que passaram por dois outros corredores, um dos quais cheirava muito mal, como se ali houvesse algo podre e moribundo. O outro estava cheio de detritos e teias de aranha, como se o teto tivesse desabado há décadas.

Shane deve ter reparado que Roman estava a ser muito observador; que a sua passada abrandava de cada vez que eles passavam por caminhos que se ramificavam. O tenente parou e tirou uma venda do bolso, atando-a aos olhos de Roman.

— Só por precaução — disse, agarrando no cotovelo de Roman. — Segue-me.

Roman mordeu o lábio, com a preocupação a instalar-se no seu peito, tornando a sua respiração mais superficial. Parecia que tinham virado mais duas vezes. Tinha as palmas das mãos húmidas quando Shane lhe disse para estender a mão e tocar na parede.

— Estamos no fundo de um lance de escadas — anunciou. — São 25 degraus no total, e são íngremes. Tem cuidado.

Roman seguiu-o à cautela. Já tinha as pernas a arder quando sentiu a mudança de temperatura. Ouviu o clique de uma porta a abrir-se.

Foi recebido por uma inundação de luz solar que se infiltrou através da sua venda. Uma onda de ar fresco, misturado com o calor da primavera. Devia ter acabado de chover, porque Roman saboreou o petricor quando entrou completamente no mundo superior. Sentiu o chão de madeira sob as botas, que rangeu como uma casa antiga. Quase tropeçou na borda de um tapete, esticando os braços para se equilibrar.

— Espera aqui — instruiu Shane, fechando a porta. — Não te mexas.

Roman limitou-se a assentir, com a boca seca. Ouviu os passos pesados de Shane a afastarem-se, mas sentiu que a sala onde se encontrava estava cheia de móveis. Não havia ecos solitários, apenas o tique-taque constante de um relógio algures à sua esquerda.

Conseguia ouvir alguém a falar, mas o som era abafado pelas paredes. Reconheceu a cadência monótona da voz de Shane, e

atreveu-se a dar alguns passos em frente, numa tentativa de descortinar as palavras.

— Ele já acordou, meu senhor. Trouxe-o comigo. Está à espera na outra sala, se quiserdes vê-lo.

Silêncio. Roman nunca tinha ouvido a voz que falou a seguir, mas era um barítono profundo. Lânguida e densa, causou-lhe um arrepio na espinha.

— Pensei que te tinha dito para não o trazeres para aqui, tenente.

— É a memória dele, senhor. Ele nem sequer se lembra do seu nome. Pensei que ajudaria...

— Se ele visse este sítio?

— Sim, meu senhor. Sei que temos pouco tempo, e podíamos usar o seu...

— Muito bem. Trá-lo até mim.

Roman recuou um passo, com o coração a ribombar nos ouvidos. Sentiu-se tentado a arrancar a venda e a *fugir* para longe dali, mas a hesitação saiu-lhe cara. Ouviu Shane a voltar à sala, e estremeceu quando o tenente retirou o tecido que lhe cobria os olhos.

Roman observou o que o rodeava. Estava à espera numa sala pequena, mas acolhedora; havia um quadro a óleo pendurado sobre uma lareira de pedra e móveis de cerejeira com almofadas de veludo pousavam num tapete felpudo. Cortinas floridas emolduravam janelas altas, ligeiramente abertas para receber ar fresco. Uma espécie de salão, apercebeu-se ele, olhando de relance para a porta por onde tinham entrado.

Era uma porta muito despretensiosa. Esculpida em madeira e pintada com tinta branca lascada e uma maçaneta de latão com um buraco de fechadura enferrujado. Um armário para casacos, pensou Roman, que tinha servido de ligação ao mundo subterrâneo.

— Lorde Comandante Dacre está à tua espera — disse Shane. — Vem comigo.

— Dacre? — sussurrou Roman. O nome surgiu como fogo na sua garganta, queimando-lhe a língua. Viu-se vestido com suspensórios de couro, calças perfeitamente engomadas e uma camisa, parado numa esquina enquanto lia um jornal com aquele nome impresso no cabeçalho.

— Vamos — insistiu Shane.

Roman entrou numa sala de estar e viu imediatamente dois soldados armados de guarda à porta da rua. Os seus olhares eram frios e penetrantes, os rostos pareciam de estátuas. Roman desviou o olhar e seguiu pelo corredor, com Shane no seu encalço.

O chão parecia desnivelado em alguns sítios. Havia também grandes fissuras nas paredes, que percorriam o papel de parede como veias, como se a casa tivesse estado à mercê de uma terrível

tempestade. Mas foi só quando Roman entrou na ampla cozinha e viu a mesa, as vigas penduradas com ervas aromáticas e panelas de cobre, e as portas duplas com vidros rachados, que sentiu uma dor no peito.

Já tinha estado ali. Tinha a certeza.

E, no entanto, o seu olhar focou-se nas duas máquinas de escrever que repousavam lado a lado sobre a mesa. Eram quase idênticas, as teclas brilhavam à luz do sol.

— Presumo que uma destas máquinas de escrever te seja familiar.

Roman olhou para a esquerda. De pé, na ponta oposta da mesa, estava um homem alto, de ombros largos, com os longos cabelos loiros a roçar a gola da farda castanha imaculada. Estranho Roman só ter reparado nele quando falou e, agora que o tinha feito, não conseguia desviar o olhar.

Embora de idade indefinida, parecia um pouco mais velho que ele. De facto, havia nele algo de intemporal — a sua presença impunha-se na divisão, mas os seus cabelos não eram grisalhos e não tinha rugas nos cantos dos olhos. O seu rosto era anguloso, de traços marcados, e os olhos de um azul vivo.

Roman sabia que nunca tinha visto aquele homem, mas era inegável que havia nele uma sensação de familiaridade. Tal como naquela casa e nas máquinas de escrever, como se ele já tivesse andado por ali em sonhos. Ou talvez fosse apenas porque o estranho o observava como se o conhecesse, e o reconhecimento fosse desconfortável, como quando passamos os dedos por um cachecol de lã antes de tocarmos num interruptor de luz. Estática e metal, e uma descarga de energia nos ossos.

Nunca imaginou que pudesse ficar frente a frente com um deus. As divindades haviam sido derrotadas; os seus poderes adormecidos e enterrados, para não mais voltarem a ressuscitar e a caminhar entre os mortais. Roman estremeceu quando fiapos da sua memória começaram a tornar-se presentes. Um suspiro, um sussurro.

Um arrepio.

Dacre sorriu, como se pudesse ler-lhe os pensamentos.

O deus estendeu a mão elegante, apontando novamente para as máquinas de escrever.

Roman pestanejou, lembrando-se da pergunta.

— Sim, senhor. São-me familiares.

— E qual delas é a tua? — Roman aproximou-se da mesa. Examinou as máquinas de escrever, mas só a visão não lhe bastou. Ambas pareciam chamar a sua atenção, e isso era desconcertante. — Podes tocar-lhes — disse Dacre, com brandura. — Isso ajuda a avivar a memória após a cura.

Roman estendeu a mão, com os dedos a tremer. Um rubor tomou conta da sua cara. Estava envergonhado por parecer tão fraco e frágil

diante do deus. Nem conseguia lembrar-se do próprio nome, mas tocou na barra de espaços da máquina de escrever da esquerda, e a batida frenética da sua pulsação acalmou.

Esta, pensou. Esta aqui é minha.

Um clarão de luz tomou conta da sua visão periférica. Desta vez, teve a noção de que era apenas na sua mente, uma recordação a encaixar-se. Lembrou-se de estar sentado numa secretária no seu quarto, a datilografar naquela máquina de escrever. Trabalhava à luz do candeeiro, até altas horas da noite, com livros e chávenas de café frio espalhados à sua volta. Por vezes, o pai batia-lhe à porta e dizia-lhe «Vai dormir, Roman! As palavras esperam por ti até amanhã de manhã».

Roman deixou que as pontas dos dedos se afastassem da barra de espaços, e o seu nome ecoou dentro de si. Olhou para a máquina de escrever à sua direita, curioso. Passou os dedos pelas teclas, na esperança de suscitar outra recordação.

Mas desta vez não houve luz nem imagens a ganhar forma. A princípio, parecia não haver nada além de um silêncio frio e profundo. Ondas que se expandiam na superfície de um lago escuro. Mas foi então que Roman sentiu o *puxão*. Vinha do fundo de si mesmo, uma corda invisível escondida entre as costelas, que não conseguia ver, mas que *sentia* claramente.

As emoções agitaram-lhe o sangue.

Sentiu um leve aroma a lavanda. Uma pele quente contra a sua. O prazer, a preocupação, o desejo e o medo, tudo misturado.

Teve de cerrar os dentes, num esforço para conter tudo aquilo. Mas o seu coração batia forte e ansioso quando retirou a mão.

— Qual delas é a tua, correspondente? — Dacre repetiu a pergunta, mas a voz tinha mudado. Perdera o tom afável; Roman conseguia discernir a rudeza nas palavras. Aquilo devia ser um teste. Havia uma resposta certa e uma errada, e Roman hesitou, dividido entre a máquina de escrever que lhe recordava o seu nome e a que lhe recordava que estava vivo.

— Esta — disse ele, apontando para a máquina de escrever da esquerda. A que estava mergulhada no seu passado. — Creio que é esta a minha.

Dacre acenou com a cabeça para alguém atrás de si. Shane avançou, aproximando-se da mesa. Roman tinha-se esquecido da presença do tenente.

— Leva a máquina de escrever correta para o quarto do nosso correspondente — instruiu Dacre. — Manda destruir a outra.

— Sim, meu senhor — assentiu Shane, com uma vénia.

Roman ficou sobressaltado. Um protesto começou a subir-lhe à garganta — não queria que a outra máquina fosse destruída — mas

não conseguiu reunir a coragem, ou as palavras certas para convencer Dacre do contrário. A sua mente ainda estava coberta por uma camada de gelo, capaz de se fragmentar em todas as direções, e o deus devia saber disso.

— Anda comigo, correspondente — disse Dacre. — Quero mostrar-te uma coisa.

*

Roman seguiu Dacre pelas portas das traseiras até uma horta cheia de ervas daninhas. O solo estava húmido e as poças formadas pela chuva brilhavam entre as fileiras de legumes a germinar. Mas o céu estava azul e o sol brilhava lá em cima, e as nuvens estavam esfiapadas pelo vento que soprava de oeste.

Passaram por um portão de ferro e atravessaram uma estrada com a calçada desfeita, avançando por um campo.

Dacre avançava pelas ervas altas com facilidade; a sua sombra ondulava sobre os caules dourados. A cada passo que dava, um repicar de sinos muito ténue tornava-se audível. Ou porventura o som de peças de metal a tilintar.

Roman seguia-o de perto, mas o seu coração começou a bater mais forte. Havia qualquer coisa naquele sítio. Fazia-o estremecer em plena luz do dia. O suor brilhava-lhe na pele.

— Aqui — disse Dacre. — Foi aqui que te encontrei. — Roman parou com relutância. Olhou para o chão e reparou que algumas ervas estavam dobradas e manchadas. Parecia sangue antigo, seco como vinho tinto. — Só te restavam segundos de vida. Os teus pulmões estavam cheios de sangue. Rastejavas pelas ervas, como se estivesses à procura de alguém. — O deus fez uma pausa. A brisa agitou-lhe o cabelo loiro quando encarou Roman. — Recordas-te?

— Não. — A cabeça de Roman começou a latejar novamente, e franziu o cenho ao ver o sangue espalhado e as ervas amassadas. Tentou imaginar-se quase a morrer num sítio daqueles e não sentiu nada além de gratidão por um deus que lhe salvou a vida.

— Os corpos mortais são muito frágeis de reparar, tal como as vossas mentes — disse Dacre com uma entoação divertida. — Como a seda das aranhas ou o gelo na primavera. Para que a minha magia pudesse curar as tuas feridas físicas, tive de erguer na tua mente muros que te protegessem quando acordasses. É preferível que recuperes a memória gradualmente.

Roman ficou em silêncio por instantes. Ainda estava a olhar para o chão manchado de sangue quando disse:

— Porque decidiu salvar-me?

— Vais ser um fator decisivo nesta guerra — informou o deus. — E quero que escrevas a minha versão da história.

Nessa noite, Roman deu por si no quarto que lhe tinha sido atribuído. Um quarto no piso superior da casa de que quase se lembrava.

As cortinas eram verdes. Encostado a uma parede havia um estrado improvisado com alguns cobertores dobrados. As janelas estavam estaladas, os vidros iridescentes com o fulgor do sol que se punha. A porta não fechava bem, como se os alicerces da casa tivessem sido afetados, e apesar da aparente privacidade de que Roman gozava no seu quarto pessoal, ele sabia que tudo não passava de uma ilusão. Não havia fechadura, e Shane montara guarda no corredor.

Mas a atenção de Roman estava centrada na secretária alinhada com uma das janelas; na máquina de escrever banhada pela luz fenecente que esperava por si.

A exaustão tornava-lhe os ossos pesados, mas o dever impeliu-o a aproximar-se da secretária. Sentou-se na cadeira e ficou a olhar para a máquina de escrever. Ainda não sabia o que iria escrever; nem sequer sabia se havia palavras dentro de si.

Havia uma pilha de folhas em branco na secretária. Um bloco de notas e lápis. Uma série de velas e um candeeiro com uma lâmpada amarela, para que pudesse escrever noite fora. Dacre tinha pensado em tudo, e Roman colocou cuidadosamente uma folha na máquina de escrever. Suspirou, passando a mão pelo cabelo negro. Precisava de tomar um duche. Só lhe apetecia dormir e não ter de pensar em nada durante algum tempo. Mas quando finalmente pousou os dedos nas teclas, teve uma surpresa.

Aquela não era a máquina de escrever que tinha indicado a Dacre ser a sua. Não era aquela com que tinha crescido, a que lhe tinha mostrado um vislumbre fugaz do seu passado.

Roman fechou os olhos, com a respiração entrecortada.

Voltou a sentir o puxão, a mistura de emoções. Tentou imaginar quem tinha dedilhado aquelas teclas, uma e outra vez. Tentou imaginar quem se tinha sentado diante daquela máquina de escrever.

Quem és tu?

Não obteve resposta. Nada que pudesse descortinar, mas voltou a ter aquela sensação. Uma ligeira, mas inconfundível provocação. A mesma corda invisível, presa às suas costelas.

Roman resistiu à atração do desconhecido.

A PRIMEIRA ALOUETTE

— Não acredito que ele se tenha *virado* contra nós — disse Iris. — O Roman está a tentar manter-se vivo.

Helena arqueou uma sobranceira.

— É possível. Mas isso também significa que não é fiável e está comprometido. Já não posso confiar nele, e agora vai causar um conflito ao escrever para o nosso concorrente.

Iris voltou a olhar para o *Oath Gazette*, ainda na sua mão. Tinha a cabeça à roda, mas concentrou-se no artigo de Roman. Quase conseguia ouvi-lo a lê-lo em voz alta, com a sua cadência vincada, fria. Quase desconhecida. Até que os seus olhos se fixaram numa palavra, facilmente ignorada na sexta frase: *Uma história que não está confinada a um museu ou a um livro de História que muitos de nós nunca abrirão, antes uma história que está a ser escrita.*

— Museu — sussurrou Iris.

— O quê? — inquiriu Helena.

Iris pestanejou. O seu coração ficou subitamente acelerado.

— Nada. É só uma ideia.

Helena suspirou, com as mãos nas ancas.

— Isto vai interferir com o teu trabalho, miúda?

— Não. Pelo contrário — assegurou Iris, dirigindo-se ao telefone.

— Hei de chegar ao fundo da questão. — Levantou o *Oath Gazette* e abanou o jornal, só para sossegar Helena e os editores que continuavam a observá-la. Depois pegou no auscultador e ligou para a central telefónica. Uma voz masculina atendeu do outro lado.

— Para onde devo encaminhar a sua chamada?

— *Oath Gazette*, por favor — disse Iris.

— Um momento, por favor.

Ela aguardou, batendo o pé. Ouvia a estática na linha, o som de interruptores a serem ligados e depois um toque constante no seu ouvido. Sabia que o *Oath Gazette* tinha vários telefones. Não havia como saber para qual deles a sua chamada tinha sido encaminhada, e ela começou a contar mentalmente, enquanto esperava, ansiava, rezava...

— Fala Prindle, do *Oath Gazette*. — Um sorriso assomou aos lábios de Iris. Era exatamente como esperava, e ela precisou de fazer um compasso de espera para reunir as palavras. — Estou? — repetiu Sarah Prindle, com impaciência.

— Prindle. — Iris falou em voz baixa. — Tenho uma notícia importante para ti. Tenho de te contar pessoalmente. Vai ter comigo ao Gould's Café daqui a vinte minutos.

— Vou ter... — Sarah parecia indignada, mas depressa se calou. A sua voz suavizou-se com um pequeno suspiro. — Espera aí... Winnow, és tu? Reconheço a tua voz.

— Sim, sou eu.

— Mas o Autry... Só posso sair na minha hora de almoço.

— Eu sei, mas temos de falar o mais depressa possível. Consegues sair?

O silêncio instalou-se por instantes. Iris imaginou Sarah a olhar furtivamente para a azáfama do *Oath Gazette*. Zeb Autry estaria decerto no seu gabinete, a beber uísque com uma pedra de gelo e com uma pilha de papéis na secretária à sua frente.

— Sim, acho que consigo — disse ela por fim, com a voz eivada pela excitação. — Vinte minutos, dizes tu? No Gould's?

— Sim — respondeu Iris. — Fico à tua espera.

— Então, até já.

Iris desligou o auscultador e virou-se. O *Tribune* continuava a observá-la, com os olhos arregalados de interesse.

Ela enfiou o *Gazette* debaixo da gabardina, para proteger o jornal da chuva. Com as palavras traidoras de Roman no seu coração, Iris saiu do *Tribune*. Atravessou o nevoeiro cinzento e dirigiu-se ao Gould's Café.

*

Sarah Prindle estava alguns minutos atrasada, mas Iris não se importou. Tinha escolhido uma pequena mesa redonda no canto do café, entre uma estante de livros e um vaso com um limoeiro. Um lugar perfeito para uma conversa sub-reptícia. Iris tinha acabado de pendurar a gabardina e de pedir um bule de chá quando ouviu a campainha retinir por cima da porta do café.

Sarah estava exatamente como Iris se lembrava. Embora, verdade seja dita, só tivessem passado alguns meses desde que tinham trabalhado juntas no *Gazette*. Mas desde então as semanas tinham sido tão plenas de dias estranhos e sombrios, que a respiração de Iris ficou presa quando se deu conta de que parecia realmente que se tinham passado anos.

— Winnow! — sussurrou Sarah, entusiasmada, enquanto corria para o canto.

Iris levantou-se com um sorriso.

— É bom ver-te, Prindle. — Abraçaram-se com tanta força que Iris sentiu a espinha estalar e ficou com a boca cheia do cabelo loiro e fino de Sarah. — Por favor, senta-te — disse, recostando-se na cadeira. — Acabei de pedir um bule de chá para nós.

— Daqueles que nunca arrefecem. Uma das vantagens dos edifícios encantados. — Sarah encostou o guarda-chuva à parede antes de se sentar.

Um empregado de mesa trouxe-lhes um bule com chá fumegante — era verdade, o chá nunca arrefecia no Gould's — juntamente com natas, mel e um prato de scones barrados com manteiga. As raparigas prepararam as chávenas em silêncio. Mas Sarah deve ter sentido a preocupação que tinha seguido Iris até ao café. Levantou o olhar:

— Presumo que tenhas visto o artigo do Kitt.

— Sim. — Iris pegou no jornal que estava no chão e colocou-o sobre a mesa. O cabeçalho de Roman continuava a atraí-la como um remoinho no oceano. — E tenho algumas perguntas.

— Eu também — disse Sarah, tirando os óculos para limpar a névoa e os salpicos de chuva. — Tenho perguntas desde que deixaste o *Gazette*. Por exemplo, porque é que o Kitt se despediu poucas semanas depois de teres saído? À primeira vista, até podia parecer uma coincidência. — Voltou a colocar os óculos no nariz e arregalou os olhos. — Pelos deuses, acabei de reparar que tens uma aliança na mão! Isso é...? Vocês os dois...?

— Chiu — disse Iris, percebendo que tinham atraído alguns olhares. — E sim. Eu e o Kitt casámos.

— *Quando* é que foi isso?

— Quando estávamos na frente.

— Tens muito que explicar, Winnow. Ou será que agora também te devo tratar por Kitt?

— Pode ser Winnow — disse Iris, tomando um gole de chá. — Mas é uma longa história que, infelizmente, terá de ser partilhada mais tarde. Neste momento, preciso de saber como é que as palavras do Kitt chegaram ao *Gazette*. Chegaram por carta? Foram endereçadas ao Autry? Foram escritas à mão ou o artigo já estava datilografado?

Sarah franziu o sobrolho.

— Sabes, *foi* muito estranho. Mas há dois dias eu estava sentada no gabinete do Autry, a anotar o pedido do almoço, quando um homem bateu à porta.

— Quem era? — atalhou Iris. — Como era? Como se chamava?

— Não... não sei quem era — respondeu Sarah. — Sinceramente, não consegui ver-lhe a cara. Lembro-me de que era alto. Usava um manto, e o capuz cobria-lhe a cabeça. Tinha uma voz áspera, com um tom estranho, quase lânguido. Não era desagradável, mas gelou-me os

ossos quando a escutei.

Iris recostou-se na cadeira e estalou os nós dos dedos. Devia ser um associado de Dacre. Um dos homens da sua confiança tinha estado *em* Oath, não muito longe de onde Iris e Sarah estavam agora, a tomar chá num café. Como é que o homem se tinha deslocado tão facilmente, sem ser detetado? Teria apanhado o comboio para Oath? Teria ido a pé da frente de batalha para a cidade? Teria conduzido até aqui?

Iris sentiu um arrepio nos braços. A guerra estava muito mais perto da cidade do que ela pensava.

— Então, o homem entregou o artigo do Kitt ao Autry *em mãos* — supôs Iris.

— Sim. E ele disse que era algo que o Autry certamente iria querer por um preço.

— E qual era o preço?

Sarah mexeu na pega delicada da sua chávena de chá.

— O Autry podia tê-lo, mas só se concordasse em continuar a publicar *todos* os artigos que lhe fossem entregues. A partir daquele momento, deixava de poder escolher.

— Então, vão receber mais artigos?

Sarah acenou com a cabeça.

— O Autry ficou muito satisfeito com a proposta. Mandou-me sair do gabinete para poder abrir a entrega em privado. Nem dois minutos depois, chamou-me e disse-me para levar o artigo para a secretária do Benton, para ser revisto. Assim fiz, e dei uma olhadela, chocada por ver que era a letra do Kitt.

— A letra dele? — perguntou Iris.

— Não. Estava datilografado — respondeu Sarah. — Só quis dizer que fui apanhada de surpresa por voltar a ver as suas palavras, e por saber que voltaria a ser publicado pelo *Gazette*, sobretudo depois de se ter demitido e de ter irritado tanto o Autry. O artigo de Roman tinha sido datilografado, o que significa que ele tinha acesso a uma máquina de escrever. *Espero que seja uma das Alouettes*, pensou Iris. — O Kitt está em apuros, Winnow?

— Acho que sim — respondeu Iris. — E estou prestes a pedir-te para fazeres uma coisa muito ilegal e muito perigosa.

— *Ilegal?*

— Sim. E não te colocaria nesta posição se não precisasse desesperadamente de ti para levar esta missão a cabo.

Sarah contorceu os lábios para um dos cantos da boca. Pousou a chávena de chá e entrelaçou os dedos, aproximando-se de Iris com um ar conspirador.

— Sou toda ouvidos.

— Ainda conheces bem o museu, verdade?

— Bem, sim. Vou lá todos os fins de semana com o meu pai.

Iris mordeu o lábio, ciente de que aquele era o ponto sem retorno. Mas sabia que não havia outra opção. Estava consumida pela ideia de voltar a escrever a Roman. De voltar a ter aquela ligação mágica com ele, de a fazer deslizar por baixo das portas e percorrer quilómetros devastados pela guerra.

— Preciso que me ajudes a entrar no museu à socapa, Prindle.

Sarah limitou-se a pestanejar.

— Está bem. E porque faríamos isso?

— Porque preciso de roubar uma máquina de escrever.

PREFERIMOS USAR OS NOMES DO MEIO

Pela lógica, eu devia estar morto. Não devia estar sentado à minha secretária, a escrever estas palavras para vocês lerem. Não devia estar a respirar – inspira, expira, inspira – e a olhar para as estrelas, a sentir como o mundo é imensamente belo frio, agora que escapei à morte, como um convidado que ficou mais tempo do que o desejado. A única coisa que me estimula a continuar a levantar-me de manhã e a seguir em frente é isto: há uma canção uma história atrás das minhas cicatrizes. Uma história que me sussurra, embora ainda não tenha conseguido compreender a verdadeira dimensão das palavras.

«Devias estar enterrado numa cova», diz o mundo, de uma forma tão audível que abafa todos os outros sons.

E, no entanto, pressiono os dedos nas cicatrizes que trago na pele – dúcteis, delicadas, quentes como o sangue que corre por baixo – e ouço: «Há uma divindade Há alguém que te manteve aqui, a respirar, a mexer, a viver.»

As mãos de Roman deslizaram das teclas da máquina de escrever. O que ele deveria estar a fazer era escrever o próximo artigo para Dacre, só que quando se sentou para trabalhar, surgiram-lhe palavras diferentes.

A noite tinha acabado de cair e a casa estava silenciosa. Se se concentrasse, porém, conseguia ouvir o leve troar da voz de Dacre no piso de baixo. Distinguia o ranger da madeira sob as botas, o barulho da porta da rua a abrir e a fechar.

Todos os dias eram assim, cheios de encontros misteriosos e de idas e vindas. Roman permanecia escondido no piso de cima, tomando

as refeições no quarto enquanto transcrevia para Dacre quando o deus o visitava com ideias para artigos. Roman ter-se-ia sentido como um prisioneiro se não tivesse vivido o terror de estar fechado numa câmara subterrânea.

Pensou no salão, que servia de antecâmara para outro reino.

Dacre queria o próximo artigo pronto no dia seguinte, e Roman suspirou, enquanto olhava para as suas palavras tristes. Doía-lhe a cabeça, como se tivesse esforçado demasiado a mente naquele dia, tentando recordar os anos que tinham ficado perdidos. Esfregou os olhos e resignou-se ao facto de, naquela noite, não haver palavras para colher.

Levantou-se, com as omoplatas a doerem depois de horas sentado. Apagou as velas até ficar no escuro, a respirar sombras e fumo. Lentamente, encaminhou-se para o estrado e deitou-se sobre os cobertores frios, vestido e calçado.

Devia estar mais exausto do que imaginava.

Roman adormeceu num instante.

*

Havia uma rapariga. Uma criança pequena e delicada, com duas tranças, o cabelo da cor das penas de um corvo. Da mesma cor que o dele. Tinha as bochechas rosadas pelo calor do verão e sorria, puxando-o pela mão.

— Por aqui, Carver! — gritou.

Roman ria-se, deixando-se conduzir pelas ervas. Corriam descalços, com coroas de margaridas nas cabeças, o que só podiam fazer quando o pai estava fora. O jardim estendia-se diante deles com caramanchões cobertos de hera e sebes perfeitamente aparadas. As rosas tinham florescido; abelhas e libélulas zumbiam na luz difusa da tarde.

— Para onde me levas, Del? — perguntou ele, enquanto a irmã continuava a arrastá-lo.

— Para um sítio secreto — respondeu Del com uma gargalhada.

Fizeram um desvio até ao fundo do jardim, onde havia um matagal que não se via da casa grande. As amoras silvestres cresciam à vontade no meio dos espinhos e Roman e Del comeram-nas às mãos-cheias, com os dedos manchados de roxo, até ouvirem a mãe a chamar por eles.

— Roman? Georgiana? Está na hora do jantar.

Já me lembro, pensou Roman com um sobressalto. *Preferimos usar os nomes do meio.*

As recordações sucediam-se e fundiam-se umas nas outras. Dias que Roman havia vivido e que antes pareciam monótonos e insignificantes — a mesma rotina, repetidas vezes — mas que agora eram reconfortantes, fascinantes de redescobrir. Ele não tinha vivido

sozinho naquele casarão imenso. Tinha a sua irmã Del, toda ela luz, coragem e fantasia.

Viu o dia em que ela nasceu. A primeira vez que lhe pegou ao colo, com cuidado, a chuva a cair do lado de fora das janelas. E depois viu o dia em que ela morreu. A lagoa a refletir as nuvens de tempestade no céu, o seu corpo a flutuar de barriga para baixo — *fechei os olhos apenas por um momento* — e as ondas na água quando ele se atirou atrás dela.

— Respira, Del! — gritou, apertando-lhe o peito. Os lábios dela estavam azuis, os olhos abertos e vidrados. — *Acorda! Acorda!*

Roman acordou com um sobressalto.

Olhou fixamente para a escuridão, enquanto o sonho assentava como poeira. A pulsação latejava nos seus ouvidos e o sangue corria-lhe quente sob a pele.

Foi apenas um sonho.

Mas Roman ainda tinha na boca o sabor da água do lago, sentia-a a pingar do seu cabelo. Sentia o cheiro da terra húmida das margens, como se tivesse sido ontem que a água lhe tinha levado Del.

Não se lembrava de ter uma irmã. Mas o sonho tinha sido tão real, que ele ponderou se a sua mente estaria a tentar ajudá-lo a recordar aqueles pedaços perdidos do seu passado.

Se isto não foi apenas um sonho, então a minha irmã morreu por minha culpa.

Tapou a cara com as mãos, tentando conter as lágrimas. Mas os soluços assolavam-no como uma maré de tempestade. Roman acabou por se deitar de lado e deixar que os seus ossos estremecessem livremente. Ficou ali deitado até o choro diminuir. Sentiu a garganta áspera, o estômago num nó doloroso.

Se ficasse ali mais tempo, começaria a sentir o estrado como uma sepultura.

Obrigou-se a levantar-se.

Ruborizado e com os olhos raiados de sangue, encaminhou-se para a porta. Ela abriu, balançando torta nas dobradiças retorcidas. Para surpresa de Roman, Shane não estava de guarda no corredor. Na verdade, o corredor estava vazio e silencioso, assombrado pelas sombras mais profundas da noite.

Roman saiu para o corredor. Deixou que os pés o levassem até às escadas e desceu em silêncio, parando apenas quando os dois guardas na porta da rua olharam para ele com as sobrancelhas arqueadas, desconfiados.

— Vou à cozinha — sussurrou roucamente. — Vou buscar um copo de leite.

Um dos soldados fez-lhe um ligeiro aceno de cabeça. Roman seguiu caminho, atraído pelo calor e pela luz trémula da lareira da cozinha.

Contava que estivesse vazia e ficou mais uma vez chocado quando encontrou Dacre sentado à mesa, a examinar uma série de mapas. Tinha um copo de cerveja vermelha escura nas mãos grandes, uma visão tão doméstica que poderia ter levado Roman a acreditar que os deuses eram feitos da mesma tessitura que os mortais; que afinal não eram tão terríveis e onnipotentes como a humanidade fora levada a acreditar.

— Roman — saudou Dacre, a sua voz profunda e imbuída de surpresa. — O que fazes a pé a estas horas?

— Podia fazer-lhe a mesma pergunta — contrapôs Roman, de olhos postos nos mapas. — Os deuses não precisam de dormir?

Dacre sorriu e levantou-se. Pousou a cerveja e começou a recolher a papelada.

— Talvez precisemos, de vez em quando. Mas chegas em boa altura, para me lembrar de que preciso de fazer uma pausa. — *Chego em boa altura*, ecoou na mente de Roman enquanto Dacre guardava o monte de ilustrações com as bordas amarelcidas. *E ele não quer que eu veja aqueles mapas.* — Senta-te — disse Dacre, puxando uma das cadeiras. — Aceitas uma cerveja?

— Não queria incomodá-lo — respondeu Roman. — Vim só buscar um copo de leite. Era o que eu costumava beber quando não conseguia dormir.

Uma linha sulcou a testa de Dacre. À luz das velas, pareceu subitamente mais velho, quase abatido. Os seus olhos afilaram-se, refulgentes como pedras preciosas.

— A máquina de escrever está a ajudar-te a lembrar?

Roman acenou com a cabeça, mas a língua enrolou-se atrás dos dentes. Ainda não sabia porque é que Dacre lhe tinha pedido para identificar a sua velha máquina de escrever e depois lhe tinha dado a outra sem dizer nada.

A não ser que ele não queira que me lembre.

O pensamento quase fez Roman perder o equilíbrio, e deixou-se cair na cadeira. Ficou a observar Dacre a abrir o frigorífico de onde tirou uma garrafa de leite.

— Foi uma sorte os habitantes desta vila terem deixado o gado para trás — constatou Dacre enquanto servia o leite num copo alto. — Uma dádiva atenciosa, caso contrário, as minhas forças estariam a passar fome. Tal como tu, correspondente.

— Sim — sussurrou Roman, recordando o relato que Dacre lhe fizera de Avalon Bluff, dias antes.

Tinham percorrido as ruas juntos, a inspecionar os danos. Algumas casas estavam reduzidas a escombros, carbonizadas pelo fogo. Outras haviam escapado da destruição das bombas, mas ainda guardavam indícios do terror, com janelas partidas, portas arrombadas e

estilhaços a brilhar no quintal. Roman anotara tudo no seu bloco de notas, mas também transcrevera o que Dacre dissera. Em muitos aspetos, aquele relato não parecia ter sido produzido por Roman.

— O que foi feito do primeiro artigo que escrevi para si? — perguntou ele. — Aquele que contava a forma como salvou Avalon Bluff.

Dacre pousou o copo de leite diante de Roman antes de voltar para a sua cadeira na cabeceira da mesa. Voltou a ouvir-se aquele leve tilintar metálico quando ele se moveu.

— Queres vê-lo?

Roman franziu o sobrolho.

— Como assim, senhor?

Sem mais palavras, Dacre retirou um jornal dobrado da pilha que estava perto do seu cotovelo. Atirou-o para cima da mesa e Roman inclinou-se para frente, lendo o cabeçalho a tinta escura.

DACRE SALVA CENTENAS DE FERIDOS EM AVALON BLUFF

por ROMAN C. KITT

O coração de Roman abrandou até uma batida distinta. Como se respondesse ao chamamento de uma sereia, estendeu a mão e pegou no jornal, nem que fosse para voltar a ler as suas palavras em letras tão pequenas. Para sentir a tinta a manchar-lhe as pontas dos dedos.

— *Oath Gazette* — leu em voz alta, enquanto admirava a manchete caligráfica do jornal. E, no fundo do seu peito, uma faísca. — A que distância estamos de Oath?

— Seiscentos quilómetros para leste.

— É para lá que vai, senhor? Para a cidade?

— Sim. Para me reunir com *Enva*. — O nome da deusa paralisou Roman. Soou-lhe familiar; sabia que já o tinha pronunciado. — A minha esposa — acrescentou Dacre com um sorriso. — Viveu comigo no reino subterrâneo, e enquanto eu a amava e fazia juras de amor... ela enganava-me e esperava pelo momento oportuno para me trair.

— Sinto muito. — Roman não sabia o que dizer. — Foi isso que motivou esta guerra? Um voto quebrado entre vocês os dois?

— É muito mais do que isso, mas não espero que entendas, visto que és mortal e solteiro. Nunca trocaste juras de amor, nem sentiste as palavras a tomarem conta dos teus ossos como magia. Nunca te prometeste a ninguém.

Roman quis protestar. As suas faces ruborizaram, mas ele não percebia porquê. Obrigou-se a permanecer em silêncio, atento às palavras de Dacre.

— Contava que ela viesse ao meu encontro quando eu acordasse

no meu túmulo, mas ela escolheu o caminho dos cobardes, permanecendo em Oath. Agora, compete-me salvar este reino dos seus enganados.

A mente de Roman encheu-se de mais perguntas, que ele pôs de lado assim que ouviu a palavra *salvar*. Voltou a ver Del — o seu olhar vazio, a boca cheia de água, o coração inerte sob a pressão frenética das suas mãos. Roman não tinha sido capaz de salvá-la no sonho, e ainda se sentia culpado daquele erro horrível. Um erro que nunca deveria ter acontecido. Se é que tinha acontecido.

— Estás a pensar em alguém — disse Dacre. — Ou talvez a lembrar-te de alguém?

Roman estremeceu. Mais uma tolice, deixar a mente divagar quando estava a sós com um deus.

— Sim. Eu tive um sonho.

— *Sonhaste* com alguém que amavas? — Havia uma rispidez no tom de Dacre. — Alguém do teu passado?

Roman hesitou.

— Sonhei que tinha uma irmã mais nova. Delaney. — Não sabia ao certo o que dizer a Dacre, mas assim que começou a falar, as palavras fluíram. Era estranho como verbalizar o sonho só o tornava mais corpóreo.

Isto aconteceu mesmo. O seu coração bombeou a certeza. *Eu tinha uma irmã, e perdi-a*.

Dacre ficou em silêncio por instantes, como se estivesse a pensar no sonho. Mas quando se pronunciou, as suas palavras apanharam Roman de surpresa.

— Sabias que também tenho uma irmã? É uma das últimas deusas Subterrâneas deste reino, embalada até adormecer numa sepultura a sul daqui.

— Alva? — disse Roman, por reflexo. Tinha uma vaga lembrança de uma sala de aula, um mapa de Cambria preso na parede, um professor a falar sobre os cinco túmulos divinos do reino. *Os deuses que vencemos e enterrámos — Enva Celestial, Dacre Subterrâneo, Alva Subterrânea, Mir Subterrâneo e Luz Celestial. Os deuses que serão cativos do sono eterno*.

— Sim, Alva — respondeu Dacre, e a sua voz suavizou-se com o nome da irmã. — Somos filhos da mesma mãe, daí estarmos os dois fadados a ter problemas, apesar de os nossos poderes, comparados com os de outros elementos da nossa família, serem bastante inofensivos.

— Os vossos poderes?

— Não vos ensinam toda a amplitude da divindade nessa vossa escola? — Mas Dacre não lhe deu tempo de responder. — Claro que não. Os mortais muitas vezes têm medo das coisas que não

compreendem.

— Sei que tem o poder da cura — disse Roman, passando a mão pelas cicatrizes à volta do seu joelho. — Mas qual era o poder da sua irmã?

— Qual é o poder dela, queres tu dizer. Ela está só a dormir, como eu também estava. Ela não está morta.

— Claro que não. Perdoe-me, só quis dizer...

— Alva é a deusa dos sonhos — cortou Dacre. — Dos pesadelos.

Roman retesou os músculos. Ainda sentia a presença do seu próprio pesadelo, e bebeu um gole de leite, enquanto tentava afastar os resquícios da água da lagoa e da angústia.

— Quando éramos jovens, os nossos poderes pareciam inofensivos para os da nossa espécie e nunca nos preocupámos que pudessem ser roubados — prosseguiu Dacre. — Porque os deuses raramente precisam de dormir, e os nossos corpos podem curar-se sozinhos. De que servem as curas e os sonhos para as divindades? Mas o caso mudava de figura para os mortais. Vocês sangram e quebram. Anseiam por dormir, mesmo que isso vos torne vulneráveis. Sonham para dar sentido ao mundo em que estão.

— Então, era só isso? — perguntou Roman. — O meu sonho com a Del?

Dacre suspirou e inclinou-se para mais perto.

— Vou contar-te o que a Alva me disse há muito tempo. Porque ela orientou muitos sonhos mortais. Às vezes, a tua espécie sonha com coisas que gostaria que tivessem acontecido. As imagens estão envoltas nas vossas emoções atuais, ou nos problemas que estão a enfrentar. O facto de sonhares com uma irmã mais nova reflete apenas o quanto desejas ter uma família, ser conhecido. Mas não passou disso mesmo, de um sonho. Não concordas?

Roman engoliu em seco. As palavras do deus, embora ditas com bondade, feriram-no como dardos.

— O sonho — disse, num tom de voz muito sumido — *parecia* real. Eu vi a casa onde cresci. Vi o meu pai, a minha mãe. Ouvi as suas vozes. Andei pelo meu antigo quarto. Todos os pormenores... Não vejo como poderia ter inventado tudo aquilo.

— *Queres* que seja real? — contrapôs Dacre. — Sentir-te-ias melhor se soubesses que tinhas uma irmã, mas que ela se afogou por tua culpa? — Roman não conseguiu falar. Voltou a sentir o nó na garganta; tinha um gosto amargo a culpa e prendia-lhe a respiração. — Roman?

— Não tenho a certeza — sussurrou ele, fechando os olhos.

— Talvez deva perguntar-te isto. Mesmo que o sonho fosse real, o que acredito que *não* foi, vivemos de acordo com o passado, ou de acordo com o que está para vir? Escolhemos perder tempo a olhar

para trás, para as coisas que já aconteceram e que não podem ser alteradas, ou focamo-nos no que está à nossa frente e conseguimos ver?

Roman abriu os olhos. Concentrou-se na luz da vela, no copo de leite à sua frente. Na sombra de um deus, projetada sobre a mesa.

— O que está à nossa frente, senhor.

— Lindo menino. — Dacre pegou num pedaço de papel da pilha que tinha ao seu lado. Parecia uma missiva datilografada, amarrotada e manchada de sangue. Roman demorou alguns instantes a perceber que estava a ser dispensado. — Se voltares a ter sonhos, gostaria que mos contasses, Roman.

— Claro, senhor. — Roman levantou-se, bebeu o resto do leite e foi colocar o copo no lava-louça. Mas voltou a aproximar-se da mesa e pegou no jornal. — Posso ficar com isto?

— Podes ficar com ele, se quiseres. Mas espero que tenhas o próximo artigo pronto amanhã de manhã.

Roman enfiou o *Oath Gazette* debaixo do braço.

— Infelizmente, vou precisar de mais tempo.

Dacre ficou em silêncio. A luz da lareira estava refletida no seu rosto, o que dava ao seu cabelo um tom dourado escuro.

— Fica para amanhã, então. Podes dar-mo para rever até ao pôr do sol.

— Obrigado, senhor.

Roman encaminhou-se para a porta, mas parou na soleira da cozinha e olhou para trás. Um deus sentado a uma mesa, a beber cerveja, a ler uma folha de papel manchada de sangue. Na verdade, aquilo tinha mais os contornos de um sonho do que a visão de Del.

Dacre sentiu o olhar de Roman e olhou para cima.

— Há mais alguma coisa?

— Não. — disse Roman, esboçando um sorriso. — Obrigado pelo leite, senhor.

*

Roman só teve noção alguns minutos depois, quando já estava de volta à segurança do seu quarto. Acendeu uma vela e sentou-se de novo à secretária, examinando o cabeçalho do *Oath Gazette*.

Roman C. Kitt.

Tinha-se lembrado do primeiro e último nome dias atrás, mas a inicial do meio? Não a tinha incluído no seu artigo datilografado. Na altura, não sabia qual era o seu nome do meio. Outra pessoa tinha acrescentado o C. ao seu nome, quer fosse Dacre ou um funcionário do jornal. Outra pessoa. Roman sentiu um aperto no estômago até ouvir a voz doce de Del a ecoar nele.

Por aqui, Carver.

Lentamente, as mãos encontraram o seu lugar nas teclas da máquina de escrever.

Mais uma vez, tentou escrever para Dacre. O artigo que ele queria que Roman escrevesse sobre as suas misericórdias e poderes de cura. E, mais uma vez, saíram palavras diferentes.

Chamo-me Roman Carver Kitt, e esta é a história de um homem morto.

TODAS AS CARTAS PERDIDAS

Iris estava agachada entre os ramos de um carvalho, à espera de Attie. Era 1 hora da manhã, e uma névoa fresca atravessava a noite, transformando os candeeiros de rua em anéis nebulosos de âmbar. A cidade estava estranhamente silenciosa, mas, se Iris sustivesse a respiração, conseguiria ouvir uma conversa ténue vinda de um bar a algumas ruas de distância, e o ruído ocasional dos cascos dos cavalos enquanto os polícias faziam as suas rondas sonolentas.

Ia alternando o peso do corpo entre as pernas para evitar que os pés ficassem dormentes, tendo em atenção a mochila de couro que trazia às costas. A casca da árvore estava escorregadia por causa da neblina, e Iris tinha descoberto que não gostava muito de alturas, nem de subir às árvores no escuro. Mas aquela era a única forma de aceder ao museu sem fazer disparar o alarme. Ou pelo menos era o que Sarah Prindle tinha dito, e ela tinha demorado dois dias a elaborar um plano sólido.

Iris franziu o sobrolho e sentiu a máscara a colar-se ao rosto. Resistiu à tentação de coçar o nariz através do tecido húmido e suspirou.

Estava escondida naquele carvalho, a olhar para a parede das traseiras do museu e para a janela do terceiro andar, à espera, há uma hora. Sarah e Attie estavam à espera há muito mais tempo, tendo entrado no museu como visitantes normais e escondendo-se na casa de banho antes de as portas se fecharem magicamente ao anoitecer. Ficariam ali escondidas até à meia-noite, altura em que as duas apanhariam o guarda noturno de surpresa na sua ronda de inspeção. Só então é que Attie poderia abrir a janela para deixar entrar Iris.

— O museu é um edifício encantado — explicara Sarah nessa manhã ao pequeno-almoço, quando as três raparigas se tinham reunido para consolidar o plano. — Quando as portas são trancadas ao anoitecer, não há como abri-las sem fazer disparar um alarme horrível.

— Então, como fazemos? — Iris pousou a torrada, com o estômago

feito num nó. — Será sequer possível?

— É possível, graças a uma janela que foi acrescentada ao terceiro andar há algumas décadas — explicou Sarah. — Um dos segredos mais bem guardados do museu é que essa janela não é encantada como as janelas e portas originais. Desde que não acionemos o alarme, será a nossa saída.

— Como é que sabes disso, Prindle? — perguntou Attie.

— O meu pai conhece um dos guardas — respondeu Sarah com um encolher de ombros. — Eles são amigos de infância. E os homens gostam de falar quando estão bêbados.

— Esse guarda vai estar de vigia esta noite? — perguntou Iris.

— Não. — Sarah sorriu, enrolando os dedos à volta da chávena de chá. — Quem está de serviço é o Grantford, que é conhecido pela sua preguiça. Vai ser perfeito.

Não havia dúvidas de que o roubo aconteceria naquela noite, com Grantford ou sem Grantford. Iris e Attie seguiriam para oeste, para River Down, na manhã seguinte.

Iris ficou a olhar para a janela até esta se misturar com a escuridão. Consequia apenas distinguir o brilho das vidraças e deixou-se ficar à espera, aliviada quando finalmente ouviu um rangido.

A janela estava a abrir-se.

A primeira fase do assalto tinha sido bem-sucedida.

Iris respirou fundo com o sabor a sal nos lábios. Começou a avançar ao longo do ramo até descobrir Attie na estreita moldura da janela, a assobiar como uma pomba-brava.

Iris retribuiu o som e preparou-se, com uma mão agarrada ao ramo por cima de si e a outra estendida. Vislumbrou Attie a atirar a corda na sua direção, e aquele corpo grosso como uma serpente a cruzar a noite. A extremidade da corda foi cair algures à esquerda de Iris, muito perto do sítio onde devia ter ido parar, rasgando algumas folhas. Enquanto Attie puxava a corda para uma segunda tentativa, Iris sentiu os nervos à flor da pele.

Consequia sentir a distância por baixo dela. Se caísse, ficaria feita em pedaços.

Mais três lançamentos, e Iris finalmente conseguiu agarrar a corda.

A tremer, puxou-a para o tronco do carvalho. Inspirou profundamente duas vezes para acalmar a mente antes de começar a amarrar a corda na árvore. Iris e Attie tinham praticado o nó inúmeras vezes naquele dia, porque se fosse mal executado, Iris daria um mergulho para a morte. Mais um número a acrescentar aos assaltos falhados a museus.

Mas assim que a corda ficou presa, Iris hesitou, sentindo o formigueiro da queda.

Havia um pátio por baixo. Um jardim de flores silvestres e um

pequeno lago. Os ramos nodosos do carvalho sombreavam metade do pátio empedrado onde os funcionários do museu e os visitantes se podiam sentar e tomar uma chávena de chá à tarde.

Mais um assobio de pássaros.

Iris olhou para cima, medindo a distância entre ela e Attie. Parecia tão grande como um oceano, embora tivesse pouco mais de dez metros. A amiga continuava à espera, uma sombra na moldura da janela. À espera de agarrar na mão de Iris e de a puxar para dentro.

Ela só precisava de dar o primeiro passo no ar.

Com cuidado, Iris assim fez, ficando pendurada na corda, que se mantinha firme por cima dela. Cinco braçadas depois, sentiu as mãos a arder e a força a abandonar o corpo. As luvas estavam escorregadias; Iris cerrou o maxilar e concentrou-se na tarefa.

Estava a meio caminho da janela quando ouviu um barulho por baixo de si.

Fez uma pausa e olhou para o pátio.

Muito abaixo dos seus pés balançantes, o mundo parecia girar na névoa até que ela viu quatro figuras a caminhar pelo pátio empedrado. Estavam vestidas com roupas escuras, os rostos escondidos por máscaras.

Iris mordeu o lábio, com o coração a palpitar. Seria outro assalto em curso? Certamente que não, mas não se atreveu a mexer-se, pois as figuras estavam mesmo por baixo de si. Se uma delas olhasse para cima e a visse, era o fim.

Os ombros ardiam-lhe, fruto da imobilidade, os músculos do pescoço estavam tensos. Os segundos pareceram anos, mas, para alívio de Iris, as figuras seguiram caminho, atravessando a rua antes de se fundirem na noite.

Continuou a avançar ao longo da corda e rangeu os dentes quando chegou à parede de tijolo.

— Pega na minha mão — sussurrou Attie com urgência.

Iris tirou a mão direita da corda. Mal conseguia sentir os dedos quando o aperto firme de Attie os envolveu, puxando-a para cima e para dentro pela janela.

— Viste-os? — perguntou Iris, tentando recuperar o fôlego. Estendeu a mão para se apoiar numa cadeira desgastada, apercebendo-se de que encontrava numa arrecadação. Estava cheia de caixotes e molduras partidas. A desarrumação fez com que Iris se sentisse ainda mais ansiosa.

— Sim — respondeu Attie. — Conteí quatro. Todos com máscaras. Pensei que ia haver outro assalto.

— Também eu. Quem achas que eram?

— Sabem os deuses. Ladrões com um destino diferente, talvez?

Iris descalçou uma das luvas para limpar o suor dos olhos.

— Achas que eles me viram?

— Não. — A atenção de Attie desviou-se para a janela, como se não acreditasse verdadeiramente nas suas palavras. — Mas caso eu esteja enganada... não percamos mais tempo aqui.

*

Iris seguiu Attie por dois lances de escadas até ao rés do chão. À noite, o museu parecia um lugar diferente, cheio de brilhos perigosos e sombras em movimento. Ou talvez fosse apenas um jogo entre os candeeiros de fraca luz e a escuridão que os permeava. Iris não tinha a certeza, mas estremeceu quando pensou ter visto um dos bustos de mármore a mover-se no pedestal.

— Onde está a Prindle? — sussurrou.

— No escritório principal, a guardar o Grantford — respondeu Attie em voz baixa. — Ele não deu muita luta. Está amordaçado e com os olhos vendados.

Iris acenou com a cabeça e virou para um dos corredores largos. O ar estava frio e denso quando finalmente chegou à câmara dos objetos estranhos e desirmanados. Um par de sapatos de pele pontiagudos usados por um dos deuses mortos, um relógio de bolso que, segundo constava, provocava tempestades sempre que batia a meia-noite, uma espada chamada Draven que tinha sido usada em combate contra as divindades há séculos, um pequeno tinteiro que transbordava com um líquido cintilante e uma máquina de escrever forjada por magia. Tudo protegido por expositores de vidro.

Iris tirou a mochila dos ombros e aproximou-se da Primeira Alouette. Sentiu os dedos lentos e dormentes quando desapertou os atilhos e retirou o taco de basebol.

Isto não está certo, pensou com uma pontada de culpa. Mas examinou o expositor de vidro que continha a Primeira Alouette e uma coleção de cartas antigas, e acrescentou: *Não cheguei até aqui para voltar de mãos a abanar.*

Pensou em Roman preso nas garras de Dacre no Oeste.

Iris brandiu o taco, que embateu no expositor e estilhaçou o vidro. Os pedaços espalharam-se pelo chão e caíram como cristais entre as teclas da máquina de escrever. Uma das cartas esvoaçou e caiu naquele caos cintilante, como uma bandeira branca de rendição.

Iris pôs o taco de lado e passou por cima do vidro, sentindo-o ranger sob as solas das botas. Pegou na máquina de escrever e virou-a para examinar a parte de baixo. Alguns pedaços de vidro caíram com o deslocamento da barra, mas Iris encontrou o que procurava. A placa prateada estava aparafusada no interior da moldura, com a gravação A PRIMEIRA ALOUETTE, FEITA PARA A.V.S.

Era aquilo de que ela precisava. Aquilo que ela *queria*.

Tinha magia nas mãos e colocou cuidadosamente a máquina de escrever no estojo preto que tinha trazido, prendendo a tampa com uma correia. Attie ajudou-a a guardar o estojo na mochila, juntamente com o taco. O roubo ficou despachado num abrir e fechar de olhos, mas Iris não conseguia deixar de sentir que estava a ser observada.

— Vou buscar a Prindle — disse Attie. — Encontramo-nos ao pé das escadas?

Iris acenou com a cabeça, ajeitando a mochila nos ombros. Agachou-se para apanhar a carta que tinha caído no chão, uma carta que Alouette Stone tinha escrito há décadas, pousando-a suavemente no pedestal de vidro. Mas os seus olhos fixaram-se numa frase datilografada.

A magia ainda acontece, e o passado é dourado;
vejo a beleza no que foi, mas apenas porque
provei tanto a tristeza como a alegria em medidas
iguais.

Iris virou costas e encaminhou-se para as escadas. Mas pestanejou para afastar as lágrimas e pensou: *Também eu, Alouette.*

Caía uma chuva fraca e a noite parecia antiga quando Iris chegou ao seu apartamento. Tinha-se separado de Sarah e Attie no museu, depois de as três terem saído em segurança pela janela e regressado a terra firme. Estavam sem fôlego, tontas e um pouco paranoicas pelo facto de terem levado a cabo um assalto bem-sucedido.

Haveriam de comemorar aquela façanha secreta mais tarde, num bom restaurante. Quando a guerra acabasse. Iris ofereceria um jantar requintado às amigas. E depois devolveria a Primeira Alouette ao museu. De forma anónima, claro.

Apesar dessas promessas e das dores nas mãos, nada daquilo parecia real. Iris poderia ter-se convencido de que estava a sonhar até estar em segurança no seu quarto e ter tirado a mochila dos ombros. A máscara e as roupas escuras, as luvas e as botas. Vestiu uma camisa de dormir e apanhou o cabelo húmido. Com cuidado, pegou na máquina de escrever e sentou-se no chão, no mesmo sítio onde outrora datilografara carta após carta para o irmão e depois para Roman.

Posicionou a Primeira Alouette diante dos seus joelhos cruzados e colocou uma folha nova no rolo.

Os minutos começaram a passar; a noite aproximava-se da sua hora mais fria. A chuva começou a cair a sério do lado de fora da janela, e Iris olhou para a página em branco, ponderando no que deveria dizer a Roman. Não sabia onde ele estava. Não sabia se estava

seguro, se estava preso. Se tinha a máquina de escrever com ele.

Havia demasiadas incógnitas e comunicar com ele poderia pô-lo em perigo.

O silêncio foi quebrado quando algumas folhas de papel começaram a surgir no chão. Iris observou, estupefacta, várias folhas dobradas a surgir das sombras da porta do seu roupeiro. Eram tantas que se formou um monte. Iris correu para elas, com o coração aos saltos, e desdobrou rapidamente uma delas.

Alguma vez sentiste que todos os dias usas uma armadura? Que quando as pessoas olham para ti, só veem o brilho do aço em que te envolveste com tanto desvelo?

Iris baixou a folha, perplexa.

Era uma carta antiga. Uma daquelas que Roman lhe tinha escrito quando ela o conhecia apenas como C.

Pegou noutra e ficou chocada ao perceber que era uma das suas. Iris leu-as, uma a uma, até perceber que as conhecia a todas. Ou tinha sido ela a escrevê-las ou tinha-as lido tantas vezes que as palavras tinham ficado gravadas na sua mente.

Exalou um suspiro trémulo e voltou a sentar-se no tapete. Pensou que a correspondência com Roman se tinha perdido em casa de Marisol. Mas a Primeira Alouette não tinha esquecido a sua magia, mesmo estando confinada no museu. Aquela máquina de escrever tinha guardado as cartas, à espera do momento em que as pudesse entregar através da porta de um roupeiro.

Iris releu as suas favoritas até sentir um aperto no peito. As palavras de Roman ecoavam nos seus ossos, despertando nela uma dor atroz.

Pousou as cartas, resoluta. Seria astuta e cuidadosa, mesmo que uma parte de si acreditasse que as cartas não chegariam até ele.

Ele não se vai lembrar de ti.

As palavras de Forest assombraram-na.

Iris sentiu-se magoada pela recordação. Roeu uma unha encravada, ponderando se Forest teria dito a verdade ou se estaria apenas a tentar magoá-la. Para a manter em casa e a salvo. Para a impedir de voltar a encaminhar-se para as trevas.

Sê cuidadosa, disse a si própria, com as pontas dos dedos a pousarem nas teclas. Certifica-te de que é ele antes de te revelares ou dizeres algo importante.

Iris escreveu uma breve mensagem. As suas mãos tremiam quando tirou o papel do rolo e o dobrou. Parecia que não tinha passado tempo nenhum quando fez deslizar a folha por baixo da porta do roupeiro.

Tempo nenhum e, no entanto, também parecia que as estações do ano se tinham sucedido num único fôlego instável. Que estranho que a magia pudesse ser duas coisas diferentes ao mesmo tempo. Jovem e antiga. Nova e familiar. Preocupação e consolo.

Não sabia o que esperar: se o roupeiro devolveria a carta por abrir ou se Roman lhe escreveria de volta em poucos segundos. Para seu grande choque, não aconteceu nada disso.

Iris andou de um lado para o outro, com os olhos turvos e exausta, apercebendo-se de que... *não acontecia nada*.

A sua carta tinha desaparecido, entregue algures por magia, mas Roman não tinha respondido.

Derrotada, deitou-se na cama. Adormeceu ao som da chuva; os seus sonhos não eram mais do que um grande vazio pardacento.

O NOME DE UM CARACOL DE ESTIMAÇÃO

Roman acordou com a luz do sol a dançar-lhe no rosto.

Por instantes, ficou sem saber onde estava. Respirava de forma irregular, com a mente toldada por um sonho de que não se lembrava. Mas começou a ter noção daquilo que o rodeava.

Olhou para a máquina de escrever. Uma vela próxima tinha-se reduzido a uma poça de cera no soalho de madeira. A cara estava encostada à superfície dura da secretária e uma folha de papel solta colou-se à sua pele quando levantou a cabeça.

Estou no quarto que me atribuíram. Estou a salvo.

Devia ter adormecido à secretária. Esfregou o pescoço antes de se levantar com um gemido.

Foi então que reparou.

Um pedaço de papel no chão, mesmo em frente ao roupeiro.

Roman franziu o sobrolho. Não se lembrava de o ter colocado ali, e aproximou-se do roupeiro, apanhando a folha do chão. Chocado, leu:

1. Qual era o nome do meu caracol de estimação?
2. Qual é o meu nome do meio?
3. Qual é a minha estação do ano preferida e porquê?

Ficou a olhar para as palavras até as letras parecerem fundir-se umas nas outras.

— O que é isto? — sussurrou, esticando a mão para a porta do roupeiro. Abriu-a, preparado para encontrar qualquer coisa. Para sua desilusão e alívio, o roupeiro estava vazio, à exceção dos três casacos pendurados e da colcha dobrada na prateleira, a cheirar a bafio.

Não havia absolutamente nada de mágico ali.

Roman fechou a porta e leu novamente a mensagem. Sentiu uma leve dor no peito. Um aperto que o deixava desconfiado, mas também ansioso.

Será que devia saber estas respostas?, pensou, olhando fixamente

para as palavras.

Como poderia lamentar algo de que não se lembrava? Roman ponderou se haveria uma palavra para descrever tal sentimento, que se acumulava nos seus ombros como neve fria, macia e infinita, derretendo-se assim que lhe tocava.

Ainda estava a lidar com as suas emoções e com os três enigmas quando ouviu passos pesados para lá das paredes. Alguém se aproximava do seu quarto. Roman enfiou a folha de papel no bolso, e o gume do papel picou-lhe a palma da mão assim que a porta se abriu.

— Arruma as tuas coisas — ordenou o tenente Shane. — Vamos finalmente sair deste pardieiro. Tens cinco minutos para ires ter comigo lá abaixo.

Tão abruptamente como havia chegado, o tenente saiu, deixando a porta aberta.

Roman exalou, mas a inquietação deixou-o tenso. Distinguiu a voz de Dacre a conversar com alguém no piso inferior. As botas batiam na madeira. Nas ruas, ouvia-se o rugido coletivo dos camiões em marcha.

Estavam prestes a abandonar aquela triste vila, e Roman nem queria pensar para onde iriam a seguir.

Arrumou os seus pertences. Não tinha muita coisa, mas quando estava a fechar o estojo da máquina de escrever, tirou a estranha mensagem do bolso e examinou-a. Seria um código? Que pessoa teria um caracol de estimação?

Deitou a carta no caixote do lixo e dirigiu-se para a porta. Mas sentiu algo retesar-se dentro de si, como a pele quando está prestes a rasgar-se. Roman retirou o bilhete do caixote. Voltou a guardá-lo no bolso enquanto descia as escadas, pensando que Dacre poderia estar interessado na mensagem.

A porta da rua estava aberta; o hall de entrada estava iluminado pelo sol e cheirava a escape de camião, fumo de cigarro e bacon queimado na cozinha. Shane estava na soleira, com as mãos atrás das costas, a dar ordens a um soldado no alpendre. Roman aproveitou a oportunidade para examinar a sala de estar adjacente.

A porta por onde tinha entrado, a que ligava o mundo superior ao reino subterrâneo, estava escancarada.

Ainda estava a analisar a passagem sombria, arrepiado, quando Dacre emergiu de lá de dentro. O deus fechou a porta atrás de si e pegou numa chave que pendia de uma longa corrente que lhe trazia ao pescoço. Roman nunca tinha reparado naquele fio, mas o mais certo era Dacre nunca o tirar, usando-o por baixo da farda.

Trancou a porta e deixou a chave deslizar para debaixo da roupa, virando-se quando sentiu a presença de Roman.

Os seus olhares cruzaram-se, predador e presa.

Dacre encurtou a distância entre eles. Roman teve uma súbita

vontade de recuar, mas forçou-se a permanecer ali, direito e imóvel.

— Quero que venhas comigo — ordenou Dacre quando chegou ao hall de entrada.

— Sim, senhor — respondeu Roman. — Posso perguntar para onde vamos?

Dacre sorriu. A luz do sol refulgiu nos seus dentes quando disse:

— Vamos para leste.

*

Iris saiu do quarto, surpreendida por encontrar Forest sentado à mesa com uma chávena de chá. O irmão tinha um ar desalinhado e triste, os olhos raiados de sangue, o cabelo castanho emaranhado na testa. Será que a tinha ouvido entrar e sair às escondidas durante a noite? Será que a tinha ouvido a datilografar, a andar de um lado para o outro?

Se tivesse ouvido, diria alguma coisa, pensou Iris. Imaginou Forest a descobrir que a Primeira Alouette tinha sido roubada do museu. Faltavam apenas algumas horas para essa notícia ser divulgada, mas Attie e Iris já estariam longe nessa altura. O irmão não conhecia a magia das Alouette como ela, por isso podia não a associar ao crime. No entanto, a ideia de poder envergonhá-lo com o seu roubo, ou de perceber que ele estava desiludido com ela, fazia-a sentir-se pequena, sem fôlego.

Durante um momento de tensão, os seus olhares não se desviaram. Nenhum dos dois falou, mas Iris viu Forest reparar no seu macacão com o emblema do *Inkridden Tribune* cosido sobre o coração. Tinha também as botas com atacadores novos e resistentes, e segurava o estojo da máquina de escrever numa mão e um saco de viagem de couro na outra.

— Estás de partida — disse ele num tom neutro.

— Eu disse-te que iria.

Mais uma pontada de silêncio.

Forest suspirou e desviou o olhar.

— Não aprovo a tua decisão. — A sua voz era rouca, mas branda, como se lhe custasse dizer aquelas palavras.

— Eu também protestei contra a tua partida — disse Iris. — Quando nos deixaste para lutar por Enva, há meses. E, no entanto, compreendi porque o fizeste. Sabia que não me podia intrometer no teu caminho.

Forest não retorquiu, e Iris pensou que ficariam por ali. Ele não lhe diria mais nada, por isso mordeu o interior da bochecha e dirigiu-se para a porta.

— Espera, Iris. — Ela parou, com os ombros rígidos. Mas esperou, ouvindo Forest levantar-se da cadeira. Sentindo-o aproximar-se de si.

Ele cheirava ligeiramente a óleo de motor e gasolina, do seu novo emprego na oficina ao fundo da rua. Por mais que lavasse as mãos à noite, as suas unhas continuavam manchadas de óleo. Por vezes, esfregava os nós dos dedos com tanta força que fazia sangue. — Escreves-me? — perguntou, agarrando-lhe no cotovelo. — Manténs-me informado?

— Prometo.

— Se não o fizeres, acredita que vou fazer um escândalo no *Tribune*.

Aquelas palavras arrancaram-lhe um pequeno sorriso.

— Gostava de ver isso.

Forest resfolegou.

— Não gostavas, não. — Parecia que ele queria dizer mais qualquer coisa, mas não conseguia. Em vez disso, pegou no medalhão dourado que pendia do seu pescoço. O medalhão que tinha pertencido à mãe dos dois. — Nunca o tires — sussurrou, passando-o pela cabeça de Iris. — Promete-me.

— Forest, não posso levar isto...

— *Promete-me*.

Iris estremeceu com o seu tom ríspido. Mas quando o encarou, viu apenas o medo a arder como brasas nos seus olhos.

Os dedos fecharam-se sobre o medalhão, e ela agarrou-se a ele como a uma âncora. Lembrou-se do que Forest lhe tinha contado: quando encontrara o medalhão nas trincheiras, sentira uma força e determinação redobradas. Tinha conseguido libertar-se do jugo de Dacre, lembrando-se de quem era e das suas origens. Só ao ter nas mãos algo tangível, do seu lar — uma recordação presa a uma longa corrente — é que fora capaz de quebrar o poder que o deus tinha sobre ele.

— Não vou tirá-lo — sussurrou. — Só quando voltar para casa e to devolver.

Forest acenou com a cabeça, com a preocupação estampada no rosto. As suas últimas palavras para Iris fizeram-na estremeecer.

— Vais precisar dele, Pequena Flor.

*

Roman olhou pela janela do camião e teve um último vislumbre de Avalon Bluff.

Era uma paisagem feita de escombros e fantasmas. Uma vila cheia de pequenos testemunhos das pessoas que outrora viveram naquela colina. Deixaram para trás jardins pisoteados, muros de pedra em ruínas, portas sombreadas e paredes que guardavam pertences abandonados. Detritos, palha queimada e cacos de vidro a brilhar. Roman perguntava-se quem teria vivido nas casas por onde passavam;

onde estariam agora. Se estariam em segurança.

Era sobre isso que queria escrever. E baixou os olhos quando percebeu que tinha perdido a oportunidade.

Dacre sentou-se ao seu lado no banco, com o jornal nas mãos pálidas e elegantes. A visão do jornal despertou a curiosidade de Roman.

— Senhor? — atreveu-se a perguntar. — Como sabia qual era a minha inicial do meio?

Dacre lançou-lhe um olhar curioso.

— Como assim?

— A minha assinatura no *Gazette*. Escreveu «Roman C. Kitt».

— Só enviei o que me deste.

— Então, quem...?

— Na tua vida antes da cura, trabalhaste no *Oath Gazette*. Os teus artigos eram publicados várias vezes por mês. Estavas a tentar ser colunista.

A mente de Roman andou às rodas, desesperada para se agarrar a uma recordação.

— Não me lembro.

— Claro que não te lembras. Ainda não. Foi o teu ex-chefe que recuperou a tua antiga assinatura.

— Compreendo.

Dacre inclinou a cabeça para o lado.

— Compreendes mesmo, Roman?

— Já me conhecia antes de me encontrar às portas da morte no campo.

— Já tinha *ouvido falar* de ti — corrigiu Dacre, antes de voltar a sua atenção para o jornal. Roman viu que não era o *Gazette*, mas um jornal chamado *Inkridden Tribune*. — Tens um apelido de prestígio. Um apelido que me tem apoiado muito, a mim e aos meus esforços. E eu não vou esquecer aqueles que me serviram fielmente.

Roman ficou paralisado, em silêncio. Doía-lhe o coração; doíam-lhe as saudades de casa, da *família*.

Não podia negar que queria sentir que pertencia a algum lugar. Queria confiar no que estava a ver. Lutar por algo.

— Senhor? — disse. — Queria mostrar-lhe uma coisa.

Dacre ficou em silêncio, mas o interesse iluminou-lhe o olhar. Roman fez menção de levar ao mão ao bolso, de retirar de lá o papel que lhe aparecera, mas sentiu um aperto no peito, uma dor aguda como uma linha de pesca lançada ao mar.

Espera.

Fletiu a mão, hesitante.

Quem escreveu isto? Que tipo de magia trouxe esta carta até mim? Será que alguma vez chegarei a saber as respostas se lhe entregar este papel?

— Querias mostrar-me uma coisa? — instou Dacre.

— Sim. — Roman estendeu a mão para abrir o estojo da máquina de escrever, retirando o seu artigo meio escrito. — As últimas coisas que escrevi.

— Guarda isso para mais logo, quando chegarmos ao acampamento — ordenou Dacre, voltando a concentrar-se no *Inkridden Tribune*.

Ao princípio, Roman sentiu-se magoado pela falta de interesse de Dacre. Mas depois percebeu que o *Tribune* devia estar a condicionar o que Dacre escrevia para o *Gazette*. Como num jogo de xadrez. Roman guardou o seu artigo no estojo.

Recostou-se no banco e observou Avalon Bluff a desaparecer como se nunca tivesse existido. Sentiu aquela estranha carta pesada como ferro no seu bolso.

O ESTAFETA E O ROADSTER

Iris estava quase a chegar ao *Inkridden Tribune* quando sentiu que estava a ser seguida novamente. Era como se tivesse os olhos de alguém cravados nas suas costas. Parou e olhou para trás, com os braços cansados de carregar a máquina de escrever e o saco.

Eram 7h30 e as sombras entre os edifícios ainda eram longas e azuis, mas Iris conseguiu ver o homem que a seguia, com uma gabardina escura atada à cintura e um chapéu inclinado na cabeça, a proteger o rosto.

— Mr. Kitt? — chamou, tentando acalmar o medo. Mas a sua voz denotou o nervosismo, mesmo quando levantou o queixo em jeito de desafio. — Porque me está a seguir?

O homem não disse nada, mas continuou a caminhar na sua direção, com os sapatos a matraquear nas pedras da calçada. Manteve as mãos enfiadas nos bolsos da gabardina. À medida que a distância entre eles ia diminuindo, Iris engoliu em seco. Aquele homem não era tão alto e elegante como Mr. Kitt. Era mais entroncado, mais baixo. A gabardina não conseguia esconder a sua força bruta. Quando ele finalmente levantou a cabeça e os seus olhares se cruzaram, ela viu-lhe o nariz torto. Uma das orelhas parecia inchada e havia uma cicatriz vincada no maxilar.

Pugilista ou lutador. Alguém que desferia golpes para ganhar a vida.

O primeiro pensamento assustado de Iris foi: *Ele sabe. Ele sabe que roubei a máquina de escrever e veio recuperá-la.*

Girou sobre os calcanhares, com o sangue a correr-lhe quente nas veias enquanto se preparava para fugir.

— Miss Winnow — chamou o homem. — Tenho uma mensagem importante para si. De Mr. Kitt.

Aquilo fê-la parar, como se os seus tornozelos se tivessem afundado num pântano.

Lentamente, Iris virou-se para encarar o homem. Estava a dois passos de distância e observava-a com um brilho divertido nos olhos.

A sua expressão parecia dizer que ela podia correr, mas que não iria muito longe.

— Qual é a mensagem? — quis saber. — E porque não disse isso antes, em vez de me seguir?

— Assustei-a? As minhas desculpas. — O homem colocou uma mão musculada sobre o coração.

Iris não conseguia perceber se ele estava a ser sincero ou a gozar com ela, e franziu o sobrolho, resistindo à tentação de recuar. O *Tribune* ficava apenas a um quarteirão de distância. Cinco minutos do sítio onde se encontrava. Se ela atirasse o saco ao homem, talvez conseguisse fugir dele...

Ele tirou algo do bolso. Um envelope com o nome dela rabiscado na frente. Em silêncio, estendeu-lho.

— O que é isso? — perguntou Iris.

— Abra e verá. — Ela hesitou, olhando para o envelope. — Vá lá, menina — insistiu o homem. — É algo de que vai gostar.

Duvido muito, pensou Iris, mas começou a pensar no que seria. Era possível que o Mr. Kitt tivesse iniciado as suas próprias investigações sobre o paradeiro de Roman, desde que se apercebera de que o filho não estava em Oath. Sendo um dos homens mais ricos da cidade, talvez tivesse obtido alguma informação valiosa.

Iris pousou o saco e a máquina de escrever e pegou no envelope, surpreendida com a espessura e o peso. Rompeu o selo e percebeu que estava cheio de dinheiro. Notas e mais notas. Nunca tinha tido tanto dinheiro nas mãos, e estremeceu ao olhar para ele.

— Mr. Kitt pede que assine este acordo, que anula o seu casamento com o filho dele. — O homem levou a mão ao casaco e tirou um documento legal e uma caneta de tinta permanente. — Nele também declara que renunciará a quaisquer direitos que tenha em relação ao Mr. Roman Kitt, e que não interferirá com o seu trabalho atual no *Gazette*. Este dinheiro vai proporcionar-lhe uma vida de conforto nos próximos anos e...

Iris atirou o dinheiro para o chão. As notas caíram do envelope, espalhando-se como um leque verde nas pedras da calçada.

— O meu sogro pode ficar com o dinheiro dele — disse. — Não vou assinar documento nenhum. Diga-lhe que poupe os seus esforços, porque a minha resposta não vai mudar.

Pegou nas suas coisas e afastou-se, aliviada por perceber que o homem não a seguiu. Mas continuava a sentir o seu olhar.

As mãos de Iris pareciam gelo quando dobrou a esquina.

Viu o velho edifício que albergava o *Inkridden Tribune* à sua frente, com as janelas superiores a refletir o sol nascente. Mas a sua atenção foi prontamente captada por um automóvel desportivo de aspeto elegante, estacionado diante do edifício. Attie estava parada ao lado

dele, assim como Helena e um jovem que Iris nunca tinha visto.

Estugou o passo, com o coração na boca. O regresso à frente de batalha quase parecia um sonho. Ainda não parecia real, e Iris ponderou se alguma vez pareceria. Nem acreditava que estava a fazer aquilo outra vez.

— Helena? — disse Iris, chegando finalmente junto do grupo. — Desculpem o atraso.

Helena virou-se, com a sobranceira esquerda arqueada. O cabelo ruivo estava penteado para trás, e na mão tinha um cigarro apagado. Era evidente que estava a tentar largar o vício.

— Não estás atrasada, nós é que estamos adiantadas desta vez.

Antes que Iris pudesse responder, o jovem deu um passo em frente. Vestia calças cinzentas, uns suspensórios de cabedal e uma camisa branca com os botões do colarinho desapertados e calçava botas até ao joelho. A sua tez era de uma rica cor castanha e tinha feito a barba. Tinha olhos negros e sorridentes, emoldurados por longas pestanas. Na cabeça, tinha um chapéu de coco com uma pena enfiada na faixa e um par de óculos pendia-lhe no pescoço.

— Eu levo as suas malas, menina — disponibilizou-se.

— Oh, obrigada — disse Iris, surpreendida, enquanto ele pegava nas suas coisas e as guardava na bagageira do que ela supunha ser o seu automóvel. — Não vamos de comboio?

— Não — respondeu Helena, enquanto acendia finalmente o cigarro com um suspiro de derrota. Deu algumas baforadas, com o fumo a ondular no ar. — O comboio tornou-se um meio de transporte pouco fiável. E demasiado lento para as nossas necessidades atuais.

Iris percebeu a mensagem implícita. Os Kitt controlavam o caminho de ferro. Os Kitt tinham um poder imenso sobre a maioria dos transportes em Oath, e como Iris se recusara a fazer a vontade ao Mr. Kitt, partiu do princípio de que as coisas iriam piorar sempre que se cruzasse com o sogro.

— Vamos de *roadster* — anunciou Attie numa voz baixa e animada. Também trazia o seu macacão de correspondente de guerra, ajustado na cintura por um cinto de cabedal. Os seus binóculos preferidos pendiam-lhe do pescoço, assim como um par de óculos de proteção, iguais aos do condutor.

Iris olhou novamente para o automóvel. Era de metal preto e elegante, com faróis dourados e soleiras de madeira. Os pneus brilhavam com jantes de raios brancos, e o carro tinha duas portas: uma para o condutor e outra para o banco de trás, que era estofado em pele vermelha. O carro tinha para-brisas, mas capota não.

— Nunca andei num *roadster* — disse Iris.

— Bem, há uma primeira vez para tudo. Certifica-te de que usas isto quando estiveres na estrada a toda a velocidade. — Helena

entregou-lhe um par de óculos de proteção. — Este é o Tobias Bexley. É um dos estafetas mais prestigiados de Cambria, e vai transportar-vos entre cidades. Quando tiverem os vossos artigos redigidos e prontos, ele trá-los-á até mim, enquanto vocês esperam que ele regresse para vos levar à próxima paragem. Disse-lhe para vos levar até Winthrop, no Distrito Central. É o mais perto que quero que estejam da frente, mas a verdade é que tudo pode mudar de um dia para o outro, por isso, estejam atentas.

Iris assentiu, colocando os óculos de proteção, que tilintaram contra o seu medalhão. Pensou em Forest. Nas suas mãos sujas de óleo, nos nós dos dedos em ferida, sentado no apartamento enquanto as sombras se arrastavam pelo chão à noite. Sentiu uma pontada de preocupação no estômago. Oxalá o irmão não estivesse sozinho. Oxalá pudesse pedir a alguém que lhe fizesse companhia enquanto ela estava fora.

— Estás a ouvir, Iris? — admoestou Helena.

— Sim, senhora. — Iris arrumou alguns fios de cabelo atrás da orelha. — Qual é a nossa primeira paragem?

— River Down, ao encontro da Marisol. Em seguida, vão ter com o meu próximo contacto, Lonnie Fielding, em Bitteryne. Depois disso, terão de encontrar alojamento por vossa conta com o dinheiro que vos dei. Mas acima de tudo, se o Bexley disser que têm de retirar, vocês saltam para o carro dele sem contestar e deixam-no trazer-vos de volta a Oath. Entendido?

— Entendido — assentiu Attie. — Há algum tema em especial sobre o qual devamos escrever?

— Escrevam sobre tudo o que conseguirem apurar — respondeu Helena, deixando cair o cigarro meio apagado no chão e esmagando-o com o calcanhar. — Os planos de Dacre, os seus movimentos, o que está a fazer às cidades, aos civis. Atualizações, histórias de testemunhas oculares, tudo aquilo que observarem.

— O chanceler... — disse Iris, deixando a insinuação no ar.

Helena lançou-lhe um olhar entendido.

— Ele não vai gostar, mas quero publicar a verdade, com todas as consequências. Vá, vão-se embora. Quero o vosso primeiro artigo amanhã à noite.

Iris deu um passo em frente, mas depois parou, virando-se para encarar Helena.

— Estava aqui a pensar.

— Em quê?

— Na minha assinatura. Acho que quero mudá-la.

— *Achas?*

— Quero mesmo. Quero que seja Iris E. Winnow.

Uma expressão de curiosidade tomou conta do rosto sardento de

Helena. Mas depressa acenou com a cabeça.

— Muito bem. Mas o que significa o «E»?

— Elizabeth — respondeu Iris. — Era também o nome do meio da minha avó.

— Queres prestar-lhe uma homenagem?

Sim, pensou Iris, mas também tinha Roman na ideia. Lembrou-se do quanto a tinha irritado o facto de não saber o que significava o C no nome dele.

Tobias abriu a porta do passageiro. Attie entrou primeiro, seguida por Iris. O banco de couro estava frio e ela recostou-se com relutância. Disse a si própria para relaxar, *respirar* e se concentrar no que aí vinha, porque não valia a pena olhar para trás.

No entanto, não conseguiu impedir-se de olhar por cima do ombro quando o automóvel arrancou.

Helena estava parada no passeio, a enrolar outro cigarro. Mas não era a única a observar a partida das duas correspondentes. Iris viu um homem encostado à parede alguns passos atrás, com as mãos enfiadas nos bolsos e um sorriso estampado no rosto sombrio.

O emissário de Mr. Kitt.

*

Oath derreteu-se como gelo ao sol, à medida que seguiam pela estrada.

Iris observou a cidade a desvanecer-se enquanto o roadster devorava os quilómetros, contrariando as suas próprias ordens para olhar em frente. Ficou a olhar até que os campanários das catedrais, os edifícios altos e as velhas torres do castelo se fundiram com a névoa ao longe, e pensou em como tudo aquilo era estranho. Ver algo que parecia tão pujante e vasto tornar-se lentamente pequeno e silencioso. Uma mera mancha de tinta no horizonte.

— O que faz um estafeta ao certo? — perguntou Attie por cima do zumbido do motor.

Iris voltou a sua atenção para Tobias Bexley, que ainda não tinha dito uma palavra desde que tinha ligado o motor.

— Faz exatamente o que o nome indica — respondeu ele. — Transporte correio e encomendas de e para Oath.

Attie inclinou-se para a frente, apoiando os braços no banco do condutor.

— O que leva alguém a dedicar-se a tal negócio?

— O mesmo que vos levou a dedicarem-se ao jornalismo.

— A vontade de provar que um professor de mente estreita estava errado?

Tobias ficou calado por um instante.

— Então, se calhar não foi a mesma coisa. Tornei-me estafeta

porque gostava de competir com carros desportivos e precisava de dinheiro para pagar o meu passatempo. Achei que mais valia ganhar a vida a fazer algo de que gostasse.

— És piloto de competição? — perguntou Iris.

— Sim. A minha mãe fica sempre aliviada quando faço uma pausa para estes trabalhos de estafeta, embora ela e o meu pai nunca percam uma corrida. Mas a verdade é que, nos dias que correm, até ser estafeta é uma profissão perigosa e imprevisível.

— Quantas corridas já ganhaste? — perguntou Attie, preparando-se para ouvir uma longa história, mas Tobias contrapôs:

— Parte do princípio de que ganhei alguma?

— Bem... sim — justificou-se ela com um aceno de mão indicando os pastos que ladeavam a estrada. A paisagem continuava a passar por eles a uma velocidade alucinante. — Andas bastante rápido, caso não tenhas reparado.

Ele riu-se.

— É para isso que a vossa patroa me paga. Tenho de vos transportar, assim como aos vossos artigos, de um lado para o outro, da forma mais rápida e segura possível.

— Eu nem sequer sabia que os roadsters eram tão velozes — confessou Iris, semicerrando os olhos contra o vento. Ainda não tinha posto os óculos de proteção, à espera que Tobias lhe dissesse para o fazer. Mas estava a adorar sentir a picada do ar fresco no rosto. A forma como a brisa roçava o seu cabelo como se fossem dedos.

— Normalmente, não andam a esta velocidade — informou Tobias.

— Então, estás a dizer que este não é um carro *normal* — deduziu Attie.

— Talvez esteja a dizer isso, sim.

— Porquê tantas evasivas, Bexley? — Attie deu-lhe uma cotovelada no ombro. — Tens medo que escrevamos um artigo sobre ti e o teu roadster mágico?

— Só tenho medo de uma coisa — respondeu ele.

Iris e Attie ficaram em suspense à espera que ele continuasse. Quando o silêncio não foi quebrado, antes preenchido apenas pelo rugido do vento e pelo ronronar reconfortante do motor, Attie aproximou-se ainda mais dele.

— Imagino que tenhas medo de furar um pneu, ou de ficar sem gasolina, ou de te perderes.

— Tenho medo da *chuva* — disse ele, virando por fim a cabeça e encarando Attie durante uma fração de segundo. — A chuva torna as estradas lamacentas e traiçoeiras.

Iris olhou para as nuvens. Eram brancas e fofas, mas mais para ocidente começavam a formar-se nuvens escuras de tempestade.

— Sabes o que se costuma dizer sobre a primavera em Cambria —

concluiu Attie, reparando nas nuvens.

— Sei melhor do que muitos. — Tobias carregou na embraiagem e deslocou a manete das mudanças. Foi uma transição tão suave que Iris mal sentiu o carro a mudar de velocidade. — O que significa que só temos algumas horas para chegar a River Down antes que a tempestade desabe. Os óculos de proteção vão dar jeito agora. Prendam tudo o que não quiserem que voe para longe. — Com isto, tirou o chapéu e guardou-o em segurança no porta-luvas. — Além disso, têm uma corda presa ao assento à vossa frente, caso precisem de se agarrar a alguma coisa.

Iris e Attie colocaram os óculos de proteção. O roadster avançou cada vez mais depressa, e o uivo do ar e a velocidade extinguiram todas as esperanças de conversa. Mas Iris conseguia *sentir* toda aquela emoção nas solas das botas. Sentiu o zumbido nos ossos e deleitou-se ao contemplar a paisagem a enevoar-se à medida que avançavam para oeste a toda a velocidade.

*

As nuvens estavam baixas e escuras quando entraram em River Down.

Era uma vila sonolenta, escondida nas colinas a perder de vista da paisagem rural. Um rio raso e murmurante atalhava pelo centro e uma ponte de pedra ligava as duas margens da vila: o lado leste, que era uma amálgama de mercados, uma biblioteca, um jardim comunitário, uma escola, uma pequena igreja com vitrais; e o lado oeste, que transbordava de casas de colmo unidas por sinuosas ruas empedradas.

Iris removeu os óculos de proteção, absorvendo o que a rodeava. Algumas pessoas passeavam pelas ruas com cestos e ficaram a assistir, com grande curiosidade, o cuidadosa avanço de Tobias pelas ruas.

— Falta muito? — perguntou Iris, ansiosa.

— Não, é ali à frente, à esquerda, naquela porta amarela — disse Attie.

Iris avistou-a — uma casa de dois andares com uma chaminé de pedra e portadas azuis, quase devorada pela hera — e quando Tobias abrandou a marcha do roadster, reparou que alguém estava à sua espera no pátio da frente. Uma mulher com longos cabelos pretos, um sorriso que lhe enrugava os olhos e o vestido vermelho a contrastar com a pele morena.

— *Marisol!* — gritou Iris, levantando-se no carro para acenar.

Marisol acenou-lhe também e abriu o portão do pátio, avançando para a rua com um sorriso. Assim que Tobias desligou o motor, Iris lançou-se do carro. Percorreu a curta distância até ao abraço de boas-vindas de Marisol. Quase parecia que tudo — o céu, o chão, a rotina diária — estava prestes a desmoronar-se outra vez, e Iris precisava de

algo firme a que se agarrar.

Na última vez que te vi, o mundo estava a arder, pensou Iris, fechando os olhos quando uma onda inesperada de emoção lhe atingiu o peito. Não tinha chorado muito nas últimas semanas. Na verdade, pensava que tinha recuperado da maior parte do trauma que tinha vivido, permitindo que se dissipasse. Mas talvez apenas o tivesse enterrado. Talvez o tivesse relegado para lugares escuros e esquecidos e ele tivesse criado raízes enquanto ela dormia.

De início, Iris alarmou-se ao senti-lo ressurgir.

Começou a afastar-se, mas Marisol agarrou-a com mais força. Attie juntou-se a elas num abraço a triplicar. Iris fungou e levantou a cabeça, tentando esconder a emoção, até ver que Marisol também tinha lágrimas nos olhos.

— As minhas meninas... é tão bom ver-vos! E sabem o que vem mesmo a calhar? Chocolate quente e um biscoito.

— Só sonhava com isso desde que cheguei a Oath — disse Attie. — Nenhum café consegue fazer chocolate quente como o seu, Marisol. Ou biscoitos.

— Não me digas. — Marisol parecia chocada enquanto conduzia as raparigas para o pátio da frente. Fez uma pausa dois passos à frente para dizer — E é bom ver-te de novo, Tobias! Gostaríamos muito que te juntasses a nós para uma caneca de chocolate quente.

Tobias estava ocupado a descarregar as malas delas. Mas acenou com a cabeça, com um dos cantos da boca revirado num meio sorriso.

— Com todo o gosto, Mrs. Torres. Assim que arrumar o carro. A tempestade vem aí.

— Claro — concordou Marisol. O ar cheirava a chuva distante e o vento começava a assobiar pelas ruas estreitas, agitando os fiapos de cabelo de zibelina da sua testa. — A porta da rua fica aberta, e tens um lugar à mesa à tua espera.

— Oh! — conseguiu Iris finalmente verbalizar. — A minha bagagem.

— Não se preocupe, Miss Winnow — disse Tobias, com os olhos concentrados na sua tarefa, enquanto tirava um oleado da bagageira. — Eu trato disso. E da sua bagagem também, Miss Attwood.

— Obrigada — disse Attie. — Mas, caso não tenhas reparado... chamo-me Attie. Trata-me por tu.

Tobias fechou a porta da bagageira e levantou os olhos brilhantes.

— Muito bem, Attie.

Enquanto ele voltava à tarefa de cobrir o habitáculo com o oleado, Marisol encaminhou Attie e Iris por um carreiro de tijolos.

— Venham — disse-lhes, com o olhar radiante de entusiasmo. — Vou apresentar-vos a minha irmã Lucy.

A LAVANDARIA DAS ALMAS ANTIGAS

Iris estava de pé na lavandaria da casa de Lucy, com o estojo da máquina de escrever na mão. Era uma divisão pequena, com uma única janela, mas tinha espaço para uma tina de madeira e uma torneira de poço. Havia uma corda pendurada de uma parede à outra, com roupa estendida, e frascos com detergente granulado nas prateleiras. Mas sobretudo havia um roupeiro. Alto, feito de carvalho, e muito modesto.

Era o único roupeiro da casa, o que significava que aquele seria o local de trabalho de Iris.

Sentou-se no chão de tijoleira e abriu o estojo. Respeitando rituais já antigos, colocou a máquina de escrever diante dos joelhos e da porta do roupeiro, e esperou.

Mais uma vez, nada aconteceu.

Não chegou nenhuma carta nova. Nenhuma carta foi devolvida.

Talvez tudo isto tenha sido em vão. Talvez já não haja magia entre nós.

Iris estremeceu ao pegar nas folhas de papel que trazia no estojo. Passou a folha em branco para a máquina de escrever, com os dedos a acariciar as teclas.

Querido Kitt

Observou aquelas palavras familiares a percorrerem a página, mas depois parou. *Ele não se vai lembrar de ti.* As palavras de Forest ecoavam dentro dela. Prosseguiu num ato de contestação:

Estás a salvo? Estás bem? Não consigo parar de pensar em ti. Não consigo parar de me preocupar contigo.

Por favor, escreve-me, quando puderes.

Iris ficou a olhar para as suas palavras durante longos instantes antes de as arrancar da máquina de escrever.

Não posso enviar isto, pensou, mordendo o lábio até doer. *Não posso pô-lo em risco.*

Esfregou a dor que sentia no peito antes de amarrotar o papel e de o atirar para o caixote do lixo.

*

Roman estava no quarto do piso de cima de uma casa de campo, a olhar pela janela enquanto a noite escorria pelo céu como tinta. Era ali que iam passar a noite, numa casa de pedra com um telhado de colmo e chão enviesado, com um celeiro e barracões espalhados pelo pátio lamacento. Um ponto de passagem para o próximo destino, e um local abandonado há pouco tempo pelos seus inquilinos.

Um dos pelotões tinha encontrado conservas e carne fumada na cave. Os soldados tinham passado pela cozinha, jubilosos e famintos de beterrabas, cebolas e carne de porco em conserva, e agora estavam acampados no pátio com tendas improvisadas e fogueiras. Até Roman tinha devorado a comida que lhe tinham posto no prato; já há algum tempo que não acalmava completamente a dor de estômago que o atormentava.

Afastou-se da janela e observou o quarto que Dacre lhe tinha destinado para passar a noite. Devia ter sido o quarto da filha do agricultor. As paredes estavam revestidas a papel de parede florido e havia uma vasta coleção de livros de poesia por cima da lareira. O roupeiro estava repleto de vestidos e blusas em tons pastel, e Roman examinou as peças, incapaz de perceber a tristeza que tomou conta de si.

O que tinha acontecido a estas pessoas? Para onde tinham ido?

Pensou na carta, guardada no seu bolso como um segredo.

Roman leu novamente as três perguntas estranhas antes de pousar o papel na secretária do quarto. A máquina de escrever aguardava-o em cima da madeira, com as teclas a brilharem à luz das velas. Quando o brilho das primeiras estrelas refulgiu no crepúsculo, começou a escrever.

Sabia bem escrever a alguém, mesmo que a pessoa não tivesse nome. E ele queria respostas. Era mais sensato ele recolher informações que fossem úteis para Dacre antes de partilhar com o deus aquela carta misteriosa. Roman ficou satisfeito por ter confiado na sua intuição para *esperar*.

Quando terminou, retirou o papel e sentiu um formigueiro a percorrer-lhe o braço. Aquilo parecia uma recordação. Algo que já tinha feito, vezes sem conta. Era reconfortante, e Roman entregou-se àqueles gestos antigos.

Sem pensar, dobrou o papel e enfiou a carta por baixo da porta do roupeiro.

*

O jantar em casa de Lucy era um acontecimento singular. Os círios da cozinha estavam acesos, e a luz dourada dançava sobre a porcelana desirmanada e os copos de vidro verde. O som ténue da música era projetado do rádio sobre a bancada, embora as notas fossem ocasionalmente manchadas pela estática. Marisol apanhou rosas frescas do jardim, as primeiras flores da estação, e colocou-as em velhas latas de metal ao longo da mesa. Foram passadas tigelas com comida, e Iris encheu o prato com carne frita, feijão verde enlatado no último verão, pêssegos e figos em conserva, batatas assadas com doses generosas de manteiga e pão de massa lêveda.

Lucy, que Iris depressa descobriu ser o oposto de Marisol, serviu leite nas taças de todos os convivas antes de se sentar à cabeceira da mesa. Era alta, de cabelos loiros, pele sardenta e perspicazes olhos cinzentos. Parecia estar sempre a franzir o sobrolho, mas Marisol já a tinha avisado que a irmã era reservada e desconfiada em relação a estranhos. Receber uma chávena de chá das suas mãos era sinal de que se tinha conquistado a sua amizade e respeito.

— Adoro esta música — disse Attie, inclinando a cabeça para o rádio.

Era uma música melancólica, ainda mais porque partes tinham sido cortadas. Iris só o notava porque já escutara a versão original. Os instrumentos de corda tinham sido retirados devido à recente proibição. A lei tinha sido a forma que o chanceler encontrara para limitar as capacidades mágicas de Enva e da sua harpa, mas Iris viu na decisão uma restrição baseada no medo. Medo de perder o controlo e o poder. Medo de ver a verdade sobre a guerra e o que estava para vir espalhar-se por Oath.

— G.W. Winters — esclareceu Lucy, enquanto alisava o guardanapo. — Uma das maiores compositoras do nosso tempo.

— Conhece-a? — perguntou Attie.

— Conheço. Assisti a alguns dos seus concertos quando vivia em Oath. A Marisol ainda chegou a ir comigo.

— Foi uma noite *inesquecível* — assentiu Marisol. — Tudo o que podia ter corrido mal, correu mesmo.

— Exceto a música — contrapôs Lucy.

— Temos sorte em estar vivas.

— Estás a ser um pouco melodramática, não, maninha?

Marisol olhou para ela, mas não conseguiu manter a fachada durante muito tempo. Os seus lábios traíram-na com um sorriso, e depois riu-se.

— Acho que é uma história que merece ser partilhada — disse Iris, olhando de relance entre as irmãs.

— Só se for eu a contar. — Lucy ergueu a sua taça de leite.

— Como queiras — suspirou Marisol, mas parecia divertida. — No entanto, tenho direito a duas interjeições.

— Combinado.

A sua brincadeira foi interrompida por três assustadores sinais sonoros no rádio.

Iris virou-se para ele, e um silêncio sepulcral instalou-se na mesa.

— Interrompemos a emissão desta noite para partilhar uma mensagem importante do chanceler Verlice — anunciou uma voz monótona através do altifalante. — Todos os visitantes de Oath devem registar a sua presença na cidade, bem como a dos seus familiares, junto do Ministério das Comunidades. Deverão apresentar um documento de identificação e comparecer juntamente com todos os familiares, a fim de serem fotografados para registo. Agradecemos a vossa atenção e cooperação. Retomamos agora a nossa emissão.

A música começou — instrumentos de sopro, metais e percussão — mas ninguém se mexeu. Iris exalou um suspiro trémulo, sem apetite. Olhou em volta da mesa, reparando no sulco profundo que estava gravado na testa de Lucy, na postura tensa dos ombros de Marisol. Attie parecia preocupada, e Tobias estava carrancudo.

— Por visitantes eles querem dizer refugiados — disse Marisol. — Pessoas que fugiram para escapar à guerra.

— Têm chegado muitos refugiados a River Down? — perguntou Iris.

— Na última semana chegaram algumas famílias — respondeu Lucy. — Imagino que esse número vai aumentar quando Dacre começar a marchar. Estamos preparados para ajudar, alojar e alimentar o máximo de pessoas que pudermos.

— Segundo as últimas notícias Dacre está em Avalon Bluff — disse Attie. — Como uma galinha no choco. À espera sabe-se lá de quê.

— A Keegan escreveu-me há pouco tempo — disse Marisol. — Contou-me que as forças de Enva bateram em retirada para Hawk Shire, mas que espera que em breve marchem mais para leste. Os batedores informaram que Dacre já recuperou soldados suficientes para poder voltar a atacar. Disse ainda que devo estar preparada para que as coisas mudem rapidamente, mesmo aqui, na zona leste. Não creio que devam referir isto nos vossos artigos, Iris e Attie, e não quero assustar-vos, mas a Keegan disse que acha que as suas forças não conseguirão rechaçar Dacre se ele avançar em força para Oath. O seu exército cresceu consideravelmente, e ele tem conseguido tomar as vilas dos distritos com uma facilidade terrível.

Iris olhou para Attie em silêncio.

— Até onde é que a Helena disse que podiam ir? — perguntou Lucy.

Quando as raparigas hesitaram, Tobias respondeu:

— Ela pediu-me que não as levasse mais longe do que Winthrop.

— *Winthrop!* — gritou Marisol. — Isso é demasiado perto da linha da frente, sobretudo se acontecer alguma coisa de repente. Winthrop fica a um passo de Hawk Shire.

— Mari — interveio Lucy.

— Não, Luce! Tenho poucas e boas para dizer à Helena, e desta vez não me vou calar, como já fiz tantas vezes!

Marisol levantou-se e saiu da cozinha, para grande choque de Iris. Parecia que tinha uma pedra no estômago, a pesar-lhe, quando ouviu Marisol a chorar no corredor.

— Será que eu... será que nós...? — Iris não conseguiu encontrar as palavras, tal era a dor que sentia no peito. Lucy abanou a cabeça.

— A minha irmã adora-vos. É difícil para ela reconhecer que vocês vão entrar na luta.

— E está preocupada com a segurança da Keegan — acrescentou Attie.

— Ela está *muito* preocupada com a mulher. — Lucy saiu da cozinha para consolar Marisol.

Iris estava entretida a enrolar a borda do guardanapo, mas acabou por olhar para cima quando Attie se levantou e desligou o rádio.

— Querem que vos leve para casa? — perguntou Tobias. — Só têm de dizer.

Iris olhou para ele, mas os seus olhos castanhos estavam focados em Attie.

— É muito simpático da tua parte, Bexley — disse Attie, encostando-se à bancada —, mas quero continuar, tal como me comprometi a fazer.

— Eu também — reforçou Iris.

Tobias acenou com a cabeça, mas a sua expressão denotava gravidade.

— Nesse caso, temos de discutir os nossos planos.

— Planos? — Attie franziu o sobrolho. — Como assim?

— Se me acontecer alguma coisa enquanto estiver a entregar os vossos artigos, ficarão retidas na vila. E não podem sair daqui, a menos que haja uma evacuação de emergência. Se assim for, apanhem a primeira boleia que conseguirem para Oath.

— O que é que te pode acontecer na estrada? — perguntou Attie.

— Tudo, na verdade. Pneus furados, motor avariado, estradas intransitáveis.

— Pensei que não tivesses medo desse tipo de coisas.

— E não tenho — disse ele. — Mas ficarei preocupado convosco. O

que estou a tentar dizer é... não entrem em pânico se eu não regressar a tempo. É extremamente improvável, porque nada é mais importante para mim do que as missões. Mas não quero que fiquem à minha espera se surgir uma situação que exija a vossa retirada imediata. Tem sido uma viagem sem problemas até agora, mas não sei o que esperar para além de River Down. Estamos todos de acordo?

— Sim — disse Iris, com o coração a bater forte só de pensar em ser retirada sem Tobias.

O sulco na testa do estafeta atenuou-se, mas depois ele percebeu que Attie ainda não tinha respondido.

— Miss Attwood? — perguntou.

Attie estava a olhar pela janela, para a chuva que escorria pelas vidraças.

— Claro que concordo — disse ela, encarando-o. — Só espero nunca chegar a esse ponto.

R.

Iris deixou Attie e Tobias na cozinha com café acabado de fazer e voltou para a lavandaria. Estava preparada para trabalhar noite fora e ficou surpreendida ao descobrir que alguém tinha colocado uma almofada no chão ao lado da máquina de escrever, assim como um cobertor macio. Havia também três velas e uma caixa de fósforos, para que ela pudesse trabalhar à luz da vela e não da lâmpada do teto.

Devia ter sido ideia de Marisol, e Iris sorriu quando se sentou na almofada. Riscou um fósforo e acendeu as velas. Foi então que reparou.

Ali, no chão, diante do roupeiro, estava uma folha de papel dobrada.

Alguém lhe tinha finalmente escrito de volta.

Iris olhou fixamente para a folha até ficar com a visão turva. Apagou o fósforo e rastejou até ao roupeiro. Sentiu-se tonta quando pegou no papel e voltou a sentar-se na almofada.

Ficou a olhar para a página dobrada. Teria certamente palavras, embora parecessem escassas. Iris distinguia-as, uma cadeia de pensamentos obscuros.

Aquilo podia não mudar nada, ou podia mudar tudo.

Engoliu em seco e abriu a carta.

Quem és tu? Que magia é esta?

Iris fechou os olhos, e a concisão atingiu-a como um punho cerrado. Se eram palavras de Roman, então ele não se lembrava dela. Pensar nisso fê-la sustar a respiração. Mas antes de fazer fosse o que fosse, precisava de ter a certeza de que era ele. Tinha de ser inteligente.

Iris escreveu e enviou:

A tua máquina de escrever. Deve haver uma placa

prateada aparafusada no interior da estrutura inferior. Podes dizer-me o que está lá escrito?

Enquanto aguardava a resposta, começou a andar de um lado para o outro, com cuidado para não tocar na roupa estendida. Era possível que ele não escrevesse de volta, mas se ela bem conhecia Roman... ele gostava de um desafio. E tinha uma mente curiosa. A sua resposta chegou um minuto depois:

A TERCEIRA ALOUETTE / FEITA PARA D.E.W.

Devo partir do princípio que és D.E.W.? Porque eu é que não sou.

P.S. Ainda não respondeste às minhas perguntas.

Iris passou os dedos pelo arco dos seus lábios enquanto lia a carta dele. *É estranho que ele tenha a minha máquina de escrever*, pensou, mas um calor reconfortante espalhou-se pelo seu peito. Tinha estado preocupada com o facto de a máquina de escrever da avó se ter perdido, o que a entristecia imenso. A Terceira Alouette fazia parte da sua infância, era o seu legado. Tinha escrito tantas palavras com aquelas barras e teclas.

Mas imaginar Roman a escrever nela agora, mantendo algo de seu por perto, fez com que a esperança se reacendesse no seu peito.

— Sempre gostaste dos «P.S.», não é, Kitt? — sussurrou. E então percebeu.

Era de facto Roman, e ele não se lembrava dela.

A constatação foi como se uma faca se cravasse no seu flanco. Deitou-se no chão, com a face colada à tijoleira. A carta de Roman continuava presa nos seus dedos, enrugada sob o peso do seu corpo.

O Forest tinha razão.

Iris interiorizou a gravidade daquela afirmação; permitiu-se sentir a dor e a angústia, em vez de as guardar para outro dia. Não havia problema em sentir tristeza, raiva. Era normal que ela chorasse, de tristeza, de alívio. Quando conseguiu levantar-se, releu a carta de Roman.

Ele ainda não se lembrava dela, mas haveria de se lembrar. Em breve. As recordações voltariam a surgir, assim como as de Forest haviam ressurgido.

O mais importante era que Roman estava a escrever-lhe outra vez. Ela tinha uma forma de comunicar com ele.

Dacre acreditava que estava em vantagem, que estava a preparar Roman para ser o seu correspondente obediente. Mas mal sabia o deus

que não era a única fonte de magia.

— Vais arrepender-te de mo teres roubado — sussurrou entre dentes, colocando uma folha de papel na máquina de escrever.

Com as pontas dos dedos nas teclas, pensou que estava pronta para responder a Roman, mas hesitou.

Por mais que desejasse, não podia dizer-lhe diretamente quem era. Não podia correr o risco de que ele entrasse em pânico ou se sentisse tão assoberbado que deixasse de escrever ou, pior ainda, que Dacre interferisse. Também precisava de proteger a sua própria identidade.

Teria de ser uma experiência gradual. Não podia precipitar-se. Escreveu:

Não sou D.E.W., nem sou uma deusa que possui o encanto de enviar cartas a alguém que não as quer ler. O mérito é todo das portas do roupeiro. Mas conheço a história em que tocas: a Terceira Alouette foi construída com magia, ligada a duas outras máquinas de escrever. Uma era a Primeira, que agora é minha, e a outra era a Segunda, que presumo esteja perdida.

Enquanto tiveres uma porta de roupeiro por perto e a Terceira Alouette na tua posse, as tuas cartas poderão chegar até mim, mesmo que estejamos muito distantes. Mas imagino que estejas ocupado, muito provavelmente com os esforços de guerra. E quem é que tem tempo para escrever cartas a desconhecidos nos dias que correm?

P.S. Julgo lembrar-me que tu ainda não respondeste às minhas três perguntas!

Iris enviou a carta. Esperou com impaciência, enquanto os minutos passavam à medida que a noite avançava. De repente, sentiu-se exausta e exalou um suspiro, preparando-se para trabalhar no seu artigo. Mas, de repente, o papel surgiu no chão com um sussurro.

Roman respondeu com:

Percebo que fui rude. Perdoa-me. Hoje em dia, todo o cuidado é pouco quando se trata de saber em quem podemos confiar, e a tua carta de hoje de manhã deixou-me estarrecido.

Infelizmente, não tenho respostas para as tuas

três perguntas, por isso acho que chumbei no teu teste. Ou então fiz-te perceber que não estás a escrever à pessoa que esperavas, porque a Terceira Alouette acabou de chegar à minha posse e não sei quem tomou conta dela antes de mim. Peço-te desculpa por isso, mas prometo guardá-la com cuidado.

Tudo isto para dizer que agradeço teres partilhado os teus conhecimentos sobre as máquinas de escrever. Podes não ser uma deusa, mas eu também não sou um deus. Apesar das nossas vidas mundanas, talvez possamos criar a nossa própria magia através das palavras.

Além disso, nunca disse que não queria ler as tuas cartas, pois não?

— R.

P.S. Se vamos continuar a corresponder-nos, como devo tratar-te?

Iris levantou-se e fez uma pausa para se recompor. Roeu uma unha encravada, tentando dar sentido ao turbilhão de emoções, palavras e pensamentos. Por fim, não conseguiu esperar nem mais um segundo e sentou-se na almofada. Um relâmpago iluminou a divisão; lá fora ribombou um trovão que fez tremer as paredes.

Seria demasiado cedo para dizer o seu nome? Mesmo que desejasse fazê-lo?

E se as suas cartas fossem confiscadas? Estaria a colocar a própria vida em risco se escrevesse *Iris*? Eram apenas quatro letras e, no entanto, pareciam demasiado perigosas para serem gravadas no papel.

Sê cautelosa. Vai devagar.

Iris enviou uma resposta antes de ter tempo de se arrepender e voltar atrás.

Querido R.,

Fica descansado, não chumbaste num teste. Eu também sou cuidadosa quando se trata de confiança. Mas tenho de me lembrar que, às vezes, escrevemos para nós próprios e, outras vezes, escrevemos para os outros. E, por vezes, essas linhas esbatem-se quando menos esperamos. Sempre que isso aconteceu no meu passado... lembro-me que isso só contribuiu para me tornar mais forte.

P.S. Podes tratar-me por Elizabeth.

PARTE DOIS

A ATRAÇÃO DA CHAMA

Um Rouxinol Cativo

O sol brilhava e a chuva da noite anterior cintilava nas poças pouco profundas quando Tobias se afastou de River Down. Levava consigo os artigos de Iris e Attie para Helena, assim como correio da vila para ser entregue em Oath.

— Volto daqui a umas horas — dissera ele ao portão do pátio, com o seu roadster polido e pronto para a missão. — Seguimos para Bitteryne amanhã bem cedo.

Iris acenou com a cabeça. Attie disse apenas:

— As estradas lamacentas não te vão atrasar? Ontem choveu muito, caso te tenhas esquecido.

— Não me esqueço de nada — retrucou ele, abrindo a porta do condutor. — E não, as estradas não me vão atrasar.

As jovens ficaram a vê-lo partir, com o som familiar do motor a desaparecer na bruma da manhã. Iris olhou de soslaio para Attie.

— Estás com medo que ele fique retido?

— Não. Estou com medo que *nós* fiquemos retidas se ele não conseguir regressar. — Mas Attie continuava a olhar para a estrada, agarrada aos arabescos do portão de ferro. — Vou dar uma volta.

Iris ficou no pátio até Attie desaparecer de vista. Só depois se virou para a casa, em busca de Marisol. Foi dar com ela nas traseiras, ajoelhada no quintal, com um livro de bolso aberto no colo.

— Os canteiros estão lindos — constatou Iris.

Marisol olhou para cima com um sorriso. Mas os olhos estavam raiados de sangue, como se não tivesse dormido nada. Tinha prendido o cabelo escuro num coque entrançado e vestia umas jardineiras sujas de terra.

— Sim, a Lucy é uma jardineira de mão cheia. Herdou as aptidões da nossa tia. — Marisol voltou a concentrar-se no livro, com as pontas dos dedos a traçar a ilustração de um pássaro desenhado na página. — Estou a tentar identificar a ave canora que está nos arbustos. Consegues ouvi-la? — Iris pôs-se de joelhos, à escuta. Por cima do barulho de uma carroça que passava na rua e das crianças que

gritavam umas para as outras, conseguiu ouvir o canto de um pássaro. Era sonoro e melódico, cheio de trinados e gorjeios. — Está mesmo ali, no arbusto.

Iris descobriu-o pouco depois. Um pequeno pássaro de penas castanhas e macias estava empoleirado nos arbustos ao fundo do jardim.

— Nunca ouvi um cântico assim. — Iris estava fascinada a observá-lo. — Que pássaro é?

— Um rouxinol — respondeu Marisol. — Há muito tempo que não via nem ouvia um, mas quando era mais nova lembro-me que apareciam todas as primaveras em Avalon Bluff. Dormia muitas vezes com as janelas abertas à noite só para os escutar. Adormecia ao som das suas melodias e chegava a sonhar com eles. — Fechou o livro devagar, como se estivesse perdida na memória. Mas depois acrescentou — Há uns anos, fizeram um estudo sobre os rouxinóis e apanharam uns quantos que foram colocados em cativeiro.

— Porquê? — perguntou Iris.

— Queriam comercializar os pássaros e estudar os seus cantos. A maioria dos rouxinóis morreu, mas os que sobreviveram até ao outono... acabaram por se matar a tentar fugir, lançando-se contra as gaiolas que os prendiam. Sentiam a necessidade de migrar e não conseguiam.

Iris observou o rouxinol no arbusto. O pássaro tinha ficado em silêncio, inclinando a cabeça para o lado, como se também estivesse a ouvir a história de Marisol. Mas depois bateu as asas e voou para longe, e o jardim ficou silencioso e triste sem o seu canto.

— Tenho de te pedir desculpa — disse Marisol, para surpresa de Iris. — Pela forma como me portei ontem à noite. O tempo que vamos ter juntas já é curto, e sinto que estraguei tudo.

— *Marisol* — sussurrou Iris, com um nó na garganta. Estendeu a mão para lhe tocar suavemente no braço.

— Mas esta manhã acordei e ouvi o rouxinol a cantar no jardim e lembrei-me da história da minha tia sobre os pássaros em cativeiro — continuou Marisol. — Lembrei-me que não posso prender aqueles que amo numa gaiola, mesmo que seja para os proteger. — Exalou, como se lhe tivessem tirado um peso de cima. E depois estendeu o livro a Iris. Era pequeno, com as páginas amareladas pelo tempo. A capa verde tinha um pássaro gravado em relevo. — Quero que fiques com isto, Iris.

— Não posso aceitar — protestou Iris, mas Marisol colocou-o firmemente nas suas mãos.

— Quero dar-to — insistiu. — Quando seculares para oeste e encontras novas vilas e histórias, talvez ainda tenhas momentos de descanso em que possas sentar-te e observar os pássaros. Quando o

fizeres, quero que penses em mim e saibas que estarei a rezar por ti, pela Attie, pelo Tobias e pelo Roman, todas as manhãs e todas as noites.

Iris pestanejou para não chorar. Era apenas um livro, mas parecia muito mais do que um objeto de couro, papel e tinta. Parecia ser algo capaz de a sustentar nos dias vindouros, algo que a protegeria e a encorajaria a seguir *em frente*. Passou os dedos pelo pássaro da capa antes de olhar para cima e encarar Marisol.

— Fá-lo-ei. Obrigada.

Marisol voltou a sorrir.

— Muito bem. Porque não me ajudas a preparar uns cestos de boas-vindas para os nossos novos hóspedes em River Down? Gostava que os conhecesses.

Iris acenou com a cabeça e levantou-se, sacudindo a terra húmida dos joelhos. Mas sentiu uma sombra a pairar sobre ela, e fez uma pausa, observando dois abutres que pousaram no telhado da casa ao lado e abriram as asas, com as penas escuras a brilhar ao sol.

Com um arrepio, Iris segurou o livro junto ao coração e seguiu Marisol para dentro de casa.

Querida Elizabeth,

Esta noite, não consigo dormir, e por isso dou por mim a escrever-te outra vez. Não consegues ver-me, mas estou sentado a uma secretária diante de uma janela, a olhar para a escuridão, e estou a tentar imaginar-te.

Não faço ideia de como és, nem onde vives, nem como é a tua voz. Não sei a tua idade, nem a tua história. Não conheço os acontecimentos que viveste, os momentos que te moldaram até seres a pessoa que és agora.

Não sei de que lado da guerra estás.

Sei que não tenho de saber estas coisas. Talvez não devesse contar-me. Mas acho que gostaria de saber algo sobre ti que mais ninguém saiba.

— R.

Querido R.,

Receio não ter muitos atrativos neste momento, mas para que tenhas uma ideia, posso dizer-te que estou sentada no chão de uma lavandaria enquanto escrevo, com camisas e vestidos estendidos como companhia. O meu cabelo é comprido, está entrançado e bastante desalinhado, e tenho ao meu

lado um livro sobre as muitas aves de Cambria.

Hoje aprendi que os abutres acasalam para toda a vida. Sabias disso? Sinceramente, nunca liguei muito a pássaros, mas talvez isso se deva ao facto de ter crescido na cidade, rodeada de tijolos e pedras da calçada. Também aprendi que um rouxinol pode cantar mais de mil canções diferentes, que um albatroz dorme em pleno voo e que os pardais machos são responsáveis pela construção do ninho.

Eis uma coisa que mais ninguém sabe sobre mim, porque acabou de acontecer: gostava de um dia ser capaz de identificar um pássaro pelo canto.

Esta noite, deixei a janela aberta, na esperança de ouvir algo familiar, ou até mesmo inesperado. Um canto que me faça lembrar que, mesmo quando me sinto perdida, os pássaros continuam a cantar, a lua continua a surgir, cheia ou minguante, e as estações continuam a suceder-se.

— Elizabeth

P.S. Um facto que a maioria das pessoas sabe: tenho 18 anos, mas sempre tive uma alma antiga.

P.P.S. Conta-me um facto sobre ti. Pode ser algo que toda a gente saiba ou algo que ninguém saiba.

Roman não respondeu a Elizabeth.

O que poderia contar-lhe? Que não se lembrava do seu passado?

Irritado, abriu a janela do quarto. Ainda estavam acampados na casa de quinta abandonada, o que o deixava inquieto. Mas assim que respirou o ar fresco da noite, húmido da chuva da primavera, a tensão no seu corpo desapareceu.

Com um suspiro, descalçou as botas e deitou-se. Apagou a vela e, enquanto a noite o abraçava, pôs-se à escuta.

Para lá da janela aberta, ouviu o som dos grilos e o restolhar das folhas ao vento. Ao longe, as vozes dos soldados que saíam das suas tendas. Mas por trás de todos estes sons estava o canto assombroso de uma coruja.

Roman adormeceu.

Os seus sonhos eram nítidos, vívidos.

Estava sentado a uma secretária com uma máquina de escrever. Havia dicionários e glossários alinhados à sua frente. Uma lata com lápis, um bloco de notas e uma pilha de obituários junto ao seu cotovelo. A sala ampla cheirava a fumo de cigarro e a chá preto forte; o matraquear das teclas e o tinir das máquinas de escrever tornavam o ar metálico, à medida que iam surgindo novos parágrafos ininterruptamente.

Ele estava no *Oath Gazette*. E quase sentia que aquele era o seu lar, mais do que a mansão na colina com que ainda sonhava.

— Kitt? Vem ao meu gabinete, já — ordenou Zeb Autry ao passar pela secretária de Roman, que pegou no bloco de notas e seguiu o chefe. Fechou a porta atrás de si e, ansioso, sentou-se à frente de Zeb.

— Senhor?

— Queria avisar-te — começou Zeb, pegando na garrafa de uísque que estava em cima da sua secretária e brilhava com a inclinação do sol da manhã. — Vai chegar uma rapariga nova. Ela vai dividir os obituários, os classificados e os anúncios contigo.

— Uma *rapariga*? — repetiu Roman.

— Não fiques tão surpreendido. Li um texto dela e percebi que não podia deixá-la escapar. Quero ver como se sai aqui.

— Isso significa que já não vou ficar com o cargo de colunista que me ofereceu?

Zeb ficou em silêncio por instantes, com a boca franzida.

— Significa que vocês os dois vão competir por ele. O desafio vai ser bom para ti, Kitt. — Roman depreendeu daquelas palavras que, até então, *tudo lhe tinha sido dado de bandeja*. Sentiu a cara a ruborizar e a garganta irritada. Mas acenou com a cabeça, com o maxilar cerrado. — Não fiques assim, homem! — disse-lhe o chefe, entre risos. — Ela nem acabou os estudos na Windy Grove. É provável que sejas tu a ficar com a promoção.

Se ela tinha frequentado a escola de Windy Grove, então morava numa zona da cidade onde Roman raramente se aventurava. Não sabia se isso o deveria aliviar ou preocupar. Fosse quem fosse, teria um ponto de vista diferente das coisas. A sua escrita podia ser sofrível ou cativante, mas, acima de tudo, Roman não queria ter de competir por algo de que precisava.

— Quando é que ela começa? — perguntou.

— Hoje mesmo. Deve estar a chegar.

Maravilha, pensou Roman, com desânimo. Embora talvez fosse melhor assim.

Podia despachar a tortura o mais depressa possível.

Nas horas seguintes, manteve a sua atenção dividida entre os obituários e as portas de vidro do *Gazette*, à espera que aparecesse o enigma que poderia estragar tudo. Ao meio-dia em ponto, ela surgiu,

como por encanto.

Era pequena e pálida, com um rosto em forma de coração. Tinha sardas no nariz e os olhos arregalados, enquanto observava o novo ambiente. O cabelo castanho estava apanhado atrás num coque e usava uma gabardina puída que parecia engoli-la, atada à cintura. Estava a estalar os dedos quando Sarah Prindle lhe deu as boas-vindas.

— Anda, vou apresentar-te a toda a gente! — disse Sarah, tomando-a pelo braço enquanto acompanhava o pior pesadelo de Roman pelo *Gazette*.

Levantou-se da secretária e dirigiu-se à bancada, para se servir de uma chávena de chá e continuar a ver a nova rapariga a conhecer os editores, os assistentes, Zeb. A única pessoa cuja mão ela ainda não tinha apertado era a dele.

Não podia evitá-la para sempre. Sarah já lhe lançara alguns olhares de soslaio enquanto instalava a rapariga na sua nova secretária — a apenas duas mesas da sua — e Roman abafou um gemido.

Pousou a chávena de chá e foi ao encontro dela.

Estava a passar os dedos pelas teclas da máquina de escrever, sem ter despido aquela gabardina horrível, apesar de os sapatos de saltos altos lhe darem alguma imponentia. Deve tê-lo pressentido a chegar, como uma tempestade que se forma no horizonte. Ou talvez tenha sentido o seu olhar gélido. Olhou para cima e encarou-o, avaliando-o de alto a baixo antes de sorrir.

— Olá, sou a Iris — anunciou ela, animada, enquanto lhe estendia a mão. — Iris Winnow.

Que raio de nome é esse?, resmungou para si mesmo, enquanto o imaginava como uma assinatura. Era um bom nome, que se sentiu tentado a pronunciar, mas conteve-se.

— Chamo-me Roman Kitt — disse ele, num tom seco. — Bem-vinda ao *Gazette*.

A mão dela ainda estava entre eles, à espera da sua. Seria rude da parte dele ignorá-la. Na verdade, já era rude tê-la deixado pendurada durante tanto tempo. Com relutância, tomou-lhe a mão e ficou imediatamente surpreendido com a firmeza com que ela agarrava a sua. Aquele toque causou um choque que lhe percorreu o braço.

Roman acordou esbaforido.

JÁ VISTE PIOR DO QUE ISTO

— **T**ens estado muito calado — disse Dacre.

Roman desviou a atenção da janela suja do camião. As tropas tinham deixado finalmente a quinta deprimente e avançavam agora para leste por uma estrada sinuosa.

— Desculpe, senhor. Tenho estado a apreciar as mudanças na paisagem.

Dacre estava sentado no banco ao lado dele, olhando atentamente para ele.

— As tuas antigas feridas estão a doer?

A pergunta foi tão inesperada que Roman ficou boquiaberto por instantes. Dacre não o tinha sarado? Porque haveria a dor de voltar?

— Não — disse Roman, mas passou as pontas dos dedos pelas cicatrizes do joelho, ocultas pelo macacão. — Sinto-me muito bem, senhor.

— Se isso acontecer, diz-me. Por vezes, as feridas são mais profundas do que penso, e não tenho outra opção senão voltar a sará-las. — Dacre fez uma pausa, como se estivesse perdido em pensamentos, antes de perguntar — Sonhaste ontem à noite? Já há algum tempo que não partilhas um sonho comigo.

— Se sonhei, não me lembro. — A mentira saiu naturalmente, mas Roman sentiu a garganta a contrair-se. Não conseguia deixar de ver Iris Winnow a sorrir para ele. Porque continuava toda a gravidade a concentrar-se à volta dela, mesmo depois de se terem passado horas desde que sonhara com ela?

Passou o polegar pela palma da mão — ainda conseguia sentir o toque dela — e teve a certeza de que Iris era mais do que um sonho.

— Se pudesses ter qualquer magia dos deuses — perguntou Dacre —, que poder escolherias?

Roman foi novamente apanhado de surpresa pela pergunta de Dacre.

— Não sei. Nunca pensei nisso, senhor.

— Quando era mais novo, queria ter o poder do meu primo Mir. — A voz de Dacre adquiriu um tom profundo e envolvente ao recordar

uma época do seu passado com evidente ternura. — Mir era muito mais velho do que eu, e muito mais cruel. Nasceu com o poder das ilusões e deslocava-se como uma sombra, escapulindo de um sítio para o outro sem ninguém dar por isso. Reunia segredos de família como joias num cofre, e depois vagueava pelos céus para recolher o que podia dos Celestiais. Lembro-me de um dia em que ele regressou ao mundo subterrâneo com um aspeto vibrante e saudável, como se tivesse engolido todas as estrelas do céu. Contou-me que tinha adquirido outro poder. Um poder que lhe permitia ler a mente da pessoa em que tocasse. A partir daí, passei a evitá-lo, com medo do que ele poderia ler nos meus pensamentos, embora eu me tivesse limitado a invejá-lo.

Roman estudou o perfil bem definido de Dacre. A luz do sol iluminava a sua estranha beleza.

— Os deuses podem adquirir mais poderes? Pensei que já nasciam com a vossa magia, e que era isso que vos diferenciava de nós — disse Roman.

— Nascemos com a nossa própria magia, sim — respondeu Dacre. — Mas isso nunca nos impediu de querer mais e de encontrar formas de a obter.

Roman limpou as palmas das mãos nas coxas. Queria fazer mais perguntas, mas as palavras não saíam, e por isso pensou em Mir. Outra divindade que dormia numa sepultura a norte.

Passaram-se algumas horas de silêncio, com Roman a dormir entre sonos sem sonhos. Ficou contente quando chegaram ao destino.

A vila de Merrow era semelhante a Bluff, embora mais pequena, e composta por casas de colmo com portadas pintadas de cores vivas e jardins cobertos de vegetação. A única estrada empedrada era uma rua principal. Pomares de macieiras pontilhavam a paisagem, com as suas flores brancas a cair dos ramos sempre que o vento soprava.

Assim que o camião parou, Roman pegou na sua máquina de escrever e abriu a porta. Desceu com cuidado, atento à longa fila de camiões que chegavam à vila, e estudou o chalé mais próximo.

As janelas estavam cobertas de sombras, entrelaçadas com fios de aranha. Não havia fumo a sair das chaminés, nem crianças a correr pelas ruas. O mercado estava entaipado. Mesmo algumas das portas pareciam estar barricadas e inacessíveis.

— Onde está toda a gente? — perguntou, sem contar com uma resposta. Mas Dacre ouviu, tal como o soldado que conduzia o camião.

— Foram todos retirados para leste, graças às forças de Enva — respondeu Dacre, olhando para o capitão que se mantinha em sentido. — Montem uma vigia no perímetro. A tua companhia que escolha o melhor sítio para se alojar esta noite e vejam o que encontram nas caves para comer.

— Sim, senhor. — O capitão fez continência e começou a dar ordens.

A vila fervilhava como uma colmeia enquanto os soldados cumpriam as suas tarefas, e Roman estava a considerar dar uma volta sozinho, atraído pela paz tranquila do pomar, quando os tiros estalaram no ar.

A menos de três passos à sua frente, um soldado caiu por terra com um grito.

Roman sentiu o sangue a salpicar-lhe a cara e ficou paralisado, com o coração a bater-lhe forte no peito. Mais um trio de tiros — ensurdecedores e de fazer abanar os ossos. Mais dois soldados tombaram e, por entre o pânico e os gritos, Roman percebeu que as balas vinham de uma janela do segundo andar.

— *Vamos* — sibilou Dacre, agarrando o braço de Roman.

Uma saraivada de balas seguiu-os, passando por cima das suas cabeças e mordendo os seus calcanhares.

Os tiros eram destinados a Dacre, que se esquivou ao ataque sem esforço.

Roman tropeçou, mas conseguiu aguentar-se de pé. Deixou que Dacre o impelisse para a segurança de um lintel, fora da vista do atirador. Mas o sangue corria-lhe quente nas veias. Tremia, enquanto perscrutava as janelas superiores do outro lado da rua. Cada sombra parecia agora sinistra, um véu atrás do qual alguém se podia esconder.

— Quantos são, meu comandante? — Era outra vez o capitão, seguido pelo tenente Shane. Tinham as caras e as fardas manchadas de sangue, mas ambos pareciam ilesos quando se agacharam ao lado de Dacre e Roman, de armas em riste.

— Creio que é só um — respondeu Dacre. Parecia estranhamente calmo, quase divertido. — No andar de cima daquele edifício. Não o matem. Firam-no e tragam-no até mim.

O capitão levantou-se e fez sinal aos soldados que se abrigavam atrás de uma vedação do outro lado da estrada. Dispararam contra o atirador, numa manobra de distração que permitiu ao capitão e a Shane arranjamem maneira de entrar no piso inferior do chalé.

Roman encolheu-se, mas Dacre agarrou-lhe novamente no braço, mantendo-o de pé.

— Vem comigo — disse. — Temos de encontrar a porta.

No meio do caos, aquilo pareceu-lhe perfeitamente sensato. Roman assentiu, com o coração a pulsar-lhe na garganta enquanto lutava contra a vontade de fugir e de se esconder. Seguiu Dacre pelos caminhos de terra batida.

Acabaram por parar numa casa na esquina de uma rua. Havia líquenes espalhados pelo telhado, e o quintal parecia maior do que os outros, com lilases a florescer numa treliça.

— Sim, devia estar aqui — ponderou Dacre, mas olhava para cima, como se estivesse a medir o horizonte.

— O quê, senhor? — perguntou Roman, com a voz quebrantada por outra salva de tiros que se tornou audível. Olhou por cima do ombro, mas não conseguiu ver o chalé com o atirador. Só conseguiu ver os soldados de Dacre a abrigarem-se atrás de muros de pedra, a entrar e a sair de casas escuras, de armas em punho.

Uma explosão abalou a vila. Roman viu um clarão de luz e sentiu o chão a tremer debaixo das suas botas. O fumo elevava-se numa rua ali próximo, provocando uma torrente de gritos.

O som quase o fez cair de joelhos. Sentiu o sabor do sangue na boca. Sangue, sal e terra, mas quando tocou nos lábios, viu que estavam secos. Pensou se estaria a recordar fragmentos do seu passado, mas a tensão que no ar não lhe deu tempo para mais reflexões.

— Senhor? — disse. — Não seria melhor ir ajudá-los? — Dacre não respondeu. Abriu o portão do pátio e dirigiu-se à porta da rua, que se abriu com um rangido, expondo um interior sombrio. — *Comandante?* — A palavra foi arrancada ao peito de Roman. Percebeu que nunca tinha tratado Dacre por aquele título. — Não devíamos esperar? E se houver outro atirador, ou uma armadilha?

Dacre parou na soleira da porta para olhar para ele.

— Será preciso mais do que algumas balas mal direccionadas para me matar.

— Sim, mas o senhor é imortal. Eu não.

— Será que não? Caso te tenhas esquecido, estavas às portas da morte quando te encontrei. Comigo, estás a salvo.

Dacre baixou-se para transpor a porta da rua.

Roman hesitou até os sons dos tiros terem cessado. O silêncio que se seguiu era assustador e penetrou-lhe nos ossos como o gelo do inverno, deixando-o lento e desajeitado. Com um tremor Roman seguiu Dacre para dentro do chalé.

— Procura uma divisão com lareira. — A voz de Dacre surgiu das sombras.

— O quê? — perguntou Roman, ofegante, de pé no hall de entrada.

— As minhas portas gostam de estar perto do fogo e da pedra. Elas absorvem as cinzas e as brasas e toda a magia invisível de uma lareira. Ah, aqui está. A sala de estar.

Roman entrou na sala. Havia um tapete no chão, um sofá empoeirado e estantes com livros em volta da lareira. Dacre postou-se diante de uma porta alta de roupeiro, e esperou que Roman se juntasse a ele.

— Quero que abras esta porta — disse Dacre. — Diz-me o que vês.

Roman limitou-se a olhar para a porta, com a voz presa na garganta. Tinha as palmas das mãos húmidas. Sentiu o peso da máquina de escrever como se fosse uma mó. Será que Dacre sabia que ele estava a trocar correspondência através dos roupeiros?

Roman mordeu a parte interior da bochecha enquanto abria a porta do roupeiro.

— Só vejo casacos, senhor — disse, perante os contornos dos casacos de inverno. — E pacotes.

— Ótimo. Agora fecha a porta.

Roman deixou a porta fechar-se e preparou-se para se afastar, mas Dacre havia retirado a chave que trazia ao pescoço. O deus tinha dois fios pendurados por baixo da farda, um com a chave e outro com o que parecia ser uma pequena flauta de prata. Roman percebeu que era dali que vinha o tilintar que às vezes ouvia quando Dacre caminhava.

Observou Dacre a aproximar a chave do trinco de latão do roupeiro, introduzindo-a num buraco de fechadura que não estava lá antes. Desta vez, quando a porta se abriu, não havia casacos ou pacotes. Havia apenas uma escada de pedra que conduzia ao reino subterrâneo.

— Não entendo — disse Roman, sentindo um sopro de ar frio e húmido.

— Aprendi uma dura lição há alguns anos — começou Dacre. — Uma lição que me fez jurar que dificultaria a vida àqueles que tentassem fazer-me mal ou à minha família novamente. Forjei cinco chaves no fogo mais quente do meu reino, e entreguei-as àqueles em quem confio. Essas chaves podem abrir portais entre os nossos mundos.

— Porquê cinco?

— É um número sagrado. Para vocês, os mortais, há cinco dias da semana, cinco distritos, cinco chanceleres, cinco divindades. Para nós, deuses, é uma bênção e um aviso. Quando se trata de confiar nos outros, há que atentar na magia do cinco. Ter quatro confidentes é pouco, ter seis é demasiado.

Antes que Roman pudesse mais uma pergunta, as luzes do teto acenderam-se. Era o capitão, manchado de sangue e de expressão soturna, com os seus soldados a arrastarem um jovem com um macacão. Parecia ter uma das pernas partidas e o seu abdómen brilhava com sangue vermelho vivo.

— O atirador, meu comandante — anunciou o capitão. — Ferido, como ordenastes.

Roman observou o estranho. O seu cabelo era de um acobreado escuro, o rosto muito pálido, e os olhos castanhos brilhavam de dor até que viu Dacre. Nessa altura, a sua expressão irradiou ódio. Cuspiu para os pés do deus, que sorriu educadamente.

— Vejo que foste deixado para trás.

— Por minha própria vontade — grunhiu o jovem. O sangue continuava a escorrer-lhe pelas roupas, formando uma poça debaixo dele. — E eu não vou lutar por ti.

— Preferes morrer?

— Sim. Deem-me um tiro certo e deixem-me aqui, para morrer onde nasci.

Dacre ficou calado, mas avaliou o homem.

— Achas que serei misericordioso, depois de teres atacado os meus soldados?

O atirador ficou em silêncio. Parecia ter sido tocado pela morte. Os bordos dos lábios estavam a ficar azuis e a sua respiração era entrecortada.

— Não vou lutar por ti — repetiu. — E tu não vais ganhar esta guerra. Por mais dos nossos soldados que vires contra nós... acabamos sempre por te abandonar. Quando nos lembramos.

Dacre ergueu a mão. Tirou o ar dos pulmões do jovem com um feitiço silencioso que fez a temperatura da sala cair a pique e as lâmpadas piscarem. Roman pensou que Dacre tinha honrado o pedido do atirador e que o tinha matado, até que o deus voltou a falar:

— Levem-no para baixo, para uma das celas. Mantenham-no estável até eu poder tratar dos seus ferimentos.

Roman viu os soldados arrastarem o atirador inconsciente pela porta encantada até ao mundo subterrâneo, deixando um rastro de sangue atrás de si.

— Dois outros soldados também foram feridos, meu senhor — informou o capitão. — Uma explosão de granada. Estão quatro casas mais abaixo, à vossa espera.

Roman ficou em silêncio, mas sentiu-se invadido por uma dormência. Viu Dacre a seguir o capitão e os outros para o exterior, deixando-o sozinho na sala de estar.

Será que devo segui-lo?, ponderou, mas os seus pensamentos deslizaram como uma névoa pela sua mente. *Isto é um teste?*

Sentiu um aperto no estômago.

Roman encaminhou-se para a porta da rua, mas não seguiu Dacre. Apressou-se a chegar aos limites da vila, com os olhos postos no pomar. As macieiras atraíam-no, tal como as ervas macias e a luz do sol que salpicava o chão.

Pousou a máquina de escrever no chão, caiu de joelhos e vomitou. Não havia muito para expelir, mas vomitou até se sentir vazio, agarrando-se com força às raízes.

Sentindo-se ligeiramente aliviado, inclinou a cabeça para trás, pestanejando para afastar as lágrimas. Foi então que se apercebeu de que não estava sozinho. O tenente Shane estava encostado a uma

macieira ali perto, a fumar e a observá-lo.

— Estava a precisar de fazer uma pausa — disse Roman.

— Então, faz — respondeu Shane, com um encolher de ombros indiferente. — Mas já viste pior do que isto, correspondente.

O comentário borbulhou como a pele queimada pelo fogo. As lacunas na sua mente enfureciam-no. Por mais que tentasse montar o puzzle da sua memória, acabava sempre por descobrir que havia infinitos fragmentos que continuavam perdidos.

— Dizes isso como se tivesses estado lá — disse Roman. — Como se soubesses o que me aconteceu.

Shane continuou a fumar em silêncio, com os olhos perdidos no horizonte. Algumas flores de macieira soltaram-se dos ramos e pousaram nos seus ombros largos, como se fossem flocos de neve.

— De certa forma, estive — respondeu por fim. — Mas não posso contar-te o que aconteceu. Terás de te lembrar por ti próprio.

— Quanto tempo falta para me lembrar?

— Também não te posso ajudar nisso.

— E porquê? — quis saber Roman, impaciente. — Nunca foste ferido nesta guerra? Nunca foste curado por Dacre?

Shane olhou para ele.

— Achas que todos os que são curados pelo seu poder se esquecem de quem eram? — Atirou o cigarro para as ervas e esmagou-o debaixo da bota antes de se virar. — Nada podia estar mais longe da verdade, correspondente.

FOME

Querido R.,

Cheguei em segurança ao meu próximo destino e só consigo pensar em qual será o teu.

Deixa-me confessar agora, à luz das velas, nesta nova vila, que aguardo ansiosamente as tuas cartas. E por um nascer da lua que seja, vamos fingir que não carregamos fardos, que não há responsabilidades ou amanhã, que não há deuses ou guerra.

Quero

Iris parou de escrever.

Estava sentada no chão do seu novo quarto, uma pequena divisão no piso principal da pensão de Bitteryne. Iris tinha escolhido aquele quarto porque tinha um roupeiro, uma pequena lareira de tijolo e um tapete no chão, o que lhe servia perfeitamente para escrever. Mas como estava sentada no chão, sentiu algo estranho.

As suas mãos afastaram-se da máquina de escrever e pousaram no tapete púido. Talvez fosse apenas fruto da sua imaginação, mas, por instantes, pareceu que havia algo a tilintar por baixo dela. Um ligeiro fragor, vindo das profundezas da Terra.

Aguardou, com as palmas das mãos no tapete. Antes de as afastar, sentiu novamente. Havia um ritmo de vibrações, como se uma picareta estivesse a bater numa pedra. Haveria uma mina por baixo de Bitteryne? Susteve a respiração quando se lembrou do mito que Roman tinha partilhado com ela, segundo o qual Dacre tinha saído do seu reino inferior para capturar Enva. Os túneis, o salão subterrâneo, o reino feito de calcário e rocha de veios azuis.

Há aqui algo de errado, pensou Iris, à espera de voltar a sentir a vibração. O tilintar pareceu tornar-se mais forte e depois mais ténue. *Talvez eu esteja apenas cansada e a imaginar coisas.*

Deixou que as pontas dos dedos voltassem a pousar nas teclas e

olhou para a sua carta por terminar.

Não ligue. Estou demasiado cheia de querereres, e isso tornou-me inebriada e audaz.

Não devia enviar esta carta. Não devia mesmo, mas apenas porque temo o que possas pensar. E ao mesmo tempo... receio que ela nunca chegue até ti.

E é por isso que a envio. Tanto para provar que estou errada como para provar que estou certa.

— E.

Roman só queria fechar-se no seu novo quarto e tirar o macacão. Esfregar a pele até ficar em carne viva. Descalçar as botas e deitar-se na cama. Reler as cartas de Elizabeth até se perder nas suas palavras.

Queria esquecer — só por uma noite — o que tinha acontecido naquele dia.

Por mais dos nossos soldados que vires contra nós... acabamos sempre por te abandonar. Quando nos lembramos.

As palavras do atirador continuavam a ecoar dentro dele. Roman ponderou se o homem já estaria totalmente curado, algures no reino subterrâneo. Se ele se lembraria do que havia acontecido quando acordasse; que tinha ousado assassinar um deus.

— Roman? — A voz de Dacre soou subitamente no piso de baixo. — Traz a tua máquina de escrever para a sala de estar.

A expressão de Roman ficou paralisada num esgar. Olhou para o quarto que havia escolhido para passar a noite — um quarto pequeno, mas aconchegante, com uma porta de roupeiro — e decidiu que a carta para Elizabeth teria de esperar. Ainda não tinha tido notícias dela, mas tentou acalmar as suas preocupações ao pegar na máquina de escrever. Desceu as escadas e entrou na sala de estar, onde o sangue do atirador ainda salpicava o chão e a porta ainda dava para o mundo inferior.

Dacre tinha transformado a sala de estar num escritório improvisado, afastando o sofá e arrastando a mesa da cozinha. Havia lenha a arder na lareira, onde ainda estavam expostas as fotografias da família, em molduras de latão refulgentes.

— Senta-te — instruiu Dacre. — Preciso que me escrevas umas missivas.

Roman encontrou um lugar vazio na mesa para colocar a máquina de escrever, enquanto atentava nos papéis espalhados à sua volta — mapas, cartas, documentos — e no prato com o jantar por acabar, numa garrafa de vinho e numa caneca de barro.

— O que quer que escreva, senhor? — perguntou enquanto puxava uma cadeira.

Dacre ficou em silêncio, os olhos postos no mapa que tinha diante de si. Era um desenho de Cambria e dos seus cinco distritos. Todas as vilas e cidades. Todos os rios e florestas. As estradas semelhantes a veias que ligavam tudo aquilo.

Dacre começou a ditar, Roman ouviu e datilografou:

Capitão Hoffman,

Daqui a seis dias, as tuas forças têm de se juntar a nós em Hawk Shire. Caso não tenham sido bem-sucedidos na vossa missão a norte, terão de a retomar após a batalha. Como falámos anteriormente, a minha brigada dará início ao ataque a partir do interior com recurso aos meus portais, e as tuas tropas devem estar preparadas para ajudar no ataque se o saque demorar mais do que o previsto. Os mantimentos escasseiam por aqui; prepara-te para trazer as rações e os cantis que tiveres.

Dacre Subterrâneo
Comandante de Cambria

Roman puxou a folha de papel e entregou-a a Dacre. Enquanto o deus assinava e colocava um selo de cera na carta, o olhar de Roman percorreu o mapa. Localizou Hawk Shire, uma cidade não muito distante do local onde estavam acampados, em Merrow. Havia uma estatueta de uma mulher pousada sobre o nome da cidade. Uma representação das forças de Enva. Mas depois a sua atenção desviou-se para outro mapa, escondido por baixo do de Cambria. Só conseguia ver as bordas, mas parecia um desenho de raízes de árvores retorcidas. Passagens sinuosas e serpenteantes. Algumas estavam marcadas a azul, outras a verde.

Um mapa do submundo.

Obrigou-se a desviar o olhar para não levantar suspeitas a Dacre.

— Vamos escrever outra — disse Dacre, e Roman colocou outra folha no rolo.

Mr. Ronald Kitt

Roman parou de escrever e olhou para as palavras que Dacre acabara de pronunciar. As palavras que ele acabara de escrever no papel.

— Está a escrever ao meu pai? — perguntou.

— Não te disse que ele tem sido um servidor fiel? — respondeu

Dacre. — Não te preocupes. A tua família está bem. O teu pai sabe que estás a salvo. Ele está orgulhoso de ti.

Roman não sabia o que pensar daquela afirmação. Parecia resvalar dele, como se estivesse envolto em aço.

— Que mensagem quer enviar ao meu pai, senhor?

Dacre prosseguiu:

Escrevo para lhe recordar o nosso acordo. Continuo à espera da próxima remessa que me prometeu e, como a ferrovia tem tido alguns problemas ultimamente, pergunto-me se haverá uma alternativa para fazer as entregas. Sei que estava preocupado com o facto de poderem ser intercetadas pelas forças de Enva, mas o que o deve preocupar é

Foram interrompidos por um soldado, o mesmo capitão que Roman tinha visto nessa manhã, que entrou abruptamente na casa. Uma lufada de ar fresco circulou à sua volta quando parou à entrada da sala de estar.

— Perdoai a minha interrupção, comandante — disse o capitão, inclinando a cabeça. Ao fazê-lo, uma chave de ferro pendurada num fio escorregou-lhe pelo colarinho. Roman olhou para ela e percebeu que era uma das cinco chaves que Dacre havia referido. — Mas tenho assuntos urgentes que requerem a vossa atenção imediata.

Dacre suspirou, mas levantou a mão.

— O que queres, capitão Landis?

— O primeiro assunto diz respeito aos mastins. Eles não comem há semanas e estão famintos. Esta tarde, atacaram dois tratadores e os seus latidos constantes estão a perturbar os trabalhadores. Consequentemente, o progresso não tem sido o desejado.

Os dedos de Roman deslizaram da máquina de escrever. O seu olhar dirigiu-se inevitavelmente para a porta do roupeiro da sala, como se os mastins pudessem irromper por ela a qualquer momento. Mas todos os pensamentos dos animais de estimação mortíferos de Dacre se dissolveram quando Roman viu o que estava caído no chão manchado de sangue.

Um pedaço de papel dobrado.

— Tenho a vossa permissão para libertar os mastins? — prosseguiu o capitão Landis. — Eles podem vaguear esta noite e alimentar-se.

— Não — respondeu Dacre. — Os meus mensageiros estão a entregar missivas urgentes, e não posso permitir que os meus mastins interfiram nas suas rotas.

— Então, o que devemos fazer, meu senhor?

Roman desviou o olhar do papel no chão, em pânico. Mal conseguia ouvir o capitão e Dacre por cima da sua pulsação.

A carta de Elizabeth estava diante da porta do submundo, bem à vista de Dacre. A apenas quatro passos de distância de onde Roman estava sentado, pregado à mesa.

Se ele a vir... Os pensamentos de Roman corriam a mil. *Se ele ler as palavras dela...*

Seria o fim. Aquela estranha correspondência terminaria, e era impossível saber até onde Dacre iria para garantir que não voltava a ser retomada.

Roman levantou-se da mesa e fingiu fazer alongamentos. Dacre olhou para ele, com uma ruga de irritação na testa, mas tinha coisas mais importantes em que pensar. O deus olhou para o capitão e disse:

— Escolhe os trabalhadores mais fracos e dá-os a comer aos mastins. Isso vai aguentá-los para já.

Aquelas palavras deveriam ter gelado Roman, mas a verdade é que ele já sentia os ossos enregelados. Caminhou até à parede e fingiu examinar os retratos que estavam pendurados.

— Vou tratar disso pessoalmente, Comandante. Quanto ao próximo assunto... diz respeito ao atirador que curastes hoje de manhã.

— O que tem o atirador?

— Ele já acordou. E a mente dele...

Roman sentiu os olhos de Landis postos em si. Fingiu que não tinha ouvido o comentário do capitão e passou os dedos pelas molduras dos retratos, limpando o pó acumulado. Reparou que tinha os nós dos dedos brancos e as unhas azuladas.

— Então, não está pronto — concluiu Dacre.

— Não, comandante. Ele está a tentar matar-se.

— Então, restrinjam-no!

— Meu senhor, a maioria das vossas forças está lá em cima, a preparar-se para o ataque. Os outros estão ocupados a supervisionar os trabalhadores. Penso que se pudésseis descer e voltar a colocá-lo num sono profundo...

Uma cadeira deslizou pelo chão num arrastar sonoro. O capitão deixou a frase em suspenso quando Dacre se levantou, e Roman aproveitou o momento para se aproximar do roupeiro e tapar rapidamente a carta de Elizabeth com a bota. Arrastou-a para si e olhou para baixo para ter a certeza de que estava completamente escondida. Só um canto da carta brilhava no chão sujo. Com cuidado, ele ajustou a sua postura.

— Roman?

— Senhor? — Roman olhou para cima e o seu olhar fixou-se no olhar de Dacre.

— Tenho assuntos a tratar, mas retomaremos a conversa quando

eu voltar.

— Sim, comandante.

Susteve a respiração quando Dacre e o capitão Landis passaram por ele, encostado à parede. Mas sentiu aquele ar frio e húmido no rosto assim que a porta do roupeiro se abriu.

Esperou que eles desaparecessem e a porta se fechasse.

Sozinho, Roman baixou a guarda. Arquejou, com um arrepio na espinha. Era ridículo que só se apercebesse da importância de uma coisa quando ela estava prestes a ser-lhe tirada. Lembrou-se de como, não há muito tempo, estivera disposto a entregar a Dacre a primeira carta de Elizabeth, e agora tentava desesperadamente escondê-las.

Não tinha explicação para esse facto. Mas talvez não precisasse de palavras.

Roman levantou a bota e pegou na carta de Elizabeth.

Querida Elizabeth,

(Ou devo tratar-te por E. agora?)

A tua carta quase foi descoberta esta noite por alguém que haveria de querer intrometer-se entre nós. Ainda não te disse, mas és o meu segredo. Guardei-te para mim; ninguém sabe de ti a não ser eu. Ninguém sabe da nossa ligação e quero que continue assim.

Precisamos de ter cuidado.

— R.

Querido R.,

Tens razão. Lamento ter-te colocado em perigo. Que tal estabelecermos uma rotina? Podes escrever-me primeiro, quando estiveres seguro para o fazer. Que dizes a enviarmos uma mensagem de teste primeiro?

— E.

P.S. Sim, trata-me por «E.» de hoje em diante. Creio que me assenta melhor.

Querida E.,

O problema é que... quero ter notícias constantemente. Quero ler as tuas palavras. Estou ávido delas. Tenho fome delas.

Dizes que todos os dias mudas de sítio. Não respondas se não sentires que é seguro ou correto

fazê-lo. Mas não posso deixar de perguntar... estás a seguir em que direção?

Teu,
R.

Querido R.,

Pois bem, deixa que eu seja o teu segredo. Guarda as minhas palavras no teu bolso. Que elas sejam a tua armadura.

Estou a seguir para oeste.

Com amor,
E.

Roman segurou a carta de Elizabeth nas mãos, com os olhos postos na única palavra que lhe custava a ler. *Oeste*.

Ela deve estar a lutar pelo outro lado. Por Enva.

E estava a seguir em direção ao perigo.

Em direção a *ele*.

AS TECLAS «E» E «R»

— **A**chas que devo enviá-lo à Helena? — perguntou Iris na manhã seguinte. Ela e Attie estavam sentadas à mesa da cozinha de Lonnie Fielding, à espera que o pequeno-almoço fosse servido. Tobias estava na rua, a ligar o motor do carro. Estava prestes a partir para Oath, e Iris passara a maior parte da noite a preparar artigos para o *Inkridden Tribune*.

Attie pousou os papéis. Tinha a boca franzida e a sobrançelha esquerda arqueada. Iris sabia o que isso significava: que ela estava a pensar profundamente.

— Acho que sim, Iris — respondeu-lhe por fim, servindo-se de uma segunda chávena de chá. O vapor elevou-se no ar, perfumado com bergamota e lavanda. — No mínimo, a Helena vai querer lê-lo, mesmo que não o publique no jornal.

Iris acenou com a cabeça, enquanto olhava para as suas páginas. Não era nada parecido com o mito original que Roman havia encontrado e que lhe enviara, mas andava lá perto. A história do amor maldito de Dacre e Enva e de como ele usou os seus mastins e *eithrals* para aterrorizar os mortais à superfície, até Enva aceitar viver no submundo com ele.

— A minha única dúvida... — Iris hesitou, com um esgar. — Será que devo incluir a segunda parte, em que Enva cantava para o fazer chorar, depois rir e depois dormir?

— Porque não? — inquiriu Attie.

— Não sei. Mas tenho um *pressentimento*.

— Que *pressentimento*?

— Às tantas, é um presságio. Como se este facto não devesse ser divulgado no jornal.

— O facto de a música de Enva o controlar quando estavam no mundo inferior? — Attie pegou no jarro de leite. — Mas e se isso fosse do conhecimento geral? Talvez a opinião das pessoas sobre a música não fosse tão negativa.

— Ou talvez só piorassem — concluiu Iris. — Se calhar, pessoas como o chanceler já conhecem este mito, e foi por isso que ele proibiu

os instrumentos de corda. Porventura, foi por isso que esta história foi arrancada de todos os tomos sobre divindades e nunca nos foi ensinada na escola. Por ser perigosa.

Attie não teve oportunidade de responder. A porta das traseiras abriu-se e Tobias entrou na cozinha, com a gabardina polvilhada de neblina.

— Os vossos artigos estão prontos? — perguntou.

— Bom dia para ti também — disse Attie, com ironia. — Não devias tomar o pequeno-almoço antes de partires?

— Não. Aproxima-se uma tempestade de oeste. Quero ver se lhe escapo.

— Podemos pedir a Mr. Fielding para te preparar um farnel, ao menos? — sugeriu Iris. — Ele está a cozinhar.

Tobias esboçou um sorriso, com uma covinha a marcar-lhe a cara.

— Agradeço a oferta, mas eu fico bem.

Attie já tinha os artigos guardados numa pasta, prontos para o transporte. Deslizou-a para o outro lado da mesa; Tobias pegou na pasta sem a deixar parar.

— Quando voltas? — perguntou ela.

— Amanhã à noite. Tenho de tratar da manutenção do roadster em Oath, o que me vai atrasar. Lembram-se do nosso acordo?

Iris ficou calada, recordando-se do pedido que Tobias tinha feito. Custava-lhe pensar que lhe podia acontecer alguma coisa na estrada, quando o ambiente entre eles era tão normal e familiar, como se os três já tivessem estado ali antes. Lonnie Fielding assobiava enquanto tratava da comida na cozinha adjacente. O bacon crepitava na frigideira e uma chaleira chiava. A sala de jantar era um espaço desarrumado, com vigas de madeira no teto e livros empilhados nos cantos. Iris sentia-se *segura* ali, mas sabia que Tobias tinha razão. A situação podia piorar rapidamente, tal como sucedera em Bluff. Precisavam de estar preparados para o pior.

Estremeceu e tapou as mãos com as mangas do macacão, enquanto cruzava os braços.

— Não te preocupes, Bexley. — Attie quebrou finalmente o silêncio. — Não vamos esperar por ti se houver uma evacuação.

Tobias olhou-a fixamente por instantes antes de acenar com a cabeça. Depois virou-se e saiu pela porta antes que Iris pudesse sequer pestanejar. Ela viu que o seu mito datilografado ainda estava sobre a mesa e, naquela fração de segundo, decidiu que queria enviá-lo.

Seguiu Tobias porta fora, correndo pelo caminho de pedra que atravessava o jardim até à estrada. Ele já tinha a mão na manete das mudanças, prestes a arrancar, quando Iris lhe chamou a atenção.

— Espera! Tenho mais um artigo — exclamou, ofegante, com os papéis na mão.

Tobias não pareceu surpreso. Apenas bufou quando passou a pasta a Iris.

— Vais ter cuidado? — pediu ela enquanto se apressava a meter os papéis lá dentro.

— Claro — respondeu ele. — Estarei de volta amanhã à noite.

Iris afastou-se com um aceno da cabeça. O nevoeiro rodopiou à passagem de Tobias, mas Iris deixou-se ficar na rua empedrada, absorvendo a manhã.

Era a sua primeira vez em Bitteryne, que era uma vila muito parecida com Avalon Bluff e River Down. Chalés, ruas sinuosas, vistas idílicas dos pastos. *Quando a guerra acabar, pensou, gostaria de viver num sítio como este.*

A paz foi quebrada quando Iris sentiu um estrondo debaixo dos pés. Olhou para os paralelepípedos, incrédula, antes de erguer o olhar para a estrada, imaginando uma fila de camiões a entrar na vila. Mas não havia sinais de vida nas ruas.

O estrondo desvaneceu-se, embora Iris ainda sentisse o reverberar nos seus ossos.

Lembrou-se da noite anterior — do tilintar debaixo do chão, como machados a bater nas pedras, nas profundezas da terra. Iris engoliu em seco, virou-se e correu para dentro de casa.

Lonnie estava a pôr o pequeno-almoço na mesa. Olhou para cima, expectante, e disse:

— Oh, Miss Winnow. Folgo em saber que parece ter descansado bem. O Mr. Bexley está consigo?

— Sentiu aquilo? — disse Iris, entredentes. — Aquele estrondo no chão? — Lonnie e Attie paralisaram. Os segundos prolongaram-se, tensos e silenciosos, mas não trouxeram nada de estranho. O chão não voltou a abanar, nem o tilintar se fez ouvir. — Desculpem — disse Iris, apertando a ponta do nariz. — Devo ter imaginado isto tudo. Ontem, fiquei acordada até tarde a escrever, e...

— Não — interrompeu Attie, calmamente. — Eu também senti algo estranho ontem à noite. Era muito ao de leve, mas o chão estava a tremer.

As raparigas olharam para Lonnie. Era um agricultor com alguma idade, que tinha vivido toda a sua vida em Bitteryne. A sua mulher tinha morrido há alguns anos, e tinha dois filhos adultos e três netas a combater por Enva. Iris e Attie estavam alojadas nos quartos das netas, porque Lonnie decidira que o melhor a fazer com uma casa subitamente vazia era alugar os quartos e ajudar a causa o mais que pudesse.

— Não foi imaginação — disse ele. — Há uma semana que sentimos estas vibrações por toda a vila.

— Qual será a causa? — perguntou Iris. Lonnie suspirou.

— Ninguém sabe. Estamos num vale pacífico. Nunca tivemos coisas como tremores de terra. Sinceramente, há dias em que se nota muito, outros nem por isso. Mas não se preocupem, tenho a certeza de que não é nada de grave. Vá, sirvam-se do bacon e dos scones. Infelizmente, hoje não tenho ovos. Mandeí tudo para oeste, para Hawk Shire, para o exército.

— Obrigada, Mr. Fielding — disse Attie. — Isto é mais do que suficiente para nós.

— Sim, obrigada. — Iris sorriu, mas o seu estômago revolveu-se quando se sentou. Encarou Attie do outro lado da mesa. Estava a pensar no mito que tinha acabado de enviar por Tobias. Um mito cheio de túneis sinuosos, nas profundezas da Terra.

Isto é um teste para garantir que as teclas E e R
estão em boas condições.

ERERERERERERER

EEEEEE

RRRRRRRRRRRRRRRRRR

RERERERERERERE REEEEEEE?

Teste confirmado e facilmente aprovado. (Mas pensei que tínhamos combinado que era eu que escrevia primeiro, Elizabeth.) Seja como for, tens muita sorte por me teres encontrado num momento calmo. Esta chuva atrasou o avanço para o nosso próximo destino.

— R.

Querido R.,

Estou a escrever para saber a tua opinião sobre uma questão peculiar. Ontem à noite senti algo estranho. Ouvi um tilintar no chão por baixo de mim, seguido de um estrondo, como um trovão. O meu anfitrião diz que isto acontece na vila há uma semana e que ninguém consegue explicar o que se trata. Mas sinto que pode ser algo sinistro, e nem sei porque te estou a contar isto. Acho que é porque tenho esperança de que possas ter uma resposta ou um conselho.

Tua, E.

Querida E.,

Lamento não ter uma resposta pronta, mas dá-me um dia. Talvez consiga saber o que se passa.

Entretanto, fica atenta.

A chuva continuou a cair com força no dia seguinte, transformando as ruas de Bitteryne em autênticos riachos. Iris e Attie passaram a tarde a ir de porta em porta, a recolher relatos e histórias dos habitantes da vila. Mas não havia muita informação nova. Corriam rumores de que Dacre tinha finalmente deixado Avalon Bluff e estava agora numa vila chamada Merrow. Porque estaria a demorar tanto a dirigir-se para leste? De que estaria à espera?

Iris não sabia, embora tivesse a sensação de que Roman talvez soubesse. Aguardou ansiosamente a sua resposta, mas depressa a tarde deu lugar a uma noite tempestuosa, e ele sem dar notícias.

Decidiu sentar-se na sala de jantar com Attie e trabalhar depois do jantar. Espalharam os apontamentos sobre a mesa, partilhando um jarro de cidra fresca, enquanto o fogo crepitava na lareira de pedra. Iris ia a meio do seu artigo quando se apercebeu de que Attie tinha ficado imóvel, com o olhar fixo na porta das traseiras.

— O que se passa? — perguntou. — É outra vez o chão?

— Não, é o Bexley — respondeu Attie. — Ele já devia estar de volta.

Iris ficou calada, a ouvir a chuva que continuava a cair a cântaros.

— Tenho a certeza de que se atrasou por causa da tempestade — disse finalmente, apesar de também ela estar preocupada com o facto de Tobias estar a conduzir com aquele tempo. — E acabou de anoitecer, é possível que ele ainda chegue hoje.

Attie suspirou e voltou a escrever, mas as palavras pareciam chegar mais devagar. Mantinha os olhos fixos na porta das traseiras, como se esperasse que ela se abrisse a qualquer momento.

As horas foram passando e a tempestade só piorou.

A eletricidade começou a falhar e acabou por faltar de vez. Iris e Attie trabalharam à luz da lareira, desejando boa-noite a Lonnie Fielding quando ele veio perguntar-lhes se precisavam de mais alguma coisa.

Quando bateu a meia-noite, as raparigas arrumaram por fim as máquinas de escrever e os apontamentos, e retiraram-se para os respetivos quartos.

Tobias Bexley ainda não tinha chegado.

NOVE VIDAS

Iris acordou com o estrondo de um trovão.

Abriu os olhos para a escuridão, sem saber onde estava. Sentou na cama, atordoada, quando um relâmpago iluminou tudo à sua volta com um clarão impaciente.

Estás em Bitteryne, disse a si própria. *Está tudo bem. Foste acordada pela tempestade.*

Esperou pelo som do trovão, mas foi debalde. Os relâmpagos eram brilhantes, mas silenciosos, e Iris voltou a ouvir o tilintar por baixo dos alicerces, seguido de um estrondo assustador na casa, ao fundo do corredor. Parecia que a porta das traseiras tinha sido aberta de rompante.

Iris afastou os cobertores e levantou-se num ímpeto ofegante.

Fica atenta, aconselhara Roman.

Tateou no escuro, lembrando-se de que não havia eletricidade. Lentamente, abriu a porta e espreitou para o corredor. Estava escuro como breu, mas conseguiu ouvir alguém a andar pela casa. O chão rangia sob os seus passos.

— Mr. Fielding? — interpelou, a medo.

— *Iris*. — Ela virou-se, sentindo a presença de Attie à sua direita.

— Ouviste aquele barulho? — sussurrou a amiga.

— Sim. Acho que está alguém cá em casa. — Ficaram lado a lado à escuta. Um barulho, como se uma tigela se tivesse virado. Um impropério profundo. Uma cadeira a arrastar no chão. Attie começou a andar pelo corredor, sem medo. Iris correu atrás dela. — Attie? Attie, *espera*.

Iris só conseguia pensar que alguma coisa tinha saído do chão. Tinha-se aberto um buraco no jardim. Uma das criaturas de Dacre tinha-se esgueirado para fora dele e estava agora dentro de casa, sedenta de sangue.

As raparigas chegaram à sala de jantar. A lareira ainda brilhava com as brasas, mas o resto da sala estava às escuras. Iris viu uma sombra alta passar em frente às janelas gradeadas.

— Quem és tu? — perguntou Attie, bruscamente. — O que queres?

A sombra estancou, mas Iris sentiu que alguém olhava na direção delas. Os pelos dos seus braços eriçaram-se e o coração bateu mais forte. Cerrou os punhos, preparada para uma luta. Uma voz profunda e animada quebrou o silêncio.

— Attie? Sou só eu.

Attie respirou fundo.

— Bexley?

— Sim, quem haveria de ser?

— Quem haveria de ser? Pensámos que eras um ladrão!

— Eu disse-vos que voltaria esta noite.

— Sim, e caso tenhas perdido a noção do tempo, são *três* da manhã. Quando bateu a meia-noite, percebemos que estavas atrasado.

— Esperaram por mim, foi?

— Estávamos a trabalhar — emendou Attie, mas já tinha avançado para dentro da sala, na direção da sua voz. Tobias estava em silêncio, mas a sua respiração era pesada. Iris começou a caminhar ao longo da parede em direção à lareira, onde sabia que Lonnie guardava uma caixa de fósforos e velas. — Estás ferido?

— Não. E não... não me toques. Pelo menos, por enquanto.

Iris acendeu uma vela. A chama desenhou um anel de luz na escuridão, permitindo-lhe finalmente ver Tobias com clareza.

Tinha as roupas coladas ao corpo, encharcadas pela chuva, e os braços e o rosto salpicados de lama. Apesar da aparência exausta, os olhos brilhavam febrilmente, como se tivesse acabado de ganhar uma corrida.

Olhou de relance para Iris, e leu a sua expressão.

— Estou assim com *tão* mau aspeto, Miss Winnow?

— Estás com cara de quem conduziu toda a noite sob uma tempestade — respondeu Iris, espantada.

— Eu disse que não há nada que se interponha entre mim e a minha missão — gabou-se ele, voltando a sua atenção para Attie. — Nem mesmo estradas intransitáveis.

Attie cruzou os braços, de queixo cerrado.

— E se tivesses batido com o carro?

— É sempre uma possibilidade. — Pousou a mala no chão. — Mas não bati. Pelo menos, não desta vez. E tenho cartas para vós. — Iris aproximou-se, observando Tobias a descalçar as luvas ensopadas e a abrir a mala, de onde retirou uma carta para cada uma. A sua era de Forest; reconheceu a caligrafia do irmão e sentiu o calor a invadir-lhe o corpo quando a viu. — O seu irmão ajudou-me a reparar o roadster. Na minha oficina de mecânica.

Iris ficou surpreendida.

— Ai sim? Fico contente por ouvir isso.

— Ele fez um bom trabalho — constatou Tobias. — Prometi-lhe bilhetes para a minha próxima corrida. Ele disse que gostaria de a levar, quando a guerra acabar.

Iris sorriu, com uma súbita pontada de saudades do lar. Olhou para a carta que tinha na mão, agradecida pela luz ténue, enquanto pestanejava para afastar as lágrimas.

— Queres uma chávena de chá? Uma sandes? — perguntou Attie a Tobias. — Não temos luz, mas posso pôr uma chaleira na lareira.

Tobias suspirou.

— Obrigado, mas não. Já estou a pé há algum tempo. Acho que adormeceria antes de pores a água a ferver.

— Então, deixa-me pelo menos ir buscar-te uma toalha.

— Isso seria muito útil.

Iris acendeu uma segunda vela para levar para o seu quarto. Desejou-lhes boa-noite, mas parou no corredor para olhar por cima do ombro. Attie estava a limpar a lama da cara de Tobias; ele sorriu e ela esboçou um esgar, enquanto falavam em voz baixa. Mas as vozes ainda eram audíveis, o suficiente para que Iris captasse as suas palavras.

— Eu disse-te para não te preocupares comigo — disse ele.

— Eu não estava preocupada.

— E são nove, já agora.

— Nove quê? Nove vidas?

— Eu ganhei nove corridas. Se isso te ajudar a ficar mais descansada da próxima vez.

Iris não esperou para ouvir a resposta de Attie. Esboçou um sorriso e entrou no quarto.

*

Roman desceu as escadas silenciosamente. A casa parecia vazia, preenchida apenas pelas longas sombras poeirentas. Não havia ninguém no hall de entrada a guardar a porta da rua, nem na sala de estar. Nem mesmo Dacre. O fogo tinha-se extinguido na lareira, mas a luz dourada continuava a tremeluzir ao longo das paredes.

Roman aproximou-se da mesa de guerra.

Olhou fixamente para o mapa de Cambria, e examinou os locais que conhecia — Oath, Avalon Bluff, Merrow, os caminhos de ferro que o seu pai controlava — e os inúmeros locais e marcos que ainda não lhe eram familiares. As sepulturas divinas estavam marcadas a tinta vermelha, a de Alva em particular atraíu o seu olhar para sul e a de Mir para norte, até que a sua atenção foi atraída para Hawk Shire.

Atreveu-se a chegar mais perto e tocar no mapa. Para seu espanto, o toque dos seus dedos fez surgir linhas ao longo do papel. Algumas escuras, outras brilhantes. Moviam-se como relâmpagos, como a raiz

de uma árvore. Muitas delas desembocavam nas vilas mais próximas de Roman. Locais nos Distritos Central e Ocidental; locais que já haviam sido devorados pela guerra. Mas a sua atenção foi rapidamente captada por lampejos de luz azul pálida. Um grupo de vilas pulsava como pequenos corações cerúleos, incluindo Merrow e Hawk Shire, enquanto outras permaneciam apagadas.

O mapa por baixo, lembrou-se, retirando cuidadosamente a mão.

As rotas desapareceram, como se nunca tivessem existido. Mas Roman ainda as via quando fechava os olhos — emaranhados de luz e escuridão — e levantou com cuidado a borda do mapa de Cambria, contemplando a ilustração do submundo que havia por baixo. Quase esquecido e facilmente ignorado por aqueles que só atentam na superfície das coisas.

Roman observou o que era visível, hipnotizado pelas passagens tortuosas. As vilas e os centros de vida que alimentavam. Um mundo que ele havia tocado, ainda que brevemente.

— Presumo que tenhas sido acordado por outro sonho.

A voz de Dacre quebrou o silêncio. Roman soltou o mapa, que caiu sobre a mesa. A sua pulsação acelerou, mas endireitou-se calma e serenamente, virando-se para o hall de entrada.

Dacre estava parado debaixo do lintel, a observá-lo. Tinha chegado silenciosamente, como se se tivesse materializado nas trevas.

— Pelo contrário, senhor — disse Roman, entrelaçando os dedos atrás das costas. — Não tenho conseguido dormir. Quero saber o que nos espera.

— Se é a morte que temes, já te disse. — Dacre entrou na sala de estar. Parecia mais alto, mais largo, mas talvez as sombras estivessem a iludir os sentidos de Roman. — Se continuares ao meu lado, fiel a mim, nunca morrerás. Nunca sentirás dor.

Roman aguentou o olhar firme e azulado do deus, mas uma gota de suor começou a escorrer pela sua coluna.

— Estarei ao seu lado em Hawk Shire?

— Por que estás tão preocupado com Hawk Shire, Roman?

— Parece uma batalha importante.

— E tu vês-te como um dos meus soldados, disposto a lutar? Pronto para me ajudar a recuperar o que era meu?

Roman voltou a examinar o mapa de Cambria.

— Não sou soldado, senhor. Nunca fui treinado para disparar uma arma, manejar uma granada, ou para me mover como uma sombra. Pelo menos, não que me lembre. Mas tenho as minhas palavras. — Fez uma pausa, surpreendido pela forma como a sua voz tremia. Como se estivesse a entregar uma parte de si próprio. — Não quero lutar pela metade, mas sim de todo o coração.

Dacre ficou em silêncio por um longo e torturante instante. Mas

depois pegou no mapa de Cambria e deixou que ele se dobrasse sobre si mesmo, revelando o mundo que estava por baixo.

— Diz-me, Roman — começou, quando as rotas inferiores se iluminaram novamente. — O que vêes?

— Vejo caminhos. Estradas.

— Mais nada?

Roman observou mais de perto. O seu olhar foi atraído pelas luzes fracas e pulsantes. Ponderou se assinalariam limiares encantados.

— Vejo cidades. Vilas. Portais.

— Sim — disse Dacre. — O meu domínio. As minhas linhas ley. Um reino de magia que a maioria da vossa espécie nunca verá, conhecerá ou provará, apesar de os nossos dois mundos estarem ligados.

— Está a reconstruí-las, senhor? — indagou Roman. — As estradas subterrâneas? — Dacre ficou em silêncio. Roman imaginou que teria sido demasiado direto, e engoliu em seco. — Reparei que ainda há partes do mapa que estão escurecidas, como se aguardassem o seu regresso — explicou.

— Uma observação muito perspicaz — respondeu o deus. — E sim. Enquanto eu dormia, o meu domínio caiu em desordem. Ruína. Muitas das estradas ficaram cheias de detritos, os meus portais esquecidos e cobertos de teias de aranha. O meu povo está agora a trabalhar para reparar tudo isso.

Roman voltou a olhar para o mapa, centrando-se em Hawk Shire.

— É assim que os meus artigos chegam ao *Oath Gazette*? Pelas estradas subterrâneas?

— Tens receio de que os teus artigos não cheguem ao destino?

— Eu só pensei...

— Sim, Roman — interrompeu Dacre. — O Val usa os subterrâneos para entregar os teus artigos na cidade.

— Quem é o Val?

— Um dos meus conselheiros mais fiéis. A quem mais confiaria tal tarefa?

Roman ponderou se isso significaria que Val possuía uma das cinco chaves que Dacre havia mencionado. Chaves forjadas sobre chamuscas encantadas, capazes de abrir portais sem fim. Os olhos de Roman desviaram-se para a indicação de Oath no mapa. Ainda havia trabalho a fazer para limpar as passagens do leste, embora houvesse um fio ténue e minúsculo que iluminava o caminho para a cidade.

Um caminho desimpedido. Um portal ativo em Oath. O portal de Val.

As marcas da cidade no mapa eram demasiado minúsculas para ele conseguir distinguir a localização exata do portal, e não queria levantar as suspeitas de Dacre. Roman voltou a sua atenção para o

deus, que o observava atentamente.

— Vai usar as estradas para recuperar o que é seu, senhor? — atreveu-se a perguntar. — Para acabar com a guerra?

— Não achas que faz sentido fazê-lo, se o meu reino me dá essa vantagem? — Dacre voltou a cobrir o mapa; as rotas e vilas iluminadas deram lugar a borrões quando Roman piscou os olhos. — Posso acabar com esta guerra rápida e misericordiosamente, assim que o meu reino sarar e se lembrar de si mesmo. Assim que as cidades subterrâneas brilharem com a luz do fogo e do riso, que as estradas ligarem as várias localizações, e que dos meus portais brote magia para o mundo. Quando conquistar Hawk Shire, ficaremos mais próximos da paz. E da vitória.

— Vai procurar o túmulo da sua irmã, senhor? — perguntou Roman. — Despertá-la para que ela se junte à sua causa?

Os olhos de Dacre estreitaram-se.

— Porque dizes isso?

— O mapa — respondeu Roman, apontando para lá. — O túmulo de Alva está marcado no Distrito Meridional. Não muito longe daqui. Recordo-me de o ouvir mencioná-la com carinho, e pensei...

— De que me serviriam os poderes de Alva quando vivemos num pesadelo diário? — O tom de voz de Dacre era gélido, mas derreteu quando ele sorriu. — Mas tens razão numa coisa, Roman. Está na hora de provar a tua convicção. Amanhã ao amanhecer. Vem ter comigo a esta sala. Traz a tua máquina de escrever.

Roman acenou com a cabeça, ciente de que estava a ser dispensado.

Não sabia o que o esperava ao amanhecer, e tão-pouco se estaria preparado para o que aí vinha. Mas sentiu o coração na garganta enquanto subia as escadas. E sabia o que tinha de fazer.

QUEIMA AS MINHAS PALAVRAS

Querida E.,

Escrevo-te estas palavras no escuro, com apenas uma réstia de luar sobre a minha secretária. Já não como há algum tempo e, no entanto, as sombras e a minha fome fazem-me bem. Tornam-me mais lúcido; fazem-me sentir as minhas próprias limitações. Não sou imortal, mesmo que um dia tenha pensado que poderia ser. Acima de tudo, deixam-me desesperado e por isso preciso de te pedir uma coisa:

Depois de leres esta carta, preciso que a queimes.

O que estou prestes a escrever é urgente e perigoso – para ti, para mim e para esta ligação que estabelecemos – se cair nas mãos erradas. Já me perguntei várias vezes porque decidi contar-te isto, pois sinto que estás a lutar pela causa de Enva e eu não, e a resposta resume-se a duas verdades simples:

1. A perda de vidas e de liberdade é iminente, e não posso assistir impávido enquanto isso acontece.

2. Preocupo-me contigo. A última coisa que queria era que te visses envolvida no que está prestes a acontecer.

Vou agora responder à tua pergunta sobre o estranho tilintar e os estrondos na terra. Dacre está a restaurar as estradas do seu reino que foram votadas ao abandono ao longo dos últimos séculos. Tenciona chegar a Oath por via subterrânea. Imagino que os sons que ouves sejam os seus trabalhadores a limpar os escombros das

linhas ley.

Quanto ao assunto mais urgente que temos em mãos... ele está a preparar-se para tomar Hawk Shire. Dentro de três dias vai invadir a vila, atacando a partir do interior com recurso aos seus portais mágicos, enquanto as suas forças cercam a vila. Se estiveres em Hawk Shire, peço-te que saias daí enquanto podes; vai para sul ou para norte. Para qualquer sítio menos para Oath, que é para onde ele planeia avançar depois de conquistar Hawk Shire.

Por favor, não respondas a esta carta. Estarei incomunicável durante alguns dias e não sei qual será o meu destino depois de Hawk Shire. Queima as minhas palavras. Mantém-te a salvo. Se o destino assim o permitir, voltarei a escrever-te em breve.

Teu, R.

Não posso queimar isto.

Iris olhava fixamente para a carta de Roman. A manhã já ia a meio, e ela tinha-se deixado dormir, sendo acordada por um raio de sol que lhe banhava o rosto e com as palavras de Roman no chão. Não sabia o que esperar, mas aquilo não era certamente. *Reparar as linhas ley*. Sentiu-se gelada só de pensar nos trabalhadores de Dacre algures por baixo dela, a limpar os escombros. A ideia de Hawk Shire ser alvo de ataque causava-lhe convulsões no estômago.

Deixou-se estar no silêncio do quarto e leu novamente. Uma e outra vez, até se sentir gelada e quente, até que o ar lhe doeu nos pulmões, e depois saiu do quarto, à procura de Attie.

Encontrou-a no passeio à porta de casa, a lavar o carro com Tobias. Riam-se, despreocupados, enquanto a última camada de lama era removida dos pneus, e Iris quase se deteve. Não querendo estragar aquele momento, abrandou o passo no pavimento de tijolos, escondendo a carta de Roman atrás das costas.

Queima as minhas palavras. Mantém-te a salvo.

— Miss Winnow? — Tobias, de pé com um pano nas mãos, perdeu um pouco do brilho no seu olhar quando viu como ela estava pálida. — Está tudo bem?

— Trata-me por tu. Se te pedisse para me lebares a Hawk Shire... serias capaz, Tobias?

Attie largou a escova de cerdas que tinha na mão e levantou-se, com as sobrancelhas franzidas de preocupação.

Tobias ficou em silêncio por instantes. Mas quando falou, a sua voz

era firme.

— Mrs. Hammond deu-me ordens expressas para não vos levar além de Winthrop.

— E sabes a que distância fica Hawk Shire de Winthrop? — perguntou Iris. — Se não for muito longe, posso ir a pé ou pedir boleia a outra pessoa. Mas preciso que me levas a Winthrop hoje. É urgente.

— O que aconteceu? — Attie diminuiu a distância entre elas. Iris mordeu o lábio antes de entregar a carta de Roman. Attie leu-a rapidamente, e os seus olhos castanhos arregalaram-se, em choque. — A Marisol disse que a Keegan está em Hawk Shire, não disse? — sussurrou Attie.

Iris limitou-se a acenar com a cabeça. Parecia que tinha uma farpa na garganta. Os olhos ardiam-lhe e esfregou-os, ficando com uma pestana solta agarrada à ponta do dedo.

— Porque precisas de ir a Hawk Shire? — perguntou Tobias, aproximando-se.

Attie não desviava os olhos de Iris. Quando esta inclinou o queixo, aquiescendo, Attie entregou-lhe a carta.

Era a isto que o Roman se referia, pensou Iris. A carta devia ser lida apenas por ela, mas para evitar a devastação planeada para Hawk Shire, ela teria de a mostrar a outros. Seria obrigada a revelar como tinha recebido a carta. Os segredos que ela tinha estado a guardar como joias seriam expostos, e isso fê-la sentir-se vulnerável.

Tobias exalou, lenta e profundamente, quando terminou de ler a carta.

— Onde arranjaste isto? Quem é R.?

— É uma longa história — disse Iris, com um rubor a invadir-lhe a cara.

Tobias ficou pensativo, a sua expressão quase severa. Mas devolveu-lhe a carta.

— Então, terás muito tempo para me contar durante a viagem até lá. Vai fazer a mala. Eu levo-te a Hawk Shire.

NADA MAIS DO QUE NÉVOA E RECORDAÇÃO

Roman seguiu Dacre para lá da soleira da sala de estar e desceu a escada de madeira, deixando a luz do sol da manhã de Merrow para trás. Levava consigo a máquina de escrever e as cartas de Elizabeth, dobradas e escondidas no bolso de dentro. Sabia que Dacre o levaria para o reino inferior ao amanhecer, mas não tinha sido capaz de destruir as cartas dela antes de deixar a privacidade do seu quarto.

Ficou aliviado quando chegaram a um corredor estreito, iluminado por tochas. A partir dali, caminharam durante algum tempo em silêncio, tendo como companhia apenas o matraquear das botas e o ruído da respiração. Mas Roman sentiu que o chão se inclinava ligeiramente, como se estivessem a descer cada vez mais. Sem que nada o fizesse prever, o corredor terminou subitamente, desembocando numa enorme câmara. *Talvez «câmara» não seja a palavra certa*, pensou Roman enquanto abrandava até parar, esticando o pescoço para absorver tudo o que o rodeava.

Aquele lugar era amplo e animado, como uma praça de mercado, com janelas e portas e varandas esculpidas no alto das paredes de pedra branca. Era realmente outro mundo, e Roman ficou surpreso por encontrar tantas pessoas ali. Sobretudo soldados, que rapidamente identificou por estarem fardados. Alguns estavam reunidos à volta de uma forja, onde as faíscas dançavam no ar e se sentia uma onda de calor, enquanto outros faziam fila para comer, de tigela na mão. Outra companhia parecia estar a meio de um exercício, com as botas a pisar o chão de pedra a um ritmo perfeito e as espingardas a brilhar à luz das chamas.

Tudo parecia estranhamente normal, à exceção da falta de céu e de luz solar, e Roman reparou noutras coisas.

Havia um riacho a correr ali perto, abrindo um caminho serpenteante na rocha. No seu leito, os seixos pareciam moedas de prata, e havia fumo a libertar-se da água em movimento. Uma mulher passou com um cesto de fardas acabadas de lavar pousado na anca. À primeira vista, parecia humana, até que Roman piscou os olhos e viu

um lampejo do sobrenatural nela — garras que se enrolavam nas pontas dos dedos, cabelos grisalhos com manchas de sangue nas pontas e longos caninos a assomarem debaixo dos lábios. Uma espécie de encantamento dava-lhe uma aparência humana — uma camuflagem — e Roman estremeceu ao vê-la desaparecer na multidão. Por fim, viu um cão a vaguear à procura de migalhas. Um cão que, no entanto, não o era, pois tinha duas asas moles no dorso e três olhos na cara.

— Bem-vindo a Lorindella — anunciou Dacre. Parecia divertido, e Roman percebeu que o deus estava a observar a sua reação. — Estás com fome?

Roman acenou com a cabeça, sentindo a dor oca no estômago. Estava faminto. Por comida, por calor, por um lar. Por segurança.

Passou a máquina de escrever para a outra mão e seguiu Dacre até à fila da comida. O ar tinha um aroma delicioso a carne grelhada. Roman só se apercebeu de que estava a tremer quando lhe deram uma tigela com o que parecia ser frango, pão e uma espécie de molho vermelho espesso.

— Vai descansar e sacia-te — disse Dacre, apontando para o centro da praça, onde os soldados estavam sentados a comer. — Virei buscar-te quando for altura de avançar.

— Sim, senhor — disse Roman, numa voz que não era mais do que um sussurro.

Encontrou um lugar para se sentar e devorou a comida. Podia ter comido mais três tigelas, mas distraiu-se das dores de fome a observar novamente a cidade. *Lorindella*, como Dacre lhe chamara. Roman tentou imaginá-la no mapa que tinha estudado. Fechou os olhos e recordou todas as passagens iluminadas, que fluíam como rios, que se emaranhavam como raízes.

Quando abriu os olhos viu o tenente Shane a alguns passos de distância, à conversa com Dacre.

Roman baixou os olhos para as mãos, mas pouco depois duas botas engraxadas pararam diante dele.

— Vais marchar com o meu pelotão, correspondente — disse Shane. — Aqui está a tua mochila. — Deixou cair um saco de dormir amarrado com um cantil de água, uma pequena grelha de ferro e uma bolsa de couro com comida. — És responsável por ela a partir de agora. Tens mais dez minutos antes de partirmos. Até lá, trata de qualquer outro assunto que tenhas para resolver.

Roman contemplou a mochila, atordoado pelo choque, antes de olhar para Shane.

— Porque vou seguir no teu pelotão? Não pensei que fosse combater.

— Dacre achou que era melhor ficares às minhas ordens, já que

somos conterrâneos.

— Como assim?

— Não sabias que sou de Oath? — disse Shane, com um sorriso. Mas antes que Roman pudesse responder, o tenente virou costas e foi-se embora.

*

Era quase impossível dizer quanto tempo havia passado, mas Roman já tinha bolhas nos calcanhares e o estômago vazio e a roncicar de fome quando Shane ordenou ao pelotão para parar. Tinham marchado ao longo de um caminho que seguia para oriente e os conduziu até outra câmara ampla, embora esta estivesse vazia e sombria, envolta em nevoeiro. Não havia forja ou mercado, nem janelas ou varandas esculpidas nas paredes. Tudo parecia calmo e reverente como numa floresta, embora não houvesse árvores a crescer. Apenas plantas desgarradas que despontavam nas fendas da rocha.

Roman sentiu-se exaurido, como uma pedra que se tivesse partido em duas. Apressou-se a desatar o cantil e bebeu alguns goles de uma água tão fria que lhe fez doer os dentes.

Os soldados à sua volta começaram a deitar-se para passar a noite. Roman seguiu o exemplo, mantendo a máquina de escrever por perto — a única arma que possuía. O saco-cama era composto por dois cobertores de lã, ásperos, mas quentes. Roman deitou-se com um suspiro, de braços cruzados e as palmas das mãos apoiadas no peito, em cima das cartas de Elizabeth. Não resistiu a fazer pressão até sentir o papel a enrugar-se.

Adormeceu com um arrepio.

*

Voltou a sonhar com Iris Winnow.

Nem podia ser de outra maneira, e ele sentiu o sabor da ironia como se tivesse posto uma moeda na boca. Ela parecia assombrar os seus sonhos nas alturas mais difíceis. Quando o mundo acordado parecia mais incerto e dorido.

Desta vez, estavam sentados num banco de jardim, lado a lado, a comer sandes. Fazia frio e as árvores estavam despidas. Iris estava a falar-lhe do irmão, Forest, desaparecido em combate.

Depois, voltou a sonhar com a sua casa. Estava no quarto, era tarde, e Roman escrevia à máquina. Estava a escrever sobre o afogamento de Del e a culpa que ainda o perseguia como uma sombra da qual nunca poderia escapar. Quando acabou, dobrou o papel e meteu-o debaixo da porta do roupeiro. Depois disso, sentou-se na cama e releu as cartas que Iris lhe tinha escrito.

Voltou a ver Iris no *Gazette*. O seu campo de batalha. Ela estava de

partida, tinha-se *demitido*, e Roman não sabia o que fazer, o que dizer para a convencer a ficar ou porque é que isso era realmente importante para ele. Só sabia que se sentia mais vivo quando ela estava por perto. Posicionou-se diante das portas e viu-a caminhar até ele. Tentou ler cada linha da sua expressão, cada pensamento que passava pela sua mente, como se ela fosse um artigo numa página. Estava desesperado para saber o que ela estava a pensar, o que poderia dizer para a convencer a ficar.

Fica, Iris. Fica aqui comigo.

— Roman.

A voz de Dacre acordou-o. O timbre profundo movia-se como ondas de choque na mente de Roman, invadindo o sonho. Iris Winnow derreteu-se em chuva iridescente diante daquele som. Roman surpreendeu-se a si próprio ao tentar tocar-lhe. Mas ela não era nada mais do que névoa e recordação. Escorregou-lhe por entre os dedos, deixando para trás a acidez dos citrinos num chá preto açucarado.

— Acorda, Roman — disse Dacre, agarrando-lhe o ombro com força. — Está na hora.

— Senhor? — disse Roman, num reflexo, com a voz enferrujada. Abriu os olhos para a visão turva de um deus que olhava diretamente para ele.

Mas, mesmo sob a pesada vigilância da imortalidade, Roman só conseguia pensar que tinha escrito para Iris da mesma forma que estava agora a escrever para Elizabeth. Tinha enfiado cartas datilografadas por baixo das portas durante algum tempo. Muito antes de se ter embrenhado na guerra. Isso acelerou-lhe o fluxo sanguíneo, aquecendo a pele de Roman como o ouro é aquecido pelo fogo.

— Levanta-te — ordenou Dacre. — Está na altura de tomarmos Hawk Shire.

UMA BRIGADEIRO FEITA DE ESTRELAS

Hawk Shire não era o que Iris estava à espera, mesmo que ela não tivesse a certeza de *como* tinha pensado que seria.

Fizera toda a viagem noturna recostada, com os olhos postos no céu, permitindo que a vibração do carro se infiltrasse nos seus ossos. As estrelas brilhavam no alto, como guardiãs dedicadas, com as constelações ocidentais a guiá-los como uma flecha disparada de um arco. Iris, demasiado elétrica para conseguir dormir, tinha tentado imaginar o que a esperava; preparar a sua declaração e definir um plano de ação, com a carta de Roman guardada no bolso, juntamente com o livro acerca dos pássaros de Marisol. Por algumas vezes, passou a ponta do dedo pelo canto afiado do papel dobrado. As palavras de Roman eram uma costura brilhante na escuridão da noite.

Não sei como me preparar para isto, mãe, pensou Iris, enquanto observava as estrelas. Elas continuavam a brilhar, meros pontinhos frios de luz. *Não sei o que estou a fazer*.

O sol estava a nascer como uma gema sangrenta no horizonte quando Tobias reduziu a velocidade do roadster. Hawk Shire surgiu à vista através de um véu de neblina, uma vila feita de sombras altas visíveis ao longe. Avistaram uma patrulha na estrada com uma barricada rudimentar. Tobias imobilizou o carro quando um soldado levantou a mão.

— Esta vila está interdita a civis — disse o soldado num tom brusco, examinando os três ocupantes com um olhar desconfiado. — Têm de voltar para trás.

Iris sentou-se mais direita e tirou os óculos de proteção. Nem queria pensar no seu aspeto, os cabelos fustigados pelo vento, a cara e os ombros salpicados de lama. Um brilho desesperado no olhar.

— Tenho uma mensagem importante para a capitã Keegan Torres — disse. — É muito urgente. Por favor, deixe-nos passar.

O soldado limitou-se a encará-la, até que baixou o olhar para o distintivo branco no seu macacão, cosido por cima do coração: INKRIDDEN TRIBUNE.

— Se está aqui para fazer uma reportagem, lamento dizer que é proibido. Esta é uma zona de guerra ativa, interdita a civis, e vocês...

— Não estamos aqui para fazer uma reportagem — interrompeu Iris, com a voz mais aguda do que o pretendido. Obrigou-se a respirar fundo e a relaxar os ombros. — Como eu disse, tenho uma mensagem extremamente importante para a capitã...

— Sim, já ouvi. Qual é a mensagem?

Iris hesitou. Sentia Attie e Tobias a observarem-na, à espera. O ar ficou subitamente tenso. Tinham-lhe passado muitas coisas pela cabeça na escuridão, mas nunca sequer ponderou a hipótese de serem impedidos de entrar em Hawk Shire.

— Deve ser entregue em mãos à capitã — respondeu, com firmeza. — Por mim.

Um segundo soldado juntou-se ao primeiro, atraído para o carro. Iris observou-os a conferenciar em surdina, olhando para eles com as sobrancelhas arqueadas. O suor escorria-lhe pelas palmas das mãos enquanto esperava; sentiu-se tentada a tocar na carta de Roman, mas resistiu, passando antes os dedos pela aliança de casamento. Inspirou algumas vezes, sentindo na boca o sabor do escape do carro, da névoa aromática, do fumo de uma fogueira. O Sol ia subindo no firmamento; o nevoeiro desvanecia-se rapidamente, como a neve na primavera. Hawk Shire parecia uma vila escura e sombria, uma sucessão de edifícios circulares de pedra que faziam lembrar as pontas de uma coroa.

— Muito bem — disse o soldado que os tinha abordado inicialmente. — Só um de vocês é que pode entrar. Eu serei a sua escolta.

Iris sentiu o coração na garganta. Mas olhou para Attie, que acenou solenemente com a cabeça em sinal de incentivo, e depois para Tobias, que desligou o motor.

— Esperamos aqui por ti — disse ele e, pelo tom da sua voz, Iris teve a certeza de que nada o faria faltar à sua palavra.

Isso deu-lhe confiança para sair do roadster de queixo erguido. Sentia as pernas fracas das horas que passara sentada, mas seguiu o soldado, que contornou a barricada e avançou pela estrada. Passaram por um mar de tendas de tecido. Soldados sentados à roda das fogueiras fritavam salsichas e ovos em frigideiras de ferro fundido. Uma fila de camiões estacionados, todos salpicados de lama, com os para-brisas rachados e os para-lamas crivados de balas iluminados pelo nascer do Sol. O ar era solene, silencioso e parado, como se as forças de Enva tivessem sido derrotadas, e isso fez com que os pelos dos braços de Iris se arrepiassem.

Sem uma palavra, seguiu o soldado até à vila, admirando os edifícios de Hawk Shire. Um deles, no centro da povoação, captou a

sua atenção. Era um prédio muito alto e largo — quatro pisos com várias chaminés — e construído em tijolo vermelho e com janelas de vidro brilhante. Uma fábrica, percebeu Iris, com casas modestas à volta, como orvalho numa teia de aranha.

O soldado levou-a por um vasto mercado da cidade, onde Iris se deteve abruptamente. Sobre os paralelepípedos tinham sido dispostas filas de catres e camas improvisadas, com soldados feridos deitados sobre cobertores esfarrapados. Os soldados eram em muito maior número do que os médicos e as enfermeiras, que pareciam estar permanentemente em movimento, passando de catre em catre, com arrastadeiras, ligaduras ensanguentadas e copos de água nas mãos. Nem sequer o Sol pardacento conseguia esconder a exaustão e a preocupação gravadas nos seus rostos.

O número impressionante de feridos deixou Iris sem fôlego; fê-la pensar em Forest. Em Roman. Obrigou-se a continuar a seguir o soldado para dentro da fábrica, embora os seus pensamentos se concentrassem numa pergunta horrível: como é que as forças da Enva iriam retirar todos os feridos antes da chegada de Dacre?

O soldado levou-a por lances de escadas metálicas até ao último piso, passando por alguns soldados desconsolados pelo caminho. Mais uma vez, Iris ficou surpreendida com o silêncio, como se ninguém tivesse coragem de falar. Como se estivessem simplesmente a sustentar a respiração e à espera que Dacre chegasse e os derrotasse uma última vez.

— Aqui dentro — disse o soldado, abrindo uma porta que rangia. — A brigadeiro vai recebê-la em breve.

Iris entrou na sala, sobressaltada com aquelas palavras.

— Brigadeiro? Eu pedi para falar com a capitã Keegan Torres.

O soldado limitou-se a suspirar e a abanar a cabeça. Fechou a porta, deixando-a sozinha na sala comprida e estreita, com um tapete gasto ao longo do soalho de madeira, uma secretária de nogueira manchada, coberta de papéis e candelabros pingados de cera, e uma parede toda envidraçada. Foi para as janelas que Iris foi atraída, apercebendo-se de que o vidro lhe proporcionava uma vista aérea de Hawk Shire, bem como do horizonte azul profundo do Oeste.

O nevoeiro continuava a levantar. Olhou novamente para a praça do mercado, aterrada pelas filas de soldados feridos. Uma médica caminhava de um edifício para outro, com as roupas manchadas de sangue. Duas enfermeiras carregavam uma maca com um corpo tapado por um lençol branco.

Os olhos de Iris acabaram por se fixar num par de abutres empoleirados num telhado próximo.

Ficou a olhar para os pássaros, enquanto estes abriam as asas ao sol, imaginando se a teriam seguido desde River Down. Com um

movimento ansioso, Iris levou a mão ao bolso e retirou o livro de Marisol. Folheou as páginas gastas, admirando as ilustrações intrincadas, até chegar à página dedicada aos rouxinóis. Foi ali que demorou o olhar, na descrição em letra pequena:

O rouxinol é uma ave pequena e furtiva, bastante simples ao olhar, mas difícil de detetar. Esconde-se em arbustos densos e, embora a sua penugem possa não ser vistosa, tem um repertório de mais de duzentos sons que consegue cantar.

A porta abriu-se com um rangido.

Iris fechou o livro e sentiu a boca subitamente seca. Todas as palavras pareciam ter desaparecido da sua mente quando virou costas às janelas e se preparou para perguntar novamente por Keegan. Mas Iris estancou, com a respiração suspensa.

Era Keegan. A mulher de Marisol perfilava-se diante de si, imponente na sua farda verde com três estrelas douradas presas ao peito. O cabelo loiro fora penteado para trás e os vivazes olhos negros estavam raiados de sangue, como se não tivesse uma boa noite de sono há semanas. A boca formava uma linha reta e o maxilar estava rígido como se fosse de pedra. Também ela vinha armada de ideias preconcebidas, com uma expressão inescrutável.

— Cap... Brigadeiro Torres — disse Iris. — Sei que provavelmente não se lembra de mim, mas eu...

— Iris Winnow — cortou Keegan, fechando a porta atrás de si. — Claro que me lembro de ti. Não fui eu que presidi aos vossos votos no jardim? A minha mulher gosta muito de ti e da Attie, assim como do teu Kitt. Mas, por amor de Deus, o que fazes aqui?

Iris respirou fundo.

— Trago uma mensagem que acho que devia ler.

— Uma mensagem?

— Sim. Eu... — O que devia ela dizer? Iris voltou a meter a mão no bolso, de onde tirou a carta de Roman. — Por favor, leia isto.

Entregou a carta a Keegan e observou a expressão da brigadeiro enquanto esta lia as palavras de Roman. O rosto de Keegan continuava inescrutável. Iris começava a temer que a brigadeiro duvidasse de tudo, e não sabia o que faria se isso acontecesse. Então, Keegan exalou bruscamente e encarou Iris. Os seus olhos brilhavam como se tivesse acabado de ser sacudida de um sonho.

— Onde arranjaste isto, Iris?

— Tenho uma ligação mágica com o Roman através das nossas máquinas de escrever — começou ela. Partilhou tudo com Keegan, desde o início em Oath, quando eram meros rivais no jornal, até ao ponto em que se encontrava agora, a escrever ao marido, apesar de ele ser prisioneiro de Dacre e nem sequer se lembrar do nome dela. — Sei que parece impossível, mas o Roman não me mentiria — concluiu,

espantada com a rouquidão da sua voz. Engoliu o nó que tinha na garganta, mas ele foi-se alojar no seu peito, e Iris compreendeu que era resultado da mágoa que não se permitira processar. A mágoa que sentia por Roman estar cativo, com a mente turva pela magia de Dacre. A mágoa pelo facto de poderem não voltar a ter aquilo que tiveram um dia.

Ela era exímia a enterrar aquele género de coisas, angústia, tristeza e, às vezes, até mesmo a realidade daquilo que enfrentava. Mas não sabia muito bem como abrir mão delas sem perder partes essenciais de si mesma.

Keegan ficou em silêncio, relendo as palavras datilografadas por Roman.

— Quando é que recebeste esta carta?

— Ontem de manhã. Vim assim que a li. Nós fizemos a viagem de carro de noite desde Bitteryne.

— O que significa que, a fazer fé no que diz o Roman, só temos mais um dia ou dois antes de Dacre atacar. — Keegan pressionou os lábios, mas depois olhou para Iris. — *Nós*, quem? Disseste que vieste de carro com alguém.

— A Attie e o Tobias Bexley.

— Onde é que eles estão?

— Na barricada, no carro, à minha espera.

— Devem estar exaustos e famintos. Vou mandar-vos o pequeno-almoço e arranjar um quarto sossegado para descansarem. — Keegan dirigiu-se à porta e abriu-a, murmurando qualquer coisa para um soldado que esperava no corredor. — Segue o soldado Shepherd. Ele vai levar-te para um quarto no piso inferior para poderes descansar e comer — disse, virando-se. Mas deve ter reparado na angústia de Iris, que hesitava, com os olhos a desviarem-se para a carta de Roman ainda na mão da brigadeiro. Suavizou o tom e acrescentou — Não te preocupes. Tenho de falar com os meus oficiais, mas vou ter contigo daqui a pouco, depois de teres descansado.

— Claro — murmurou Iris com um ligeiro sorriso. — Obrigada, brigadeiro Torres.

No entanto, apesar do seu alívio por ter dado a notícia a tempo, Iris censurava-se por aceitar sair dali e seguir outro estranho, deixando a carta de Roman — *queima as minhas palavras* — votada a um destino desconhecido.

*

Nenhum deles tencionava dormir mais do que uma hora, mas depois de uma refeição quente de ovos e torradas com manteiga, acompanhada de chicória diluída sem açúcar e apenas com um pouco de natas, Iris, Attie e Tobias adormeceram profundamente nas camas

que Keegan lhes tinha facultado. Tinha-lhes sido destinado um quarto interior na fábrica, sem janelas, e a escuridão parecia um bálsamo até Iris ser acordada pelo som distante de um violino.

Era uma peça comovente e encantadora, que encheu Iris de nostalgia. Levantou-se da cama e seguiu a música para fora do quarto escuro.

Percorreu o corredor, com a melodia do violino cada vez mais audível, como se estivesse prestes a encontrá-la. Dobrou uma esquina e quase deu de caras com a mãe.

Aster encostava-se à parede, embrulhada no seu casaco roxo, com um cigarro a queimar nos dedos.

— Bons olhos te vejam, minha querida — disse ela, com entusiasmo. — Vieste apreciar a música comigo?

Iris franziu o sobrolho, inquieta.

— Quem está a tocar violino?

— O que é que isso interessa? Escuta, Iris. Ouve as notas. Diz-me se as conheces.

Iris calou-se. Escutou o violino e, embora a música a envolvesse como lianas banhadas pelo sol, não a reconheceu. Nunca tinha ouvido aquela música.

— Não a conheço, mãe — confessou, enquanto reparava no sulco que se formava na testa de Aster. — O que fazes aqui?

Aster abriu a boca, mas a voz foi-lhe roubada quando as cores começaram a fundir-se. Iris sentiu uma pontada de medo quando os traços do rosto da mãe começaram a esbater-se, até que levantou as próprias mãos e viu que também elas se estavam a desvanecer, desfazendo-se em centenas de estrelas.

— Isto é um sonho — disse, ofegante. — Porque continuas a aparecer-me, mãe?

O chão tremeu e estalou debaixo das suas botas. Iris estava prestes a cair pela fenda que se alargava quando arquejou e se sentou direita, pestanejando na escuridão tranquila. Demorou algum tempo até se orientar, mas lembrou-se de onde estava. Distinguia a respiração pesada de Attie, típica de quem sonha, na cama ao lado, e os roncossuaves de Tobias na outra ponta do quarto. Não conseguia ver as horas. Passou os dedos pelo cabelo emaranhado enquanto pousava os pés no chão. Foi quando voltou a sentir. Uma vibração constante.

Iris saiu do quarto e seguiu pelo corredor, à procura de alguém que lhe dissesse o que se passava, mas depressa viu a resposta quando passou por um conjunto de janelas. Fez uma pausa e reparou no médico que tinha visto antes a ajudar a carregar uma fila de feridos para a parte de trás de um camião. Outro camião passou na estrada, carregado de soldados.

Percebeu que se tratava das forças de Keegan. Deviam estar a

retirar de Hawk Shire.

Acreditaram nas palavras do Roman.

Iris correu pelo longo corredor, atravessando quadrados âmbar de luz solar. A tarde parecia ir a meio e os minutos sucediam-se com uma sensação crescente de pavor. Saiu pela porta e aproximou-se de uma das enfermeiras que estavam na praça do mercado.

— Em que posso ajudar? — perguntou Iris.

A enfermeira olhou-a de relance, com o suor a escorrer-lhe pelo rosto.

— Se quiser, pode ajudar-nos a carregar os feridos para aquele camião.

Iris acenou com a cabeça e correu para o catre mais próximo, onde um jovem com ligaduras na cara se esforçava por se sentar direito.

— Espere — disse Iris. — Pegue na minha mão.

Levantou-o e ajudou-o a equilibrar-se, acompanhando-o até ao camião quase cheio, com os feridos amontoados uns em cima dos outros. Enquanto Iris ajudava o soldado a subir a rampa e a entrar na parte de trás, a preocupação roubou-lhe o ar dos pulmões.

Não podiam deixar nenhum dos feridos para trás. Não com a chegada iminente de Dacre. Ele haveria de curar os soldados para os usar em proveito próprio.

— *Iris!* — Virou-se e viu Attie e Tobias a correr no meio do caos. Iris abriu caminho até eles, com o coração a bater-lhe nos ouvidos. — Eles acreditaram no aviso do Roman? — perguntou Attie num tom baixo, mas esperançoso.

— Sim. — Iris ajeitou um emaranhado de cabelo atrás da orelha. Apercebeu-se de que tinha sangue nas mãos. — Estão a transportar todos os feridos, mas não sei bem para onde... — Calou-se quando viu Keegan a aproximar-se. — Brigadeiro Torres.

— Ia acordar-vos — disse Keegan. — A evacuação já começou, e vocês devem partir imediatamente.

— Para onde vão retirar? — inquiriu Attie.

— Para Oath — respondeu Keegan. — Somos as últimas forças de Enva. E vamos fazer da cidade o nosso último reduto.

Aquelas palavras atravessaram Iris como um arrepio. Observou o rosto de Keegan.

— Vocês são os últimos?

— Os batalhões que combatiam na frente sul tombaram. Dacre matou e levou um grande número dos nossos soldados. E eu não permitirei que ele mate e transforme esta última brigada.

— Então, deixe-nos ajudar com os feridos — ofereceu Tobias. — Nós podemos ficar e transportá-los em segurança.

Keegan abanou a cabeça.

— Têm de partir imediatamente. Não conseguiria viver comigo

mesma se algo vos acontecesse.

— Mas não podemos deixar-vos, a vocês e aos feridos, para trás — insistiu Iris. — Por favor, brigadeiro.

Keegan hesitou, mas não desviou o olhar de Iris. Talvez tenha visto nos seus olhos um vislumbre do passado. Aquele dia fatídico no penhasco, quando Keegan lhe entregara uma carta. Palavras que davam conta de que Forest não estava morto, mas ferido. E como essa mensagem tinha reforçado a decisão de Iris de ficar para trás em vez de retirar com o resto dos habitantes da vila.

— Se eu vos deixar ficar e ajudar — começou Keegan —, ficarão na parte de trás de uma coluna lenta de camiões. Ficarão numa posição vulnerável se Dacre decidir perseguir-nos.

— Eu conheço um atalho — sugeriu Tobias. — Dos meus primórdios como estafeta. As suas tropas vão tomar a estrada principal para Oath, brigadeiro?

— Sim. Porquê?

— Viemos no meu roadster, e posso seguir pela Hawthorne Route, que é mais estreita, mas também mais rápida, o que nos permitirá juntarmo-nos rapidamente à sua brigada em River Down.

Iris susteve a respiração enquanto esperava pela resposta de Keegan. Os seus dedos agarraram instintivamente no medalhão que pendia do seu pescoço.

— Pois bem — cedeu. — Podem ficar e ajudar. Mas quando eu disser que está na hora de partirem, vão seguir pela Hawthorne Route sem olhar para trás. De acordo?

— Sim — responderam os três em uníssono.

A brigadeiro tirou uma folha de papel amarrotada do bolso. Iris percebeu que se tratava da carta de Roman, e suspirou de alívio quando Keegan lha devolveu.

— Obrigada por me teres trazido esta mensagem — disse a brigadeiro. — Por teres feito a viagem para chegares até nós a tempo. Tenho uma dívida eterna para contigo.

Iris sentiu um nó na garganta. Limitou-se a acenar com a cabeça, enquanto guardava o papel no bolso. Mas quando começou a carregar os soldados para o camião, não conseguiu deixar de pensar em Roman, que estava nas profundezas da Terra. A aproximar-se através daquelas linhas ley emaranhadas, algures debaixo dos seus pés.

UMA CASA QUE SABE AQUILO DE QUE PRECISAS

A tarde foi-se esvaindo sob um céu azul brilhante. Iris, Attie e Tobias não descansaram enquanto os soldados feridos não foram todos retirados em segurança e Keegan lhes deu ordem para partirem.

Era muito mais tarde do que tinham previsto, com o sol a afundar-se no horizonte a ocidente e o frio da primavera a transformar-se em sombras. Mas uma estranha energia agitava o sangue de Iris; mitigava-lhe o cansaço e mantinha o medo à distância, enquanto seguia Attie e Tobias até ao carro. Sentiu-se triunfante quando deslizou para o familiar banco de couro.

Tinham avisado a brigada de Keegan mesmo a tempo. Os feridos tinham sido transferidos em segurança para leste, certificando-se de que Dacre não conseguiria capturá-los e transformá-los. Não deixava de ser uma doce vitória, e Iris recostou-se com um sorriso enquanto Tobias ligava o carro.

— Fazemos uma boa equipa — disse ele, como se também sentisse a mesma excitação no sangue.

— Já estou a ver a manchete de amanhã. — Attie apoiou os cotovelos nas costas do banco de Tobias. — De certeza que vai vender um milhar de jornais em Oath.

— «Duas repórteres corajosas salvam a última brigada de Enva»? — Aventou Tobias enquanto conduzia pelas ruas. O motor do carro ronronava numa cadência familiar atrás do rasto do exército.

— Acho que te estás a esquecer de alguém, Bexley — disse Attie. — Alguém que tem nove vidas, se bem te lembras.

Tobias riu-se, mas Iris não ouviu a resposta. A sua atenção foi desviada por alguns soldados que ficavam para trás, a entaipar lintéis, garagens e janelas de edifícios nos arredores da cidade. Iris virou-se para os observar, com o cabelo a voar-lhe para o rosto. Um pavor frio começou a infiltrar-se nos seus ossos.

Supôs que teria sido uma ordem de última hora de Keegan, para dificultar a tarefa das forças de Dacre, quando chegassem pelos portais

interiores. Mas a verdade é que mais parecia que a cidade estava a preparar-se para um vendaval que arrasaria por completo todos os edifícios.

O carro passou pela última barricada e ganhou velocidade na estrada aberta. À frente seguia a coluna de camiões, que se fundia com a linha do horizonte à medida que se dirigia para leste. O carro seguiu-os durante meio quilómetro até uma bifurcação na estrada.

— A Hawthorne Route é famosa pelas suas curvas — anunciou Tobias enquanto virava o carro, tomando o atalho. — Talvez precisem de se agarrar a alguma coisa.

— *Talvez?* — Attie disse, num tom sarcástico, enquanto deslizava pelo banco, esbarrando em Iris. — Pensei que me tinhas prometido uma viagem tranquila.

— E eu tenho uma resposta para essa afirmação — disse Tobias, trocando olhares com Attie pelo espelho retrovisor. — Mas acho que é melhor estar calado.

Attie agarrou na pega de corda à sua frente, aproximando-se mais dele.

— Isso é um desafio, Bexley?

Iris, que os observava, divertida, sentiu que precisava de desviar o olhar. E fê-lo, focando-se no para-brisas salpicado de lama e na estrada serpenteante. Esbugalhou os olhos quando percebeu que a sombra à sua frente era algo completamente diferente.

— *Tobias!* — gritou, assim que passaram por cima de um buraco.

Tobias guinou o volante. O roadster girou com um solavanco assustador. As duas raparigas tentaram agarrar-se enquanto Tobias recuperava o controlo.

— Lá está, uma viagem tranquila — provocou Attie, tentando aliviar a tensão. Mas a postura de Tobias ficou rígida. Iris sentiu-o a reduzir a velocidade do carro, o motor a gemer.

— Está tudo bem? — perguntou.

Tobias não respondeu e parou o carro de repente no meio da estrada.

Saltou por cima da porta, franzindo a testa enquanto estudava o lado esquerdo do roadster. Iris não precisou de ver com os seus próprios olhos; sentiu o balanço do veículo e susteve a respiração quando Tobias se ajoelhou.

— Um pneu furado — anunciou ele num tom ríspido. — Não devia ter passado por cima daquele buraco.

— Peço desculpa — disse Attie. Mordeu o lábio enquanto se esgueirava pela porta, colocando-se ao lado dele para ver os estragos. — Não devia ter-te distraído.

Tobias levantou-se e passou as mãos pelas calças.

— Não há problema. Tenho um sobresselente na bagageira, mas

vou demorar algum tempo a trocar o pneu.

— Deixa-me ajudar.

Tobias e Attie começaram a despejar a bagageira para descobrirem o pneu sobresselente e o macaco, e Iris tirou a bagagem do caminho, sentindo a tensão a aumentar no ar. A noite aproximava-se rapidamente. As primeiras estrelas já tinham surgido no crepúsculo quando Tobias soltou um impropério.

— Não consigo encontrar a minha chave de porcas — anunciou, passando a mão pelo cabelo preto e despenteado. — Iris, acendes-me essa lanterna?

Iris pegou na lanterna de vidro e na caixa de fósforos que tinha colocado ao lado da bagagem, objetos que Tobias trazia sempre consigo para uma emergência noturna. Que era o que tinham em mãos naquele momento, o que fez o coração de Iris bater mais depressa. Riscou o fósforo e acendeu o pavio com os dedos dormentes, levantando a lanterna para que Tobias pudesse ver.

Mas os olhos dele não estavam pousados no carro. Estavam fixos em Attie, que esfregava as mãos de nervosismo e balbuciava outro pedido de desculpas.

— Perdoa-me, a culpa é toda minha, e eu...

Tobias estendeu a mão e pegou-lhe delicadamente no braço.

— A culpa não é tua, Attie.

— É, sim. Distraí-te da estrada!

Um silêncio constrangedor instalou-se entre eles. Iris apressou-se a dizer:

— Se te falta uma chave de porcas, eu posso ir à cidade procurar uma. Passámos por uma garagem mesmo antes da barricada. — A verdade é que ela queria retomar a marcha o mais depressa possível, mas também queria dar-lhes um momento a sós.

— Voltar para a cidade? — indignou-se Attie. — Por amor de Deus, Iris!

— Não é longe — insistiu Iris. — Ainda avisto as janelas do segundo andar de algumas casas da cidade. Vocês podem levantar o carro com o macaco, enquanto eu vou buscar a chave. Depois seguimos caminho como se isto nunca tivesse acontecido.

Tobias estava em silêncio, mas acabou por acenar com a cabeça.

— Está bem. Mas leva a lanterna. Se houver algum problema, faz-nos sinal apagando a chama diante de uma das janelas.

— Claro. Volto dentro de alguns minutos. Não te preocupes. — Deu dois passos e, logo a seguir, deu meia-volta e esboçou uma careta. — Só uma última pergunta. Como é que é mesmo uma chave de porcas?

Hawk Shire era uma cidade diferente à noite, com as ruas desertas.

Iris já respirava com dificuldade quando passou pela barricada na estrada principal, com os músculos a arderem a cada passo dado sobre as pedras da calçada. Era chegada a hora sinistra, em que a noite quase engolira as últimas réstias do sol e as sombras eram oblíquas e aterradoras. Iris assustou-se algumas vezes, enquanto procurava a garagem de que se lembrava. Fez uma pausa, perguntando-se se um pelotão de soldados de Enva teria sido deixado para trás, mas era apenas um jogo da escuridão e o vento, que assobiava pelas ruas.

Iris ficou a olhar para a cidade tranquila, de lanterna na mão.

Não, ela estava completamente sozinha, e o triunfo que saboreado instantes antes azedou subitamente na sua língua.

Procura a chave de porcas e sai daqui, disse a si própria, quando finalmente encontrou a garagem, que não tinha sido entaipada como as janelas e portas vizinhas. Vasculhou um armário de ferramentas e percebeu que as suas opções eram escassas enquanto as examinava freneticamente à luz da lanterna. Nenhuma correspondia à descrição que Tobias tinha feito. Derrotada, saiu da garagem e a sua atenção foi captada por uma rua afastada.

Iris decidiu ir por ali e procurar outra garagem.

Passou por várias casas, todas elas entaipadas, até chegar ao local onde os soldados tinham abandonado os martelos e as tábuas. Algumas casas mais à frente, encontrou outra garagem, aberta como a mandíbula de um monstro. Iris estava a aproximar-se quando ouviu um ruído vindo das sombras. Um tilintar de metal, como se algo tivesse caído de uma prateleira.

— Quem está aí? — perguntou, mas a voz saiu débil perante uma súbita rajada de vento. Segurou na lanterna com força, deixando que a luz da chama a guiasse, e só quando já estava na garagem é que viu o brilho de uma chave inglesa caída no chão.

Estudou-a por instantes e reparou que as prateleiras à sua frente estavam vazias e que não havia mais nenhuma ferramenta além daquela. Que estranho ter caído naquele momento, como se estivesse desesperada para chamar a sua atenção. Inquieta, Iris baixou-se e pegou na chave. Era pesada, salpicada de ferrugem. Por algum motivo, fê-la pensar na mercearia de Oath, no facto de aquelas prateleiras encantadas saberem ao certo quanto dinheiro tinha na carteira, colocando em primeiro plano os artigos que podia comprar.

Estou em cima de uma linha ley.

A constatação provocou-lhe um arrepio. Um lugar mágico, mas também perigoso. Mal esse pensamento surgiu na sua mente, Iris ouviu outro barulho e a porta à sua direita abriu-se, como se estivesse a chamá-la para a casa adjacente.

Estremeceu, com o medo a espalhar-se pelo seu corpo. *Lutar ou*

fugir, o coração a mil, a indecisão a queimar-lhe o peito. Mas sem tirar os olhos da porta, examinou o interior banhado pela lua da casa vazia e chegou a outra conclusão.

Esta casa está enraizada na magia, e sabe aquilo de que preciso.

Decidiu confiar nela, mesmo com o suor a brilhar na sua pele. A magia de uma casa abandonada e silenciosa. Entrou, com a chave inglesa numa mão e a lanterna na outra.

Os mosaicos sob os seus pés eram azuis, fundindo-se mais à frente com um soalho de madeira desgastada. Folhas soltas acumulavam-se nos cantos de uma sala de estar. Um lustre pendia do teto, como se tivesse brotado de uma fenda, e os seus cristais brilhavam à luz da lanterna. Mas foi uma escada com um corrimão elegante que chamou a atenção de Iris. Os degraus davam para um segundo andar na obscuridade, e ela teve uma ideia.

Enquanto subia as escadas para um corredor estreito, Iris não sabia se a casa a tinha levado até ali por magia, ou se era realmente uma ideia sua. Mas isso não fazia diferença. Entrou num quarto nas traseiras da casa, que lhe fez lembrar o seu, com um colchão encostado a uma parede, uma secretária cheia de livros e uma porta de roupeiro aberta, revelando uma série de cabides de metal. Mais importante ainda, havia uma janela que dava para o caminho que ela tinha percorrido até à cidade. Iris encostou a lanterna às vidraças e à chave inglesa, na esperança de conseguir obter algum sinal de Attie e Tobias.

— Será que esta chave serve? — sussurrou, contando que Attie usasse os binóculos para ver melhor.

Pouco depois, avistou um pirilampo ao longe. Attie tinha acendido um fósforo em resposta. Quando Iris semicerrou os olhos, conseguiu ver os contornos do carro, uma sombra escura na estrada.

Attie acenou com a sua pequena chama. Iris não sabia o que isso significava e estava a pensar no que fazer quando sentiu o chão tremer. Pensou que tinha sido apenas fruto da sua imaginação, até que as paredes estremeceram, derrubando uma moldura.

Com a respiração suspensa e os pés bem fincados no chão, Iris esforçou os ouvidos contra o rugido do silêncio.

Uma porta abriu-se no piso de baixo. Botas começaram a matraquear pelo chão. Vozes erguiam-se como fumo.

Fugir ou lutar.

A magia que a tinha atraído até ali agora parecia-lhe traiçoeira. Uma rede que lhe prendia os membros. As suas mãos tremeram quando abriu a lanterna. Com os olhos ainda fixos na chama distante de Attie, Iris extinguiu a sua.

CARA A CARA COM UM SONHO

Roman não conseguia respirar.

Puseram-no em fila com os soldados. O estojo da máquina de escrever batia-lhe no joelho de cada vez que dava um passo, e a mochila amarrada às costas fazia-o sentir-se trôpego e lento. Não havia outra opção senão avançar, como se estivesse num rio e a corrente o arrastasse para uma cascata. Para a morte. Uma batalha estava iminente e ele ia ser apanhado no meio dela apenas com uma máquina de escrever na mão.

Tentou respirar fundo para acalmar o coração, mas viu estrelas a dançar nos cantos dos olhos. A fila abrandou quando saíram da câmara cavernosa, entrando novamente num corredor sinuoso cravejado de fragmentos de esmeralda. Relâmpagos azuis cintilavam através da pedra, iluminando o caminho. Roman sentiu na boca um gosto estranho, uma mistura de ozono e rocha húmida, e por momentos pensou se seria magia a crepitar na sua língua.

— Olhos em frente, armas a postos. — O tenente Shane passou por ele, na direção contrária ao fluxo do seu progresso. Repetia a frase, uma e outra vez, enquanto passava revista a cada soldado na fila. Quando roçou no ombro de Roman, este estendeu a mão em pânico e agarrou na manga do tenente.

— *Por favor* — disse, ofegante. — Acho que eu não devia estar aqui.

Shane fez uma pausa.

— Estás exatamente onde tens de estar, correspondente.

— Eu não tenho arma, não tenho formação... nem sequer sei o que devo fazer!

— Fazes parte da imprensa. Ninguém vai disparar contra ti — disse o tenente, indicando o distintivo no macacão de Roman. O distintivo que proclamava que Roman estava longe de ser neutro, visto ser um CORRESPONDENTE SUBTERRÂNEO.

Antes que Roman pudesse responder, Shane libertou-se do seu aperto e continuou a repetir a frase.

Olhos em frente, armas a postos.

Entorpecido, Roman continuou a andar. Foi então que um sussurro lhe chegou ao ouvido, um assobio para chamar a sua atenção.

— Pssst. Estás com os verdes — disse o soldado atrás de si. — Não te preocupes, vamos entrar na cidade pela periferia, longe do cerne da batalha. Vamos chegar por um portal nos arrabaldes.

Aquela revelação não apaziguou em nada os receios de Roman, que cerrou os dentes. Em tempos, pensara que gostaria de estar ali. Para ser uma testemunha ocular do destino que se desenrolava. Mas agora que este se encontrava a segundos de distância, ele só pensava em quão mal preparado estava.

A inclinação do solo ia aumentando, até se formar uma escadaria. Roman galgou os vários degraus e sentiu os músculos a arder com o esforço. O suor frio escorria-lhe pela pele. O seu estômago agitou-se e teve de engolir o refluxo gástrico.

É agora, pensou, com os olhos postos nos veios azuis que brilhavam na rocha à sua volta, no portal que se erguia ao longe, marcado por uma coroa de esmeraldas. Vou morrer longe de casa, com palavras que queria dizer, mas nunca disse.

Chegou finalmente ao cimo das escadas, sentindo o ar mudar do submundo para a superfície. Fresco e límpido, com um toque de doçura. Inspirou-o profundamente, como se tivesse estado debaixo de água, a afogar-se. A sua pele enrubesceu. Embaraçado por parecer tão fraco, cambaleou para o lado até se equilibrar.

Estendeu a mão para a parede. Os soldados continuaram a entrar pela mesma porta, que agora estava atrás de si, mas Roman observava o que o rodeava — o soalho de madeira desgastada, o espelho manchado por cima da lareira, uma lareira cheia de cinzas.

Uma sala de estar.

Sentiu os joelhos a fraquejar, e estava a deslizar para o chão quando o tenente Shane apareceu e o segurou pelo braço, forçando-o a permanecer de pé.

— Respira — ordenou Shane com firmeza. — Vais ficar bem, correspondente. — Roman acenou com a cabeça, mas o suor encharcava-lhe a roupa. Tentou conter o vômito. — Faz uma pausa para te recomposes. E depois quero que passes revista ao piso superior desta casa. Usa esta lanterna. Procura debaixo de cada cama e de cada armário. Quando acabares, vem ter comigo aqui. — Entregou a Roman uma pequena caixa retangular com uma lente e uma lâmpada. — Liga-a neste interruptor.

Mostrou-lhe como se fazia, e a lanterna emitiu um feixe de luz suave, iluminando a sala de estar e os soldados ali reunidos.

Roman inspecionou a caixa incandescente, deslocando-a de modo a que o feixe apontasse para baixo.

— O que devo fazer se encontrar uma pessoa lá em cima?

— Fá-la prisioneira.

Como?, apeteceu-lhe perguntar. As suas mãos estavam ocupadas com uma máquina de escrever e uma lanterna, mas Shane já se virara para dar uma ordem a outro soldado. Ocorreu a Roman que o tenente lhe tinha dado uma tarefa inofensiva. A casa parecia vazia, abandonada. Shane estava simplesmente a tirar Roman — que se tinha revelado bastante inútil como soldado — do caminho deles.

Estalou o pescoço antes de deixar a sala de estar. Sentia-se rígido, esquisito, como se os seus ossos estivessem mais pesados, como se fossem feitos de ferro. Devia ser apenas o medo, que continuava a espalhar-se como gelo, causando-lhe arrepios e desconforto. Chegou ao pé da escada e estudou as sombras, com a luz da lanterna a rasgar a escuridão.

Com um arrepio, Roman deu o primeiro passo e começou a subir a escada.

*

Iris pousou a lanterna apagada e a chave inglesa no chão.

Os soldados de Dacre moviam-se pelo andar principal da casa. Enquanto os seus olhos se adaptavam à escuridão, Iris tentava acalmar a respiração acelerada. A porta da rua estava inacessível, teria de fugir pela janela de guilhotina. Começou a puxar, e o caixilho abriu-se um palmo, deixando entrar uma corrente de ar fresco da noite, mas depois ficou preso e emperrou.

Iris cerrou os dentes, aplicando toda a sua força.

— Anda lá, *maldita* janela! — sussurrou, ajustando a sua posição. Voltou a puxar, sentindo os músculos retesados, e a janela começou a subir com uma resistência trémula. Porém, não era suficiente, e Iris lembrou-se da chave inglesa. Conseguiria usá-la como alavanca?

Pegou na ferramenta com a palma da mão escorregadia, mas não teve oportunidade de a usar. Pelo canto do olho, viu um feixe de luz. Estava alguém no corredor, com uma lanterna, a caminhar na sua direção. Ouvia os passos a aproximarem-se.

Em breve, o soldado estaria no limiar da porta. A luz penetraria no quarto, expondo-a.

Esconde-te!, instou o seu raciocínio.

Só podia esconder-se debaixo da cama ou dentro do roupeiro. Atravessou o quarto e dirigiu-se para o roupeiro, achando que estaria em melhor posição se tivesse de lutar. Com a chave inglesa ainda na mão, deslizou para o pequeno espaço do roupeiro, fechando a porta atrás de si. Esta não fechou por completo, teimando em ficar entreaberta. Iris quase voltou a pegar na maçaneta, mas congelou quando o feixe de luz iluminou o quarto.

Permaneceu imóvel.

Chegava até ela a respiração do intruso, um padrão de inspirações e expirações que replicavam a sua própria respiração. O chão rangia debaixo dos seus pés enquanto a pessoa procurava debaixo da cama.

Uma luta parecia inevitável. Iris empunhou a chave inglesa. Atacaria com toda a sua força. Apontaria para a cabeça, para os olhos. Teria de deixar o indivíduo inconsciente ou morto, de o silenciar rapidamente.

Nunca matei ninguém, pensou.

Iris esperou, enquanto via o feixe de luz atravessar o quarto e incidir no roupeiro. A luz derramava-se à sua volta, infiltrando-se nas fendas, mas ela manteve-se na sombra. Os passos do soldado aproximaram-se e depois pararam, até só haver silêncio e uma porta entre eles.

Ataca de forma rápida, disse a si mesma, com o braço a tremer. *Não hesites*.

Esperou que a porta se abrisse.

*

Roman parou diante do roupeiro, com os pelos dos braços eriçados. A eletricidade estática dançava-lhe no sangue; mal conseguia perceber porquê, até que pousou a máquina de escrever e abriu a porta, com a luz da lanterna a derreter as sombras.

Viu primeiro o brilho da chave inglesa, depois o braço esguio que a segurava. Mesmo assim, ficou tão chocado que se limitou a olhar para ela. Naquele momento tenso, ela podia ter-lhe rachado a cabeça a golpes de chave inglesa. Podia tê-lo aberto até ao osso e, pela expressão feroz do seu rosto, parecia *disposta* a fazê-lo. Mas ficou tão paralisada como ele.

Perguntou-se se estaria a sonhar, se estaria a dormir, porque era ela. Estava ali, a olhar para ele com aqueles encantadores olhos cor de avelã, os lábios entreabertos, os longos cabelos castanhos emaranhados à volta dos ombros.

O reconhecimento atravessou-o como uma bala, e Roman soube que estava acordado e lúcido, mesmo estando frente a frente com um sonho.

Estava a olhar para Iris Winnow.

DESFEITO EM FUMO

Iris baixou a chave inglesa.

Foi percorrida por calafrios dos pés à cabeça, enquanto olhava para Roman. Não conseguia respirar; só conseguia perguntar-se se estaria a imaginá-lo. Será que ele se transformaria num estranho quando ela fechasse os olhos? Parecia um encantamento cruel com o qual Dacre se deleitaria, proporcionando-lhe uma vaga de esperança antes de a desiludir com a realidade.

O suor escorria-lhe para os olhos, queimando-lhe a visão.

Iris pestanejou, mas Roman continuava ali, tão sólido e tangível como ela se lembrava dele. Deixou-se relaxar, e talvez isso fosse um erro. Mas queria saboreá-lo, percorrer cada linha e curva do seu corpo.

Para seu choque, ele parecia mais velho, mais magro. Havia um vazio no seu rosto que não existia antes, e uma expressão fria.

— *Kitt?* — atreveu-se a sussurrar.

Ele não se mexeu, mas Iris viu-o engolir em seco. Os seus olhos azuis ardiam enquanto ele a examinava; ficou chocada com isso até perceber que ele também estava a estudar cada detalhe dela, desde o pescoço até aos dedos dos pés. Os seus cabelos, as sardas no seu rosto. Quanto mais a contemplava, mais o seu semblante se suavizava. Estaria a lembrar-se dela? Haveria algo nela que o despertava? Um laço mortal que era mais forte do que qualquer magia divina.

— *Kitt* — repetiu. — *Kitt*, eu...

Roman levou um dedo à boca. Os dois ficaram em silêncio, a ouvir uma explosão de vozes zangadas no piso de baixo. Pelo que Iris percebia, Roman era o único que tinha subido as escadas. Mas pela forma como a casa estremecia, outros poderiam estar a segui-lo.

Os olhos dele permaneceram fixos nos dela enquanto esperavam que o tumulto no piso de baixo acalmasse. Ouviram portas a abrir e a fechar. Uma ordem a ser gritada, embora as palavras fossem indecifráveis.

Iris mordeu o lábio até doer. Ponderou se estaria prestes a ser

capturada. Se Roman cairia com ela. A imagem causou-lhe um arrepio nos ossos.

— Tens um sítio para onde ir? — sussurrou ele por fim. — Uma forma de escapar?

Iris olhou para a chave inglesa que tinha na mão. Meteu-a no bolso, fletindo os dedos que formigavam.

— Sim. Há um carro à minha espera. Estava a pensar fugir pela janela.

Roman hesitou, com uma madeixa de cabelo preto a atravessar-lhe a testa.

— Acho que é a tua melhor opção, neste momento.

Ela acenou com a cabeça, reprimindo a vontade de se atirar para os braços dele. De sentir o seu cheiro. Era tentador entregar-se ao passado, como se nunca se tivessem separado, deixar que aqueles velhos tempos a puxassem como uma maré. Mas as reservas dele acalmaram esse fogo. A sua expressão, as suas palavras cautelosas...

Ele não se lembra de mim.

Iris quase se vergou perante a angústia. Mas, em vez disso, girou a aliança no dedo, com o olhar inescrutável de Roman a acompanhar o movimento. Mesmo assim, não havia nenhuma centelha de reconhecimento no seu semblante.

Cabisbaixa, Iris observou Roman a dirigir-se para a janela, que abriu sem esforço, deixando entrar uma rajada do ar fresco da noite, convidando Iris a avançar.

— O telhado do alpendre fica aqui por baixo — disse ele, examinando a vista. Voltou a olhar para Iris, fazendo-lhe sinal para que se aproximasse. — Deves ser capaz de descer facilmente se tiveres cuidado. Se fores agora, não há problema.

Iris aproximou-se da janela e a brisa agitou-lhe o cabelo. Ficou tão perto de Roman que sentiu o calor da sua pele, mas não lhe tocou.

— Porque estás a ajudar-me? — murmurou.

Roman ficou muito quieto, com os olhos fixos na paisagem noturna para lá da janela. Por um doloroso instante, Iris pensou que ele não ia responder. Mas talvez não precisasse das palavras dele; podia vê-lo no seu rosto quando ele a encarou. Sim, ele *reconhecia-a*, embora parecesse que ainda lhe faltavam algumas peças.

— Sonhei contigo — disse. — Acho que éramos amigos antes de partir para a guerra.

— *Amigos?*

— Ou inimigos.

— Nós nunca fomos inimigos, Kitt. Não propriamente.

— Então, éramos algo mais?

Iris ficou calada. Sentia a mágoa na garganta, cheia das palavras que ansiava dizer-lhe, mas que provavelmente devia engolir. Decidiu

dizê-las, num sussurro áspero, que ele se inclinou para ouvir.

— Sim. Sou tua mulher.

Roman cambaleou como se ela o tivesse atingido. Os seus olhos arregalaram-se e escureceram, num contraste gritante com o rosto pálido, e Iris não suportou ver o lampejo de descrença na sua cara.

Virou-se e saltou pela janela, batendo com a canela no caixilho. Com a canela a latejar de dor, preparou-se para se deixar cair sobre o telhado do alpendre, sentindo o mundo fora do lugar, o ar demasiado forte nos seus pulmões. Estava quase a cair quando uma mão lhe agarrou o braço.

O calor dos seus dedos atravessou-lhe a manga como um raio de sol. Iris deleitou-se na sensação da mão dele, que a segurava como se ela estivesse a atravessar dois mundos.

A mão que a tinha acariciado na escuridão, na única noite que tinham partilhado. A mão que tinha usado uma aliança, um símbolo dos seus votos, e que lhe tinha datilografado inúmeras cartas, palavras que a tinham alimentado, confortado e fortalecido. A mão que lhe era terrivelmente familiar. Teria adivinhado que era a mão dele, mesmo que tivesse os olhos fechados.

Iris exalou, sentindo o sabor salgado e metálico do sangue nos lábios.

Lentamente, os seus olhos voltaram a encontrar-se.

Os olhos de Roman ainda estavam escuros, mas não denotavam a menor dúvida. Não havia descrença. Havia apenas o brilho da fome, como se Iris tivesse acabado de o despertar de um longo sono.

Os seus dedos desceram pelo braço dela, acompanhando a curva do cotovelo, até que as suas mãos se uniram e o polegar dele tocou na aliança de casamento. Roman arquejou suavemente, como se estivesse a sofrer, mas antes que Iris pudesse responder, ele puxou-a para si. Enquanto o rosto dela se inclinava para baixo, o dele inclinou-se para cima, até que os seus olhares se alinharam e apenas um suspiro separou as suas bocas.

— *Iris* — começou ele. — *Iris*, eu...

Foi interrompido pelo som de tiros, que soaram ao longe.

Iris assustou-se e agachou-se no parapeito da janela. Imaginou Tobias e Attie à sua espera na berma da estrada. Sabia que precisava de ir, embora sentisse que estava prestes a arrancar o coração do peito.

— Vem comigo, Kitt — sussurrou, agarrando-lhe na mão com mais força. — *Vem comigo*.

Roman desviou o olhar. Iris teve noção da luta que travava dentro de si, da transpiração que brilhava na sua testa, como se o corpo estivesse sob uma tensão tremenda.

— Não posso — disse ele, roucamente. — Tenho de ficar. — *Iris*

acenou com a cabeça, e um protesto dissolveu-se na sua língua. As lágrimas picaram-lhe os olhos, transformando o mundo numa névoa turva. Virou-se para fugir, mas Roman segurou-a com um aperto de mão, como se fosse transformar-se em fumo no momento em que a soltasse. — Olha para mim. — A voz dele era grave. Confiante e convincente. Um tom de voz em tudo semelhante ao que fora antes de a guerra se ter intrometido entre eles. — Voltaremos a encontrar-nos quando for a altura certa. Juro.

— Espero bem que sim — contrapôs ela.

O canto da boca dele contorceu-se. Um sorriso fugaz.

— E quando isso acontecer, podes pedir-me o favor que te devo.

Iris franziu o sobrolho. Que favor? Ela não se lembrava de terem falado sobre isso. Roman deve ter lido isso na sua cara. Começou a dizer algo mais, mas foi interrompido por uma voz desconhecida.

Uma chamada impositiva que emergiu das escadas.

— Correspondente? Ponto de situação.

— *Foge*, Iris — implorou Roman, enquanto a soltava.

A palma da mão pareceu-lhe vazia sem a dele, porém, quando fletiu os dedos, Iris viu a sua aliança a brilhar à luz da lanterna.

Iris nunca a tinha tirado. A aliança permaneceu no seu dedo desde o momento em que Roman a colocou ali, refulgente ao anoitecer, num jardim. Sem hesitar, tirou-a e deu-lha.

— Fica com ela — disse-lhe. — Um símbolo, para te lembrares de mim.

Roman não disse nada. Mas os seus dedos fecharam-se à volta da aliança, escondendo-a como um segredo bem guardado na palma da sua mão.

Iris virou-se para trás. Sentiu os olhos dele sobre ela, a observar todos os seus movimentos enquanto ela se deixava cair na escuridão.

CORAÇÕES INCANDESCENTES

Iris embateu no telhado do alpendre com estrondo. Magoou o tornozelo direito na queda, mas conseguiu dobrar-se e rebolar, estabilizando o corpo antes de chegar à borda. A palha do telhado cortou-lhe a palma da mão, mas a dor trouxe-lhe presença de espírito enquanto se empoleirava no beiral.

Sentiu-se tentada a olhar para a janela. A contemplar Roman uma última vez. Mas resistiu, mantendo o olhar em frente. Havia um campo mesmo à sua frente, com as ervas altas a dobrarem-se ao vento. Via a estrada principal à sua esquerda, uma sombra ao luar, assim como a Hawthorne Route, que cortava o prado como uma serpente deslizante.

Apesar da distância considerável a que se encontrava, Iris estava confiante de que conseguiria fugir a coberto das ervas até chegar a um lugar seguro. A seguir, poderia correr para junto de Tobias e Attie.

Fechou os olhos por um instante, e deixou-se cair da borda do telhado.

Aterrou de pé, com o tornozelo a latejar novamente com o impacto, mas não foi uma queda longa. Aos tropeções, esticou o braço para encontrar o equilíbrio. Viu dois barris com água da chuva nas ervas ali perto e baixou-se para se esconder entre eles, avaliando o que havia à sua volta.

Passou um minuto. Depois outro. Iris obrigou-se a esperar. Estava preocupada com a possibilidade de haver uma patrulha que ela ainda não tivesse visto, e mal esse pensamento lhe passou pela cabeça, uma porta abriu-se atrás dela. Ouviu botas a pisar o chão de pedra, a caminhar na sua direção.

Iris manteve-se perto dos barris, usando-os como escudo para não ser vista. Pelo canto do olho, viu uma sombra alta passar por ela.

Mais uma vez, decidiu aguardar. O soldado regressou, como se tivesse sido incumbido de vigiar aquele terreno.

Iris contou os seus passos da vez seguinte em que ele passou, para ver quanto tempo ficaria de costas voltadas para ela. A seguir, engoliu

em seco com força e obrigou-se a avançar. Seguiu pelas ervas o mais depressa que conseguiu, com os olhos postos no sítio onde sabia que ficava o caminho. Conseguiu dar dez passos antes de ser vista.

— *Alto!*

Iris parou instintivamente, até se lembrar da voz de Roman. As últimas palavras que ele dissera, um sussurro suave contra os seus lábios entreabertos.

Foge, Iris.

Desatou a correr.

— Eu disse para parar!

Era demasiado tarde para se esconder. Iris acelerou ainda mais o passo. As ervas fustigavam-lhe as pernas; sentiu o ar da noite gelado contra a sua pele húmida. Parecia que tinha asas nas omoplatas, como se nada a pudesse parar, até que um tiroteio rápido passou muito perto de si.

Iris tropeçou, com o sangue a zumbir de medo.

De alguma forma, conseguiu manter-se de pé, desviando-se dos tiros. As balas salpicavam o chão à sua esquerda, tão perto que ela conseguia sentir o cheiro da terra perfurada. O pânico inundou-a como um rio que rompe uma barragem.

Estava quase a chegar à Hawthorne Route.

Mais uma salva de tiros perfurou a escuridão, seguida de gritos. Iris nunca olhou para trás. Quando as suas botas tocaram na estrada, ela soube que tinha chegado ao sítio onde Tobias tinha estacionado. Sabia, porque passou pelo buraco na estrada, mas o carro não estava à vista.

Eles foram-se embora.

Iris colocou a mão sobre o peito, aliviada. Arrasada. *Para onde vou?*, pensou ela, com os pulmões a arfar enquanto tentava acalmar o coração. Precisava de delinear um plano novo, um plano que lhe permitisse escapar aos soldados de Dacre, mas a sua passada tornou-se mais rígida. Os seus pensamentos estilhaçados como vidro partido.

Exausta, abrandou para uma passada rápida estrada fora. Tudo à sua volta parecia obscuro, até que ouviu o rugido familiar de um motor. Segundos depois, dois faróis cortaram a noite. O carro de Tobias avançou na sua direção, emergindo das ervas finas do outro lado da estrada. Iris correu até ele, banhada pela luz dos faróis. Atrás de si, os soldados de Dacre gritavam-lhe *alto, alto!*

Não parou. As suas ordens dissiparam-se na escuridão, como estrelas ao amanhecer. Quando Tobias guinou o roadster, inclinando a porta traseira na sua direção, Iris saltou.

Bateu na lateral do carro e os joelhos amolgaram a porta de metal. Attie baixou-se e agarrou-a pelos braços, puxando-a para dentro do habitáculo, e antes que Iris pudesse sequer contorcer-se, Tobias já

havia pisado a fundo no acelerador. Os pneus guincharam na estrada, projetando lama enquanto as balas crivavam o para-choques.

As raparigas encolheram-se no chão enquanto nova saraivada de tiros se ouvia ao longe. Mas a ameaça foi-se desvanecendo, à medida que o motor debaixo delas acelerou.

— Iris? — chamou Attie, ajudando-a a subir para o banco. — Estás ferida? Eles...?

— Estou ótima — respondeu ela, num tom de voz arrastado. — Eles vêm atrás de nós?

— Não sei — disse Tobias, engatando uma mudança acima. — Mas é melhor pensarmos que sim.

Iris acenou com a cabeça e tirou a chave inglesa do bolso, e percebeu que as suas mãos estavam a tremer. A adrenalina estava a diminuir, deixando vestígios nos seus ossos. Deixou que a ferramenta caísse no chão e esfregou as palmas das mãos nas mangas, ansiosa por sentir outra coisa que não o pavor que a assolava.

— Segurem-se — avisou Tobias, ao descrever uma curva apertada.

Iris ficou contente por ter algo que a distraísse. Ansiava pela mordida do vento na cara, pela fúria dos quilómetros consumidos sob as rodas. Tudo o que a fizesse lembrar que estava a afastar-se do perigo.

— Vejo que trocaram o pneu — constatou.

Tobias resfolegou, mas Attie limitou-se a gemer.

— A chave de porcas estava na bagageira — disse. — Debaixo de um cobertor. Desculpa, Iris. Não te devíamos ter deixado voltar para a cidade. Tentei fazer-te sinal com o fósforo, mas já era tarde demais.

— Não faz mal. Foi bom eu ter ido.

Não explicou porquê, mesmo quando Attie inclinou a cabeça para o lado, curiosa. Mais tarde, Iris haveria de lhe contar tudo. Quando o sol nascesse, e ela conseguisse convencer-se de que Roman não era um fantasma. Porque ela ainda se sentia enlevada pela mão dele e pelas suas palavras, como se todo o encontro tivesse sido apenas um devaneio.

Iris tocou no dedo, na marca deixada pela aliança, e inclinou a cabeça para trás até olhar para as estrelas. Pensou que as constelações nunca lhe tinham parecido tão próximas ou tão belas.

*

— Estão a ver aquilo? Há algo a piscar no meu espelho retrovisor — sussurrou Tobias.

As palavras ditas num tom calmo embora urgente acordaram Iris. Não sabia quanto tempo tinha dormido — dois minutos ou talvez meia hora. Sentou-se direita e massajou a dor no pescoço. Os amigos não estavam a olhar para a frente, mas para trás, e ela virou-se no

banco, semicerrando os olhos para a escuridão.

— Estou a ver — disse Attie, no momento em que Iris também distinguiu um pingote de luz vermelha ao longe. — Mas o que é?

Mais um globo de luz. E depois outro, até ficarem os três em linha, cada vez maiores. *Corações*, percebeu Iris. Eram corações incandescentes, que batiam através de uma pele pálida e translúcida.

— São os mastins — disse, com um nó no estômago. — Dacre enviou os mastins atrás de nós.

Attie deu meia-volta para se aproximar de Tobias.

— Bexley? Não entres em pânico, mas tens de conduzir um pouco mais depressa.

— Um *pouco* mais depressa? — Tobias gritou por cima do rugido constante do motor. — Já vou em quinta.

— Então, por favor, diz-me que tens uma sexta. Ou uma sétima.

Tobias olhou por cima do ombro, com o luar a tingir-lhe o rosto de prateado.

Iris ignorava se ele conhecia os mitos antigos e se identificara aquelas luzes como corações sobrenaturais. Ou talvez tivesse visto as pernas longas e os dentes à mostra, que estavam a ficar cada vez mais nítidos. Tobias virou-se para a frente e engatou a próxima mudança no roadster.

O carro guinchou em protesto. Iris fechou os olhos, com o cabelo emaranhado a bater-lhe na cara flagelada pelo vento. Só pensava: *Por favor, não avaries. Não aqui, não agora.*

— Eles estão a aproximar-se de nós, Bexley — alertou Attie. — Valha-me Deus, como é possível que sejam tão rápidos?

— Eles foram feitos para a velocidade, mas não para a resistência. — Tobias engrenou mais uma mudança. O motor rugiu e a velocidade do carro diminuiu acentuadamente.

— Tobias, estamos a *abrandar*? — perguntou Attie, incrédula.

— Sim, estou a reduzir a velocidade. — Ajustou o espelho retrovisor. Os corações dos mastins estavam refletidos nos seus olhos, mas ele parecia calmo, controlado. — Já apertei demasiado com o motor, e preciso que ele volte a acelerar.

— Muito bem. Vamos deixar que os mastins nos alcancem, e depois?

— Confia em mim — disse ele, em surdina, ao ponto de o vento quase lhe roubar as palavras.

Attie abriu a boca, mas respondeu apenas com um suspiro.

Iris aproveitou aquele momento de calma tensa para voltar a olhar para trás. Já conseguia ver claramente os mastins. Feras do tamanho de lobos invulgarmente grandes, com as bocas a brilharem com dentes afiados. Os seus olhos eram como brasas e as suas patas batiam no chão como trovões.

— Tobias — disse Iris. — Acho que...

Não conseguiu terminar a frase.

Tobias ficou em silêncio, mas os seus olhos estavam fixos no reflexo dos mastins no espelho retrovisor. Como se estivesse a contar os seus passos, a distância que diminuía, a velocidade, a aceleração. A possibilidade de impacto. O roadster reduziu novamente a velocidade. Parecia que estavam a arrastar-se pela estrada.

— Ouçam — disse Tobias, e a sua voz vibrou na escuridão. Confiante, como se estivesse habituado a competir com mastins nas estradas de terra batida. — Vou deixá-los para trás, mas têm de confiar em mim e têm de se baixar para ficarem em segurança. Agarrem-se à pega de corda que têm à vossa frente. Aconteça o que acontecer, não larguem.

As raparigas agarraram na pega e Tobias esperou que Attie lhe acenasse com a cabeça. Na respiração seguinte, travou. Quando o carro parou bruscamente, os mastins voaram sobre elas.

Iris sentiu o ar gelado que foi arrastado pelas suas patas, que estavam a um braço de distância das suas cabeças. As garras roçaram-lhe o cabelo, e chegou até ela o cheiro húmido e podre da carne das feras. Quase sentiu o sabor do reino subterrâneo — sombras que nunca foram tocadas pela luz, chão de pedra escorregadio de sangue — enquanto o tempo parecia correr penosamente devagar. Parecia que tinha passado um ano, enquanto eram sobrevoados pelos mastins como três meteoros, e o carro tremia debaixo dela.

Mas quando caíram no chão diante deles, o mundo voltou à velocidade normal. Duas das criaturas de Dacre pareciam confusas, mas uma delas virou-se rapidamente para trás.

Tobias estava pronto para isso.

Engatou suavemente a primeira, depois a segunda, e o roadster arrancou com um sacão. No último minuto, guinou o carro bruscamente, e eles giraram num círculo apertado.

A tensão no peito de Iris era quase insuportável, parecia que a gravidade fora suspensa. Estava a ser erguida do chão como num feitiço de levitação, o medalhão da mãe a pairar diante do seu rosto. Um brilho de ouro que a lembrava que tinha de se agarrar, que não podia largar.

A lateral do carro chocou com a pata traseira do mastim que voltava para trás. Ouviu-se um estrondo e depois um ganido penetrante.

Tobias não parou o carro. As rodas giraram sobre os buracos da estrada até se lançarem novamente para leste. O carro deslizou por entre os outros dois mastins, que perderam tempo a virar-se antes de retomarem a perseguição. Os seus rosnados furiosos fizeram tremer o chão como um trovão.

Iris ajoelhou-se timidamente, com uma mão agarrada à pega e a outra a Attie.

Atreveu-se a olhar para trás.

Só havia dois mastins em perseguição, o terceiro tinha ficado para trás, combalido. Mas a dupla estava a ganhar terreno novamente, como se os espaços abertos e os caminhos retos alimentassem a sua velocidade mítica.

Desta vez, Iris não desviou o olhar. Observou as criaturas a encurtar a distância mais uma vez. E contou as vezes que Tobias engrenou uma mudança, até perceber que tinha chegado à última. O roadster seguia na velocidade máxima; não havia mais potência no motor. Praticamente voavam sobre a estrada, mas os mastins continuavam a aproximar-se.

Iris retesou os músculos quando os mastins se projetaram para a frente com as suas mandíbulas fétidas. Avançavam como a maré, mas recuavam quando Tobias descrevia uma curva apertada. Por fim, o seu ritmo começou a vacilar, e eles abrandaram, deitando baba pela boca juntamente com rosnados de derrota.

Mesmo assim, ela não acreditou. Não conseguia confiar nos seus próprios olhos.

Iris manteve o olhar fixo na estrada atrás deles, marcada por pneus, sulcada por tempestades. Manteve os olhos postos nos mastins que se foram desvanecendo até que os seus corações se extinguíram por completo, como chamas de velas apagadas na escuridão.

O QUE ACONTECEU VERDADEIRAMENTE EM BLUFF E MAIS ALÉM

Roman estava sentado à secretária numa divisão no piso superior da fábrica quando a notícia chegou. Dacre andava de um lado para o outro diante de uma parede de janelas. Alguns dos oficiais estavam de pé, em grupo, à esquerda, estoicos e silenciosos e, enquanto aguardava pela ordem de Dacre, a mente de Roman divagou para muito longe.

Estava noutra divisão pequena, um quarto acolhedor na pensão de Marisol, onde havia uma série de velas acesas projetando aros de luz ténue nas paredes. Havia um estrado de cobertores no chão, e uma pilha de cartas amarrotadas que Roman já tinha lido tantas vezes que tinha perdido a conta. Não estava sozinho, e nunca se sentira tão vivo, o seu sangue fervia quando olhava para ela, quando respirava o aroma de lavanda da sua pele...

A porta abriu-se com um estrondo.

Roman piscou os olhos, e a lembrança desfez-se na sua mente. Voltou ao seu corpo, que estava obedientemente sentado à mesa, a quilómetros de casa, à espera da ordem de um deus.

Dacre, os oficiais e Roman olharam para o tenente Shane, que estava ofegante na soleira da porta, apesar da sua continência perfeita.

— Que novas me trazes? — perguntou o deus. O seu tom de voz era impassível, mas Roman não se deixou enganar. Já tinha percebido que Dacre estava furioso com o ataque frustrado a Hawk Shire. Era como um lago congelado, aparentemente calmo até se notarem as rachas que se expandiam pelo gelo. A água escura e gelada que se infiltrava pelas brechas, em ânsias de afogamento.

— Meu comandante — começou Shane, com a voz rouca. — Os mastins já voltaram. Um deles está gravemente ferido. Os outros dois não mostram sinais de despojos.

— Quer dizer que o batedor de Enva fugiu.

— Parece que sim, meu senhor.

— *Parece.* — Dacre sorriu, uma lua crescente gélida. — Diz-me cá, tenente, como é que um exército inteiro bate em retirada antes de nós

chegarmos? Como é que uma rapariga mortal se esquivava a várias balas num prado? Como é que um automóvel supera três dos meus melhores mastins, ainda por cima ferindo um?

Durante o curto período de tempo em que Roman conhecera Shane, o tenente nunca perdera a sua pose robusta e galante. Naquele momento, porém, a sua tez estava cerosa e mortalmente pálida; parecia extremamente jovem e vulnerável.

— Eu... não sei, meu senhor — gaguejou.

— Então, eu explico-te — disse Dacre. Virou-se e olhou para os seus oficiais, agora em fila indiana. — Tudo isso foi possível porque um dos presentes me traiu.

— Se me permitis, meu senhor — interveio o capitão Landis com uma vénia. A chave que trazia ao pescoço brilhou com o movimento. Roman não tinha dúvidas de que o capitão a exibia para lembrar a todos o seu estatuto. Que ele era um membro do círculo privilegiado de Dacre, com o poder de abrir portais. — Todos os que estão nesta sala vos são fiéis. Sabeis que...

Dacre levantou a mão. O capitão Landis calou-se, ruborizando.

— Um dos meus fiéis virou-se contra mim. Desde que despertei, que todos me conhecem como o deus que cura as vossas feridas e alivia as vossas dores. Um deus misericordioso e justo que está a construir um mundo melhor para vocês e para as vossas companheiras, para vocês e para os vossos filhos, para vocês e para os vossos sonhos. Mas a traição é algo que não posso perdoar. — Fez uma pausa, e as palavras pairaram no ar como fumo. — Saíam todos... *agora*.

O tenente Shane afastou-se. A maioria dos oficiais — os mais sensatos — também se dirigiram para a porta, enquanto outros ficaram, com a cara vermelha e o olhar preocupado, como se estivessem aterrorizados por Dacre desconfiar deles.

Roman levantou-se, mantendo Dacre na sua periferia. Apressou-se a arrumar a máquina de escrever o mais silenciosa e discretamente possível. Queria ser uma sombra. Impercetível. Uma mosquinha na parede.

Encaminhou-se para a porta, com as costas direitas e o estojo da máquina de escrever na mão. Esperou, rígido de pavor, que Dacre dissesse o seu nome e o mantivesse ali; que Dacre o prendesse ao chão com aqueles estranhos olhos azuis e lhe arrancasse a verdade da garganta; que cheirasse a traição nas suas roupas.

Mas Dacre já se tinha virado para as janelas e para a noite para lá do vidro. Os seus olhos estavam postos nas estrelas e na lua e numa cidade cheia de sombras vazias.

Roman escapuliu-se com os oficiais.

Quando ia a meio das escadas de metal, Roman percebeu que

fizera bem em sair naquela altura. Sentia uma pontada de dor na perna direita. Ao princípio, pensou que fosse apenas o efeito do medo e do esforço de incontáveis passos, até que, logo a seguir, a dor passou para o peito. Havia algo que o roía por dentro, que tornava os seus pulmões pesados.

Abafou uma tosse que lhe assomou à garganta e escondeu o coxear.

Quando chegou finalmente aos portões para o exterior, saiu e caminhou até encontrar uma rua lateral deserta. Só então parou para se encostar à parede de tijolo.

Tapou a boca com a palma da mão e tossiu. As têmporas latejavam e o vômito aflorou-lhe à garganta. Não sabia porque se sentia tão mal, até que se lembrou do sabor do gás, semanas antes, em Avalon Bluff. Como lhe tinha picado os pulmões. Como tomara conta do seu corpo, causando-lhe dores de cabeça, um aperto no estômago, as pernas trémulas.

Sentiu o pânico a aumentar, ligado àquela recordação. O terror que sentira quando o gás o cercara, obrigando-o a rastejar pelo campo.

Sobreviveste a esse dia, disse Roman a si próprio. *Acabou, e tu sobreviveste. Agora, estás a salvo.*

Fechou os olhos e respirou lenta e profundamente. A tensão nos seus ossos diminuiu, embora a dor na perna permanecesse, tal como a dor de cabeça e as náuseas.

Roman levou a mão ao bolso, onde escondera a aliança de Iris.

Rezo para que os meus dias sejam longos ao teu lado.

Começou a lembrar-se de tudo assim que lhe tocou.

Quero satisfazer todos os desejos da tua alma.

Lembrou-se de correr para ela através do campo dourado.

Que a tua mão esteja na minha, ao sol e à lua.

Lembrou-se de ter trocado votos com ela no jardim.

Que as nossas respirações se entrelacem e o nosso sangue se torne um só, até que os nossos ossos voltem a ser pó.

Lembrou-se de como ela tinha sussurrado o seu nome na escuridão adocicada.

E mesmo então, que eu encontre a tua alma ainda jurada à minha.

Um arrepio percorreu o seu corpo quando olhou para a lua e para as estrelas.

Lembrou-se de tudo.

PARTE TRÊS

ASAS NUMA GAIOLA

SUPERAR MAIS UMA VEZ

Entraram em River Down com o depósito de combustível quase vazio.

Era fim de tarde e o sol era abrasador. Não havia uma única nuvem no céu, e Iris protegeu os olhos quando Tobias engrenou o roadster numa velocidade baixa e estrondosa. A vila estava cheia de soldados e camiões, o que dificultava a navegação pelas estradas sinuosas. Tudo indicava que a brigada de Enva tinha chegado há horas e montado acampamento onde quer que houvesse espaço — esquinas, quintais, margens musgosas do rio, praça. Os habitantes da vila marcavam o contraste, enquanto preparavam refeições quentes e café e lavavam a roupa, pendurando-a para secar nos estendais.

Iris observava tudo com um interesse vago. A sua mente parecia estar a quilómetros de distância, como se a tivesse deixado para trás naquele roupeiro. Naquele quarto estranho, iluminado por uma lanterna, com Roman.

Quando Tobias finalmente estacionou em frente à casa de Lucy, Iris saiu do seu torpor. Há muito tempo que não dormia descansada nem comia uma refeição decente. Isso era comum aos três, que tinham deixado que a exaustão e a fome crescessem como presas longas e afiadas dentro deles. Não havia tempo para descansar, quase não havia tempo para comer. Não quando tinham mastins e um deus furioso atrás deles. Tobias só parara em Bitteryne para reabastecer o carro e permitir que Iris e Attie fossem buscar sandes e um termo de café a Lonnie Fielding, antes de se fazerem novamente à estrada.

Attie abriu a porta de trás do carro. Iris seguiu-a, estremecendo quando os seus pés tocaram nas pedras da calçada. Só se apercebeu que estava dorida e magoada quando se levantou e começou a mexer novamente, obrigando o sangue a circular novamente até aos pés.

Para choque de Iris, Lucy estava de pé no alpendre, como uma estátua, a olhar para elas. Não, era mais uma carranca, e Iris preparou-se para o pior quando a irmã de Marisol desceu os degraus e se aproximou delas. Vestia uma blusa preta, calças castanhas escuras e

botas apertadas que rangiam.

Iris esperou, preparando-se para uma repreensão, mas as rugas das sobrelanceiras de Lucy atenuaram-se.

— Vocês estão bem? — perguntou com rudeza aos três.

— Estamos vivos — disse Attie.

Lucy ficou em silêncio, mas os seus olhos azuis alternaram entre eles, como se estivesse à procura de feridas. O seu olhar demorou-se demasiado no rosto de Iris, que resistiu à tentação de tocar no seu cabelo despenteado, nas faces tisonadas do sol, nos lábios gretados. Sabia que devia estar com um aspeto horrível, e estava prestes a pedir desculpa pela sua aparência quando Lucy disse:

— Venham para dentro — convidou, num tom mais brando. — Tenho um bule de chá e uns biscoitos à vossa espera.

*

À espera tinham também Marisol e Keegan, sentadas à mesa da cozinha. As suas mãos estavam entrelaçadas, as suas cabeças inclinadas uma para a outra enquanto conversavam. Marisol não deve ter ouvido o carro a chegar, como Lucy tinha ouvido, porque olhou para cima e arquejou quando viu Tobias, Attie e Iris entrarem na cozinha.

— Estão feridos? — perguntou, levantando-se à pressa. — A Keegan disse-me que vocês apareceram em Hawk Shire, depois de me terem dito que não iriam além de Winthrop! — Mas não havia nenhuma reprimenda nas suas palavras, apenas alívio quando ela abraçou os três de uma só vez, juntando-os como uma galinha junta os pintos, aquecendo-os debaixo das suas asas.

— Estamos bem — tranquilizou-a Iris, fixando inadvertidamente o olhar afiado de Keegan por cima do ombro de Marisol.

A brigadeiro levantou-se da mesa, mas permaneceu em silêncio.

Marisol voltou a virar-se, com fogo no olhar.

— Disseste-me que eles vinham na coluna, Keegan. Disseste-me que estavam a *salvo*.

Lucy pôs a chaleira ao lume, mas os seus olhos acompanhavam o desenrolar da situação, tomando nota de tudo.

— Nós tínhamos um acordo — disse Keegan calmamente. Se Marisol era fogo, ela era água. — O que aconteceu?

— Um pneu furado — respondeu Tobias. — Conseguimos trocá-lo a tempo, mas alguns soldados de Dacre viram-nos a retirar. — Olhou para Iris, como se não soubesse o que dizer.

Keegan reparou.

— Iris? — encorajou a brigadeiro.

Iris estalou os nós dos dedos.

— Dacre soltou os seus mastins.

Na cozinha instalou-se um silêncio sepulcral. Nem sequer os pássaros cantavam as suas melodias no quintal.

Marisol levou a mão à garganta, como se estivesse a esconder o ritmo irregular da sua pulsação, e finalmente disse:

— Os mastins? Os *mastins* perseguiram-vos?

— Graças ao Bexley conseguimos escapar-lhes — afirmou Attie. O seu ombro estava junto ao de Tobias; havia apenas uma fresta de espaço entre os seus dedos, pendurados ao lado do corpo. — Temos umas quantas amolgadelas e muita lama para o provar.

— Não devia haver amolgadelas nem lama para o provar — contrapôs Marisol, claramente zangada. — Não devia haver mastins, nem *eithrals*, nem bombas. Vocês deviam poder ser crianças, jovens, adultos que podem sonhar, amar e viver as vossas vidas sem toda esta... confusão *horrível*.

Mais uma vez, a cozinha mergulhou no silêncio. Uma brisa agitou as cortinas da janela aberta; um suave lembrete de constância. O sol continuaria a pôr-se e a nascer, a lua persistiria em crescer e diminuir, as estações suceder-se-iam, e a guerra continuaria até que um deus ou ambos caíssem na sepultura.

A pausa tensa quebrou-se finalmente quando a chaleira começou a assobiar. Lucy tirou-a do lume.

— Mari — sussurrou Keegan, docemente.

Marisol suspirou, mas a sua expressão era de desespero, como se tivesse sido atingida por uma flecha e não soubesse como a tirar dos ossos. Iris compreendeu, porque sentia o mesmo — aquela tristeza pesada e terrível — mas as palavras eram densas e prendiam-se por detrás dos dentes. Voltou a engoli-las e disse a si própria que as escreveria mais tarde. Quando estivesse escuro. Quando fosse só ela, as teclas e uma página em branco, à espera que ela a marcasse com tinta.

— Juntem-se a nós à mesa — disse Marisol. — Sei que não vos posso manter em segurança ou proteger do pior desta guerra. Mas, por agora, deixem-me alimentar-vos. Sei que devem estar com fome.

*

Depois do chá preparado por Lucy na perfeição e de uma sandes de fiambre e mostarda oferecida por Marisol, Iris retirou-se com a máquina de escrever para a lavandaria.

Era estranho estar ali outra vez, com o pôr do sol a tingir os vidros das janelas, a roupa pendurada como fantasmas. O roupeiro à espera que ela se ajoelhasse diante ele.

Iris pousou o estojo da máquina de escrever. Pôs-se de joelhos, sentindo a picada das nódoas negras e das crostas. Lentamente, destrancou a Primeira Alouette. As teclas brilharam em resposta, como

se a chamassem para escrever. No entanto, Iris percebeu que não sabia por onde começar. Foi tomada por uma súbita onda de tristeza e tapou a cara com as mãos, sentindo nas palmas vestígios de terra, metal e centeio.

Por cima do ritmo irregular da sua respiração, ouviu um som familiar.

Limpou os olhos e olhou para cima para ver duas cartas à sua espera na porta do roupeiro. Era impossível saber o que ia ler. Se algo de maravilhoso ou algo que lhe despedaçaria ainda mais o coração.

Preparou-se para tudo e desdobrou a página mais próxima:

1. Morgie era o nome do teu caracol de estimação. (Nunca me vou cansar de ouvir as tuas «histórias tristes de caracóis», caso tenhas dúvidas).

2. O teu nome do meio é Elizabeth, em homenagem à tua avó. (Olá, E.)

3. A tua estação preferida é o outono, porque é quando acreditas que a magia está no ar. (Quase me converteste.)

Iris fez um compasso de espera, em choque, enquanto olhava para as palavras datilografadas por Roman. Eram as respostas às três perguntas que ela havia enviado.

Sentiu uma pontada nas costelas. Estava faminta por mais e pegou na carta seguinte, desdobrando-a. E leu:

Não seria justo não te pagar na mesma moeda, por isso deixa-me fazer as minhas perguntas, como se estivesse a semear três desejos num campo de ouro, ou a conjurar um feitiço que requer três respostas tuas para que fique completo:

1. Como tomo o meu chá?

2. Qual é o meu nome do meio?

3. Qual é a minha estação preferida?

P.S. Peço desculpa por ter roubado duas das tuas perguntas. Não é nada original, eu sei, mas acho que não te vais importar.

Iris sorriu. Escreveu a resposta sem esforço e enviou-a:

Três perguntas, três respostas. Aqui está a segunda parte do feitiço que pediste:

1. Preferes café, não chá. Apesar de te ter

visto a beber bastantes vezes no Gazette, e só colocavas uma colher de mel ou de açúcar. Sem leite.

2. Carver. (Ou devo dizer carinhosamente «C.»?)

3. Primavera, porque é quando começa a temporada de baseball. (Confissão: não sei quase nada sobre esse desporto. Vais ter de me ensinar).

Iris hesitou. Queria dizer mais, mas conteve-se, ainda insegura. Do que se lembrava ele? Mas fechou os olhos e imaginou-o sentado naquele quarto estranho, longe dali, a escrever à luz da vela. A aliança dela deslizou para o dedo mindinho dele e ajudou-o a reunir todos os momentos que Dacre queria que ele esquecesse.

Enviou a carta através do roupeiro e esperou. A noite estava quase a cair e a casa para lá da porta da lavandaria animou-se subitamente com vozes, passos e o tilintar de pratos. O cheiro a guisado de borrego e pão de alecrim desceu pelo corredor, e Iris percebeu que um dos pelotões tinha chegado a casa de Marisol e Lucy para ser alimentado.

Iris permaneceu no chão, com os dedos a tamborilar nos joelhos. Finalmente, Roman respondeu.

Querida Iris,

Devo ficar surpreendido por me ter estado a apaixonar por ti uma segunda vez? Devo ficar surpreendido por as tuas palavras me descobrirem aqui, mesmo na escuridão? Que eu tenha carregado as tuas cartas assinadas com E. junto ao coração, como se fossem um escudo para me proteger?

Sei que já não somos rivais, mas se estivermos a fazer contas como antigamente, tu superaste-me* de longe com a tua inteligência e a tua coragem. O que me faz recordar uma coisa simples: o quanto gosto de perder para ti; que adoro ler as tuas palavras e ouvir os pensamentos que te aguçam a mente. E que adoraria estar de joelhos diante de ti agora, rendendo-me a ti e só a ti.

Nas últimas semanas, pensei que tudo isto era um sonho. Uma visão que a minha mente confusa tinha criado para processar o trauma de que nem sequer me lembrava. Mas assim que te toquei, lembrei-me de tudo. E agora vejo que durante todo este tempo, todas as noites, quando sonhava, estava a tentar juntar todas as peças. Estava a

tentar encontrar o meu caminho de volta para ti.

Não sei onde estás agora. Não sei quantos quilómetros nos separam novamente, e não sei o que nos espera nos próximos dias, mas dar-te-ei toda a informação que puder, desde que me prometas que terás muito cuidado. Sei que é uma coisa estranha de se dizer — somos um país em guerra, e nenhum sítio é seguro. Todos nós temos de arriscar e sacrificar algo que nos é querido — e, no entanto, eu não suportaria saber que o facto de nos correspondermos tinha sido a causa do teu fim ou que te tinha valido um fardo demasiado pesado.

Se concordares com isto, escreve-me de volta. Se não concordares, escreve-me na mesma. Quero conhecer os teus pensamentos. Confesso que tenho fome das tuas palavras.

Com amor, Kitt

Querido Kitt,

As tuas palavras comoveram-me, profundamente. Também tenho fome delas, de ti, e sinto-me capaz de devorar tomos da tua escrita e nunca ficar saciada. Estas cartas vão ajudar-me a suportar a distância até voltarmos a encontrar-nos.

Não estamos a fazer contas, mas a tua coragem e a tua inteligência mantiveram-te vivo num lugar onde os corações vacilaram e bateram pela última vez. És a pessoa mais corajosa que conheço, Kitt.

E concordo com o que pedes, mas apenas porque pareces ter tirado as palavras da minha boca. Estás numa posição precária — muito mais do que eu — e informares-me dos movimentos e táticas de Dacre é algo que receio pedir-te, mesmo que pareça inevitável. Parece que este é o caminho que estamos destinados a percorrer, tu e eu, tendo em conta as nossas máquinas de escrever e o sítio onde estamos. Mas quero, mais do que tudo, manter-te a salvo. Proteger-te o melhor que puder, à distância.

Qualquer informação que encontres e queiras fornecer, podes enviá-la para mim, se prometeres que terás cuidado, que destruirás todas as minhas cartas assim que as leres, para que não te

denunciem. Talvez ambos possamos ajudar a encurtar esta guerra, ou pelo menos ousar mudar o curso das marés. Ou talvez isso seja esperar demasiado. Mas creio que, nos dias que correm, estou a inclinar-me mais para o lado da impossibilidade. Estou a inclinar-me mais para a magia.

Com amor,
Iris

P.S. Reparei que havia um asterisco ao lado da palavra «superar» na tua carta anterior. Uma gralha?

Querida Iris,

Estou de acordo. Atrevamo-nos a mudar as marés. Escreve-me e preenche os meus espaços vazios.

Com amor, Kitt

P.S. Uma gralha? Não, Winnow. Simplesmente, esqueci-me de acrescentar uma nota de rodapé, onde deveria constar:

* superar: verbo transitivo

a. ser superior a ou ser melhor do que

b. passar mais além de

Lembras-te de quando me disseste essa palavra na enfermaria, depois das trincheiras? Acreditavas que eu tinha ido para Bluff para te superar. E eu dir-te-ei essa palavra agora, mas só porque gostaria de te ver brilhar mais além de mim.

Adoraria ver as tuas palavras atingir a superação juntamente com as minhas.

FALA-ME DA IRIS E. WINNOW

Ador e o desconforto das feridas de Roman regressaram com as suas recordações.

Pensou no que isso significava quando estava deitado na cama, a olhar para a escuridão e a esforçar-se para respirar; quando tinha náuseas à mesa de jantar, durante as refeições com os oficiais, em que se obrigava a engolir a comida; quando estava à secretária, a lutar com um latejar surdo nas têmporas enquanto datilografava propaganda para Dacre; quando tinha um momento a sós à noite, sentado à máquina de escrever a tentar dar sentido às suas emoções.

Dacre afirma que me curou naquele dia, em Bluff. Afirma que eu poderia viver para sempre ao seu lado, se permanecer fiel a ele. E, no entanto, as minhas recordações sugerem o contrário, e o que estou a sentir no meu corpo é uma prova de que não estou totalmente curado.

Ele curou-me apenas o suficiente para lhe ser útil, como se estivesse a cobrir as minhas feridas com uma ligadura, para manter tudo no lugar. Para me entorpecer e fazer esquecer o que me trouxe aqui. Mas agora que me lembro de quem era... parece que a magia dele perdeu algum do seu poder.

Ele enganou-me, assim como a tantos outros, fazendo-nos acreditar que estamos inteiros e sarados, quando deixou intencionalmente partes por curar para nos obrigar a ficar ao seu lado. Submissos e obedientes à sua vontade.

Roman datilografava os seus pensamentos, mas não permitia que sobrevivessem no papel. Arrancava-os da máquina de escrever e ateava-lhes fogo com um fósforo.

Mas a sua nova realidade estava sempre presente na sua mente.

Ponderava no que aquilo significava para si nos dias e anos vindouros. Se sobrevivesse a esta guerra, quanto tempo de vida teria de facto? Que danos é que o gás lhe tinha causado, e será que era algo que ele conseguiria controlar com o tratamento médico adequado?

Roman pôs essas incertezas de lado quando subiu as escadas de metal, com o estojo da máquina de escrever na mão. Estava quase a chegar ao escritório de Dacre, pronto a apresentar-se ao trabalho, quando sentiu de novo a falta de ar, o latejar nas têmporas. Isso acontecia normalmente quando tinha de subir as escadas, por isso não tinha pressa e avançava com cuidado para esconder o seu coxear e dar a si próprio tempo para respirar fundo.

Finalmente, chegou ao último piso. Limpou o suor da testa e entrou no escritório.

Dacre estava sozinho, a olhar pela janela. Mas Roman percebeu imediatamente que havia algo de *errado*. Os seus ouvidos estalaram quando sentiu uma pressão no ar, como se estivesse a formar-se uma tempestade.

— Estou aqui para escrever o próximo artigo, senhor — disse Roman, parando junto à secretária. — A não ser que queira que eu volte mais tarde.

Dacre ficou em silêncio, como se não tivesse ouvido. Alguma coisa para lá das janelas devia ter captado a sua atenção. Roman estava a considerar afastar-se quando o deus finalmente usou a sua voz suave e polida, como água a correr sobre pedras:

— Fala-me da Iris E. Winnow.

Roman ficou paralisado, com os olhos arregalados. Felizmente, Dacre ainda estava de costas para ele, o que lhe deu tempo para se recompor antes que o deus o encarasse. Os grãos de poeira giravam na fraca luz do sol que se interpunha entre eles.

— Como, senhor?

— Iris E. Winnow — repetiu Dacre, e Roman estremeceu interiormente. — Presumo que já te lembres dela.

Seria uma armadilha? Um teste? Saberia Dacre das suas cartas? Do seu breve encontro em Hawk Shire? Da aliança que Roman escondia no seu bolso?

Seria este o princípio do fim?

Roman passou a língua pelos lábios. *Tem calma*, disse a si próprio, mesmo quando o sangue lhe corria nas veias, quente com o pânico. *Tem calma*.

— Vagamente. Não me ficou na memória, mas acho que trabalhámos os dois no *Oath Gazette* na mesma altura. Porque pergunta, senhor?

— Vê com os teus próprios olhos. — Dacre apontou para a

secretária.

Roman aproximou-se. Não tinha reparado no jornal, mas agora, ao olhar para baixo, leu a manchete em negrito do *Inkridden Tribune*.

A MÚSICA SUBTERRÂNEA: A HISTÓRIA DE AMOR CONDENADA ENTRE ENVA & DACRE

por IRIS E. WINNOW

Roman leu as primeiras linhas, com a pulsação acelerada.

Reconhecia aquele mito. Tinha-o datilografado e enviado a Iris há meses, pensando que era totalmente inofensivo. Apenas algo para alimentar a imaginação dela. Mas agora ali estava ele, descaradamente impresso no jornal, expondo a humilhação de Dacre como uma pele rasgada que revela o brilho de ossos ensanguentados.

Ali estava uma prova de que Dacre tinha uma fraqueza. Era Enva. Era o amor que ele nunca poderia ter. Era a música tocada para ele no seu próprio reino. Ali estava a verdade de que um deus não era tão invencível e poderoso como queria que as pessoas acreditassem.

— Não conheço este mito, senhor — mentiu, olhando para cima para encarar Dacre. — Mas será que é assim tão importante?

Era a coisa errada de se dizer. Ou talvez fosse brilhante. A fúria perpassou pelo semblante pálido de Dacre, curvando-lhe os lábios. Os seus dentes pareciam afiados; os seus olhos brilhavam sombriamente. Mas tão depressa como a emoção surgiu, desapareceu, e o seu rosto caiu numa expressão neutra, quase entediada.

— É importante que as pessoas acreditem que uma mentira seja verdade, Roman?

— Sim, senhor. — Mas a mente de Roman sussurrou: *Isto aconteceu mesmo naquela época. Não é apenas um mito para entreter, como eu pensava.*

— Então, fala-me dela — disse Dacre, avançando um passo. A sua sombra tornou-se longa e sinistra no chão. — Quem é esta jornalista chamada Iris?

— Na verdade, não me lembro de muita coisa sobre ela, apenas que era uma jovem de classe baixa — constatou, com um encolher de ombros, mesmo com o ácido a queimar-lhe a garganta. Parecia algo que o seu pai diria, e desprezou-se por isso. — Não acredito que deva sentir-se ameaçado por ela, senhor.

— Oh, eu não me sinto ameaçado por *ela* — disse Dacre. — Mas esta é uma mentira que merece resposta. Vais escrevê-la tu, claro está. E o *Gazette* vai esclarecer a situação. Vais contar a minha versão da história, e eu quero que os habitantes de Oath saibam a verdade.

— Claro, senhor.

— Então, senta-te. Vamos começar. Não temos muito tempo até que o Val venha buscar o artigo.

Roman ainda não tinha visto Val, que não passava de um fantasma na sua mente, mas sentou-se à secretária e montou a máquina de escrever.

Ainda não tinham terminado três frases quando a porta se abriu, revelando um tenente Shane de cara vermelha.

— Encontrámos a sepultura, meu senhor — informou, ofegante. — O capitão Landis pediu-me para vos dar a boa nova imediatamente.

— Uma sepultura? — repetiu Roman, em choque. — De quem?

Mas teve imediatamente noção do que disse e inspirou bruscamente.

— De Luz Celestial — respondeu Dacre, olhando de relance para Roman como se estivesse a aferir a sua reação. — Deus das colheitas e da chuva. Um tipo de magia que parece ser bastante inútil, não concordas?

Roman não respondeu. Os mortais precisavam de colheitas e de chuva para sobreviver.

Dacre parecia estar às voltas com um pensamento, mas depois fez sinal para Roman se levantar.

— Vem comigo, devias ver isto. Deixa a tua máquina de escrever aí. Retomaremos o artigo quando regressarmos.

Era completamente contra a vontade de Roman deixar a Terceira Alouette, mas levantou-se, com o coração pesado com o medo. Sem mais palavras, seguiu o tenente Shane e Dacre porta fora.

DEUSES NAS SEPULTURAS

Um camião esperava por eles no pátio, com o motor a trabalhar. O fumo já saía do tubo de escape quando Roman se instalou na caixa com o tenente Shane. Dacre, felizmente, seguia no habitáculo com outro oficial. Foi uma viagem atribulada, com Roman a captar vislumbres da paisagem através da lona solta. Quando Hawk Shire desapareceu de vista, não aguentou mais o silêncio forçado e olhou para Shane.

— Disseste-me uma coisa em Merrow que não me sai da cabeça — disse Roman. — Nem todos os soldados que Dacre cura perdem a memória. Presumo que pessoas como tu, pessoas que se alistaram para lutar por ele desde o início da guerra, consigam preservar as suas recordações, ao contrário de pessoas como eu.

— Aí está uma observação sábia — disse o tenente. — Não te esqueças dela nos próximos tempos.

— Porquê?

Shane olhou para o vidro retrovisor sujo do camião, como se estivesse paranoico e receasse que Dacre pudesse ouvi-lo.

— Ele já sugeriu voltar a sarar as tuas feridas?

Roman franziu o sobrolho.

— Sim. Uma vez.

— Sem dúvida que vai voltar à carga. É a forma que ele tem de aferir a rapidez com que a tua mente se lembra, e se existe a possibilidade de te virares contra ele.

— Não percebo. Pensei que ele tinha sarado as minhas feridas. Porque é que isso...?

— A cura nunca está isenta de dor — interrompeu o tenente. — Evitá-la por completo é impossível. — Roman ficou pensativo, e a apreensão apoderou-se dos seus pensamentos. Shane terá pressentido isso mesmo, pois disse: — Alguns dos soldados no meu pelotão eram como tu. Quando as suas memórias regressaram por completo, regressou também a dor das suas feridas. E como não conseguiam esconder esse facto, o comandante levou-os para o mundo subterrâneo

e repetiu a dose.

Roman engoliu em seco.

— Estás a dizer que voltou a limpar as suas memórias.

O tenente não respondeu, mas estreitou os olhos.

O camião passou por cima de um buraco, sacudindo os dois homens. O choque foi benéfico; recordou a Roman a sua posição. Que apesar de Shane estar a falar com ele como um igual, os dois não estavam em sintonia.

— Foi por isto que ainda não avançámos? — perguntou Roman, mudando de assunto. — Porque ele estava à procura de uma sepultura?

— Se tens de perguntar, então não mereces saber a resposta.

Roman acusou o toque e enrolou a língua. Tinha decidido que não voltaria a falar com Shane quando o tenente o surpreendeu.

— Que escola frequentaste, correspondente?

Roman olhou para ele.

— Porque queres saber?

— Eu disse-te que sou de Oath. Por curiosidade. É possível que tenhamos amigos em comum.

Duvido, pensou Roman com um suspiro.

— Devan Hall.

— A escola dos ricos. Estava-se mesmo a ver. — Roman preparou-se para ouvir mais ataques, mas Shane limitou-se a chegar-se a ele, com uma sombra a pairar sobre o seu rosto, à medida que a luz do sol se tornava mais ténue. — Ensinares-te alguma coisa acerca das divindades em Devan Hall? — murmurou o tenente.

— O básico — respondeu Roman. — Porquê?

— Então, deduzo que não sabes o que acontece quando um humano mata um deus, ou quando um deus mata um dos seus.

A mente de Roman disparou. Pensou nos livros de mitologia que tinha herdado do avô. Até mesmo esses velhos tomos tinham algumas páginas arrancadas, à semelhança dos livros da biblioteca da cidade. Conhecimento apagado e perdido.

— Quando um humano mata um deus — disse Roman —, ele morre simplesmente. A sua imortalidade chega ao fim.

— Assim como a sua magia — acrescentou Shane. — Desvanece-se no éter. O poder deles deixa o nosso reino juntamente com a sua morte. — Ninguém havia ensinado tal coisa a Roman. Refletiu sobre aquilo, mas não teve oportunidade de contra-argumentar porque Shane prosseguiu, num sussurro urgente. — Porque achas que o rei de Cambria decidiu que as últimas cinco divindades seriam enterradas, há séculos, em vez de mortas? Se as tivesse matado a todas, a magia teria desaparecido por completo do nosso reino. E ele não queria isso. Ao invés, mandou encantar os deuses até que estes adormecessem e

enterrou-os, para que o seu poder divino continuasse a permear a terra. Assim, poderíamos simultaneamente colher os benefícios da sua magia e livrarmo-nos de deuses violentos e intrometidos.

A ser verdade, tinha sido uma jogada sábia, à exceção de uma inevitabilidade nefasta: tudo o que adormece acaba por acordar, e com a vingança em mente.

O camião começou a reduzir a velocidade. Roman sentia que aquele momento estava a chegar ao fim.

— E o que acontece quando um deus mata outro deus? — perguntou, mesmo quando a sua memória trouxe à baila as palavras de Dacre, ditas semanas antes. *Nascemos com a nossa própria magia... mas isso nunca nos impediu de querer mais e de encontrar formas de a obter.*

O camião parou com um guincho. A expressão de Shane retomou a sua fria indiferença, mas, ao levantar-se, disse:

— És um escritor. Tenho a certeza de que consegues imaginar, correspondente.

*

Foi uma curta caminhada desde o local onde o camião ficou estacionado até ao túmulo de Luz. A sepultura ficava num outeiro relvado, onde existiam apenas colinas, uma torre medieval em ruínas e, ao longe, o recorte azulado das montanhas do Norte. Roman estremeceu quando uma rajada de vento assobiou pelo seu pequeno grupo. Começava a formar-se uma tempestade; as nuvens estavam baixas e carregadas e Roman conseguia sentir o sabor da chuva.

Os cabelos escuros cobriam-lhe os olhos quando se afastou e viu Dacre a falar com o capitão Landis. Conseguiu ouvir fragmentos da conversa e deduziu que, embora o mapa estivesse ligeiramente incorreto, aquela pequena elevação era, sem dúvida, o local onde Luz repousava. Enquanto falava, o capitão enrolou os dedos na chave que trazia pendurada ao pescoço, e foi então que Roman percebeu que as próprias sepulturas eram portais.

Dacre acenou com a cabeça ao capitão Landis, que se agachou e começou a desenhar um círculo largo na terra com a ponta da chave. Roman sentiu os ossos a zumbir, a estática a percorrer-lhe a pele. Não sabia explicar porque é que aquilo lhe parecia familiar, aquele desenho aparentemente simples na terra, mas reconheceu o crepitar da magia no ar.

Começou a recuar, mas ficou paralisado assim que o capitão terminou de desenhar o círculo. As ervas começaram a afastar-se e a terra a descascar como pele velha, revelando uma porta que se formou no chão, semelhante à de uma adega, só que esta estava coberta de entalhes intrincados.

O capitão Landis recuou e Dacre avançou.

Ninguém se mexeu quando o deus abriu a porta com um aspeto pesado, antigo e esta tombou no chão com um baque retumbante, levantando poeira dourada.

Uma escada conduzia ao túmulo. Dacre, completamente em transe, parecia ter-se esquecido dos dois capitães, do tenente e do correspondente que o observavam. Desceu sozinho para a escuridão, no preciso momento em que a chuva começou a cair.

Roman mudava o peso de um pé para o outro, extremamente preocupado. Relanceou o tenente Shane, mas este estava de olhos postos na porta da sepultura, com uma expressão estranha no rosto.

Não estamos preparados para o despertar de um terceiro deus, pensou Roman, enfiando as mãos trémulas nos bolsos. *Qual é a ideia de Dacre?*

Foi então que a resposta o atingiu como uma flecha.

Dacre não tencionava acordar um terceiro deus. Ele ia matar Luz durante o sono.

Assim que esta revelação assombrou Roman, Dacre emergiu das profundezas. Tinha demorado pouco mais de um minuto, e o seu rosto estava pálido. Os olhos brilhavam à luz da tempestade quando fechou a porta do túmulo, com tanta força que provocou o seu próprio trovão.

— Meu comandante — interpelou o capitão Landis. — Foi um sucesso?

— Fecha o portal — respondeu Dacre, bruscamente.

Roman viu a fúria a crescer no semblante do deus, a forma como as suas mãos se fecharam em punhos, como a sua língua percorreu as pontas dos dentes.

O capitão Landis apressou-se a reverter o círculo. A terra deslocou-se; as ervas voltaram a unir-se. O portal desapareceu, mas os indícios do círculo permaneceram na terra.

A chuva começou a cair mais intensamente quando regressaram ao camião, tensos e silenciosos. Mas os pensamentos de Roman corriam à solta. Só conseguia pensar em duas coisas: ou Luz já tinha acordado, ou outra pessoa o tinha matado.

QUANDO SE PERDE O CHEIRO DO LAR

O regresso a Oath não foi o cortejo triunfal que Iris tinha imaginado.

Era uma tarde cinzenta e sombria, o tipo de dia que pedia uma dose inesgotável de chá preto quente e um livro grosso à lareira. Caía uma chuva suave e persistente, e as estradas do Leste depressa ficaram transformadas em pântanos, iridescentes com o óleo dos motores. Alguns camiões ficaram presos na lama. Os pelotões começaram a andar a pé, arrastando-se pelas ervas húmidas na berma da estrada. A certa altura, tiveram de parar para deixar passar um rebanho de ovelhas.

Quando finalmente chegaram aos arredores da cidade, o chanceler Verlice foi recebê-los, de pé no banco traseiro de um roadster, com um guarda-chuva aberto na mão pálida de dedos finos.

— Aquele é quem eu penso que seja? — rosnou Attie quando Tobias desligou o motor.

Iris limitou-se a suspirar. Keegan desceu do camião que seguia na frente da coluna e foi ao seu encontro. Embora o carro de Tobias estivesse apenas alguns metros mais atrás, não conseguiam ouvir o chanceler. Sem refletir, Iris saiu do carro.

— Aonde vais? — perguntou Attie

— Somos membros da imprensa — respondeu Iris, com as botas a afundarem-se na lama. — Precisamos de ouvir o que ele está a dizer, certo?

Subiu a estrada em passo acelerado, com cuidado para não escorregar. Poucos segundos depois, Attie estava atrás de si. As duas mantiveram-se a uma distância respeitosa, mas próxima o suficiente para ouvirem o que o chanceler tinha para dizer a Keegan e ao exército de Enva.

— Esta estrada tem de ficar desimpedida e transitável — disse Verlice. — E Oath ainda é terreno neutro. Não posso permitir que vocês e as vossas forças se infiltrem na cidade.

Infiltrar? Iris quase cuspiu fogo quando ouviu a palavra. Cerrou os

dentos lançando um olhar fulminante ao chanceler. Ele não ia permitir que o exército de Enva se abrigasse e abastecesse de provisões na cidade. Não ia permitir que o exército protegesse as pessoas que estavam dentro das muralhas da cidade.

Keegan ficou em silêncio, como se também ela estivesse chocada com o facto de o chanceler lhes estar a barrar a entrada. Mas disse apenas com uma voz forte:

— Se foi isso que decidiu para Oath, então que assim seja. Acamparemos na periferia. Só peço que os meus feridos encontrem cuidados e abrigo no hospital.

O chanceler estreitou os olhos. Era evidente o seu desejo de que Keegan retrocedesse e levasse consigo o rasto de camiões e tropas. Mas inclinou a cabeça e disse:

— Muito bem. Desde que a estrada permaneça transitável e que as vossas tropas não causem inconvenientes aos cidadãos de Oath, mantendo-se fora dos limites da cidade, podem acampar neste campo.

— E os meus feridos? — insistiu Keegan. — Estão a viajar há vários dias e precisam de cuidados médicos.

— Vou falar sobre isso com o meu conselho — respondeu o chanceler. — Entretanto, os feridos terão de acampar aqui convosco até eu obter aprovação para a sua entrada.

Iris cerrou o maxilar. Não acreditava que aquilo estava a acontecer. O chanceler sentiu a sua presença e olhou para cima, constatando que Iris e Attie estavam ali, lado a lado, enterradas em lama até aos tornozelos. A irritação desenhou-lhe uma linha fina na boca e fez com que as sobrancelhas pressionassem os seus olhos claros. Iris quase conseguia ouvir os seus pensamentos. Que irritantes eram aquelas repórteres do *Inkridden Tribune*, sempre a escrever sobre coisas que ele não queria que as pessoas soubessem.

Um desafio mudo foi lançado entre eles, e o chanceler sentou-se no banco de trás do roadster. O motorista deu vida ao motor e arrancou, e Iris estremeceu quando as roupas húmidas lhe roçaram a pele.

O nevoeiro ficou cada vez mais denso, até se transformar numa chuva opressiva. Ficou a ver o chanceler desaparecer em direção a Oath e soube exatamente que artigo iria escrever para o jornal de amanhã.

*

— Tem a certeza, Marisol? — perguntou Iris pela terceira vez. — A Marisol e a Lucy podem muito bem ficar comigo e com o Forest.

Marisol sorriu enquanto pousava um caixote. O seu cabelo preto brilhava à chuva, caindo solto da sua longa trança.

— Eu fico bem aqui. Quero ficar perto da Keegan, sabes?

Iris acenou com a cabeça, embora sentisse no estômago um nó de

culpa e raiva ao pensar em deixar Marisol, Keegan e todos os soldados para trás, a dormirem em tendas no chão encharcado. Nem sequer tinham como acender uma fogueira e cozinhar uma refeição quente ou preparar café, e Iris só pensou no que podia fazer para ajudar.

Marisol leu-lhe os pensamentos.

— Não te esqueças que eles já passaram por coisas muito piores do que uma chuvinha, Iris — murmurou, enquanto as tendas continuavam a erguer-se do chão como cogumelos. — O mau tempo não nos vai fazer mal. Talvez o sol brilhe amanhã.

Iris não conseguiu evitar uma careta. Cambria era conhecida pelo mau tempo.

— Ainda tens o livro de pássaros que te dei? — perguntou Marisol de repente.

— Sim. Está no bolso do meu casaco.

— Já leste a página sobre o albatroz?

— Algumas linhas. Lembro-me de que eles conseguem dormir durante o voo.

— E também voam contra o vento forte de uma tempestade, em vez de o evitarem e de se dirigirem para a costa, como as outras aves — disse Marisol, alisando um cobertor que retirara do caixote. — É mais seguro para eles voarem em direção à tempestade do que para longe dela, por mais contraintuitivo que isso nos possa parecer. Conseguem voar milhares de quilómetros sem nunca irem a terra, e conhecem a sua força. Apoiam-se nela em alturas de maior dificuldade.

Iris ficou em silêncio, a meditar naquelas palavras.

— Está a sugerir que eu seja *contraintuitiva*? — perguntou. Marisol sorriu.

— Quero que te lembres que já voaste durante uma forte tempestade, tal como a maioria de nós. Não são uns chuviscos do chanceler não nos vão fazer moça agora.

— Espero que tenha razão, Marisol.

— Alguma vez me enganei? — Bateu carinhosamente no queixo de Iris antes de se afastar, entregando o cobertor a um soldado.

Mas Iris reparou na rigidez nos ombros da amiga, como se estivesse cansada de se manter de pé. Como se soubesse que o longo voo estava apenas no início, e que estavam todos a voar em direção ao centro tumultuoso da tempestade.

*

Tobias levou as raparigas para Oath. Trocaram o mar de tendas e as estradas cheias de lama pelos edifícios de tijolo e as ruas calcetadas da cidade. Era estranho voltar, e ainda mais estranho que já não *sentissem* que Oath era o seu lar.

Chegaram primeiro ao apartamento de Iris. Ela desceu do roadster e olhou para as amolgadelas na porta que os seus joelhos tinham feito. Ainda tinha as nódoas negras que não a deixavam esquecer aquela arrepiante fuga de Hawk Shire.

— Vemo-nos amanhã no *Inkridden Tribune*? — disse Attie.

— Amanhã — concordou Iris, pensando em como seria estranho voltar a trabalhar no interior de um prédio depois de terem percorrido o reino num carro veloz e dormido em lugares estranhos enquanto se esquivavam de mastins sedentos de sangue.

— Posso levar a tua bagagem para cima? — perguntou Tobias, com o estojo da máquina de escrever numa mão e o saco de lona na outra.

— Oh, não, eu trato disso. Mas obrigada, Tobias. — Iris pegou na sua bagagem. — Espero voltar a ver-te em breve.

— De certeza que nos veremos por aí — disse ele com um sorriso.

Iris olhou para Attie, que fingiu não ter ouvido. Deu por si a sorrir para as sombras, enquanto subia apressadamente o lanço de escadas até à porta do seu apartamento. Ainda não estava totalmente escuro, apesar de a chuva ter trazido consigo um crepúsculo precoce, e imaginou que Forest ainda não estivesse em casa.

Ia ficar surpreso quando a visse. Iris encontrou a chave escondida atrás de uma pedra solta no lintel. Destrancou a porta, acenando para Tobias e Attie para os tranquilizar. O roadster afastou-se com um troar de escape, em direção à casa de Attie, perto da zona universitária da cidade.

Iris entrou no apartamento escuro.

Tinha razão, foi a primeira a chegar a casa. Sacudiu os pingos de chuva das botas e do casaco e pousou a bagagem. Quando acendeu alguns candeeiros, ficou impressionada com a sensação de limpeza e arrumação. O apartamento tinha um cheiro *diferente* e não no mau sentido. Parou por um instante no centro da sala e inspirou. Talvez a casa sempre tivesse tido aquele cheiro estranho e ela simplesmente se tivesse habituado a ele no passado.

— Não que isso importe — sussurrou, apressando-se a trocar a roupa húmida por uma camisola e umas calças castanhas e a desempacotar a máquina de escrever na mesa da cozinha.

Reparou num vaso com margaridas, que conferiam alegria ao espaço, e em dois frascos de medicamentos na bancada, com o nome de Forest. Sentiu uma onda de alívio por saber que o irmão tinha finalmente ido ao médico.

Iris tinha posto uma chaleira ao lume e estava a começar a escrever um artigo igualmente feroso sobre o facto de o chanceler ter barrado a entrada das forças de Enva na cidade quando a maçaneta da porta da rua rangeu.

Ela fez uma pausa.

Devia ser o irmão. Ficou simultaneamente entusiasmada e ansiosa por voltar a vê-lo. Iris levantou-se e pegou no medalhão, escondido debaixo da camisola, e segurou-o enquanto a porta se abria.

Ouviu um som, um impropério dito em surdina, quando alguém tropeçou e deixou cair uma baguete embrulhada em papel da padaria.

Iris deu um passo em frente, com os olhos arregalados. A pessoa era demasiado baixa e esguia para ser Forest e, quando ela atirou para trás o capuz da gabardina esforçando-se para não deixar cair os outros embrulhos que trazia na mão, Iris reparou no cabelo claro, frisado pela chuva, e no brilho cativante dos óculos no nariz.

Iris estancou.

Aquela era a última pessoa que ela esperava ver entrar no seu apartamento.

— *Prindle?*

SINAIS DO QUINTO ANDAR

Sarah Prindle ficou paralisada. A sua boca formou um «O» perfeito antes de gritar:

— Winnow? Ainda bem que voltaste! Nós não estávamos à tua espera tão cedo!

Nós?, pensou Iris com um arrepio na espinha, mas apressou-se a pegar nos embrulhos que Sarah trazia nos braços. Eram pesados e quentes — um jantar aromático — e Iris pô-los na mesa da cozinha, ao lado da máquina de escrever, antes de se virar para pendurar o casaco de Sarah, manchado pela chuva.

— Sabes quando é que o Forest chega a casa? — perguntou-lhe, hesitante, sentindo-se insegura, como se fosse uma estranha na sua própria casa.

Sarah apanhou a baguete caída antes de tirar os óculos embaciados, limpando-os na borda da saia.

— Deve estar mesmo a chegar. Normalmente, ele chega antes de mim e... — calou-se e esboçou um esgar. — Desculpa, sei que isto deve parecer muito estranho.

— Está tudo bem, Prindle — sossegou-a Iris. — Presumo que tu e o meu irmão sejam um casal.

Sarah ficou vermelha como um tomate.

— Não! Quer dizer... talvez. *Se* ele se chegar à frente. Mas não. Sinceramente, não estava à espera que nada disto acontecesse.

A chaleira começou a apitar na cozinha.

— Porque não te sentas e bebemos um chá? — disse Iris, correndo para desligar o lume. — Assim, podes contar-me o que aconteceu enquanto estive fora.

Sarah acenou com a cabeça, mas ficou pálida, como se estivesse preocupada com o que Iris poderia pensar. Ela própria também não sabia muito bem o que pensar. Mas estava ansiosa por ouvir o que Sarah tinha para dizer, enquanto trazia o tabuleiro do chá e se sentava à frente dela.

— Bem... — começou a amiga, torcendo os dedos. — Desculpa

apanhar-te assim de surpresa, Winnow.

— Não tens de pedir desculpa por *nada* — apressou-se a dizer. — A sério. Estou só um pouco... surpreendida, mas só porque o meu irmão tem andado muito reservado e fechado desde que regressou da frente.

— Eu sei — disse Sarah com um suspiro. — Tudo começou quando passei por aqui uma noite para saber se ele tinha alguma novidade sobre ti. Quando bati à porta, pensei que não estava ninguém em casa, porque parecia muito silenciosa e vazia. Mas depois ele abriu a porta e parecia... tão triste. Apercebi-me de que ele tinha estado sentado sozinho no escuro.

Iris sentiu um nó na garganta. Custava-lhe muito imaginar Forest assim, e a culpa inundou-lhe o peito como se tivesse inspirado água. *Não devia tê-lo deixado sozinho*, pensou, mas depois percebeu que, se tivesse ficado em casa, Hawk Shire teria caído. Ela nunca teria recebido a mensagem de Roman sobre o ataque, e Keegan e as últimas forças de Enva teriam sido pulverizadas.

Em silêncio, Iris serviu o chá. Ela e Sarah adicionaram natas e mel, e só então é que esta aclarou a garganta e continuou.

— O Forest não quis falar comigo. E disse que ainda não tinha tido notícias tuas. Decidi que não voltaria a incomodar o teu irmão. Mas depois não consegui parar de pensar nele sentado sozinho no escuro, sabendo que ele tinha regressado da guerra. Decidi fazer-lhe o jantar na noite seguinte, e voltar para saber se já tinha tido notícias tuas. Ele pensou que tinha sido ideia tua, porque disse: «Podes dizer à Iris que estou bem.» No entanto, convidou-me para entrar, acho que se sentiu um pouco mal, por ter sido tão rude, e jantámos juntos. Pensei: «Bem, isto vai ficar por aqui.» Mas ele convidou-me para passar por cá na noite seguinte para saber notícias tuas e dessa vez, ele tinha jantar para nós. Para me retribuir, claro. — Sarah olhou para cima e encarou Iris, de faces rosadas. — E foi assim que tudo começou. É fácil falar com ele. Sobretudo porque ele é um bom ouvinte. Lembra-se de tudo o que digo, coisa que nunca ninguém fez antes.

Iris não pôde deixar de sorrir. Estava prestes a exprimir a sua gratidão a Sarah quando se ouviram tiros ao longe.

— O que foi aquilo? — perguntou, levantando-se da mesa.

— Deve ter sido só um tiro de aviso — disse Sarah, mas os seus ombros estavam encolhidos junto às orelhas.

— Um tiro de *aviso*? — repetiu Iris, incrédula. — Disparado por quem?

— Pelos elementos do Cemitério.

— E quem são esses?

— É a guarda da cidade — explicou Sarah, a sua voz quase um sussurro como se receasse que as paredes tivessem ouvidos.

— Isso é coisa do chanceler?

— As pessoas dizem que sim, mas eu discordo. Cá para mim, o chanceler está a perder o controlo da cidade. Os membros do Cemitério não se declaram fiéis a nenhum deus e instauraram um recolher obrigatório, sem a aprovação do chanceler. Só eles é que podem andar pelas ruas à noite, à caça de Enva.

A mente de Iris ficou à roda com esta nova informação. Não fazia ideia de que aquilo se estava a passar e interrogava-se sobre o que mais teria mudado na sua ausência. Foi então que se lembrou: é claro que o chanceler Verlice queria manter o exército de Enva à distância, se a cidade estava realmente tomada por outro grupo militante. Se tivesse permitido a entrada de Keegan e das suas tropas, teria havido um conflito armado e um potencial derramamento de sangue.

— Quem são estas pessoas? — perguntou Iris. — E porque disparam tiros de aviso?

— Poucos sabem quem eles são — disse Sarah. — Ocultam as suas identidades. De dia, podem ser qualquer pessoa. Mas, à noite, patrulham as ruas com máscaras e espingardas, e disparam tiros de aviso quando encontram alguém a violar o recolher obrigatório. Dizem que a sua vigilância serve para nos manter seguros, mas acho que é tudo uma questão de poder.

Máscaras e espingardas.

Iris estremeceu quando aquelas palavras evocaram uma recordação. A noite em que as raparigas tinham assaltado o museu e Iris tinha ficado pendurada na corda. Quatro pessoas com máscaras tinham passado por baixo de si, e Iris pensou que estava prestes a acontecer outro assalto. Lembrou-se então de todas as palavras pintadas nos edifícios — *o lugar dos deuses é nos seus túmulos* — e percebeu que a agitação já se fazia sentir há algum tempo.

Foi até à janela, onde a escuridão se infiltrava através das cortinas. Afastou um pouco o tecido e contemplou o crepúsculo manchado pela chuva. Nem meio minuto depois, a porta da rua abriu-se. Era Forest, encharcado e ofegante. O seu rosto estava virado para a luz. Para a mesa, onde estava Sarah.

— Estás aqui — disse ele, fechando a porta atrás de si. — Ouvi um tiro. Fiquei muito preocupado...

Iris não se mexeu de onde estava, junto à janela. O alívio suavizou-lhe a respiração, ao ver que o irmão estava em segurança, em casa. Mas o sentimento foi eclipsado pela noção de que ela agora estava do lado de fora. Uma lua que se tinha afastado da sua órbita.

— Não te preocupes, eu estou bem — disse Sarah, com as mãos encostadas ao peito. — E a tua irmã também.

Forest estancou. Mas deve ter pressentido o olhar de Iris, ou talvez tenha ouvido a sua respiração hesitante. Virou-se e viu-a, ainda posicionada junto à janela.

— Olá — sussurrou Iris.

Forest arregalou os olhos; o seu choque era tangível como a chuva. Mas depois encurtou a distância e envolveu-a nos seus braços, levantando-a do chão.

Iris não percebia porque queria chorar, até sentir a alegria que irradiava do irmão, quente como uma fornalha na noite mais fria. Parecia quase como nos velhos tempos, muito antes da guerra. Ele tinha as pessoas que mais amava seguras e perto de si. Iris daria tudo para sentir o mesmo.

*

Jantaram juntos à mesa, e Iris reparou na forma como Forest olhava para Sarah.

Era um olhar meigo, constante e muito atencioso.

Lembrou-lhe a forma como Roman costumava olhar para ela, e Iris sentiu-se feliz e triste ao mesmo tempo. Era uma mistura estranha e agri-doce que lhe trouxe lágrimas aos olhos.

Pestanejou, mas os seus pensamentos voltaram rapidamente para a guerra, e para a distância que agora a separava de Roman. Para o perigo que ele corria.

Quando Forest levou os pratos para o lava-loiça, Iris reteve Sarah e perguntou-lhe, baixinho.

— Lembras-te do que me disseste sobre a pessoa que entrega os artigos do Roman no *Gazette*?

Sarah abriu muito os olhos. Virou-se para Forest, virado de costas para elas, a lavar a loiça.

— Sim. Mas porque perguntas?

Iris aproximou-se mais.

— Quando vai voltar à redação? E a que horas?

— Vai lá amanhã, às nove em ponto — respondeu Sarah. — Não estás a pensar em confrontá-lo, pois não? Por favor, não faças isso! Há algo de muito sinistro nele.

Iris abanou a cabeça.

— Não, ele não me vai ver. Mas achas que podes fazer-me um sinal?

— Um sinal?

— Sim. — Iris reparou no lenço azul atado ao pescoço de Sarah. — Podes segurar o teu lenço à janela assim que ele sair da redação amanhã de manhã? Eu vou estar atenta na rua e saberei quando ele sair do edifício.

— Sim, posso fazer isso — concordou Sarah, puxando um fio solto do casaco de malha. — Mas o que tencionas fazer?

Iris mordeu o lábio. Forest devia ter ouvido os seus sussurros conspiratórios e olhou por cima do ombro, arqueando a sobrancelha.

Iris sorriu para o irmão até ele voltar a concentrar-se nos pratos. Mas sussurrou para Sarah:

— Preciso de encontrar um portal mágico.

*

No dia seguinte, às 8h50, Iris estava à espera na sombra do edifício onde outrora trabalhara, onde se dedicara ao jornalismo de obituários, classificados e anúncios. O lugar onde conhecera Roman. O *Oath Gazette* ficava no quinto andar, e ela sabia bem a que janelas devia estar atenta. Toda a sua atenção estava concentrada no brilho do vidro, à espera do sinal de Sarah. A rua à sua frente estava movimentada, com carros, carroças e peões a passarem de um lado para o outro.

Era um local onde estranhamente nos podíamos sentir sozinhos e satisfeitos, rodeados de pessoas que podiam reconhecer-nos ou não. Pessoas que não sabiam o nosso nome ou quais as nossas origens, mas que partilhavam connosco o mesmo ar, o mesmo instante no tempo.

O relógio bateu as nove horas.

Passaram dois minutos, que mais pareceram dois anos. Foi então que Iris viu. Sarah encostou o lenço às janelas.

O homem de Dacre tinha acabado de sair do *Gazette*.

Iris desviou o olhar para as portas de vidro do edifício, que eram altas e decoradas com latão, um brilho constante à medida que as pessoas entravam e saíam. Teria sido fácil não ver alguém a escapulir-se por entre todo aquele bulício, mas Iris sabia que o elevador daquele edifício era lento e teve noção de quando o indivíduo devia estar a sair.

Avistou-o, uma figura ágil envolta num manto, com o capuz levantado.

Desceu os degraus de mármore com facilidade, seguindo para noroeste.

Iris seguiu no seu encalço.

Mantinha-se a uma distância segura, mas, por vezes, receava perdê-lo de vista no meio da multidão e aproximava-se tanto quanto se atrevia. Assustou-se quando ele parou de andar, com o coração a bater forte com o medo, mas percebeu que ele estava a comprar dois jornais numa banca. O *Gazette* e o *Tribune*.

Ele seguiu caminho com um passo rápido. Iris foi no seu encalço.

Por fim, o homem atravessou o rio e entrou na zona norte da cidade, que era conhecida como «A Coroa». Era a zona mais rica de Oath, e Iris não conhecia aquelas ruas. Cingiu mais a gabardina junto ao corpo e estremeceu quando se levantou uma neblina.

O homem parou diante de um grande portão de ferro, com remates que brilhavam com pérolas de bronze. O portão abriu-se para lhe dar

passagem e voltou a fechar-se logo a seguir, trancando-se com um ruído metálico.

Iris afastou-se para dar a impressão de que estava só a passear. Mas parou tempo suficiente para observar o longo caminho empedrado para lá do portão, que desembocava numa grande propriedade no topo de uma colina verdejante com um pátio bem cuidado, encoberto pela névoa.

Iris ficou paralisada, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco.

Os seus olhos voltaram a fixar-se no portão, nos pilares de tijolo. Havia um nome gravado numa placa de pedra lisa, ao nível dos olhos, na coluna da direita. Um nome que a fez sustar a respiração.

MANSÃO KITT.

NÃO TE ILUDAS COM ESTA LIBERDADE

Isto é um teste para garantir que as teclas E e R estão em boas condições.

ERERRRRRRR EEEE RRRRR

R

E

E

??

*

Iris!

O que se passa? Estás bem?

— Kitt

KITT!

Há um PORTAL para o MUNDO SUBTERRÂNEO na tua CASA. Sabias disso?!

xI

P.S. Desculpa, não te queria assustar.

P.P.S. E sim, eu sei que acabei de violar uma regra ao escrever primeiro hoje. Podes repreender-me mais tarde. (Pessoalmente... de preferência.)

Pelos deuses, Iris. O meu coração ainda está a bater descompassado porque pensava que ias escrever que tinha acontecido algo horrível.

(Nota: Prometo repreender-te mais tarde. Pessoalmente... como quiseres.)

E não, não sabia que havia um portal ativo na propriedade dos meus pais, mas isso devia ter-me

passado pela cabeça. Também posso dizer que gsrmyl espera, desculpa, mas tenho de ir. Estou a ouvi-los a chamar. Até voltarmos a falar, espero-te bem e em segurança.

Com amor,
Kitt

Era o tenente Shane que batia à porta de Roman.

— Foste chamado — disse ele, de forma ríspida, através da madeira.

— Vou já — respondeu Roman, com os dedos a voarem sobre as teclas enquanto se apressava a terminar a missiva para Iris. Mordeu o lábio quando arrancou o papel da máquina de escrever, fazendo deslizar a carta para dentro do roupeiro.

Arrumou a máquina de escrever e entrou no corredor, à espera de encontrar Shane. Mas o corredor mal iluminado estava vazio, e Roman caminhou sozinho para a fábrica, debaixo de chuva, cheio das mesmas curiosidades e perguntas que tivera no dia anterior, na sepultura de Luz. Queria voltar a falar a sós com o tenente, mas não tinha tido oportunidade e, enquanto subia as escadas para o último andar da fábrica, refletiu pela centésima vez sobre o sucedido: a chave no chão, a criar um portal. A expressão de Dacre ao sair do túmulo.

O que é que ele viu? Será que Luz está mesmo morto?

Para espanto de Roman, havia dois soldados de guarda ao gabinete de Dacre, com a porta fechada.

— O comandante não quer ser incomodado — disse um deles.

— Mas ele chamou-me — respondeu Roman, hesitante. — Devo voltar mais tarde?

Os soldados trocaram um olhar. Era evidente que temiam a ira de Dacre em todas as suas nuances, quer fosse por o interromperem ou por mandarem embora o seu correspondente de estimação.

— Vai lá, então — disse o outro, inclinando a cabeça para a porta.

Roman acenou com a cabeça e passou entre eles, entrando no escritório.

A primeira coisa em que reparou foi na escuridão do espaço. Mesmo com a parede de janelas, agora manchadas pela chuva, as sombras da tempestade da tarde acumulavam-se nos cantos e à volta dos móveis. Havia apenas algumas velas acesas na secretária, com as chamas a oscilar como se houvesse uma corrente de ar.

Roman ficou de pé, numa incerteza rígida, com os olhos a perscrutar a escuridão. Dacre não estava ali, e ele perguntava-se se o deus teria regressado sozinho à sepultura de Luz. Estava a virar-se para sair quando ouviu uma respiração. Profunda e pesada, ao ritmo dos sonhos.

Roman engoliu em seco e dirigiu-se para o centro da sala, onde pôde ver o fulgor de cabelos loiros sobre o braço de um sofá. Ali estava Dacre, a dormir sobre as almofadas, com as mãos entrelaçadas sobre o peito, os olhos fechados e a boca frouxa.

Dacre tinha-lhe dito uma vez que os deuses precisavam de dormir pouco ou nada, o que fez Roman imaginar porque estaria a mostrar-se vulnerável agora. Aproximou-se mais, com o coração a bater mais depressa.

Podia matá-lo, pensou Roman, olhando para o rosto plácido de Dacre. *Podia matá-lo e acabar com tudo isto agora mesmo.*

A única arma que tinha era a sua máquina de escrever, fechada no estojo. O que o fez perceber rapidamente que não sabia qual era a maneira mais eficaz de matar um ser divino, mesmo que lhe tivesse sido concedida uma lâmina, uma arma de fogo ou um fósforo para transformar em cinzas o seu corpo imortal.

Apesar dessa dura realidade, Roman olhou ao seu redor, ponderando se haveria alguma arma escondida nas sombras. Não encontrou nenhuma, mas o seu olhar pousou na secretária à luz das velas, onde havia mapas espalhados pelo tampo.

Estava ansioso para voltar a estudar o mapa do submundo, na expectativa de um momento em que pudesse ficar a sós com os desenhos.

Roman caminhou até à secretária e colocou a mão sobre o desenho detalhado de Cambria. O mapa que estava por baixo iluminou-se. Estudou-o, percorrendo com o olhar as rotas ativas até Oath. Desta vez, sabia o que procurar e, apesar de a maior parte da cidade permanecer adormecida e sem luz, devido ao facto de as vias de acesso ainda estarem a ser reparadas, havia um veio brilhante que corria por baixo da cidade, atravessando o centro e dirigindo-se para norte.

A atual rota ativa.

Terminava num círculo azul cintilante, que assinalava a mansão dos Kitt. Tal como Iris suspeitava. Roman desejou ter pensado mais cedo no potencial envolvimento do seu pai; nas características mágicas da casa em que crescera, e na forma como elas poderiam estar ligadas aos portais do reino subterrâneo.

Onde estão os outros portais?

Inclinou-se para mais perto para poder estudar os detalhes da cidade. Examinou a rota ativa, reparando que havia outros círculos que não estavam iluminados a azul. Outros portais mágicos? E isso sem contar com as vias adicionais que ele sabia que passavam por baixo de Oath e que ainda precisavam de ser reparadas. Poderia haver centenas de portais, e Roman deu a si mesmo mais alguns segundos para decorar a rota iluminada e os círculos antes de levantar a mão e

se afastar.

Dirigiu-se à sua secretária e tirou uma folha de papel da pilha. Fechou os olhos e voltou a ver o caminho iluminado. Estava gravado na sua visão, e ele desenhou-o o melhor que pôde na página com uma caneta de tinta permanente.

O quarto ficou subitamente mais frio.

Roman abriu os olhos.

Dacre estava a começar a mexer-se no sofá. A sua respiração tornou-se mais rápida, como se estivesse a ter um pesadelo, as mãos cerradas em punhos. Roman olhou para a porta, medindo a distância. Não teria tempo de fugir antes de Dacre acordar, o que significava que precisava de uma razão para estar ali. Reparou que o *Inkridden Tribune* ainda estava em cima da sua secretária, com a manchete de Iris sobre o amor condenado de Dacre e Enva amarrada com força.

Roman assinalou três potenciais portais no seu mapa improvisado, identificando edifícios em Oath que poderiam estar a albergar portais mágicos. Depois dobrou o papel e guardou-o no bolso. Tinha começado a desempacotar a sua máquina de escrever, como numa sessão de trabalho normal, quando a voz de Dacre quebrou o silêncio, obscurecida pela fúria.

— *Enva*.

O som gelou o sangue de Roman. Ficou paralisado a ver Dacre sentar-se no sofá. O deus estava de costas viradas para Roman e não o tinha visto. Julgando-se sozinho, Dacre tapou a cara com as mãos — num gesto tão humano que Roman sentiu uma pontada no peito.

— Senhor — rouquejou, achando que seria melhor anunciar a sua presença. — Estou aqui para terminarmos o nosso artigo. — Dacre não se mexeu. Parecia esculpido na pedra; não respirou, não reagiu à presença de Roman. — Está tudo bem, senhor?

— Sai — ordenou Dacre num tom baixo e incisivo.

Roman não precisou de ouvir duas vezes. Com um arrepio, pegou na máquina de escrever e fugiu.

*

Algumas horas mais tarde, pouco antes do anoitecer, Dacre mandou chamá-lo.

O tenente Shane foi mais uma vez buscar Roman, com os olhos semicerrados, como se estivesse aborrecido.

— Desta vez é uma convocação a sério? — perguntou Roman, um pouco sardónico.

Shane manteve o olhar fixo, impassível.

— E então? Não escreveste um artigo para ele, como é habitual todas as tardes? — Roman franziu o sobrolho. Estava prestes a perguntar a Shane se sabia que Dacre estava a dormir, ou se

suspeitava disso e queria confirmação, quando o tenente disse — Deixa aí a máquina de escrever. Não vais precisar dela.

Roman fez um compasso de espera, com a mão a alcançar a pega do estojo. Se não precisava da máquina de escrever, então o que é que o Dacre queria dele? Não podia ser nada de bom, dado o momento privado que Roman tinha testemunhado havia pouco.

Seguiu Shane sem abrir a boca, deixando a Terceira Alouette no seu quarto. Estava demasiado preocupado com as suas próprias ralações para falar enquanto Shane avançava pelas ruas húmidas de Hawk Shire a um ritmo acelerado. Roman levava apenas a aliança de Iris e o mapa que tinha desenhado da linha ley de Oath, ambos enfiados no fundo do bolso. Começava a sentir-se desconfortável por ter tais objetos consigo.

Não sabia o que o esperava, mas o suor escorria-lhe pelas costas e as náuseas invadiam-no quando chegaram ao escritório.

Dacre não estava sozinho. Havia um homem alto e pálido ao lado do deus, com um manto preto preso ao colarinho. O seu rosto era angular, como as facetas de uma rocha talhada, e os seus olhos eram estreitos e frios, refulgentes com juízos de valor enquanto observava Roman.

— Pensei um pouco sobre o artigo que tencionávamos escrever, Roman — disse Dacre. A sua voz era lânguida. Não havia vestígios do pesadelo ou da fúria persistente no seu rosto, embora Roman ainda pudesse sentir um eco do nome da deusa, horas depois de ter sido dito.

Enva.

Dacre tinha sonhado com ela.

O que é que isso significava para eles, para a guerra? Parecia que a maré tinha mudado e, no entanto, tudo o que Roman conseguia sentir era a areia a mover-se debaixo dos seus pés, inseguro em relação às novas movimentações.

Entrelaçou as mãos atrás das costas para esconder o seu tremor.

— Que artigo, senhor?

— Aquele em resposta à Iris E. Winnow. Ao artigo que ela escreveu para o *Tribune*, em que defende a sagesa, o logro e a vitória de Enva sobre mim. — Dacre avançou alguns passos e o espaço entre eles estremeceu até a sua sombra tocar os pés de Roman.

— E o que decidiu, senhor?

— Vou mandar-te para Oath — anunciou Dacre. — Quero que te encontres com essa Iris E. Winnow. Disseste que já trabalhaste com ela e que a conheces. Ela estaria disposta a falar contigo?

— Eu... *sim*, creio que sim, senhor. Mas porquê...?

— Não só é uma escritora habilidosa, como tem o ouvido do *Tribune*, que está a ganhar mais popularidade a cada dia que passa —

atalhou Dacre. — Ela também está a escrever para Enva. Consigo ver o toque da deusa nela, a reclamar as suas palavras, a retorcê-las contra mim. Só por esse motivo, gostaria de a roubar à minha mulher. Gostaria que a Iris E. Winnow escrevesse para mim. Se concordares em ir em meu nome, quero que leves isto e que te encontres com ela num lugar público.

Dacre estendeu-lhe um envelope. Era azul desmaiado, como um ovo de pintarroxo, cintilante à luz do fim da tarde. *Iris E. Winnow* estava escrito com uma caligrafia elegante — a simples visão do seu nome acelerou o coração de Roman — e ele estendeu a mão para pegar no envelope.

Estava prestes a ir para casa.

Estava prestes a voltar a ver Iris.

— Quando devo ir, senhor? — perguntou, encarando o olhar firme de Dacre.

— Vais agora.

— *Agora?*

— O Val está aqui e pode escoltar-te até à cidade. — Dacre indicou o homem estranho e encapuzado ali presente, e que continuava a observar Roman como um falcão observa um rato. — Se partirem esta noite, chegarão a Oath ao nascer do sol.

Oath ainda ficava a uma distância razoável, mas aquela era uma boa oportunidade para saber como é que Val se deslocava. Podia ficar a saber a localização do portal na propriedade da sua família, assim como ver a rota ativa com os seus próprios olhos.

Só desejava ter a sua máquina de escrever à mão. Iris não saberia que ele estava a chegar. Apanhá-la-ia de surpresa e, como Dacre dissera, o encontro teria de ser num local público. Muito provavelmente porque Val estaria a observá-los para garantir que nada de suspeito acontecesse.

Era arriscado, vê-la sem aviso prévio. Mas aquela era também uma sensação libertadora, como se Roman estivesse a fugir de uma gaiola dourada.

Não te iludas com esta liberdade. Aquela advertência percorreu-o com um arrepio, obrigando-o a recompor-se.

— Estou pronto, senhor — disse ele. — Mas a minha roupa... devo ir à cidade assim? — Olhou para o macacão vermelho-escuro que anunciava que ele era um correspondente do submundo.

— Terás oportunidade de mudar de roupa à chegada. — Dacre lançou um olhar a Val, que se limitou a arquear uma sobrancelha em resposta. — E quero que entregues uma segunda mensagem em meu nome enquanto estiveres em Oath.

— Com certeza, senhor. Para quem é a mensagem?

Dacre estendeu-lhe outro envelope, da mesma cor que o primeiro.

O destinatário era diferente, mas igualmente significativo, e Roman ficou a olhar para ele por um instante.

Mr. Ronald M. Kitt.

— Uma carta para o meu pai? — perguntou num tom vacilante.

— É verdade — respondeu Dacre, divertido. — Vais estar com ele.

Sem mais palavras, Roman pegou no envelope. Sentiu-se hirto, como se estivesse coberto de gelo, quando imaginou reencontrar o pai. As últimas palavras que tinham trocado não tinham sido nada cordiais. Roman não gostava de as recordar, de recordar o dia em que deixara o pai zangado e a mãe a chorar. O dia em que partira para seguir Iris rumo a Oeste. Tinha-se despedido do *Gazette*. Rompera o noivado com Elinor Little, com quem o pai combinara o casamento para manter os Kitt nas boas graças de Dacre, à medida que a guerra avançava.

Roman deixara tudo isso sem olhar para trás.

Parecia estranho que Dacre agora confiasse nele sem hesitação; o deus estava a mandá-lo para casa, ciente de que assim recuperaria a sua memória. Algo não batia certo, e Roman ponderou se aquilo seria um teste. Dacre sabia que havia um traidor nas suas fileiras. Talvez aquela fosse a sua maneira de provar a inocência de Roman ou, na pior das hipóteses, ver se seria Roman o elo traçoeiro.

Se fosse esse o caso, ele não podia dar-se ao luxo de deixar a verdade vir à tona.

E, no entanto, atreveu-se a olhar Dacre nos olhos e a fazer-lhe um último pedido.

— Posso passar uma noite com a minha família? Há muito tempo que não vejo os meus pais e gostaria de estar com eles antes de voltar para aqui, senhor.

Dacre ficou em silêncio. Tudo aquilo parecia ténue — como o ar que crepita antes do relâmpago se fazer sentir. Roman preparou-se para a chicotada.

— Podes — disse Dacre, por fim, com um sorriso. — Não vejo porque não. Passa uma noite com a tua família. Lembra-te do que é verdadeiro e do que é falso, e de tudo o que fiz por ti. O Val estará à espera no nascer do sol do dia seguinte para te trazer de volta.

Aquilo era, de facto, um teste. Se não conseguisse convencer Dacre da sua dedicação e lealdade depois de recuperar a memória, Roman poderia voltar a acordar numa câmara fria do submundo, incapaz de se lembrar do seu nome. Incapaz de se lembrar de Iris.

A ideia era aterradora. Sentiu uma pontada entre as costelas.

— Obrigado, senhor — conseguiu dizer.

Estava pronto para partir, mesmo sem a máquina de escrever, mas Dacre aproximou-se e murmurou:

— É sempre preferível falar pouco, deixar os outros na dúvida

sobre onde estivemos, o que vimos e o que pensamos. Deixá-los imaginar o que poderia ser. Há um grande poder num mistério. Não desperdices o teu.

Roman sentiu o toque fundo nos pulmões, mas limitou-se a pigarrear. *Sê submisso. Convence-o da tua lealdade.* Sentiu uma dor no peito quando disse:

— Sim, meu senhor. Não me esquecerei disso.

Depois de ser dispensado, seguiu Val, passando pelo tenente Shane, que permaneceu quieto como uma estátua, a observar tudo com olhos perspicazes. Roman saiu do escritório e desceu a escadaria longa e circular.

Vou para casa, pensou, e o entusiasmo aplacou a dor dos seus passos, da falta de ar. *Iris, vou ter contigo.*

Mas pouco antes de ele e Val entrarem por uma porta para o reino subterrâneo, a advertência surgiu novamente como um sussurro.

Não te iludas com esta liberdade.

A GRAVIDADE NUM MUNDO DIFERENTE

Roman seguiu Val pelas passagens do reino subterrâneo.

Percorreram caminhos que os levavam para baixo, como se estivessem a descer para um outro mundo nas profundezas; um mundo mais escuro e mais antigo. Quando chegaram a uma porta entalhada com runas, Val retirou uma chave que trazia ao pescoço. *Mais uma das cinco chaves mágicas*, pensou Roman, enquanto a porta se abria.

Seguiram em frente. O ar era pesado e denso, quase cerimonioso, com um cheiro forte a enxofre e carne podre.

Roman estendeu a mão para se firmar na parede e tocou nas sarças que despontavam ao longo da pedra. Sentiu o estômago embrulhado e ponderou se a permissão de Dacre tinha sido um ardil, e se Val estaria a levá-lo para as profundezas para se ver livre dele.

Seria mais doce matar alguém depois de lhe dar esperança?

Roman estremeceu quando a passagem espinhosa finalmente se abriu para uma paisagem ampla. Do chão de pedra, poças onde borbulhava um líquido amarelo emitiam luz e libertavam vapores, mas o teto estava tão alto que era impossível de se alcançar com a vista. Roman quase se convenceu de que estava sob o céu noturno estrelado. Olhou para cima, para aquelas sombras, e sentiu-se pequeno e com saudades de casa.

— Vê onde pões os pés — disse Val, enquanto contornava as poças amarelas, agitando o vapor com os seus passos largos e com o agitar da sua capa.

Roman estugou o passo para o acompanhar. O ar putrefacto fez com que tossisse para dentro da manga. Começou a respirar pela boca, com o estômago num nó de medo e náuseas. Ansiava por ar puro. Por uma caneca de café quente a esquentar. Algo para aliviar o desconforto que sentia no peito e na garganta.

— Nada de movimentos bruscos — tornou Val, diminuindo a passada.

— Está bem. — Roman abafou outro surto de tosse.

Meio minuto depois, percebeu porquê. Por entre as colunas de

vapor sulfuroso, a enorme sombra de um *wyvern* ergueu-se do chão, como se estivesse à espera deles. Roman arquejou quando reconheceu um *eithral*. Tinha as pontiagudas asas estendidas para absorver o calor das poças e o corpo branco coberto de escamas brilhava, iridescente. A mandíbula estava fechada, mas os dentes longos e semelhantes a agulhas ainda se projetavam e brilhavam como gelo, e os seus estranhos olhos vermelhos eram do tamanho da mão de Roman. Um desses olhos estava fixo nele e na sua paragem abrupta.

— Continua a andar — disse Val, em voz baixa. — Devagar e com segurança. Segue a minha aproximação pelo lado esquerdo.

Aproximação? Roman quis protestar, mas obedeceu às instruções. Começou a andar devagar e manteve-se na sombra de Val, e foi então que viu que o *eithral* tinha uma sela presa ao dorso, entre as asas.

— Isto é a sério, porra? — perguntou Roman, com os dentes a baterem quando sentiu um arrepio a percorrer-lhe a espinha. — Como vais controlá-lo? Não tem rédea.

Val montou o *eithral* com facilidade.

— Queres ir a pé até Oath, ou queres ir a voar?

Roman calou um protesto. Não sabia se tinha forças para se erguer, para se sentar no dorso da criatura que havia sido responsável pelos seus ferimentos. Mas as suas pernas tremiam — *Não consigo caminhar até Oath* — e o seu coração batia no peito como um martelo pneumático. Estava exausto e agitado em igual medida, e pensou na justiça poética daquela situação. Seria um *eithral* a levá-lo e ao seu mapa para a cidade, onde Dacre conheceria a derrota.

Seria um *eithral* a levá-lo até Iris.

Roman imitou Val, subindo pelo dorso da criatura até à sela. Instalou-se no que parecia ser a impossibilidade encarnada.

— Agarra-te bem — disse Val, com rudeza. — A descolagem é sempre atribulada.

Roman agarrou-se à borda da sela de couro com os nós dos dedos brancos, pressionando os joelhos para dentro até doerem. Não se sentia seguro para se *erguer* do chão montado numa das criaturas pouco míticas de Dacre. Uma criatura que tinha causado devastação, dor e morte para além do imaginável.

Fechou os olhos. Esforçou-se para aguentar a sua última refeição no estômago. O suor frio escorria-lhe pela pele, mas depois disse a si próprio, resolutivo: *Abre os olhos*.

Roman fê-lo, voltando a examinou tudo à sua volta. Meses antes, se tivessem dito que estaria ali naquele momento, não teria acreditado. Ou mesmo semanas antes. Quis absorver tudo. Nunca teria acreditado que estaria no reino inferior, por baixo de camadas e camadas de terra, num mundo feito de noites sem estrelas e fumo lânguido, prestes a viajar montado num *eithral*.

Naquele momento, antes de levantar voo, quando o ar se encheu de assombro e expectativa, Roman ouviu a voz de Iris na sua memória.

Nos dias que correm, estou a inclinar-me mais para o lado da impossibilidade. Estou a inclinar-me mais para a magia.

Aquelas palavras deram-lhe alento. Imaginou Iris a escrever à luz da vela, como se fosse ela a sua gravidade.

Val pegou numa pequena flauta que trazia pendurada num fio, debaixo da camisa. Tocou três longas notas prateadas — brilharam no ar como a luz do sol refletida na chuva — e o *eithral* levantou a cabeça, sacudiu-a e começou a bater as asas.

Claro. Roman quase se riu. Eles são controlados por um instrumento. Pela música.

O *eithral* estava cativo das três notas da flauta, mesmo depois de estas se terem desvanecido em sombras. As suas asas agitavam o vapor e os clarões de calor e luz dourada, e Roman sentiu-se perdido num vendaval, com o enxofre a picar-lhe os olhos e a fazê-lo tossir novamente. O *eithral* deu um passo em frente. Um passo pesado, depois outro, esquivando-se habilmente das poças sibilantes.

Levantaram voo como se já tivessem feito aquilo centenas de vezes.

*

Apesar da descolagem atribulada, assim que o *eithral* se encontrou no alto, a viagem foi suave.

Inicialmente, Roman ficou espantado por não terem saído do reino subterrâneo. Não se apercebera da vastidão e amplitude daquele mundo interior: uma paisagem sem fim, repleta de poças de enxofre borbulhantes e coberta de vapor. Por vezes, quando Roman se atreveu a olhar para baixo, viu algo a brilhar através da névoa. Os seus olhos arregalaram-se quando percebeu que eram correntes enferrujadas e esqueletos, com os ossos espalhados pelos caminhos de pedra. Pareciam-lhe ossos de animais, mas então Roman reconheceu um crânio humano.

A garganta ardia-lhe quando olhou para o lado. Ficara com a boca ressequida, com um sabor estranho, mas ficou aliviado ao descobrir que o ar quente e húmido lhe aliviava a tosse. Agora que o pânico tinha passado, podia respirar fundo sem sentir aquele aperto horrível nos pulmões.

Por fim, depois do que tanto poderia ter sido meia hora de voo como três — o tempo era impossível de medir sem o céu, o sol e a lua — Roman percebeu que, em alguns lugares, o vapor das poças de enxofre subia mais alto do que noutros, como se houvesse uma corrente de ar que o puxava para cima. Depois da sétima vez que isso

aconteceu, presumiu que aqueles deviam ser os locais de onde os *eithrals* podiam emergir. Mais portais, grandes o suficiente para permitir que as criaturas passassem de um reino para o outro.

Quis perguntar a Val, mas conteve-se. O companheiro de viagem não parecia uma pessoa muito paciente, e se Roman queria abusar da sorte, achou que deveria esperar até estarem novamente em terra firme. Mas o silêncio estrepitoso não calou a sua imaginação ou as suas teorias.

Val era obviamente próximo dos *eithrals*. Talvez fosse o seu treinador ou guardião. Também trazia uma flauta debaixo da roupa, tal como Dacre, e conhecia todas as melodias que controlavam as criaturas. Que outros comandos conheciam os *eithrals*, e será que ainda obedeciam a ordens musicais quando voavam no mundo superior?

Roman lembrou-se do tempo que passara na linha da frente, de como o tenente Lark, do Pelotão Plátano, dissera que os *eithrals* raramente eram vistos a sobrevoar as trincheiras porque não conseguiam distinguir entre forças amigas e inimigas. Que se Dacre os tivesse soltado com bombas nas garras, eles teriam lançado essas mesmas bombas tão facilmente sobre os soldados de Dacre como sobre os de Enva, e por isso as criaturas eram usadas para bombardear cidades civis, a uma boa distância das linhas da frente.

As táticas de Dacre consistiam em usar os *eithrals* não só para incutir medo às populações, mas também para *bombardear, gasear* e depois *recuperar* os soldados feridos, para que o deus os pudesse curar — aparentemente por completo —, antes de lhes apagar a memória para obter a sua total submissão e subserviência. Era uma forma terrível e impiedosa de formar um exército e um séquito de seguidores. Roman sentiu uma onda de calor a subir-lhe pelo corpo.

Mas um pensamento tomou conta da sua mente: certamente que os *eithrals* podiam ser comandados quando voavam à superfície. Certamente que Dacre não abdicava do controlo total das suas criaturas. Tinha de haver uma maneira de ainda conseguir comandá-los, como se tinha percebido em Avalon Bluff. Os *eithrals* tinham dado duas voltas sobre a cidade, carregando materiais diferentes a cada vez.

Val mexeu-se na sela, à sua frente. A flauta brilhava contra a luz suave quando ele a levou aos lábios. Roman pôs de lado a raiva e as dúvidas quando viu que se preparavam para aterrar.

Val soprou novamente na flauta, desta vez produzindo duas notas longas seguidas de três curtas. A música preencheu o ar e gerou anéis de iridescência que subiram até desaparecerem de vista. O *eithral* gritou em resposta. A criatura levantou a cabeça como se resistisse à ordem, mas começou a inclinar-se para baixo, as asas a bater em rajadas curtas, mas poderosas.

Roman agarrou-se à sela, transido de medo. Mas a aterragem não foi tão má quanto esperava e antes de ter recuperado o fôlego, o *eithral* já tinha parado — as asas estendidas mais uma vez sobre as poças borbulhantes — e Val estava a desmontar.

—Vamos — ordenou-lhe.

Roman desmontou do *eithral* de forma desajeitada, com o tornozelo direito a bater no chão de pedra com um baque doloroso. Val, felizmente, não percebeu, pois já estava a caminhar pelo carreiro que serpenteava por entre os remoinhos de enxofre. Ainda hesitou, olhando de relance para o *eithral*, que estava novamente a observá-lo, com os seus olhos brilhantes como rubis. Com uma pontada no estômago, Roman percebeu que a criatura era tão cativa quanto ele.

Correu atrás de Val, passando por cima de ossos de esqueleto e de uma corrente de ferro que desaparecia numa das poças. Mais à frente, veios de sarças começaram a cobrir o chão, e Roman descobriu que as plantas os guiaram até onde estava a porta, com o lintel em arco totalmente coberto por lianas grossas, cachos de ametistas e espinhos ensanguentados.

— Por aqui — instruiu Val, com a impaciência a soar como uma das suas notas musicais. Atravessou a soleira e entrou nas sombras. Roman seguiu-o, esforçando os olhos para se adaptarem à escuridão.

Conseguia sentir o chão a subir sob os seus pés. A inclinação transformou a sua respiração em fogo, as suas têmporas latejavam em resposta. Passaram por outra porta, que os levou de volta ao nível principal do reino de Dacre, só que desta vez o silêncio era mortal. Não havia nenhum mercado da cidade para os receber, e o ar estava pesado com um cheiro a poeira e a mofo. Um eco solitário reverberou na escuridão.

Val acendeu um fósforo. A luz fraca ajudou mais do que Roman imaginaria possível, e ambos começaram a percorrer uma passagem muito estreita que se dividia em vários novos caminhos. Teias de aranha pendiam do teto; pequenos ossos estavam empilhados nos cantos. Grupos de ametistas afloravam nas paredes, brilhantes como mil olhos à luz do fogo, e Roman teve de se baixar e encolher para conseguir passar, hipnotizado por toda aquela beleza assombrosa.

— Estamos debaixo de Oath? — perguntou por fim, tentando decorar o caminho que haviam tomado.

— Sim. Estamos a aproximar-nos do portal.

— Como sabias quando dizer ao *eithral* para pousar? Não havia marcadores, nenhuma forma de saberes onde estávamos.

— Há sempre uma forma de saber — respondeu Val. — Basta prestar atenção.

Roman refletiu naquelas palavras antes de se lembrar das condutas de vapor. Talvez Val as tivesse contado enquanto passavam, e

soubesse ao certo a que número correspondia Oath. Parecia a única explicação plausível, mas Roman não teve tempo para elaborar, porque o seu interlocutor recomeçou a falar.

— Vais saber onde estás assim que passares pelo portal. Está prestes a amanhecer e aconselho-te a trocar de roupa e a fazer o que tem de ser feito em relação à Iris Winnow antes de falares com os teus pais. Sabes onde fica o Gould's Café?

— Sim.

— É lá que debes encontrar-te com a Miss Winnow. Mantém as tuas explicações breves e vagas. Não digas nada sobre os portais ou os *eithrals*. A maioria das pessoas nunca esteve no mundo subterrâneo e tem dificuldade em entender os nossos costumes.

Roman esperou por mais, mas quando Val ficou calado, disse:

— Não me vou esquecer. Obrigado.

Val parou abruptamente, depois de pisar um pequeno esqueleto. Roman esquivou-se, mas reparou num afloramento de ametistas por cima de um arco brilhante que encimava uma das ramificações.

— Segue por esta passagem. Ela vai levar-te até ao portal — instruiu Val. — Estarei aqui à tua espera amanhã de madrugada. Não te atrases.

Roman acenou com a cabeça.

Olhou para o arco de cristal, incapaz de conter a sua admiração por aquelas facetas de brilho escuro que o levariam até casa.

Começou a andar, a princípio de forma vacilante. Surpreendeu-o a falta que lhe fazia a luz de Val à medida que se afastava dela, e o quão assustador era andar sozinho por passagens escuras como breu. Mas foi então que o ar começou a mudar, à medida que um reino se fundia no outro.

Roman sentiu uma corrente de ar.

Cheirava a verniz de limão em soalhos de madeira. A ramos de flores criados numa estufa e a biscoitos de melaço acabados de sair do forno. A fumo de charuto e ao perfume de água de rosas da mãe.

Cheirava a *lar* e Roman correu em direção àquele cheiro, com a sua respiração forte e irregular nas sombras.

As escadas eram íngremes e toscas, quase impercetíveis, como se fossem iluminadas pela luz das estrelas.

Roman galgou dois degraus de cada vez, até as suas pernas quase darem de si, e depois abrandou. Obrigou-se a engolir em seco, a *respirar*, a pisar com cuidado. Subiu e subiu, até que sentiu o poder do domínio de Dacre a deslizar-lhe pela coluna vertebral abaixo e a deixar o seu corpo, tal como a velha pele de uma serpente.

Roman aproximou-se do portal. A maçaneta piscava em sinal de boas-vindas, como se sentisse o seu calor.

Perguntou-se quantas vezes já teria passado por aquela porta,

perfeitamente alheio àquilo em que ela se poderia tornar com o rodar de uma chave. Perguntou-se quantas coisas triviais escondiam magia. Ou talvez fosse melhor concluir que a magia gostava de se fundir com o mundano. Com a simplicidade, o conforto e os pormenores ignorados.

Roman agarrou na maçaneta e girou-a. A porta abriu-se. Foi saudado por um fino feixe de luz, tingido de azul pelo amanhecer.

Com o coração na garganta, Roman atravessou a soleira da porta.

ESTÁTICA NA LINHA

Era a sala de estar.

Roman absorveu os apontamentos familiares em azuis e dourados: o tapete ornamentado que abafava os passos, a lareira de mármore na parede, os cortinados de brocado nas enormes janelas, o piano posicionado discretamente ao canto, os lambris dourados e os quadros a óleo emoldurados que estavam na família há gerações.

Roupas, pensou ele no momento em que o relógio de pêndulo do hall de entrada bateu as 7 horas. O pai já estaria a pé, a fumar no escritório, com uma boa dose de brandy no café. A avó enclausurada na ala oeste da propriedade, com os cães e os livros. Mas a mãe gostava de se levantar com o sol, o que significava que não tardaria a circular pela casa. E ela sempre esteve mais em sintonia com os fantasmas do que o pai. Se alguém sentisse a sua presença, seria a mãe.

Roman passou os dedos pelo cabelo escuro e abandonou a sala de estar.

Subiu a grande escadaria e percorreu o corredor, as botas praticamente silenciosas na passadeira alta. Entrou no seu antigo quarto, fechando a porta discretamente atrás de si. Tudo estava exatamente como ele tinha deixado. Tudo, menos o vaso de flores na sua secretária.

Franziu a testa e caminhou até lá, tocando nas pequenas, mas rígidas pétalas azuis. Miosótis. Cresciam em abundância na primavera, alegrando o jardim e os bosques da sua propriedade.

A mãe tinha vindo ali. Quantas vezes viria ela ao seu quarto?

Sentiu uma pontada de vergonha pela forma como tinha deixado as coisas com os pais há várias semanas. O pai nem tanto, mas a mãe? Custou-lhe pensar que lhe tinha causado mais sofrimento e angústia.

Haverá tempo para isso mais tarde, pensou, afastando-se das flores. *Não te distraias.*

Tirou o mapa, a aliança de Iris e as duas cartas de Dacre: tudo o que tinha trazido do submundo. Apressou-se a vestir uma camisa

branca e calças pretas, que segurou com os suspensórios de couro, a sua gabardina — porque parecia que ia chover de manhã — e a calçar um par de meias lavadas, que o fizeram mexer os dedos dos pés de alívio. Por fim, o seu par de sapatos preferido.

Colocou os quatro objetos no bolso interior, não sem antes ficar algum tempo a contemplar a aliança de Iris, que refulgia à luz da manhã.

Val dera-lhe instruções para se encontrar com ela no Gould's Café. Roman não tinha dúvidas de que Val o seguiria escada acima para o espiar durante a sua estadia no mundo superior, saltando de lugar em lugar. Acima de tudo, Dacre queria ter Roman debaixo de olho.

O mais importante era manter Iris em segurança. O que significava que Val não podia saber que eles eram casados ou que tinham qualquer tipo de afeição um pelo outro. Por precaução, precisavam de voltar aos seus velhos hábitos durante o encontro no café.

Roman sentou-se à secretária. Escreveu uma mensagem rápida e depois dobrou-a em três partes, enfiando-a atrás do envelope de Dacre. Sem a máquina de escrever, não havia maneira de avisar Iris. Seria apanhada de surpresa, e a ele só lhe restava a esperança de que ela soubesse entrar no jogo.

Roman levantou-se e olhou para o quarto uma última vez. Escondeu o macacão de correspondente Subterrâneo e as botas no roupeiro e percebeu que precisava de mais uma coisa antes de seguir para o centro da cidade.

Um telefone.

*

Iris não tinha notícias de Roman há mais de um dia.

Embora não fosse uma situação *propriamente* invulgar, desde aquele momento partilhado em Hawk Shire, depois de recuperar a memória, Roman costumava escrever-lhe à noite, na segurança no seu quarto. Não queria deixar que a preocupação dominasse os seus pensamentos, mas também não podia deixar de sentir que o destino tinha mudado, como uma estrela que caiu de uma constelação.

Devia ter acontecido alguma coisa.

Andou de um lado para o outro no quarto, olhando de relance para a porta do roupeiro. Era sempre melhor ser ele a escrever primeiro, uma vez que se deslocava com a sua máquina de escrever, passando horas na presença de Dacre. Mas ainda havia uma forma de ela iniciar o contacto. Já tinha tirado partido disso várias vezes e não via porque não podia fazê-lo agora.

Uma parte de si pedia-lhe para ter *paciência*. Mas venceu a parte que estava em brasa e que a instava a fazer alguma coisa e a não ficar sentada à espera.

Iris sentou-se no chão e escreveu:

Isto é um teste para garantir que as teclas E e R estão em boas condições.

EREEERRRRR

E

Desta vez, foi breve e apressou-se a meter o papel debaixo do roupeiro. Esperou, mas quando os minutos se transformaram numa hora dolorosa, sentou-se na beira da cama, com as mãos geladas.

Iris dormiu muito pouco nessa noite. Quando acordou de manhã, não se sentia melhor. O seu coração ficou angustiado quando viu que não havia nenhuma carta no chão para ela ler.

Não havia notícias de Roman, e estava na altura de ir sair para trabalhar.

Lavou a cara e penteou-se. Encontrou uma camisola limpa no roupeiro, num tom creme que lhe instilou alguma coragem, e uma saia axadrezada castanha. Calçou as meias até ao joelho e as botas e saiu para o *Inkridden Tribune*.

Forest já saíra, mas tinha-lhe deixado um bilhete rabiscado na mesa da cozinha: *A Sarah vem cá jantar hoje. Ajudas-me a decidir o que cozinhar? Ela não gosta de azeitonas nem de cogumelos. Além disso, por favor, não fiques na rua depois de escurecer.*

Era o único ponto positivo da manhã, que fez com que a sua preocupação diminuísse durante a viagem de eléctrico. Era divertido imaginar o irmão a preparar o jantar para a mulher de quem gostava. Mas quando Iris entrou na redacção do *Tribune*, os seus receios já se tinham multiplicado. Parecia que tinha um tijolo no estômago, sem saber onde estaria Roman e por que se mantinha em silêncio.

Attie já estava à secretária, a rever as notas. Olhou para cima quando Iris se deixou cair na cadeira.

— Chegaste cedo — observou Attie.

— Também tu — respondeu Iris, mas antes que pudesse dizer mais alguma coisa, a sua atenção foi atraída por Helena, que saiu do seu gabinete para ir buscar uma chávena de chá à bancada.

A chefe parecia abatida, como se não tivesse dormido. Os ombros estavam curvados, o cabelo castanho-avermelhado liso e sem brilho. Profundas olheiras marcavam-lhe os olhos quando bebeu um gole do chá escaldante, mas Helena nem sequer estremeceu. Voltou para o gabinete, sem dizer uma palavra a ninguém, e Iris trocou um olhar preocupado com Attie.

— Duas coisas — sussurrou Attie, chegando mais perto. — A primeira? Ouvi dizer que a Helena deixou finalmente de fumar. A segunda? Os membros do Cemitério não querem que ela fale sobre a

guerra ou sobre os deuses, a não ser que eles aprovelem.

— Então, metam-se na fila — disse Iris, mas estremeceu quando se lembrou do tiro que escutara. Sarah tivera de passar a noite com eles, porque era demasiado arriscado andar na rua à noite. — De que serve a imprensa se não pudermos escrever sobre aquilo que testemunhamos? Se não pudermos partilhar as notícias locais?

Attie suspirou e pegou na chávena de chá.

— Não gostaram da nossa reportagem sobre os soldados e os feridos de Enva terem sido impedidos de entrar na cidade.

O artigo tinha sido publicado na manhã anterior. Iris mordeu o lábio.

— Como é que sabes?

— Vê. — Attie atirou um envelope para o outro lado da mesa. — Isto estava na secretária da Helena hoje de manhã.

Iris tirou uma carta do envelope e assustou-se quando algumas flores se espalharam. Duas anémonas, uma vermelha e outra branca, prensadas.

— Flores?

— Parece que é o cartão de visita do líder deles — respondeu Attie. — Talvez uma forma de expressar a importância da ordem? Embora eu tenha uma teoria.

— Qual é?

— As flores representam Dacre e Enva, que os membros do Cemitério contam enterrar para sempre.

Iris examinou as anémonas antes de desdobrar a carta e ler:

Para Ms. Hammond do Inkridden Tribune,

De hoje em diante, pedimos-lhe que nos envie todos os artigos relacionados com deuses e soldados para aprovação. Se não o fizer, o seu jornal sofrerá consequências indesejáveis. Lembramos-lhe que temos em mente, em primeiro lugar e acima de tudo, o bem da população e, como tal, é nosso dever garantir que todos estamos unidos nesse ideal. Os futuros artigos podem ser enviados ao cuidado do chanceler para aprovação.

Com os melhores cumprimentos,

O Cemitério

— Isto é *absurdo*. — Iris enfiou a carta no envelope juntamente com as flores. — Não percebo como é que eles podem dar ordens à Helena.

— Oath está a mudar, Iris — disse Attie. — A minha mãe diz que na universidade é a mesma coisa. O reitor deu-lhe uma longa lista de

coisas que deve evitar dizer, com medo que cheguem aos elementos do Cemitério.

— Essa maldita gente — murmurou Iris. — Saímos da cidade menos de *duas* semanas e eles tomam conta de tudo. Não percebo porquê...

— Desculpa, Winnow?

Iris calou-se e olhou para a sua esquerda. Uma das assistentes aproximou-se da secretária que partilhava com Attie, com uma cafeteira numa mão e um bloco de notas na outra.

— Passa-se alguma coisa, Treanne? — perguntou Iris, mas mordeu a língua. Precisava de ter cuidado. Não devia falar da sua irritação com o Cemitério na redação, ou em qualquer lugar público. Ninguém sabia quem fazia parte daquele grupo, como Sarah havia explicado.

— Tens uma chamada telefónica. Está à tua espera.

— Oh. — Iris levantou-se com o sobrolho franzido. Não estava à espera de uma chamada, e resistiu à vontade de olhar para Attie antes de se dirigir ao local onde se encontrava o único telefone de parede. Iris aclarou a garganta e pegou no auscultador, colocando-o no ouvido. — Fala Iris Winnow.

Um estalido de estática. Iris pensou que quem quer que fosse devia ter desligado, mas depois ouviu o som da respiração. Uma expiração lenta e profunda do outro lado da linha.

— Estou? — disse. — Quem fala?

Novo compasso de espera, e depois o som de uma voz familiar:

— Iris E. Winnow?

Iris sentiu a respiração gelar-lhe nos pulmões. Os seus olhos arregalaram-se e ela fixou os recortes de notícias no quadro de avisos, agarrando o auscultador até sentir que o sangue lhe tinha saído da mão.

Kitt.

Obrigou-se a engolir o nome dele até o sentir como uma pedra na garganta. Havia algo de errado. Tinha-o sentido ontem à noite, e conseguia ouvi-lo no tom de voz dele.

— Sim — respondeu, incapaz de esconder a doçura na sua voz. — Fala a Iris.

— Tenho uma mensagem para ti — disse Roman. — Tem de ser entregue em mãos. Conheces o Gould's Café? — Iris ficou calada, com a cabeça a mil. Estava a tentar perceber cada palavra que ele dizia, na esperança de descortinar o que estava a acontecer. Estava a tentar perceber as palavras que ele não dizia ou não *podia* dizer. — Winnow? — insistiu.

Há muito tempo que ele não a tratava assim. Isso fê-la recuar no tempo, como se tivessem virado as páginas de um volume, regressando àqueles capítulos do *Gazette*.

A sua resposta foi proferida num tom cauteloso:

— Sim, conheço o Gould's.

— Quando podemos encontrar-nos lá?

— Agora mesmo.

— Ótimo — disse Roman, mas a palavra soou mais como um suspiro. Iris não sabia dizer se era de alívio ou de saudade. — Vemo-nos lá daqui a vinte minutos.

Ele desligou o telefone.

Foi tão abrupto que Iris ficou parada durante mais um minuto, a olhar para o vazio.

Mas sentiu o coração como um trovão dentro do peito, enquanto mantinha o auscultador junto ao ouvido; enquanto ouvia as ondas vazias de estática.

A constatação atingiu-a com um suspiro. Roman estava em Oath. Estava prestes a ir tomar chá com ele.

Iris pousou o auscultador no gancho com um estrondo.

Correu para a porta e saiu do *Inkridden Tribune* sem um único olhar para trás.

LEITE E MEL

Roman estava à espera numa pequena mesa no canto do café, com o casaco pendurado nas costas da cadeira. Tinha telefonado a Iris de um dos telefones públicos à saída da estação de comboios, não querendo arriscar-se a usar o de casa dos pais. Para começar, tinha precisado de toda a sua esperteza para se esgueirar para fora da propriedade. Não podia usar os portões da frente sem ser detetado e, por isso, tinha-se desviado para os jardins, onde sabia que havia uma abertura na cerca da propriedade, longe da vista das janelas das traseiras.

Tamborilou os dedos nas coxas, com o olhar fixo nas portas do café, observando as pessoas que entravam e saíam. Nenhuma delas era Iris, mas a verdade é que ele queria ser o primeiro a chegar, e a julgar pelo relógio na parede... ela ainda tinha oito minutos para chegar a tempo.

O empregado entregou-lhe um tabuleiro com chá, mas Roman não lhe tocou. O vapor perfumado que saía do bule lembrava-lhe as poças de enxofre no mundo subterrâneo.

A campainha soou por cima da porta. Uma jovem vestida com uma gabardina e um chapéu entrou no café. Roman susteve a respiração, mas não era Iris.

Ele tinha quase a certeza de que estava a ser seguido por Val. Roman não o tinha visto durante a caminhada rápida até ao centro da cidade, mas tinha tido uma sensação de frio a descer-lhe pelo pescoço. Um estado de alerta que dava conta de que alguém estava de vigia, a registar para onde ia e o que dizia.

Não baixes a guarda, disse a si próprio pela décima vez naquela manhã. *Nem mesmo quando a vires.*

Passaram dois minutos até que ele finalmente avistou Iris através das janelas do café.

Roman ficou paralisado como por encanto. Não conseguia respirar enquanto a observava a atravessar a rua. A gabardina estava desabotoada e abanava com a brisa, revelando um vislumbre da

camisola confortável e da saia plissada. Viu a alvura dos seus joelhos à medida que ela se apressava sobre a calçada, o cabelo emaranhado no rosto enquanto olhava para o lado, à espera que um veículo passasse.

Tenta recriar os tempos do Gazette, pensou Roman quando Iris chegou à porta e a abriu com um adorável franzir de nariz. Entrou no café, envolta por uma rajada de ar, como se tivesse sido trazida pelo próprio vento, de bochechas rosadas e olhos brilhantes. Parou junto ao balcão e mordeu o lábio enquanto examinava a multidão. Enquanto o procurava.

Roman sentiu a sua pulsação nos ouvidos. Naquele curto espaço de tempo, domou os seus anseios e voltou a erguer os muros. A sua expressão era fria, distante. Sabia desempenhar bem esse papel. Parecia-lhe tão familiar como uma camisa velha e bem usada. No entanto, quando os seus olhares se cruzaram por cima da azáfama e do barulho, o mundo inteiro desvaneceu-se.

Era apenas ele e ela.

Havia apenas dez passos entre eles, uma distância que parecia simultaneamente estonteante e esmagadora. Parecia demasiado longe e perigosamente perto. Roman levantou-se com um encontrão na mesa. As chávenas chocalharam nos seus pires; um dos scones caiu do prato.

Iris sorriu e começou a aproximar-se dele.

Não faças isso. Roman quase entrou em pânico, sentindo o sangue a ferver, quente e veloz. *Não sorrias assim para mim.*

Fê-lo querer colidir com ela, colar os lábios ao seu pescoço, à curva das suas costelas. Saborear a sua boca. Teve vontade de lhe arrancar todas as palavras de que gostava, mas sobretudo a forma como ela dizia o seu nome.

Quando chegou à mesa, ela teve um pressentimento. A sua aparência distante, o gelo no seu olhar. Aquela nuvem de reserva e delicadeza, a crescer como uma tempestade.

Iris apagou o sorriso da cara, mas não parecia derrotada. Não, Roman viu a determinação brilhar nos seus olhos, e sentiu-se aliviado. Os ombros relaxaram um pouco.

— Olá, Kitt — disse Iris num tom cauteloso.

— Winnow — disse ele, antes de pigarrear. — Obrigado por teres vindo. Por favor, senta-te.

Ela despiu a gabardina e sentou-se. Roman voltou a sentar-se na cadeira e pegou no bule. Tinha as mãos ligeiramente trémulas, como se tivesse bebido demasiado café com o estômago vazio.

— Quando foi a última vez que nos vimos? — disse Iris, enquanto ele servia o chá.

Sim, perfeito. Estabelecer uma cronologia. Ele atreveu-se a olhar para cima, encarando-a enquanto lhe entregava uma chávena.

— Creio que foi no teu último dia de trabalho no *Gazette* — respondeu ele. — Quando fui promovido a colunista.

— Ah, é verdade. — Ela parecia a velha Iris. Aquela que o irritava com os seus artigos perfeitos. Mas reparou como ela esfregava a palma da mão. Como examinava o tabuleiro de chá, com o sobrolho enrugado, como se de repente não soubesse para onde olhar. O rubor começava a desaparecer do seu rosto como se ela estivesse a falar com um fantasma.

— Devo dizer que estás com bom aspeto — disse. E depois, como era absolutamente doido por ela, deu-lhe um toque no pé por baixo da mesa.

Isso fê-la voltar a olhar para ele. O seu olhar era incisivo e pleno de luz, quente como brasas.

— Estás a insinuar que dantes tinha mau aspeto?

Ele quase sorriu, e ficou satisfeito por ver que a pele dela voltava a ganhar cor. Poderia ter sido um desabrochar de indignação, ou de desejo. Tinham jogado aquele jogo com mestria no *Gazette*, mas se Roman pudesse voltar atrás...

Não. Afastou o pensamento. Não mudaria nada. Porque, se pudesse fazê-lo, será que os dois ainda estariam ali, unidos por votos, provações e um amor que o envolvia como a hera cinge a pedra?

— Estás tal e qual como me lembro de ti — disse-lhe.

Iris terá percebido o significado oculto. A sua expressão tornou-se ligeiramente mais branda.

Ele não estava a agir assim — como se tivessem recuado no tempo — por ter voltado a perder a memória. Todas aquelas peças ainda lá estavam, alinhadas e costuradas novamente. Estava a ser reservado por uma razão totalmente diferente; uma razão que ele esperava explicar-lhe mais tarde, quando fosse seguro.

— Disseste que tinhas uma mensagem para mim? — Iris pegou no jarro de leite no preciso momento em que ele pegou no frasco de mel.

Os nós dos seus dedos tocaram-se.

Roman quase voltou a paralisar, com o coração a bater completamente descompassado.

— Ah, tinha-me esquecido — continuou Iris, com um aceno de mão. — Só bebes chá com mel, como todos os poetas. Nunca havia mel na redação por tua causa.

Roman ficou grato pela distração.

— E tu gostas de beber leite com um pouco de chá.

— Ora — indignou-se Iris, deitando demasiado leite na chávena. — Torna o chá mais substancial.

Aquilo trouxe Roman de volta à realidade. Lembrou-se dos tempos da redação, de nunca ter visto Iris a comer ou a fazer uma pausa para almoçar. Nunca tinha percebido que ela se sustentava a chá, o melhor

que podia, até se ir embora. Sempre que pensava nisso, sentia os pulmões a encherem-se de água.

— Toma — disse ele, num tom de voz áspero, para esconder a perturbação que aquela recordação lhe trazia. — Pedi qualquer coisa para comermos. Serve-te à vontade.

— Na verdade, vou querer uma destas sandes. — Iris pegou numa sande de pepino cortada em triângulos, mas depois tapou a boca. — Pelos deuses!

— O que foi? — Roman ficou tenso e inclinou-se para a frente, pronto para fugir. Teria ela avistado Val? Estaria todo aquele esquema prestes a cair por terra? Iris suspirou.

— Esqueci-me da minha mala no *Tribune*! Saí à pressa depois de teres ligado e...

— Não te preocupes, pago eu — cortou Roman, gentilmente. — Afastei-te do trabalho. O mínimo que posso fazer é alimentar-te.

Iris retorceu o canto dos lábios. Roman obrigou-se a olhar para o chá, sentindo uma dor no estômago. No peito. Nos ossos.

Depois de Iris ter comido duas sandes e um scone atreveu-se a falar.

— Fui enviado para me encontrar contigo, com um pedido muito específico.

Iris franziu o sobrolho.

— De quem?

Roman sentia o nome de Dacre na sua língua como um caco de vidro. Não achava prudente dizê-lo em voz alta, sobretudo a Iris, que ele sabia ser incapaz de esconder o que sentia pelo deus. E sobretudo depois de tudo o que Dacre tinha feito. Ao seu irmão. À terra. A Avalon Bluff. Ao exército e aos civis inocentes. A eles os dois e ao futuro que desejavam.

Roman hesitou. Esta era a parte que mais o preocupava, mas meteu a mão no bolso do casaco com confiança e tocou na carta de Dacre e no bilhete que ele próprio tinha escrito naquela manhã. Pegou em ambas, mantendo o elegante envelope azul por cima e a sua nota rabiscada por baixo.

— Para leres em privado — disse, estendendo as missivas a Iris.

O seu cenho tornou-se mais carregado quando viu o seu nome, escrito numa caligrafia que não reconheceu. Mas pegou no envelope e sentiu o papel dobrado escondido por baixo. Guardou os dois juntos, olhando para o envelope azul, antes de guardar tudo no bolso do casaco. Se Val estivesse a observar, nunca saberia que ela tinha recebido duas mensagens.

— Muito bem. — Iris bebeu o último gole de chá antes de pôr a chávena de lado. — Tens mais alguma coisa para me dizer?

Roman olhou para ela. Havia centenas de coisas que lhe queria

dizer e, no entanto, não conseguia proferir uma única palavra. Não aqui, em público. Não como ele desejava fazer, como se fossem apenas os dois num encontro normal, e depois disso fossem dar um passeio no parque, de mãos dadas.

Talvez um dia.

— Não — respondeu. — E já tomei demasiado do teu tempo.

Levantou-se e vestiu o casaco, pondo a despesa na conta do pai. Iris também se levantou, embora o brilho de preocupação tivesse regressado aos seus olhos. Apertou os lábios enquanto vestia o casaco, abotoando-o bem desta vez.

— Parece que está tudo dito — aventou.

Roman não conseguia evitar o contacto visual. Agir como se ela não passasse de uma antiga colega. Respirou fundo, sentindo o cheiro a lavanda. Sabia que era a pele dela, o sabonete que ela usava.

— Pois — disse, vazio. — Tem um bom dia, Winnow.

Virou costas e saiu, empurrando a porta do café com tanta força que a campainha de cima quase se soltou.

Caminhou com os punhos cerrados nos bolsos até ser engolido pela cidade.

*

Iris ficou a olhar para as costas de Roman, à medida que ele se afastava.

Sentia o coração colado às costelas. E que, se ela tocasse no seu lado, por baixo do casaco e da camisola, os seus dedos sairiam manchados de sangue. O feitiço foi quebrado pelo empregado, que começou a recolher os pratos sujos.

— Com licença, menina — disse ele.

— Oh, desculpe. — Iris esboçou um ligeiro sorriso e saiu do caminho, mas a sua mente mais parecia uma colmeia, a zumbir com pensamentos. Meteu a mão no bolso e voltou a sentir o canto afiado do envelope. Percorreu o corredor enviesado até à casa de banho.

Estava vazia, e Iris fechou a porta atrás de si.

Fez uma careta quando baixou a tampa da sanita e se sentou nela, examinando as cartas à luz fraca. Ficou a olhar para as duas, como se estivesse presa naquela estranheza. O envelope azul com o seu nome numa escrita elegante — *Iris E. Winnow* — ou a mais simples, com o rabisco carinhoso de Roman — *Minha Iris*.

Ela sempre preferiu as más notícias primeiro, por isso rasgou o envelope azul.

Prezada Iris E. Winnow,

Confesso que nunca tinha ouvido falar de si, nem me interessara pelo seu jornalismo, até ao

seu mais recente artigo no Inkridden Tribune, com o qual fiquei profundamente comovido. Perdoe-me por não lhe ter dado a devida importância no passado. Em todos estes anos que já levo de vida, descobri que as coisas mais preciosas são muitas vezes tomadas como garantidas, e que tendemos a deixar o tempo avançar a um ritmo tal que não conseguimos captar todos os pormenores que compõem o todo. Perdemos uma infinidade de oportunidades e, por isso, imaginamos, décadas mais tarde, o que poderia ter sido.

Não lhe desejo a mesma sorte — é uma chama constante que vejo nos mortais — e espero que possa aprender com a minha sabedoria. Seria capaz de lhe oferecer um mundo renovado se tivesse a coragem suficiente para o aceitar. Uma escritora como a Iris, com palavras de ferro e sal, poderia mudar o curso dos tempos se tivesse o devido apoio.

Venha escrever para mim. Venha escrever sobre as coisas que são mais importantes. As coisas que são muitas vezes esquecidas, e o que se esconde abaixo da superfície do que é visível. Junte-se a mim e às minhas forças enquanto construímos um reino superior mais forte, um reino de cura e restauração. Um reino de justiça para velhas feridas. Gostaria de ouvir os seus pensamentos, cara a cara. Gostaria de ver que outras palavras se escondem na sua mente, e de que forma podemos usá-las para melhorar o mundo à nossa volta e anunciar uma nova era de divindade.

Pense na minha oferta. Saberá quando deve dar-me a sua resposta.

Dacre Subterrâneo
Comandante

Iris soltou um suspiro trémulo quando pousou o papel no colo.

Ficou sentada, entorpecida, por instantes, a olhar para um quadro que pendia torto na parede. As palavras de Dacre espalharam-se pelos seus pensamentos, impregnando tudo até sentir que estava prestes a afundar-se num pântano.

— Mais tarde — sussurrou, guardando a carta de Dacre no envelope. — Trato disto mais tarde.

Era má ideia adiar algo que só iria crescer e tornar-se um monstro

mais forte. Como se a sua indecisão e terror o alimentassem.

Mas Iris ainda tinha o bilhete de Roman para ler. Segurou-o e admirou a sua caligrafia, antes de desdobrar o papel. As palmas das mãos estavam húmidas e o coração batia-lhe com tanta força que ela pensou que poderia soltar-se, atravessando ossos, músculos e veias.

Lia sempre as más notícias primeiro, e a carta de Dacre era uma das coisas mais sinistras que já havia lido. Mas depois do seu estranho encontro com Roman, aquele bilhete também podia conter algo terrível. Algo para o qual ela não estava preparada, assim como não tinha estado preparada para ouvir a voz dele ao telefone. Iris fechou os olhos, com medo de ler as palavras dele.

Estás tal e qual como me lembro de ti, dissera ele há menos de meia hora.

Respirou fundo até sentir um ardor nos pulmões. Só então abriu os olhos e leu:

Querida Iris,

Sei que estás cheia de perguntas, que não sabes por que razão me encontrei contigo para tomar chá, o que faço em Oath ou porque não te escrevi antes para te dizer que vinha visitar-te. E eu tenho as respostas, mas só posso dar-tas pessoalmente, quando não estivermos a ser observados. Quando estivermos num lugar seguro e privado.

Vou ficar aqui apenas uma noite antes de regressar ao meu posto. Uma noite, e gostaria de a passar contigo.

Terás de entrar à socapa em minha casa, claro. Prepara-te para escalar. E sei que não é isento de riscos pedir-te que venhas a coberto da noite. Mas se conseguires... há uma abertura na cerca da propriedade do meu pai, no lado nordeste dos jardins. Aproxima-te pela Derby Road — há um caminho pedonal entre as casas 1345 e 1347 — e verás o ponto fraco da cerca, mesmo por baixo de um carvalho. Está meio escondido pelas silvas, mas, se procurares, encontrarás o caminho. Estarei lá à tua espera às 22h30, quando a lua nascer.

Com amor,
Kitt

P.S. Uma nota final escrita pelo meu eu futuro, porque sei que vou sentir isto quando me afastar

de ti. Pelos deuses, estavas linda no Gould's. Gostava de te levar a todos os teus sítios preferidos na cidade, e mais além. Pensa neles. Faz-me uma lista. Iremos a todos os sítios que quiseses. Iremos os dois quando a guerra acabar.

Iris conseguiu chegar ao fim, mas já mal distinguia as palavras, por entre as lágrimas que lhe picavam os olhos.

Alguém bateu à porta com força. O som trouxe-a de volta ao presente: estava sentada na tampa de uma sanita, com os sons do café a serem abafados pelas paredes. Puxou o autoclismo, alertando a pessoa que aguardava que estava quase a acabar, porque a voz estava presa na garganta.

Iris levantou-se, meteu as cartas no bolso e lavou as mãos no lavatório, olhando para o seu reflexo no espelho salpicado.

Recusava-se a viver com medo. Recusava-se a cumprir o presságio melífluo que Dacre lhe tinha feito.

Por mais anos que passassem e independentemente do que o futuro lhe reservava; do que a guerra lhe traria ou não.

Iris nunca se entregaria à angústia *do que poderia ter sido*.

Roman não sabia que havia uma nova vigília em Oath e que o recolher obrigatório era agora ao anoitecer. Só ficou a saber depois de os pais lhe terem falado disso durante um jantar muito constrangedor. Estava agora à espera de Iris na escuridão, debaixo dos carvalhos, quando faltavam poucos minutos para as 22h30, e a sua preocupação aumentava como o reflexo do luar no chão, que desenhava sombras monstruosas a partir de arbustos inofensivos.

Tinha sido um dia estranho, e quase parecia que se tinham encontrado no café há *semanas*, não há apenas algumas horas. Uma recordação que já tinha adquirido tons sépia na sua mente. Mas depois de a deixar no Gould's, Roman vagueou pela cidade até conseguir acalmar as suas emoções e voltar a pensar claramente.

Lembrou-se do mapa da linha ley desenhado à pressa e dos potenciais edifícios que albergavam portais mágicos. Locais que o exército de Dacre poderia usar para invadir a cidade. Tinha o mapa no bolso — tencionava entregá-lo a Iris naquela noite — e embora quisesse tirá-lo do bolso e compará-lo com a rua, impediu-se, pois sentia que Val ainda o seguia. Por isso, Roman agiu como se estivesse a caminhar sem destino, quando, na verdade, estava a estudar a rua e os edifícios que desembocavam na propriedade do pai.

Tinha vontade de rever a avó e a mãe. Entrou pelo portão e batera à porta vermelha, como se tivesse acabado de chegar. A mãe tinha ficado radiante, abraçando-o com força com os seus braços finos, alisando-lhe o cabelo e puxando-o para o solário, a sua divisão preferida na casa, porque tinha vista para os jardins e para a pequena campa de Del. Mas, acima de tudo, Roman tinha ficado chocado com o facto de o pai parecer aliviado ao vê-lo.

— Quanto tempo vais ficar? — perguntou Mr. Kitt, enquanto fumava o seu charuto.

O fumo fazia cócegas no nariz de Roman. Tentou não respirar fundo, sentindo os pulmões a arder em resposta.

— Parto amanhã bem cedo. Mas vou ficar aqui esta noite. No meu

antigo quarto, se não houver problema.

— Claro que não, Roman! — exclamou Mrs. Kitt, juntando as mãos. — Vamos ter um belo jantar em família. Como nos bons velhos tempos, meu querido.

Mas não era como nos bons velhos tempos. Não havia como voltar àqueles tempos, por mais que eles desejassem ou se iludissem de que o tempo poderia voltar atrás como um relógio. Roman limitou-se a sorrir e, quando a mãe pediu chá e os seus biscoitos favoritos, bebeu e comeu outra vez, como se estivesse em jejum.

Ao jantar, já contava com as perguntas às quais não podia responder completamente. *Onde estiveste, porque não nos contactaste, conta-nos mais sobre o que estás a fazer.* Como lhe tinha sido ordenado, Roman manteve as respostas vagas, mas houve duas coisas estranhas que aconteceram enquanto estavam sentados à mesa.

A primeira foi o whippet da avó. O facto de o cão ter sido autorizado a sentar-se na sala de jantar informou Roman de que o pai tinha começado a ceder, porque, no passado, a avó nunca tivera autorização para trazer nenhum dos seus animais de estimação para esta ala da casa. Mas o whippet ficou sentado, quieto e obediente, atrás da cadeira da avó, até que uma súbita corrente de ar se fez sentir na sala de jantar.

Os cristais do lustre tilintaram com a agitação. Houve um rangido na madeira por baixo do tapete. Roman viu o seu vinho ondular como se uma pedra invisível tivesse caído no copo.

O whippet da avó ladrou.

— Mande calar esse cão imediatamente, Henrietta — vociferou Mr. Kitt, irritado.

A avó revirou os olhos — só ela conseguia desafiar o pai daquela maneira — e largou o guardanapo.

— Quietos, Theodore.

Theodore parou de ladrar, mas Roman reparou que o focinho do cão estava apontado para a parede leste. A parede que a sala de jantar partilhava com a sala de visitas.

Roman voltou a concentrar-se no prato. Alguém tinha acabado de usar a porta. Ponderou se teria sido Val, por agora satisfeito com o comportamento de Roman.

— Nos últimos tempos, esta casa está cheia de correntes de ar — murmurou a avó, atirando um pedaço de carne ao cão.

— Hmm — foi a resposta de Mr. Kitt, mas olhou para Roman por cima dos círios.

Partilharam um olhar consciente. Roman imaginou se o pai se tinha atrevido a entrar no submundo, ou se estava apenas a ser um bom anfitrião para Dacre, permitindo que Val entrasse e saísse quando lhe apetecia.

Nem dez minutos depois, quando os empregados estavam a trazer o terceiro prato, aconteceu a segunda coisa estranha.

Um homem que Roman nunca tinha visto entrou na sala de jantar e aproximou-se do pai, inclinando-se para sussurrar algo ao seu ouvido. O homem era baixo e atarracado, e vestia um casaco escuro com a gola virada para cima para proteger o pescoço. A orelha esquerda estava permanentemente inchada, traindo o seu passado como pugilista, e tinha uma cicatriz no maxilar.

Roman observou a breve troca de palavras em silêncio, embora surpreso por o pai não se ter zangado com a interrupção. O que quer que o homem tenha sussurrado, agradou a Mr. Kitt, porque a sua expressão se suavizou e acenou com a cabeça.

Tão subitamente como chegara, o homem partiu. Saiu da mansão pela porta da frente, no crepúsculo, e Roman olhou fixamente para o pai até este não ter outra alternativa senão responder ao seu olhar.

— Quem era aquele? — Roman perguntou de forma concisa.

O pai demorou a responder, bebendo primeiro um longo gole de vinho.

— Um associado.

— Um associado?

— Sim. Isso é aceitável para ti, Roman?

Roman mordeu a língua. Sabia que aquele homem não era apenas um associado, e isso causou-lhe arrepios nos braços.

— Ele está a ajudar o teu pai com uns negócios, Roman — disse a mãe, na sua voz doce. — Chama-se Bruce. Às vezes, junta-se a nós para o chá.

— Um segurança — murmurou a avó entre dentes.

— Um segurança? — repetiu Roman. Sentiu um calafrio na espinha ao pensar que talvez o pai estivesse demasiado envolvido com Dacre, ao ponto de precisar de um segurança. Mas depois pensou em Iris, a esgueirar-se pelo jardim das traseiras para se encontrar com ele naquela noite. — Ele guarda a propriedade?

Mr. Kitt riu-se.

— Não, embora não perceba que interesse tem isso para ti, meu filho. Nunca te interessaste muito por assuntos familiares, ou por esta casa que vais herdar.

Uma farpa. Roman corou e decidiu não tocar mais no assunto, até que a mãe mencionou o Cemitério, dizendo que estava grata a esses cidadãos anónimos por tudo o que faziam para preservar a segurança de Oath. Aos seus membros, que tinham imposto um recolher obrigatório rigoroso. Logo agora que Iris estava prestes a aventurar-se pelas ruas noturnas para ir ter com ele.

Com um nó no estômago, Roman entregou a carta ao pai depois do último prato e encaminhou-se para o seu quarto. Estava a meio das

escadas quando Mr. Kitt o chamou do hall de entrada.

— Já sabes quando voltarás a visitar-nos, meu filho?

Roman fez uma pausa na escada.

— Não, senhor.

Mr. Kitt acenou com a cabeça, mas estreitou os olhos.

— Ele deve estar muito contente contigo, para te deixar vir a casa por uns tempos. — Roman cerrou os dentes. Sim, tinha feito muito por Dacre. Todas aquelas palavras que tinha datilografado para ele. Toda aquela propaganda. Tudo aquilo lhe causava náuseas. — Continua assim. — disse Mr. Kitt em surdina. — Pelo menos, por mais algum tempo.

Aquela frase arrepiante tinha seguido Roman ao longo do resto das escadas. A sua família estava enredada nos negócios de um deus, e ele não sabia como poderiam libertar-se quando a guerra terminasse. Se Dacre ganhasse... ficariam para sempre em dívida para com ele. E se Enva ganhasse... os Kitt seriam rotulados de traidores.

Roman entrou no quarto e trancou a porta. Encostou-se à madeira e consultou o relógio.

Ainda eram 21h30.

Tinha uma hora até Iris chegar. Despiu-se, entrou na casa de banho e abriu o chuveiro. Deixou que a água quente lhe batesse no peito até lhe esquentar a pele. Esfregou-se com sabonete de pinho e lavou o cabelo. Tinha as pontas dos dedos engeladas quando fechou a torneira antes de se secar. Depois de limpar o espelho embaciado, penteou o cabelo escuro para trás e fez a barba, contemplando o seu reflexo.

Parecia oco e muito mais velho do que era na realidade.

Desviou o olhar, o coração a bater forte quando voltou a olhar para as horas. Eram quase 22h00.

Roman saiu da casa de banho e abriu o roupeiro. Vestiu a sua melhor roupa, enrolando as mangas da camisa até aos cotovelos e deixando o último botão aberto. Enfiou outro par de calças, que prendeu com os seus suspensórios de couro. Calçou sapatos já gastos, que o ajudariam a deslocar-se silenciosamente.

Sentou-se na cama a balançar as pontas dos pés, à espera.

Quando finalmente chegaram as 22h20, levantou-se e abriu a janela. Tinha feito aquilo algumas vezes quando era mais novo e adorava desafiar as regras rígidas do pai. Mas após a morte de Del, deixara de o fazer. Tinha interrompido a sua vida em muitos aspetos; a culpa era um fantasma que o atormentava.

Avançou com cautela para o telhado, mas felizmente os músculos tinham memorizado os movimentos. Aproximou-se da borda e desceu pela treliça aparafusada à empena da casa, perfumada pelas trepadeiras em flor. Aliviado, sentiu os sapatos tocarem na relva.

Deslocou-se de sombra em sombra, com o corpo dobrado e silencioso, parando algumas vezes para espreitar à sua volta. Procurava qualquer indício da presença de Val ou do associado do pai, Bruce. Mas teve consciência apenas da brisa suave e das flores recém desabrochadas. Dos salgueiros, dos espinheiros e das cerejeiras. Dos arbustos bem cuidados e da dança de algumas ervas daninhas.

Roman prosseguiu o seu caminho até chegar ao local indicado. Esperou, caminhando sobre as raízes. Distraiu-se a reviver os acontecimentos do dia, uma e outra vez. Olhou para o seu relógio de pulso à luz do luar, com um nó de preocupação a apertar-lhe o peito.

Eram 22h47, e não havia sinal de Iris.

Por fim, ficou tão ansioso que teve de se sentar. Tossiu até a dor se tornar mais aguda e os olhos começaram a lacrimejar, e fechou-os, concentrando-se na respiração. Lenta, profunda e significativa.

Consultou novamente o relógio, incapaz de resistir. Eram 22h58.

Quanto tempo falta para eu desistir?

O problema é que Roman não gostava de desistir, e esperaria a noite toda por Iris. Até que a lua desaparecesse e o sol rompesse o horizonte, derretendo todas as estrelas. Até que ele não tivesse outra escolha a não ser voltar para o portal da sala de estar.

Eram 23h30 quando finalmente ouviu um galho a estalar.

Roman levantou-se. Sondou cuidadosamente as sombras, e a sua preocupação dissolveu-se quando reconheceu a silhueta de Iris, que se movia por entre as silvas.

— Caramba, Kitt! — sussurrou ela. — Não estavas a brincar quando falaste dos espinhos.

Roman sorriu para a escuridão. Pegou na mão dela, ajudando-a a sair dos arbustos até ficar diante de si, tão perto que escutava a sua respiração. O luar iluminava-lhe o rosto, e refletia-se nos seus olhos como estrelas.

— Também é bom voltar a ver-te, Winnow — disse ele, vendo um sorriso escarninho a bailar-lhe nos lábios. Aquela imagem evocou nele uma dor agradável, que o fez pensar nos velhos tempos, quando ele ficava parado junto à secretária dela para lhe azucrinar a vida. — E daria tudo para saber o que pensas neste momento, e o que fiz para merecer esse teu olhar.

— Estou aqui para cobrar o favor que me deves — disse Iris. — Um favor que me concedeste no parapeito de uma janela, muito longe daqui.

Roman tinha estado à espera deste momento. Quantas vezes já tinha estado deitado na cama, na escuridão, sozinho e sem conseguir dormir, consumido pelas saudades?

Passou os dedos pelo cabelo de Iris e aproximou a sua boca da dela.

NUNCA ME ESQUEÇAS

O seu sabor era o mesmo de sempre. Açúcar num chá preto forte. Alfazema. Os primeiros raios do amanhecer. A névoa recém-dissipada de um prado.

Roman tomou o seu rosto nas mãos, os polegares acariciaram o rubor das suas faces enquanto a sua boca se abria para a dela. Gemeu quando a língua dela deslizou ao longo da sua. Ela era tudo o que lhe era familiar, tudo o que ele amava e, no entanto, havia ali algo de novo e inesperado quando os dentes dela mordiscaram o seu lábio inferior. Uma provocação, um desafio. Um lado de Iris que ele estava desesperado por explorar e memorizar.

Sentiu uma ânsia no corpo quando ela o agarrou pelo colarinho e o puxou para mais perto. Sem conseguir refrear-se, conduziu os seus corpos até uma árvore, até as costas dela ficarem alinhadas com o tronco e os pés perdidos entre um emaranhado de raízes.

Respira, ordenou a si próprio, forçando a sua boca a separar-se da dela. Não havia espaço entre os seus corpos, e ele curvou-se, os seus lábios a desenharem os contornos do pescoço dela, a cova da sua clavícula.

— *Roman* — sussurrou Iris. A voz era rouca. Tensa. Ele percebeu que ela não conseguia respirar fundo, não quando a pressionava contra a árvore, como se os dois estivessem prestes a ser imortalizados, entrelaçados entre os galhos como um mito.

— Estou a magoar-te? — perguntou, afastando-se com um nó na garganta.

Mas as unhas de Iris cravaram-se nas suas costas, mantendo-o perto de si.

— Não. Vês aquela luz? Ali, por entre as silvas?

Roman olhou para trás, rígido de medo. Tinha-se esquecido, por instantes, do sítio onde estavam. Do mundo em que viviam. E mal Iris tinha acabado de pronunciar as palavras, surgiu um feixe de luz que varreu a propriedade vizinha. Pensou que podia ser Bruce, mas não queria saber a resposta.

A atenção de Roman voltou-se para Iris. Metade do seu rosto estava encoberto pela escuridão, mas os seus olhos brilhavam, suaves e expectantes, enquanto ela o observava.

Não estamos seguros aqui, pensou, pegando-lhe na mão. O fogo que lhe aquecia o sangue esmorecera, mas ele ainda conseguia sentir o calor nos seus ossos. Brasas à espera de se reacenderem.

— Vem comigo — disse, levando-a dali.

*

Noutro tempo, noutro mundo onde os deuses nunca tivessem acordado, Roman teria passeado pelo jardim com Iris pelo braço, mostrando-lhe os seus lugares preferidos e alimentando boas recordações. Mas esse mundo só podia existir num sonho, e Roman pegou na mão dela, tão quente na sua mão fria, e levou-a de sombra em sombra, de volta para as luzes fiéis da propriedade.

Subiram pela treliça e atravessaram o telhado sem problemas, porém, quando entraram no quarto, Roman estava com falta de ar. Não podia permitir que Iris se apercebesse, assim, demorou-se a fechar a janela e a correr as cortinas para ter tempo de recuperar. Só então, quando ambos se sentiram num casulo onde nenhum deus conseguiria encontrá-los é que ele teve a paz de espírito para ficar a observar Iris, que examinava o quarto.

Sem surpresa, dirigiu-se de imediato às estantes, boquiaberta. Tocou nas lombadas douradas com desvelo. Teve vontade de lhe oferecer todos os seus livros.

— Que bela biblioteca — disse ela, lançando-lhe um olhar irónico. — Quantos glossários tens nestas prateleiras?

— Apenas seis.

— *Apenas?*

— Metade foram herdados.

— Ah, é verdade. Alguns destes livros pertenciam ao teu avô. — Ele acenou com a cabeça. O seu olhar seguiu-a quando ela se dirigiu para o roupeiro. — Então, foi *aqui* que recebeste as minhas cartas — disse ela, abrindo a porta entalhada.

— Hum. O papel fez tamanho estardalhaço no meu chão que não tive alternativa senão ler o que escreveste.

— Todas aquelas palavras incisivas. Todos os pensamentos que eram demasiado difíceis de dizer em voz alta. — Fez um compasso de espera, enquanto examinava as suas roupas penduradas, engomadas e organizadas por cores. — Muito me espanta que não tenhas fugido de mim nessa altura.

Talvez fosse o tom, ou as palavras que não dizia, mas que ele conseguia ouvir, escondidas na cadência da sua respiração. Ou a forma como a sua vulnerabilidade tremeluzia, como se ela estivesse a

despir uma peça de armadura.

— Pelo contrário — disse ele. — Foram as tuas palavras que me atraíram para ti.

Ela ficou em silêncio por instantes antes de dizer:

— Talvez precises de me emprestar uma.

— Uma, quê?

— Uma das tuas camisas para dormir. Mas vejo que a tua cama é bastante estreita. Uma cama de solteiro, ao que parece.

Roman deu um passo em direção a ela. E depois outro, até conseguir contar as sardas do seu nariz.

— Pensei que já soubesses isso sobre mim dos nossos dias no *Gazette*, Winnow.

— Aprendi muitas coisas sobre ti naquela redação — disse Iris, com a sobancelha arqueada. — Terás de ser mais específico.

Ele inclinou-se para baixo, com a boca perto da dela. Viu-a inspirar profundamente, com os lábios entreabertos. Mas ele limitou-se a murmurar:

— Adoro um bom desafio.

— Diz lá qual é o desafio, então.

— Cabemos os dois na minha cama.

— Se tu o dizes, Kitt. — Antes que Roman pudesse estender a mão e tocar-lhe, Iris desviou-se dele. Roman sentiu a manga da gabardina dela roçar-lhe o braço, causando-lhe arrepios na pele. Virou-se e viu que ela caminhava para a sua cama, onde se sentou na beira do colchão, aferindo a sua suavidade. — Sempre quis dormir numa nuvem — disse ela, deitando-se para trás com o cabelo a espalhar-se pela almofada.

— Aprovas? — provocou ele.

— Sim. E tu ainda não sabes isto sobre mim, mas eu açambarco cobertores.

Roman sorriu, seguindo-a até à cabeceira da cama.

— Na verdade, sei isso por experiência própria.

Desde a noite em que me tornei teu.

Pensou naquela noite; a noite em que o mundo desmoronou. Tinham estado juntos, mas na mais completa escuridão. Só havia a sua pele nua e as suas mãos, as suas bocas e os seus nomes. Descobriram-se lentamente num estrado de cobertores.

Roman olhava agora para Iris, completamente vestida com a camisola e a saia, com a gabardina apertada à cintura. Meias até aos joelhos. Botas cobertas de pó. Não parecia real, e ele perguntou-se se estaria a imaginá-la, como já tinha feito inúmeras vezes. A imaginá-la na sua cama.

— Vem — sussurrou Iris.

Roman sentou-se no colchão, sentindo-o ceder sob o seu peso. Iris

virou-se de lado para olhar para ele, com uma das pernas a deslizar entre as suas, o pé enganchando-se no tornozelo dele. De repente, sentiu-se vazio de palavras, como se o calor do corpo dela as tivesse derretido a todas, mas aquele silêncio era confortável. Saboreou-o, enquanto observava Iris atentamente.

Ela começou a desenhar-lhe o rosto com as pontas dos dedos. O arco das sobrancelhas, o contorno do maxilar, o canto dos lábios.

— Sou o mesmo de que te lembras? — perguntou. Era uma pergunta tola; só tinham estado separados durante algumas semanas. Não anos. Mas ele imaginou se ela conseguiria sentir as mudanças que haviam ocorrido debaixo da sua pele. As fissuras e as feridas. Perguntou-se se Iris iria abraçar essas partes maculadas ou desconfiar delas.

— Sim. — Iris tocou-lhe na cova da garganta, o que o fez estremecer. — E eu?

Ele retribuiu a carícia, contornando-lhe a cana do nariz e o arco dos lábios. As ondas do seu cabelo. A curvatura escura das suas pestanas. Ele sabia que ela também tinha mudado. Não eram as mesmas pessoas que tinham sido quando trocaram votos pela primeira vez. Isso só o fazia sentir mais desejo por ela. Os seus dedos percorreram o corpo dela, recordando a curva das suas costelas.

— *Sim* — disse ele.

A mão dele foi mais longe, descendo até à anca, parando apenas quando os seus dedos tocaram em algo escondido no casaco. Roman fez uma pausa.

— Isso que tens no bolso é um *livro*?

— Podes ver — respondeu Iris.

Ele assim fez, e retirou um pequeno volume verde do casaco dela. Tinha um pássaro gravado na capa, mas a atenção de Roman foi atraída pelo envelope azul que estava dobrado entre as folhas. Reconheceu-o com um arrepio. Com relutância, tirou a carta de Dacre e pôs o livro na cama entre eles.

— O que te escreveu ele? — perguntou Roman, numa voz cava.

Iris sentou-se direita. Aquele momento que era dos dois desfez-se, como se Dacre se tivesse infiltrado no quarto; seguindo-os como uma sombra até um lugar que antes parecia seguro.

— Podes ler — disse ela, docemente.

Roman não conseguiu resistir, a preocupação e a raiva levaram a melhor sobre ele.

Enquanto ele se debruçava sobre as palavras de Dacre, Iris deslizou da cama. Já tinha tirado as botas e o casaco quando Roman terminou, com o sangue a correr-lhe nas veias.

— Ele pensa que és um pássaro para colecionar e manter numa gaiola — protestou, levantando-se da cama, o papel amarrotado no

seu punho. — Um pássaro que deveria cantar só para ele. Fico furioso só de pensar que ele está a tentar atrair-te.

— Confesso que ele tem o dom da palavra. — Iris cruzou olhares com Roman. A expressão dela era inescrutável. — E se eu não conhecesse a sua verdadeira natureza, poderia muito bem ser iludida. Mas tenho uma resposta para ele. Passei o dia a pensar nisso.

— E qual é a tua resposta?

Iris encurtou a distância entre os dois até ficarem frente a frente, com os dedos dos pés a tocarem-se e os olhos postos um no outro. Arrancou a carta de Dacre da mão dele com um trejeito desafiador do queixo.

— *Nunca* serei sua — disse ela. Roman ficou a ver, fascinado, enquanto Iris rasgava a carta de Dacre em pedaços. Não perdeu tempo e dirigiu-se para a casa de banho. No segundo seguinte, Roman ouviu a descarga do autoclismo. Imaginou a tinta de Dacre a desvanecer-se na água, a desintegrar-se a caminho do esgoto. — Muito bem, Kitt — disse, quando ressurgiu. Cruzou os braços e encostou-se à ombreira da porta. — Temos de falar.

— Sobre o quê? — perguntou ele, surpreendido com a rouquidão da sua voz.

— Sobre o facto de teres uma casa de banho gigante! — exclamou ela. — Nunca vi um chuveiro como o teu.

— Queres testá-lo?

— Por acaso, gostava.

Roman sorriu e passou por ela para entrar na casa de banho. Os azulejos pretos e brancos brilharam quando ele abriu a porta de vidro e rodou a torneira. A água começou a cair em cascata do teto, envolvendo-os numa neblina sensual.

— Tens sabonete e champô naquela prateleira — disse ele, ajustando a temperatura. — Vou buscar-te uma toalha...

A mão dela no seu braço fê-lo voltar-se para trás. A neblina deixara o cabelo de Iris a brilhar. Lentamente, ela levantou as mãos e afastou os suspensórios de couro dos seus ombros. Ele nem respirava; o seu coração parecia preso por um fio, a puxar intensamente no seu peito. Como se estivesse preso a cada movimento dela, a cada palavra.

Iris começou a desabotoar-lhe a camisa, mas parou a meio, mordendo o lábio inferior.

Ele enrijeceu. Imaginou se o brilho da sua pele pálida estaria a fazê-la vacilar. Se continuasse, acabaria por ver todas as suas arestas mais vincadas. A curva côncava do seu estômago. A proeminência das suas costelas. As cicatrizes que lhe marcavam a perna. Nunca havia comida suficiente entre as forças de Dacre, e a fome tornara-se a companheira mais próxima de Roman. As suas cicatrizes? Um mapa que ele traçava, uma e outra vez, nos momentos de solidão.

A vergonha brotou-lhe na garganta. Outra emoção que ele não conseguia descrever despertou um rubor na sua pele. Estava prestes a pegar na mão dela quando Iris disse:

— Acabei de me aperceber de uma coisa. Já tomaste banho esta noite, não tomaste?

Roman exalou um suspiro. O alívio amoleceu-lhe os ossos, fê-lo inclinar-se para ela.

— Tomei, mas posso juntar-me a ti, se quiseres.

Ela sorriu. Tinha um brilho no olhar à medida que os seus dedos hábeis prosseguiram o seu caminho, descendo os botões até à cintura dele.

— Gostaria muito, Kitt.

*

Cinco minutos depois, as palmas das mãos de Roman estavam cheias de champô. O ar estava quente, o chuveiro quase a esquentar, enquanto a água escorria pelos seus corpos em riachos. Mas Iris insistia em empurrar o manípulo cada vez mais para a esquerda, como se quisesse que a água parecesse fogo.

Roman, com a pele manchada como se estivesse queimado pelo sol, permitia-lhe tudo.

— Fecha os olhos — disse ele.

Iris assim fez, franzindo o nariz à água que caía na cara. Arquejou quando Roman começou a lavar-lhe o cabelo, esfregando o champô até fazer espuma. Uma e outra vez, passou os dedos pelas madeixas dela, admirando o seu aspeto longo e escuro quando estavam molhadas. Um castanho profundo com um toque de âmbar, como mel de flores silvestres.

— É por isso que cheiravas tão bem na redação — Iris soltou um suspiro.

Roman começou a enxaguar o champô, satisfeito quando ela gemeu.

— Ai sim?

— Podia faltar a luz no solstício de inverno, que mesmo assim eu saberia quando entravas no *Gazette*. Também te detestava por isso.

Ele sorriu enquanto desenhava círculos nas costas dela com o sabonete. O cheiro a perenifolia e erva dos prados espalhava-se pelos ombros dela. Pela curva da sua coluna.

— E olha de que te valeu esse desdém.

— Ter-me-ia desmanchado a rir se me tivesses revelado o meu destino nessa altura.

— Eu sei — disse ele.

Iris ficou em silêncio. A água continuava a cair, enchendo o chuveiro com um som hipnotizante, quando ela se virou para o

encarar. O olhar dele desceu, seguindo a linha do seu corpo até às pernas, onde a sua atenção se deteve e manteve.

Roman tinha reparado quando lhe despira as meias. As nódoas negras e as crostas de feridas nos joelhos. Não lhe tinha dito, mas tinha-a visto correr pelo prado em Hawk Shire da janela do segundo andar. Tinha visto com os seus próprios olhos incrédulos como ela se desviara das balas. Como os faróis de um automóvel tinham iluminado a escuridão, levando-a para longe.

Foge, Iris.

Tinha sentido aqueles quilómetros como uma infeção que se espalhava pelo corpo. Do sangue para os ossos e para os órgãos. A distância que crescia como a lua. As dúvidas e as preocupações sobre para onde ela iria e se voltaria a vê-la.

Roman pousou o sabonete.

Ajoelhou-se diante dela, tocando-lhe nas cicatrizes. Aquelas marcas diziam-lhe que ela era forte e corajosa, mas também que era *sua*. As suas almas não eram espelhos, mas complementos, constelações que ardiam lado a lado.

Quero que me vejas, escrevera-lhe certa vez. *Quero que me conheças*.

Encostou o rosto às pernas dela. Sentiu as nódoas negras como se fossem suas e traçou-as com os lábios, saboreando a água na pele dela. O sangue corria-lhe quente e rápido. Uma tempestade de verão nas suas veias, mas assim que Iris tocou no seu cabelo, a mente de Roman parou.

Olhou para o rosto dela, rosado e de olhos escuros.

— Estava tão preocupada — sussurrou Iris.

— O que é que te preocupava?

— Que nunca mais tivéssemos outro momento como este.

Roman engoliu em seco. Poderia ter dito uma centena de coisas, mas percebeu que ela estava a tremer. Percebeu que ele também estava.

— Estás a tremer — disse ele. — A água está muito fria? Queres que pare?

— Pelos deuses, não. Estava apenas a pensar como é estranho. Pensar na quantidade de pessoas com quem nos cruzamos na vida. Como alguém como eu encontrou alguém como tu. E se eu nunca tivesse escrito aquele artigo e nunca o tivesse enviado para o *Gazette* só porque sim... será que estaríamos aqui?

— Agora deu-te para a filosofia, Iris?

— Parece que não consigo evitar. Tu despertas o melhor e o pior em mim.

— Sem dúvida que desperto o melhor. Mas o pior? — Iris limitou-se a olhar para ele, com a água a escorrer-lhe do maxilar como lágrimas. Mas depois voltou a acariciar-lhe o cabelo, um toque suave

que o arrepiou até aos dedos dos pés. Não foi o poder, o medo ou a magia que lhe abriu o coração, mas a mão dela, suave com adoração. — E a resposta é sim, já agora — disse ele, beijando a curva do joelho dela. — Ter-te-ia encontrado, mesmo que nunca tivesses escrito aquele artigo.

*

A água quente acabou três minutos depois.

Roman fechou a torneira assim que a água gelada começou a cair sobre eles. Iris arquejou, mas não sabia se era do choque térmico ou da forma como ele se levantou e a tomou nos braços, tirando-a do chuveiro.

Não era o que tinha imaginado para a noite, mas quando Iris lhe envolveu a cintura com as pernas e o beijou, Roman decidiu que, pela primeira vez na vida, iria viver o momento.

Levou-a até à cama e deitou-se com ela. A sua respiração era irregular; a água escorria-lhe como chuva pelas costas. Mas a visão dela afugentou o frio persistente.

A forma como Iris o olhava, os seus olhos escuros como luas novas, atraindo-o como as marés. A forma como ela se agarrava a ele, sussurrando o seu nome contra a sua garganta. Como se movia com ele, tanto na luz como na escuridão. O toque da sua pele contra a dele; a sensação de estar nu e, no entanto, completo. Seguro e pleno.

Ela via-o como ele a via. Com os olhos abertos, com os olhos fechados.

As estrelas ardiam no infinito, para lá da janela, e Roman nunca se sentiu tão seguro.

Poderia acordar na região mais profunda do reino de Dacre, tão longe da lua e do sol quanto a divindade pudesse prendê-lo. Poderia acordar e não saber o seu nome, esquecer cada palavra que já havia escrito. Mas nunca esqueceria o cheiro da pele de Iris, o som da sua voz. A maneira como olhava para ele. A confiança do seu toque. E pensou: *Não há magia no mundo superior ou inferior que possa voltar a roubar-me o que nós temos.*

HÓSPEDES PERMANENTES

Iris sonhou com o Revel Diner. Estava sentada no bar com um livro e um copo de limonada à sua frente, enquanto a mãe servia às mesas. Parecia um dia como outro qualquer, uma página arrancada do seu passado, pois ela tinha ido muitas vezes ao restaurante antes da guerra. Antes de Aster ter começado a abusar do álcool. Era por isso que Iris sabia que estava a sonhar. A mãe apareceu-lhe vibrante, senhora de si mesma, de sorriso e gargalhada prontos e os olhos brilhantes enquanto se movimentava entre as mesas do restaurante.

— Mais uma limonada, Iris? — disse Aster, quando voltou para trás do balcão.

Antes de ela responder, uma música passou no rádio e os acordes melancólicos de um violino fizeram-se ouvir no restaurante. De imediato, sentiu os pelos a eriçarem-se nos braços. Lá estava ela outra vez. A melodia que assombrava os seus sonhos sempre que via a mãe.

— Mãe? — sussurrou, inclinando-se sobre o balcão. — Porque é que ouço esta música sempre que nos encontramos num sonho?

Aster pousou uma cafeteira fumegante.

— Sabes quem era Alzane?

Iris espantou-se com a mudança abrupta de assunto, mas respondeu:

— Foi um dos últimos reis de Cambria, antes da queda da monarquia e da nomeação de chanceleres.

— Sim, mas ele é muito mais do que isso. Ele era o monarca que supervisionava os túmulos divinos. Enterrou Dacre, Mir, Alva, Luz e Enva há séculos. Num mito que foi apagado da nossa história, ele inspirou esta canção de embalar para adormecer os deuses. Desde então, houve muitas iterações desta música, mas o poder das notas permanece, mesmo que tenham sido esquecidas por muitos.

Iris refletiu naquelas palavras. O mundo para lá das janelas do restaurante começava a escurecer. Estava a formar-se uma tempestade. A chuva escorria pelos vidros e relâmpagos iluminavam edifícios distantes.

— Acho que Enva nunca foi enterrada — atreveu-se a dizer Iris, ao que Aster retorceu os lábios vermelhos. — Acho que ela fez um acordo com o rei e cantou para os outros quatro dormirem enquanto ela se escondia em Oath.

— Uma teoria extravagante, querida, mas que pode ter um fundo de verdade.

Iris prestou atenção à música, mas perdeu o fôlego quando a estática do rádio se intensificou e o sonho começou a desvanecer-se. Desesperada, estendeu a mão para agarrar Aster, mas a mãe já se tinha dissolvido nas sombras. O restaurante começou a girar, as janelas de vidro a estalar sob o peso da tempestade, até que a pressão se tornou insuportável.

Iris acordou sobressaltada.

No instante seguinte, percebeu que tinha sido acordada por uma tosse; o colchão por baixo dela abanou quando Roman se afastou, levantando-se. Com os olhos abertos para a escuridão, ouviu-o abafar outro surto de tosse. O som era húmido e doloroso, e ela sentou-se rapidamente e virou-se para ele.

Uma réstia de luar que entrava pelas cortinas iluminava-lhe o corpo. Os seus ombros pálidos estavam encurvados; era capaz de contar os sulcos nas suas costas quando ele se baixou para pegar na camisa deixada no chão e tossia para dentro do tecido, abafando o som.

— Kitt — sussurrou, deslocando-se para a beira da cama. Sentiu o chão gelado nos pés descalços; o cabelo ainda húmido do duche. — Estás bem?

Ele endireitou-se, mas manteve a camisa encostada à boca por mais algum tempo. Pigarreou e disse:

— Estou bem, Iris. Desculpa, não te queria acordar.

Ela levantou-se e foi ter com ele.

— Posso trazer-te alguma coisa?

— Tencionas esgueirar-te até à cozinha e preparar-me um chá?

Ele estava a brincar, mas isso só fez com que Iris se apercebesse de como tudo aquilo era impossível. De como *eles* eram impossíveis. Mr. Kitt ficaria indignado se a encontrasse em casa dele, a partilhar a cama com o filho. Provavelmente, expulsá-la-ia se a apanhasse a vaguear pelos corredores, ou mandaria o seu associado arrastá-la para fora dali e deixá-la algures para que o Cemitério a castigasse.

— Se queres um chá — disse Iris, com a voz rouca e determinada —, vou até à cozinha e faço-to. Basta dizeres-me o que queres. E como encontrar a cozinha, claro.

Roman virou-se, com algumas madeixas do seu cabelo preto a penderem sobre o olho direito. Às vezes, a beleza dele ainda a impressionava, deixava-lhe os joelhos fracos. Percebeu que gostava

tanto de o ver à noite como de dia. Que a escuridão o fazia parecer mais nítido em alguns aspetos e mais suave noutros, como se ele fosse um retrato em vias de ser pintado.

— Eu sei que és exímia a fazer chá, mas eu estou bem — sossegou-a. — A sério. — Iris não acreditou. Estava a abrir a boca para protestar quando ele continuou. — Às vezes, tenho dificuldade em respirar à noite. A minha garganta fecha-se. Tenho tosse desde que recuperei a memória, mas não é nada que não consiga aguentar.

— Por causa do gás — sussurrou Iris.

Roman acenou com a cabeça.

— Quando isto acabar, vou procurar tratamento adequado. Vou ver se algum médico de Oath me pode ajudar.

— Dacre não sabe?

— Não. E não quero que ele saiba. Se soubesse, perceberia que a sua influência sobre mim deixou de existir. Que já não me tem cativo. Que sei que só me curou o suficiente para me tornar maleável e confuso.

Ficou pensativo, a olhar para a camisa que tinha nas mãos. Iris receava que houvesse sangue no tecido, e sentiu o pânico a subir-lhe pelos ossos. Mas a alvura da camisa continuava impecável, à exceção de algumas gelhas que se tinham formado quando ela a atirara para o chão.

— Estás com frio — constatou Roman, examinando-a ao luar.

— Um bocadinho, sim — confessou. — Mas não me importo.

— Dá-me uns instantes, que já vou ter contigo à cama. Parece que, afinal, sempre cabem duas pessoas.

Ela sorriu e voltou para o colchão de penas, ainda quente dos seus corpos. Mas sentia o coração pesado. Ouviu Roman na casa de banho a abrir a torneira do lavatório para beber um copo de água. Estava a pensar nos médicos e se seria possível encontrar uma forma de lhe dar um remédio às escondidas, quando Roman se enfiou debaixo dos lençóis.

— Há uma coisa que preciso de te dizer, Iris.

— Então, diz-me, Kitt. — Ele suspirou quando se deitou frente a frente com ela. Os músculos de Iris contraíram-se com a sua inquietação. — É assim *tão* mau?

— Sim. Dacre levou-me à campa de Luz.

Aquela afirmação fê-la estancar. Depois de escutar o relato de Roman da tarde tempestuosa na colina, não muito longe de Hawk Shire, aventou:

— Achas que Dacre planeava matar Luz? E que isso não aconteceu porquê...

— Alguém se antecipou a ele — concluiu Roman. — O que me faz suspeitar que Alva e Mir também estão mortos nos seus túmulos. Não

achas que já teriam acordado, juntamente com Dacre?

— Quem achas que os matou?

Roman ficou calado, mas estendeu a mão para traçar a luz do luar no rosto de Iris.

— Acho que foi Enva.

*

Não voltaram a adormecer.

Continuaram a falar, a contar os acontecimentos que os tinham conduzido até ali. Roman falou-lhe das chaves, dos portais, das poças de enxofre, da flauta e da viagem montado no *eithral*. Ela ouviu cada palavra, partilhando também partes da sua história. Todas as partes que Roman desconhecia. Por fim, passaram de assuntos terríveis para outros mais leves, com os braços e pernas entrelaçados, os dedos a afagar os cabelos um do outro, como se tivessem todo o tempo do mundo para acordar lentamente.

Roman podia ter ficado a ouvir Iris durante horas. Quando reparou que a escuridão estava a desaparecer, agarrou-se a ela com mais força, como se a sua vontade pudesse parar o tempo. Mas o nascer do sol estava iminente, e não teriam alternativa senão soltarem-se quando a luz entrasse no quarto.

Não foi o nascer do dia que o afastou da cama, mas sim o som dos criados no piso de baixo, a deslocarem os móveis.

— Há madrugadores na tua família? — perguntou Iris, quando se apercebeu do barulho antes do amanhecer.

— Sim, mas o meu pai costuma ficar no escritório. — Roman franziu o sobrolho. — É melhor irmos embora. Tenho de te levar para o jardim antes que alguém dê por ti. Mas primeiro... Tenho uma coisa para ti. — Obrigou-se a sair debaixo dos cobertores e ajoelhou-se ao lado da secretária. Tirou a tábua solta do chão, o lugar onde outrora escondera tesouros de infância e as muitas cartas de Iris, e retirou a aliança e o mapa que desenhara. — Fez-me muita companhia — disse, deslizando a aliança no dedo de Iris. — Mas prefiro vê-la em ti.

Iris olhou para a aliança, para a prata que luzia na claridade da manhã.

— Tens a certeza de que não precisas dele?

— Sim. E este é um mapa muito mal desenhado. — Colocou-o nas mãos dela, e viu-a franzir as sobrancelhas enquanto tentava dar sentido àquilo.

— Um mapa de...?

— Uma linha ley em Oath.

Os olhos de Iris arregalaram-se. Ouviu Roman explicar-lhe o que tinha visto, as portas que poderiam ser encantadas se fossem abertas com uma chave.

— Kitt — disse ela, passando o dedo pelo desenho dele. — Isto é fantástico.

— Contava que dissesse isso.

— Seria muito complicado assinalares outras linhas ley que venhas a descobrir?

Roman abanou a cabeça.

— Eu tenho acesso à mesa de guerra. Vou ver o que terei a possibilidade de fazer.

Iris contemplou-o com os olhos brilhantes. Por instantes, ele quase foi ter com ela, quase a levou de volta para o emaranhado quente dos cobertores, mas um estrondo vindo do chão trouxe-o de volta à realidade.

Teremos outras oportunidades, disse a si próprio enquanto se vestiam. *Isto não é o fim*.

No entanto, de uma forma estranha, *parecia* que era, quando Roman abriu a janela. Pegou na mão de Iris e levou-a para o parapeito. Seguiu-a pela inclinação do telhado e pela treliça, e levou-a de volta pelo caminho por onde tinham vindo. A luz tornava-se mais forte a cada segundo que passava, fazendo com que o orvalho brilhasse nas ervas, as flores se erguessem para o céu e as árvores parecessem mais nítidas à medida que as sombras derretiam.

Quando chegaram ao carvalho e ao arbusto de silvas, Roman hesitou, apertando a mão de Iris.

— Vemo-nos em breve — sussurrou ela.

Ele acenou com a cabeça, mas puxou-a para si, beijando-a com a boca aberta e voraz, a sua língua a deslizar ao longo da dela, até que se viu obrigado a afastar-se, sem nunca desviar o olhar dela.

— Cuida de ti, Iris — disse ele. — Escrever-te-ei primeiro, assim que tiver regressado ao meu posto.

— Vou tentar ser paciente — respondeu ela.

Aquilo despertou nele um ligeiro sorriso.

— É verdade, nunca te repreendi por isso, como me pediste para fazer pessoalmente.

Iris esboçou um sorriso malicioso.

— Fica para a próxima? Ah, e tinhas razão, Kitt.

— Sobre o quê, Winnow?

Ela esperou para responder até quase ter desaparecido entre as silvas, a sua voz audível através dos ramos.

— Cabemos os dois perfeitamente na tua cama.

*

Teve de voltar à pressa, tossindo para dentro da manga. Inquieto, Roman subiu a treliça, incapaz de respirar fundo até estar novamente em segurança no seu quarto, com a janela fechada atrás de si.

Disponha de poucos minutos para arrumar o quarto. Fez a cama, sacudindo dos cobertores todos os vestígios dele e de Iris, mas a sua mão paralisou quando viu o pequeno livro verde pousado no tapete.

O volume sobre os pássaros, de Iris.

Roman folheou as páginas antigas. Quase o guardou na prateleira com os outros livros, mas deteve-se no último instante. Era um tomo tão pequeno. Algo que poderia facilmente levar consigo. Uma recordação tangível dela.

Meteu-o no bolso.

Estava a abrir a porta do roupeiro para tirar o macacão quando sentiu a casa a tremer. Foi suficientemente distinto para o fazer parar, com um arrepio a percorrer-lhe a espinha.

Roman saiu do quarto e ouviu os sons que ecoavam pelos corredores. Havia vozes masculinas distantes, mais mobília a mudar de sítio, o som de botas no chão de madeira.

Percorreu o corredor, rígido com a ansiedade.

Os seus tornozelos estalaram quando desceu as escadas, trocando as sombras sonolentas do piso de cima pelo rés do chão bem iluminado, e estancou quando estava a cinco degraus do fundo das escadas, olhando para a sala de estar.

A porta estava escancarada, arrefecendo o ar. Mas havia uma fogueira a crepitar na lareira de mármore. Oficiais e soldados circulavam pela sala, arrastando a mobília para arranjar espaço para uma mesa. Roman reconheceu a mesa de guerra.

As suas mãos cerraram-se em punhos até sentir as unhas cravadas nas suas palmas, mas a visão que tinha diante de si não vacilou nem se desfez. Só se tornou mais nítida quando viu os criados trazerem tabuleiros com café e scones, colocando-os no chão para os oficiais e soldados se servirem; quando viu o pai, de pé, com a sua caneca de café com brandy a observar a atividade com uma expressão de aprovação; quando viu o tenente Shane a sair do subterrâneo, com a sua máquina de escrever.

O olhar de Roman fixou-se no familiar estojo preto, e a sua angústia aumentou quando viu o tenente a manuseá-la. Estava a pensar numa forma de recuperar a máquina de escrever quando alguém lhe apareceu à frente. Alguém belo e alto, com ombros largos, cabelo cor de linho e olhos azuis como o céu.

Dacre estava no hall de entrada, e fitava Roman nas escadas.

Os seus olhares cruzaram-se. Subitamente, Roman sentiu-se pequeno e indefeso. Mas a sua mente estava a mil, dominada por pensamentos que só se tornavam mais fortes à medida que o silêncio se prolongava entre eles.

Será que ele veio apagar a minha memória outra vez? Será que duvida de mim? Será que sente a presença de Iris na minha pele?

— Olá, Roman — cumprimentou Dacre. — Vejo que o teu pai recebeu a minha carta.

OS FIOS ESCONDIDOS

Iris apanhou o elétrico, mas decidiu sair na paragem da universidade. Caminhou ao longo da rua, por baixo de uma fila de plátanos, cujas raízes retorcidas se insinuavam na calçada. O sol ainda estava no sentido ascendente, pintalgando a calçada, enquanto Iris se cruzava com os alunos que se apressavam para as aulas.

Dobrou uma esquina e aproximou-se da casa de Attie.

Era um edifício de três andares, construído em tijolo vermelho, com portadas azuis e uma porta de madeira de carvalho decorada com entalhes relativos às fases da lua. Ao longo da fachada, cresciam gavinhas de hera e havia flores a iluminar as janelas. Iris percorreu o caminho de pedra e subiu as escadas do alpendre para tocar à campainha, reparando numas quantas bicicletas no pequeno pátio relvado, bem como num papagaio de papel com um nó na cauda.

— Eu abro — gritou alguém do interior, e Iris ouviu o bater de pés e o rodar da fechadura. Sorriu quando viu uma das irmãs mais novas de Attie à porta. Usava um vestido azul e fitas no cabelo preto. — Olá — disse a rapariga. — És a amiga da Thea, não és?

— Sim — respondeu Iris. — Ela está em casa?

— Thea! *Thea!* A tua amiga do jornal está aqui!

Ouviram o tilintar distante de pratos e mais alguns murmúrios excitados.

— Diz-lhe para entrar, Ainsley! — gritou Attie em resposta. Ainsley abriu mais a porta.

— Entra.

— Obrigada. — Iris passou o limiar, mas esperou que Ainsley fechasse a porta antes de a seguir pelo corredor.

A família de Attie estava reunida à mesa, a terminar o pequeno-almoço. A sala de jantar estava pintada de azul-escuro, com constelações em tons de prata até ao teto. Havia mapas e fotografias emoldurados nas paredes, assim como alguns desenhos coloridos. Os livros estavam empilhados na parte de trás de um armário de porcelana, que continha chávenas de chá e vários pares de binóculos.

Era uma sala acolhedora, e Iris absorveu tudo o que via. Pouco depois, percebeu que os cinco irmãos de Attie e os seus pais estavam a olhar para ela, expectantes. Attie foi a única que continuou a comer, terminando o seu chá e raspando o resto da manteiga do prato com a torrada.

— Sentas-te connosco, Iris? — perguntou a mãe de Attie. Já estava vestida para sair, com um vestido de xadrez, o cabelo preto encaracolado a dar-lhe pelos ombros.

— Desculpem, não queria incomodar — disse Iris. — Estava de passagem por aqui e pensei em vir ver se a Attie queria companhia para o trabalho.

Um dos irmãos mais novos de Attie, sentado ao lado de um gémeo idêntico, riu-se até Attie lhe lançar um olhar de aviso. E parecia que também tinha levado um pontapé por baixo da mesa. Iris não percebeu o que se estava a passar, mas também não teve tempo para pensar no assunto, porque o pai de Attie respondeu.

— Não incomodas nada, Iris! — Mr. Attwood pôs os óculos no nariz. Tinha uma voz grave e profunda e um sorriso gentil. Pegou no bule e disse — Temos mais do que suficiente, se tiveres fome.

— Obrigada, Mr. Attwood. Mas estou bem, a sério.

Attie levantou-se da cadeira com o prato vazio na mão.

— Ainda bem que vieste. Queria mostrar-te uma coisa antes do trabalho. Anda. — Iris acenou à família antes de seguir Attie até à cozinha, onde esta pousou a loiça suja. — Estás bem? — sussurrou.

Iris pestanejou.

— Sim. Porque perguntas?

— Estás com a mesma roupa de ontem.

Iris abriu a boca, mas antes que pudesse dizer uma palavra, Ainsley entrou de rompante na cozinha com a sua própria loiça. Demorou-se no lava-loiça, lançando um olhar sub-reptício na direção das duas, como se quisesse escutar a conversa. Iris ficou grata pela interrupção, embora Attie apenas tenha franzido o sobrolho à irmã mais nova.

— Querias mostrar-me uma coisa? — lembrou-lhe Iris.

— Hmm. — Attie levou-a até à cave, um espaço mais fresco, mas igualmente acolhedor, com mobília confortável e um gato a ronronar — que Iris reconheceu com ternura como sendo Lilás, a gata que Attie salvara em Avalon Bluff — em cima de uma das almofadas, e uma série de quadros espalhados pela parede. Algumas estrelas de papel pendiam do teto, e Iris admirou-as enquanto Attie retirava uma das molduras penduradas.

— Lembras-te da história que te contei, há semanas, no telhado da Marisol? — disse Attie, pousando cuidadosamente o quadro a óleo com uma paisagem marítima.

Iris lembrava-se de cada palavra.

— Sim. Falaste-me do teu violino.

— Queres vê-lo?

Sem dizer uma palavra, Iris aproximou-se de Attie e ficou a vê-la abrir a porta de um cofre de metal embutido na parede. Era difícil acreditar que o que estavam a fazer era agora ilegal em Oath: estar na presença de um instrumento de cordas. A visão de Attie com um violino nas mãos provocou um calafrio em Iris. A madeira cor de avelã brilhava à luz da lâmpada.

— É lindo — sussurrou Iris, passando os dedos pelas cordas frias.

— Adorava ouvir-te tocar um dia.

Uma expressão nostálgica atravessou o rosto de Attie, que acariciou suavemente o violino antes de o devolver ao estojo e fechar a porta do cofre. Vendo o quadro novamente pendurado na parede, Iris nunca teria adivinhado que havia um violino escondido atrás das ondas de um mar pintado.

— Só os teus pais é que conhecem o esconderijo? — perguntou Iris.

Attie acenou com a cabeça.

— Costumava tocar aqui em baixo quando os meus irmãos estavam nas aulas. Quando não estava ninguém em casa para me ouvir a não ser o meu pai. Às vezes, a minha mãe. Sinceramente, não toco desde que fui para a frente de batalha. — Mais um lampejo de tristeza passou pelos seus olhos, até cruzar olhares com Iris, e então algo como aço brilhou dentro de si. — Ontem à noite, sonhei com a *Canção de Embalar de Alzane*.

O coração de Iris bateu mais depressa.

— Tal como eu. Como é isso possível? Porque sonhamos com a mesma canção?

Attie esboçou um sorriso irónico.

— Magia, obviamente.

— Achas que um deus está a tentar enviar-nos uma mensagem através dos sonhos?

— Sim. O que me fez pensar naquele mito que publicaste no jornal. Aquele em que Dacre é controlado pela música no seu reino. — Attie pôs a gata Lilás ao colo e coçou-lhe as orelhas. — Se a harpa de Enva conseguiu adormecê-lo com a *Canção de Embalar de Alzane*... porque não um violino? Porque não um violoncelo? Porque não qualquer instrumento de cordas? Talvez seja essa a verdadeira razão para o chanceler ter proibido tudo o que tivesse cordas. Não por medo que Enva nos recrutasse para a guerra, mas porque nós próprios poderíamos domar um deus com a nossa música, se soubéssemos como chegar ao submundo.

Iris permaneceu calada, com a mente a fervilhar. Sabia onde estava o portal ativo — na sala de estar dos Kitt. A sua melhor amiga tinha

um violino. Elas conheciam o poder da *Canção de Embalar de Alzane*. A única coisa que lhes faltava era saber a localização exata de Dacre, ou arranjar uma forma de o levar para o submundo. Roman poderia ajudar a fornecer essa informação. Subitamente, Iris sentiu-se trémula de apreensão.

— Se conseguirmos adormecer Dacre... — começou Iris.

— Em seguida podemos matá-lo — concluiu Attie.

Lilás miou em concordância. Iris estendeu a mão para acariciar o pelo do gato.

— A canção de embalar com que sonhámos... consegues tocá-la no teu violino?

— Sim, mas preciso da partitura completa. — Attie pousou a gata no sofá. — Tive uma professora de música na universidade, há uns anos. Vou marcar uma reunião com ela, espero que seja amanhã, e logo vejo se me pode ajudar a obter a partitura. Aparentemente, houve muitas iterações da música ao longo das décadas e preciso de ter a certeza de que estou a tocar a correta. A que temos estado a ouvir nos nossos sonhos.

— Thea? — O pai chamou-a do piso de cima. — A tua boleia já chegou.

— Já vou, pai! — respondeu, encaminhando Iris para as escadas.

— Talvez nos possamos encontrar para jantar algures e falar mais sobre isto? A propósito, ainda nos deves, a mim e à Prindle, uma refeição requintada.

Iris riu-se quando chegaram ao piso principal.

— Tens razão. Por arrombamento e invasão de propriedade.

— Arrombamento e invasão de que propriedade? — perguntou Ainsley. Parecia ter surgido do nada, com a marmita do almoço numa mão e o quadro de ardósia na outra.

— Não é nada, esquece — atirou Attie, despachando-a rapidamente. — Estás pronta para ir para a escola, Ains? — Ela acenou com a cabeça, com as fitas azuis a abanar. — Ótimo. Ele está à tua espera lá fora. — Attie guiou Iris até à porta da rua no encalço de Ainsley, enquanto pegava na mala e no casaco que estavam no cabide do hall de entrada. — Ouve, não comeses já a fazer fantasias em relação a isto.

Iris lançou-lhe um olhar perplexo.

— Em relação a quê?

Attie fez sinal para a porta aberta. Iris olhou lá para fora e viu Tobias Bexley no seu roadster, estacionado à porta dela. Os irmãos de Attie estavam todos amontoados no banco de trás, e Tobias estava de pé junto à porta amolgada do veículo, rindo-se de algo que o irmão dela estava a dizer.

— Ele leva-os à escola, apesar de ficar a cinco minutos de caminho,

e depois leva-me ao trabalho — disse Attie.

— Desde quando? — perguntou Iris, com um sorriso.

— Desde ontem. — Attie caminhou até ao passeio, chamando a atenção de Tobias. — Mas vamos ver quanto tempo é que ele dura a aturar os meus irmãos.

*

— De certeza que não vos posso alimentar aos três? — perguntou Marisol pela terceira vez, mexendo vigorosamente uma enorme panela com papas de aveia sobre uma fogueira. Lucy estava ao lado dela, estoica como sempre e vestida com um macacão, a servir café aos soldados que passavam com as suas chávenas de metal na mão.

— Acabei de comer, mas obrigada — disse Attie.

Iris e Tobias também recusaram, embora Iris sentisse o estômago a roncar. Depois de Tobias ter dado a volta ao quarteirão para deixar os irmãos de Attie na escola, Iris pediu-lhe que a levasse ao chamado Campo de Treinos — que para Iris era o campo onde o chanceler tinha confinado o exército de Enva — nos arredores de Oath.

— Como estão as coisas por aqui? — perguntou Iris.

— Estão bem — respondeu Marisol num tom animado. — A chuva finalmente amainou e o chão secou, como podem ver. Ainda está um pouco lamacento em alguns sítios, mas melhorou muito. E o vosso artigo foi muito útil. Muitas pessoas estão agora a vir da cidade para nos entregar comida e outros recursos. O apoio tem sido comovente. Obrigada por teres escrito aquele artigo.

Foi o artigo que perturbou o Cemitério. Os feridos continuavam proibidos de entrar em Oath, mas o apoio começava a chegar de todos os pontos da cidade. Os cidadãos doavam alimentos, água potável, cobertores, material médico, roupa lavada e até coisas tão simples como um par de meias. Médicos e enfermeiras do hospital tinham trazido medicamentos, catres e ajuda para os cirurgiões no terreno.

— Ora essa — disse Attie, tirando um pequeno bloco de notas do bolso de trás. — Há alguma atualização ou necessidade sobre a qual possa escrever hoje?

Enquanto Marisol e Lucy faziam uma lista de coisas para os soldados, Keegan apareceu finalmente, a subir por um caminho calcorreado entre as tendas.

— Bom dia, brigadeiro — cumprimentou Iris. — Podemos falar um bocadinho?

— Iris — cumprimentou Keegan, com um aceno de cabeça. — Sim, entra.

Entrou numa das tendas maiores, e Iris seguiu-a.

O interior era surpreendentemente acolhedor, com tapetes estendidos no chão, candeeiros pendurados e algumas peças de

mobiliário. Havia uma mesa com um mapa da cidade desenrolado, com as bordas do papel presas por pequenas pedras. Iris parou diante dele, e os seus olhos percorreram o desenho intrincado de cada rua, até encontrar a propriedade dos Kitt, na parte norte da cidade.

— Em que posso ajudar, Iris? — inquiriu Keegan.

— Tenho algo para lhe mostrar. Do Roman. — Colocou o esboço sobre a mesa. Keegan franziu a testa, sem perceber o que estava a ver até Iris lhe explicar e apontar para a rua correspondente no mapa da cidade.

— É uma informação muito relevante — disse Keegan, marcando os edifícios que suspeitavam terem os portais mágicos com uma moeda. — Mas não há nada que eu possa fazer, Iris. As minhas forças foram impedidas de entrar na cidade. Se houver um ataque, só posso dar apoio a partir do exterior enquanto a lei do Chanceler se mantiver. A Lucy também nos informou da existência do Cemitério, cujos membros parecem empenhados em que ninguém lute por nenhum dos deuses. Imagino o que poderia acontecer se entrássemos em Oath com a bandeira de Enva, mesmo que fosse para proteger o povo.

Iris mordeu o lábio. Havia tanto que queria dizer, mas conteve-se, voltando a dobrar o desenho de Roman.

— Eu compreendo, brigadeiro.

Keegan deve ter percebido a sua desilusão. Inclinou-se sobre a mesa e baixou a voz quando disse:

— Lembras-te de quando Dacre bombardeou Bluff? Como algumas casas caíram enquanto outras permaneceram de pé?

Iris estava calada, mas lembrava-se de tudo sobre aquele dia. De como tinha ficado na encosta, atordoada e impressionada com todo aquele sofrimento e destruição. Quando olhou para trás, para a cidade, parecia que alguém tinha lançado uma teia. Linhas de proteção no meio de uma demolição total.

— Sim — sussurrou Iris. — Eu lembro-me de ver isso.

A pensão de Marisol estava numa dessas linhas. As suas paredes recusaram-se a desmoronar-se apesar de as janelas se estilhaçarem e as portas terem sido vergadas em ângulos estranhos.

Keegan apontou para a rua de Oath que Roman havia desenhado. A rua que eles sabiam ser também uma via subterrânea. Uma linha ley.

— Creio que as casas construídas sobre essas passagens podem resistir às bombas de Dacre. É a sua própria magia a trabalhar contra ele. Serão os sítios mais seguros para nos abrigarmos, caso haja outro ataque.

Iris sentiu arrepios nos braços.

— Lugares seguros contra as bombas, mas e os portais que abrem para o submundo?

Keegan esboçou um esgar.

— Sim, é um dilema. O lugar mais seguro para uma coisa pode ser perigoso para outra. Mas como é que as portas mudam?

— O Roman falou numas chaves que alteram os limiares das portas.

— Então, procura saber mais sobre essas chaves — disse Keegan. — Como é que elas funcionam? Quantas existem? E se o teu Kitt tiver mais informações sobre as linhas ley... seremos capazes de desenhar o nosso próprio mapa. De sítios para nos abrigarmos na cidade, caso aconteça o pior.

Iris assentiu, mas o seu coração ficou pesado ante a perspectiva.

Só quando estava a voltar para o carro estacionado, para se juntar a Attie e Tobias, é que o sentiu.

— Parece que vamos chegar atrasadas ao trabalho — disse Attie.

— Ainda consigo levar-vos a tempo — contrapôs Tobias.

Iris parou abruptamente no meio das ervas. Sentira um ligeiro estrondo no chão através das solas das botas.

— Esperem... — Attie também sentiu e parou. — Isto é o que eu penso que é?

Iris não conseguia falar. De repente, o tempo parecia passar a correr, como se um relógio tivesse perdido uma engrenagem e agora estivesse a comer minutos a cada hora.

Mas era exatamente aquilo que Attie pensava que era.

As forças de Dacre estavam quase a chegar a Oath por via subterrânea.

*

Tinha sido um dia longo, surreal. Um dia em que, basicamente, Roman foi posto em prisão domiciliária, com Dacre, um punhado dos seus oficiais e os seus melhores soldados a percorrerem todas as divisões, invadindo todos os espaços que outrora tinham parecido seguros para Roman.

A sua máquina de escrever permanecia na mesa de guerra instalada na sala de estar recondicionada porque, aparentemente, Dacre decidira que agora lhe pertencia. Na verdade, tudo o que havia na propriedade estava agora na sua *posse*; uma tomada de posse à qual o pai de Roman não se opôs. Dacre havia, inclusivamente, confiscado os livros nas prateleiras de Roman, e entretinha-se a folheá-los.

Durante toda a manhã, foi obrigado a ver Dacre a arrancar páginas dos livros e a atirá-las para a lareira. Páginas de mitos que nunca seriam recuperadas. Páginas de que Dacre não gostava, porque a tinta revelava a sua verdadeira natureza.

Roman sentiu a cabeça a latejar. Todas aquelas páginas, perdidas nas cinzas. Os livros do seu avô, destruídos.

Dacre só fora interrompido por um carro com cortinas pretas nas janelas. Era o chanceler, que chegava em sigilo para uma reunião, tendo em conta que a presença de Dacre em Oath ainda era um segredo bem guardado. Roman foi então mandado embora da sala, para se sentar com a mãe e a avó na ala oeste da mansão. Era o mais longe possível do deus e da guerra que o pai podia colocar as mulheres.

Ao anoitecer Roman ainda não tinha conseguido arranjar maneira de recuperar a máquina de escrever. Exausto, retirou-se para o seu quarto.

Estava escuro, à exceção do luar que entrava pelas janelas. Roman olhou para a mesma janela por onde ele e Iris tinham entrado — teria sido uma vez sem exemplo? — antes de suspirar e se virar para o quarto.

Pelo canto do olho, viu uma mancha branca no chão, diante do roqueiro.

Aquilo chamou-lhe a atenção. Abafou uma exclamação de surpresa ao perceber o que era. Uma carta, de Iris. Precipitou-se para ela, com os joelhos a embaterem no chão de madeira quando pegou no papel.

— Acende o candeeiro — sussurrou, e a casa obedeceu. O candeeiro da secretária acendeu-se, banhando o quarto com uma luz dourada.

Roman desdobrou o papel com dedos trémulos.

Parecia amarrado, gasto. Tinha manchas de sujidade, mas ele estava tão aliviado que nem conseguia raciocinar. Nem pôs em causa que aquilo tivesse acontecido, mesmo que a sua máquina de escrever estivesse na sala de estar e não no seu quarto. Nem se preocupou por a carta estar tão esfarrapada; leu-a, sedento de palavras:

O mais certo é voltar quando a guerra acabar.
Quero ver-te. Quero ouvir a tua voz.

P.S. Acredita que não tenho asas.

Roman paralisou.

Conhecia aquelas palavras, intimamente. Tinha-as lido, vezes sem conta. Tinha-as levado no bolso; tinha-as carregado nas trincheiras. Iris tinha-lhe atirado aquelas palavras quando estava na enfermaria e tinha-lhes dado vida na noite de núpcias, emprestando à tinta a sua voz.

Aquela era uma carta antiga. Uma carta que ela lhe escrevera há semanas, e que ele julgara perdida.

— Como? — espantou-se, em voz alta, sentando-se nos

calcanhares. Os joelhos doeram-lhe em protesto, mas a dor transformou-se em estática quando ouviu passos; quando viu uma figura a emergir da casa de banho.

Roman olhou para o tenente Shane. De olhos arregalados. Não conseguia respirar. Agarrado à carta de Iris contra o peito como se fosse um escudo.

Shane ergueu uma pilha de papéis. Gastos, amarrotado e cheios de palavras datilografadas. Atirou as cartas para o chão; espalhando-as pelo tapete. Brancas como flores de macieira, como ossos, como a primeira neve do inverno.

A voz de Shane era surda, mas a acusação incendiou o ar.

— Eu sei que és o traidor, correspondente.

APENAS POR CONVITE

— Como assim? — perguntou Roman.

Sabia que soava obtuso, mas estava a esforçar-se para respirar; para pensar em como superar aquele confronto imprevisto, que poderia terminar com ele torturado e pendurado no portão do pai ou com uma aliança firmada com o mais improvável dos aliados.

Shane aproximou-se dele, pisoteando as cartas caídas no tapete com as botas. Roman estremeceu, mas não desviou o olhar. Não se mexeu nem se encolheu quando o tenente meteu a mão no bolso, afinal apenas para tirar outra folha de papel dobrada.

Estendeu-a a Roman, desafiando-o a aceitá-la.

Roman engoliu em seco e foi a jogo.

Aquele papel era novo, ainda estaladiço. Conseguia ver as palavras escritas a tinta, e desdobrou-o para ler:

Isto é um teste para garantir que as teclas E e R
estão em boas condições.

EREEERRRRR

E

— Achas que isto é incriminatório? — indagou Roman, apesar do gelo alojado no estômago. — Escrevo estas mensagens de vez em quando antes de começar a trabalhar, porque as teclas E e R costumam ficar presas, e eu não quero...

— Não me mintas, correspondente — disse Shane, num tom de voz ríspido. — E não me tomes por parvo. Sei que tens andado a trocar cartas através de máquinas de escrever encantadas e portas de roupeiros. Com alguém a quem chamas E., e que parece ser, na verdade, Iris *Elizabeth* Winnow. Uma repórter que defende a causa de Enva.

O som do nome de Iris estilhaçou o medo de Roman, como um machado num lago congelado. A raiva fez-lhe ferver o sangue e escaldou-lhe a pele. Se Shane tinha todas as cartas antigas, assim

como as mais recentes, então sabia de coisas que Roman preferia que não soubesse. O mais importante era que ele tinha identificado Iris, o que significava que Roman teria de jogar um jogo diferente.

Pôs de lado o seu disfarce de ignorante.

— O que queres? — inquiriu.

— Quero a tua confissão, por escrito.

— Que confissão? Que me apaixonei por alguém antes de Dacre me encontrar?

— Quero saber tudo o que escreveste à Elizabeth... não, espera, desculpa. À *Iris E. Winnow* sobre o ataque a Hawk Shire.

— Não tens provas de que fui eu que os alertei.

— Tens assim tanta certeza?

Roman ficou em silêncio, imaginando o que levaria Shane a estar tão confiante. Ele só tinha metade do quebra-cabeças. Só tinha as cartas de Iris. Tinha-lhe pedido que queimasse aquela que ele havia escrito com todas as informações sobre Hawk Shire.

Shane tirou outra carta do bolso.

Roman preparou-se enquanto o tenente lia:

— «Concordo com o que pedes, mas apenas porque pareces ter roubado as palavras da minha boca. Estás numa posição precária — muito mais do que eu — e informares-me dos movimentos e táticas de Dacre é algo que receio pedir-te, mesmo que pareça inevitável.» — Shane fez um compasso de espera, olhando para Roman com um sorriso cruel. — Isto é suficiente para refrescar a tua memória?

Um suor frio começou a escorrer pela camisa de Roman.

Tinha sido por sua culpa que Shane tinha encontrado uma carta tão incriminadora. Roman devia destruí-las depois de as ler, não deixando qualquer vestígio da correspondência entre ele e Iris. Tinha tentado — *pelos deuses*, como tinha tentado. Acendera um fósforo e encostara-o à borda de uma das cartas, mas não conseguira vê-la pegar fogo. Por isso, tinha-as escondido debaixo de uma tábua solta no soalho.

— Tu, correspondente — começou Shane, abanando a cabeça —, és admiravelmente ousado, mas extremamente tolo. Devias ter destruído as cartas dela, como ela te recomendou.

— Se eu escrever a confissão — disse Roman, vencido —, entregas-me a Dacre?

Shane ficou em silêncio, como se estivesse a pesar as suas opções. Naquele silêncio, a noite parecia inclinar-se novamente para o equilíbrio, por razões que Roman não compreendia muito bem. Mas aguardou, com as cartas de Iris ainda nas mãos.

— Não — respondeu Shane. — A não ser que faças algo que o justifique.

— Como por exemplo?

— Trair-me primeiro.

— E porque haveria eu de te trair, tenente?

Shane meteu a mão no bolso uma terceira vez. Tirou outra carta, desta feita uma que Roman não conhecia. Estava dentro de um envelope lacrado. Não tinha nenhum nome rabiscado na parte da frente e era leve como uma pena. Roman aceitou-o com relutância.

— Amanhã de manhã, o chanceler vai anunciar uma conferência de imprensa improvisada — informou Shane, em voz baixa. — Vai ter lugar no Green Quarter, um pequeno pátio no Promontory Building. Será apenas por convite, e será nessa ocasião que o chanceler tenciona dar o palco a Dacre, para lhe permitir fazer um apelo às pessoas mais influentes de Oath. Para ver se é possível evitar derramamentos de sangue nos seus planos para tomar a cidade. Dacre vai pedir-te que o acompanhes, pois és o seu correspondente. *Antes* de ele subir ao palco, preciso que entregues esta mensagem a alguém muito importante.

— Que mensagem é? — perguntou Roman.

— Isso não é da tua conta — ripostou Shane. — Mas tens de ser rápido e agir sem que Dacre ou os outros oficiais se apercebam. Haverá um homem com uma anémona vermelha presa à lapela no meio da multidão. Este envelope tem de lhe ser entregue em mãos. Depois de o fazeres... sai imediatamente do pátio.

— Porquê?

— Confia em mim. Não vais querer estar presente. — Roman ficou em silêncio. Não confiava em Shane, mas o aviso ficou a pairar no ar como fumaça. — Aceitas fazer isso? — perguntou o tenente, impaciente. — Ou devo mostrar as cartas de Iris a Dacre, agora?

Roman examinou o envelope que tinha na mão. Não sabia o que pensar desta situação; podia estar a entregar uma mensagem muito pior do que as que tinha estado a datilografar para Dacre. Mas depois de tantas semanas a viver no medo e na ignorância, a verdade estava a vir à tona. Shane era tão fiel a Dacre como Roman. E Roman não era o traidor; Shane, sim, se tivesse subido na hierarquia com o único objetivo de trair o deus que dizia servir.

O que será que ele quer?, perguntou Roman, e só então percebeu que Shane poderia estar envolvido com o Cemitério.

— Eu faço isso — assentiu Roman. — Mas quero que me devolvas as cartas da Iris.

— Podes ficar com as cartas que estão no chão.

As cartas antigas. As que ela escreveu antes de serem separados. Aquelas que Shane não podia usar contra ele.

— Onde as encontraste? — não resistiu a perguntar.

— Na pensão, depois de tomarmos Avalon Bluff. Estava a limpar o espaço para a chegada de Dacre e encontrei-as num quarto do andar de cima. Li-as e achei que eram... bastante comoventes, na verdade.

Por isso, decidi guardá-las para quando fosse preciso.

Roman não sabia dizer se Shane estava a ser sincero ou a gozar com ele.

No final de contas, não importava muito. Ambos tinham algo a esconder um do outro, e Roman precisava de se adaptar. Tinha de aprender os passos desta valsa nova.

— A minha máquina de escrever — disse, levantando-se lentamente. Os seus pés latejavam com um formigueiro. — Preciso dela para escrever a confissão.

— Podes escrever com uma caneta — disse Shane. — Se fosse a ti, não tocava no assunto da máquina de escrever. Ele está a ficar cada vez mais desconfiado. Não o faças duvidar de ti. Não lhe dês motivos para voltar a fazer tábua rasa da tua memória.

Roman não teve como responder. Caminhou até à sua secretária, um movimento repetido centenas de vezes, mas que desta vez lhe parecia diferente. Com mãos gastas pelo tempo, retirou uma folha de papel e uma caneta de tinta permanente da gaveta.

O coração batia mais forte. A preocupação e a repugnância corriam-lhe nas veias, deixando-lhe a boca seca.

Em breve, tinha prometido a Iris. Em breve, tudo aquilo estaria acabado, e ele levá-la-ia aos sítios a que ela ansiava ir, como se a vida nunca tivesse sido interrompida.

Em breve.

Aquela promessa começava a parecer frágil, inatingível. Um navio que navegava cada vez mais para o mar aberto.

Roman escreveu a sua confissão.

Silencioso e taciturno, entregou-a a Shane.

*

Iris olhava para a máquina de escrever através do fumo do cigarro. Eram 9h30 e ela estava no *Inkridden Tribune*, a tentar escrever o próximo artigo.

Mas as palavras não saíam.

Estava a pensar no facto de ainda não ter tido notícias de Roman quando Helena se aproximou da sua secretária.

— A Attie já se foi embora? — perguntou Helena, reparando que a cadeira da colega estava vazia.

— Ela foi encontrar-se com um antigo professor — respondeu Iris. — Mas volta antes do almoço. Porquê? Precisa de alguma coisa?

— Não — disse Helena. Tinha um cigarro apagado na boca, mas os seus olhos pareciam mais brilhantes, como se tivesse finalmente descansado um pouco. — Chegou uma carta para ti no correio de hoje.

Iris aceitou-a, surpreendida por envelope parecer veludo, ao tato.

O seu nome estava escrito a negrito e no verso havia lacre roxo, com o selo da cidade.

— O que é isto? — perguntou ela, hesitante.

— Não tenho a certeza — disse Helena. — Mas gostava de ver com os meus próprios olhos, já que foi entregue na redação.

Iris abriu-o, estremecendo quando a borda do envelope lhe cortou a ponta do dedo. Retirou um pedaço de papel com as bordas recortadas e leu:

Miss Iris Winnow,

Está, por este meio, convidada pelo próprio chanceler para uma conferência de imprensa, que terá lugar hoje, às 17h30, no Green Quarter, situado no prestigiado Promontory Building. Sendo este um convite exclusivo, serve também como passe de entrada. Solicitamos que se vista a rigor, pois motivos de festa não faltarão. Como sempre, agradeço o seu empenho em prol do bem desta cidade e por ser uma das mentes líderes e inovadoras de Oath.

Com os melhores cumprimentos,

Edward L. Verlice

Chanceler Cinquenta e Três do Distrito
Oriental e Protetor de Oath

Iris entregou o convite a Helena, que fez uma careta depois de o ler.

— Queres ir, miúda? — perguntou.

— Não devia? — Iris pressionou o dedo cortado pelo papel. — Parece-me importante, embora não saiba porque me convidaram logo a *mim*.

— Porque estás a escrever sobre a guerra. E isto — Helena bateu no convite —, muito provavelmente terá algo a ver com a aproximação iminente de Dacre.

Iris mordeu o lábio e releu a carta do chanceler. Mas depois lembrou-se de outra série de palavras que lhe tinham sido escritas. Palavras que ela ainda remoía quando tinha um momento calmo e sombrio.

Pense na minha oferta. Saberá quando deve dar-me a sua resposta.

Seria este o momento em que ela daria a resposta a Dacre?

— Iris? — chamou Helena.

— Eu vou — respondeu. — Mas não tenho nada para vestir.

— Então, tira o resto do dia para te preparares. — Helena começou a afastar-se, mas depois voltou para trás, tirando o cigarro da boca. —

Mas tem cuidado, Iris. A conferência de imprensa é às 17h30. Está quase a escurecer e, nos dias que correm, é uma hora vulnerável. Não te esqueças do recolher obrigatório, e liga-me para o *Tribune* se precisares de alguma coisa.

Iris acenou com a cabeça, enquanto Helena regressava ao seu gabinete.

Desligou o candeeiro da secretária e pegou no convite, ignorando os olhares inquisitivos dos outros editores e assistentes.

Está na altura, pensou ela com um arrepio.

Estava pronta para dar a sua resposta a Dacre.

PRATEADO NO VERDE

Roman seguiu com Dacre e dois oficiais num veículo até ao Promontory. As janelas traseiras tinham cortinas de veludo escuro que tapavam a luz e todas as vistas da cidade. Por mais tentado que estivesse a abrir as cortinas e ver Oath a passar lá fora, Roman não se atreveu a mexer-se. A carta que Shane lhe dera estava enfiada no bolso interior do casaco do fato e, de cada vez que Dacre olhava para ele, Roman sentia o seu coração vacilar.

Em tempos, acreditara que Dacre conseguia ler mentes. Desde então, tinha aprendido que isso não era verdade, mas não invalidava o facto de Dacre ter capacidades extraordinárias quando se tratava de interpretar pessoas.

Felizmente, a viagem pelo centro da cidade foi tranquila. Mas havia um frio perceptível no ar, como se indícios do reino subterrâneo se agarrassem às finas vestes de dourado, vermelho e preto de Dacre.

Algo ia acontecer naquela noite. Algo que partiria o mundo em dois.

Roman exalou. Quase podia ver a sua respiração.

Chegaram ao Promontory, um edifício antigo que tinha sido um castelo numa época diferente. Fora remodelado e redesenhado ao longo da última década, até se transformar numa estrutura que parecia presa entre a nostalgia e a modernidade. Um edifício que parecia não saber ao certo qual era o seu lugar.

Roman desceu silenciosamente do automóvel e caminhou na sombra de Dacre enquanto entravam por uma porta privada nas traseiras do edifício. Ninguém deveria saber que Dacre estava na cidade, e que iria falar com as maiores e mais influentes figuras da sociedade de Oath logo a seguir ao chanceler. Os seus oficiais, entre eles o capitão Landis, caminhavam logo atrás. Quatro dos soldados de elite de Dacre fechavam a comitiva, dois fardados e dois vestidos com casacos e calças pretos, camisas brancas engomadas e botões de punho. Shane, claro, não estava entre eles; permanecera na mansão. Enquanto Dacre era conduzido a uma divisão para descansar antes do

evento, Roman fez um rápido inventário.

O espaço era amplo, com uma só porta e sem janelas. As chamas crepitavam na lareira e uma tapeçaria enorme estava pendurada na parede. Havia uma mesa com bebidas, mas ninguém tocou no vinho, na fruta ou no queijo. Apenas os homens de confiança de Dacre estavam presentes, mas nenhum deles estava à vontade, exceto o próprio deus, sentado à lareira.

Roman ficou desajeitadamente de lado, tentando dar o menos nas vistas possível. Mas as suas mãos estavam a tremer com o nervosismo. Precisava de sair daquela sala. Precisava de estar no pátio, para entregar a mensagem, mas quando se dirigiu para a porta, Dacre viu-o.

— Chega aqui, Roman — disse, convidando-o a aproximar-se. — Senta-te. — Embora fosse a última coisa que Roman queria fazer, obedeceu e sentou-se numa cadeira de couro de espaldar alto ao seu lado. — O que achas desta noite? — inquiriu o deus, enquanto estudava o seu rosto.

— Acho que vai ser uma noite importante, senhor. Um ponto de viragem para nós.

— Achas que serei capaz de os convencer a juntarem-se a mim?

Roman hesitou. Aquelas eram as pessoas que o chanceler pensava serem as mais poderosas na sociedade. Mas o problema com essa noção era que havia muito mais em Oath do que os residentes nobres, ricos e influentes. Havia a classe trabalhadora e a classe média. Os artistas, os escritores, os professores e os sonhadores. Os pedreiros, canalizadores, alfaiates, padeiros e trabalhadores da construção civil. Pessoas feitas de ténpera, de ímpeto e de coragem, que davam vida e movimento à cidade. Alguns talvez apoiassem Dacre, mas Roman sabia que a maioria das pessoas que se tinham voluntariado para lutar por Enva vinham de classes sociais que conseguiam ver o mundo como ele realmente era. Que conseguiam ver a injustiça e que estavam dispostas a tomar uma posição contra ela.

O desejo de Dacre de rendição — de uma tomada de poder «pacífica» — não seria possível sem o seu apoio. Oath dividir-se-ia inevitavelmente em duas facções.

— Espero que sim, senhor — respondeu Roman.

— Não me chegaste a relatar o teu encontro com a Iris E. Winnow — disse Dacre, mudando de assunto tão rapidamente que a postura de Roman ficou rígida. — Como correu?

— Correu bem, senhor.

— Achas que ela está recetiva?

— Talvez. Com ela, nunca se sabe.

— Porquê?

— Ela é muito teimosa, senhor. — Dacre riu-se, como se aquela

ideia lhe agradasse. Isso fez gelar o sangue de Roman, que desejou não ter dito tal coisa. Mas não se conteve e perguntou — Quando espera ter uma resposta dela?

Dacre ficou em silêncio, a contemplar as chamas.

— Em breve.

A porta abriu-se de repente e o chanceler Verlice entrou na sala.

Roman imitou Dacre o pôs-se em pé, afastando-se quando o chanceler estendeu a mão ao deus. Os dois líderes depressa ficaram concentrados um no outro, conferenciando em voz baixa. Mas o ar estava carregado de antecipação, à medida que o relógio se aproximava das 17h30. O evento estava prestes a começar.

Quando Roman viu os dois soldados vestidos para o evento a transporem a única porta, seguiu no seu encalço.

*

O Green Quarter era um pátio interior no centro do Promontory, que outrora havia sido o ponto de encontro da vida medieval. Mas o único vestígio do passado era a forja, situada à direita e que, entretanto, fora convertida num café com esplanada. Estava tão diferente do aspeto original que Roman nunca teria adivinhado que outrora ali se fabricavam armas, não fora o facto de a bigorna de ferreiro ter sido preservada.

Observou à margem do pátio enquanto os empregados ofereciam *flûtes* de champanhe e tabuleiros carregados com pequenas iguarias à multidão que se juntava. As velas nos lustres ardiam contra o crepúsculo que se aproximava. Em breve, cairia a noite, e as estrelas e a lua cheia brilhariam no céu. Como seria com o recolher obrigatório, refletiu Roman, tentando descobrir a pessoa com a anémoma vermelha. Todos os convidados ficariam retidos aqui ou teriam de se arriscar a regressar a casa por ruas escusas.

No bolso, o envelope pesava-lhe como uma pedra. Obrigou-se a misturar-se com a multidão, pisando quadrados ora de relva ora de pedra do piso em xadrez. As palavras de Shane continuavam a ecoar dentro de si: *Haverá um homem com uma anémoma vermelha presa à lapela no meio da multidão. Este envelope tem de lhe ser entregue em mãos. Depois de o fazeres... sai imediatamente do pátio.*

Roman esbarrou em alguém e rapidamente pediu desculpa. O suor começou a escorrer-lhe pelo rosto, à medida que o seu desespero aumentava. Ouvia um sibilo a pontuar o fim de cada respiração, a tosse a formar-se. Aceitou uma *flûte* de champanhe e bebeu o líquido borbulhante que escorreu por ele como fogo.

Reconhecia alguns dos convidados. A maioria indivíduos mais velhos, vindos de famílias ricas e nobres. Eram pessoas de quem o seu pai tinha tentado desesperadamente obter aprovação, e isso fez com

que Roman sentisse aranhas a rastejar pela sua pele, enquanto continuava a abrir caminho por entre a multidão. Lembrou-se de ter em atenção os dois soldados de Dacre, que também se faziam passar por convidados, com as suas roupas finas. Se vissem Roman a entregar uma mensagem, saberiam que ele era um traidor.

Roman suspirou e parou novamente num dos lados do pátio. Procurou os dois soldados disfarçados, e foi dar com o mais alto e mais bonito a falar com uma mulher com um vestido prateado.

O soldado desviou-se, dando a Roman a possibilidade de ver o rosto da mulher.

Era Iris.

Ficou paralisado a olhar para ela, a observar cada detalhe. Os lábios vermelhos, o vestido que brilhava quando ela respirava, o aspeto da sua pele à luz das velas. Tinha o cabelo mais curto; estava frisado num bob ondulado, com as pontas a roçarem os ombros nus.

Sentiu uma pontada quando ela esboçou um sorriso ao soldado. Estava educadamente a ouvi-lo falar, mas desviou-se quando o soldado tentou aproximar-se dela.

Roman deu dois passos e depois parou. Não podia chegar perto deles. Não podia ir até junto dela e passar-lhe a mão pela cintura, como desejava. Não podia entrelaçar os seus dedos nos dela e sussurrar-lhe palavras ao ouvido que a fizessem sorrir e depois corar. Não podia reconhecê-la como sua mulher. Não agora, e talvez nunca, se os planos de Dacre se concretizassem esta noite.

No entanto, ficava com um nó no estômago sempre que olhava para ela.

Olha para mim, Iris.

Olha para mim.

O soldado continuava a falar, mas a atenção de Iris desviou-se para o palco montado na frente do pátio. Todos os presentes dirigiram para lá os olhares quando o chanceler começou a falar, a sua voz imponente no ar noturno. Todos menos Roman, que não conseguia desviar os olhos de Iris.

Um suspiro.

Dois.

Três.

Sentiu a sua compostura a ceder.

Não ouviu o que o chanceler disse — as suas palavras fundiam-se umas nas outras — mas Roman desviou por fim a sua atenção de Iris quando o ambiente ficou frio e silencioso. Quando uma salva de palmas abafou alguns arquejos alarmados, e Roman viu que Dacre já tinha subido ao palco.

Roman tinha falhado a entrega.

Não cumprira a ordem de Shane, e demorou mais um minuto até

abarcara a verdade da sua situação atual.

Sai imediatamente do pátio.

Roman tinha de saber porquê. Precisava de saber o que estava iminente, porque Iris estava ali, com o rosto corado e os lábios entreabertos enquanto ouvia Dacre e as suas palavras melífluas.

O ar tremeu-lhe quando Roman tirou o envelope do bolso interior. Ninguém à sua volta reparou. Estavam todos fascinados ou horrorizados com a visão de Dacre no pátio. Um deus aqui em Oath, à vista de todos.

Roman quebrou o selo e tirou um pequeno pedaço de papel.

Uma explosão só não chega. Tens de cortar a cabeça.

As palavras nadaram diante de si quando as leu uma segunda vez. E uma terceira. Voltou a meter o papel no envelope e guardou-o calmamente no bolso. Mas o seu olhar atravessou a multidão. Reencontrou Iris, como se ela fosse a única no pátio. Um raio de luz no meio das sombras crescentes.

Caminhou na direção dela, afastando as pessoas do caminho. Não se importava se fizesse uma cena. Não se importava se Dacre o visse a caminhar para ela. Para Iris *E. Winnow*, uma mulher que, supostamente, seria uma mera conhecida de Roman.

Algo terrível estava prestes a acontecer, e nem Roman nem Iris estariam ali para testemunhar. Pegaria na sua mão e fugiria com ela, para longe daquele lugar. Daquela cidade, daquela guerra. Já lhes tinha causado danos suficientes, e ele simplesmente *não se importava...*

Alguém lhe prendeu o braço, num aperto de ferro, travando a sua marcha.

— Vem comigo — disse-lhe uma voz desconhecida ao ouvido. — Não faças ondas.

Roman engoliu em seco, com os olhos postos em Iris.

— Não vou a lado nenhum. — Mas sentiu o toque de um revólver nas costelas, e os seus ombros curvaram-se em submissão.

— Vais, sim — disse o homem. — *Agora.*

Roman deixou-se levar por entre a multidão, com uma arma discretamente encostada ao flanco. Quando entraram nos corredores vazios do Promontory, afastou-se e virou-se para trás, encarando a pessoa que se interpusera entre ele e Iris.

Para seu choque, Roman reconheceu-o.

Mesmo com um belo fato e cartola, o associado do pai não conseguia disfarçar totalmente os seus trejeitos rudes. *Bruce*, como a mãe lhe tinha chamado, quando lhe elogiou a capacidade de manter a família segura.

— O que estás a fazer aqui? — perguntou Roman, de forma concisa.

Bruce mantinha a arma apontada, mas Roman sentiu que era apenas para o obrigar a obedecer. Aquele homem não tinha qualquer intenção de matar o filho do patrão.

— Digo-te a caminho de casa. — Bruce voltou a segurá-lo pelo braço, torcendo-o e forçando Roman a dar um passo em frente. — O teu pai quer-te em casa. E este sítio não é seguro.

— Não estás a perceber. — Roman cravou os calcanhares no chão. Os seus sapatos rangeram quando deslizou sobre o mármore polido. — Preciso de voltar para o pátio.

— Vais agradecer-me mais tarde.

— A minha *mulher*! — Roman sibilou. — A minha mulher está naquela multidão!

Aquela revelação fez Bruce hesitar. Mas o que quer que planeasse fazer — quer fosse voltar para ir buscar Iris ou continuar a empurrá-lo — Roman nunca saberia.

Um clarão surgiu de repente nas janelas, seguido de um estrondo que Roman sentiu no peito como se o seu coração se tivesse soltado.

A explosão atirou-o ao chão.

PARTE QUATRO

UM CRESCENDO PARA SONHOS

VIR À TONA RESPIRAR

Atordado, Roman deixou que Bruce o ajudasse a levantar. O fumo entrava pelas janelas estilhaçadas. Os vidros brilhavam como constelações no chão.

— Levanta-te e *anda* — ordenou Bruce, arrastando Roman pelo corredor, cada vez mais longe dos gritos que vinham do pátio.

Roman tossiu, atordado.

— Iris — sussurrou, lembrando-se do vermelho da sua boca, do prateado do seu vestido. A forma como se destacava no meio da multidão. Roman lutou para se libertar, olhando por cima do ombro. O fumo e os gritos continuavam a entrelaçar-se. Soaram tiros. Sentiu o coração preso na garganta. — *Iris!*

Foi a última coisa que disse antes de a coronha do revólver de Bruce lhe acertar em cheio na têmpora. Roman viu estrelas a deslizarem para o centro do seu campo de visão. Mas Iris floriu na sua mente, com a sua mão pálida estendida para ele.

Viu-a dissolver-se em névoa, quando tudo começou a ficar muito escuro.

*

Quando acordou, estava esparramado no banco de trás de um veículo a descrever uma curva apertada, com os pneus a guinchar sobre as pedras da calçada. Roman escorregou pelo banco de couro e vomitou, em cima de si próprio e no chão do carro.

O mundo parecia ter-se virado do avesso.

Engasgou-se e vomitou novamente, começando a ficar com a visão turva. Ou talvez fossem apenas os candeeiros de rua, que piscavam à medida que passando por eles, com as suas auras douradas a esbater-se através da janela.

O carro fez outra curva acentuada. Roman tentou agarrar-se. Sentia o vômito a manchar-lhe a camisa.

— Estamos quase a chegar — disse uma voz áspera.

Bruce.

Roman espreitou, com a cabeça a latejar. Algo estava a fazer-lhe cócegas na cara. Quando estendeu a mão para tocar na têmpora, as pontas dos dedos ficaram pegajosas de sangue.

— Última curva — anunciou Bruce. — Tenta não vomitar as tripas desta vez.

O veículo deu um solavanco.

Roman fechou os olhos, sentindo um gosto ácido na boca. Pôs-se a contar os segundos que passavam. Mas, por fim, o carro parou com uma derrapagem.

Estava ofegante, ainda esparramado no banco, até que Bruce abriu a porta.

— Levanta-te. Não há tempo a perder — disse.

— Onde estamos? — grunhiu Roman.

Bruce não respondeu. Agarrou nele e arrastou-o para fora do carro.

Estava escuro, era aquela hora logo após o pôr do sol, quando apenas um vestígio de luz cor-de-rosa se via a desaparecer no horizonte ocidental. Mas a lua estava cheia, e as estrelas fervilhavam num céu noturno límpido. Roman reconheceu rapidamente onde estavam: Derby Road, o caminho pedonal entre os números 1345 e 1347.

— O que aconteceu? — perguntou ao avistar a cerca. — Qual é o teu papel nisto?

— Vais ter de perguntar isso ao teu pai — disse Bruce, junto ao carvalho e ao buraco na cerca, enterrado entre as silvas. — Despachate.

Roman sibilou entre dentes, irritado com a falta de respostas. Com o facto de não ser suficientemente forte para se libertar daquele homem e regressar ao Promontory para resgatar Iris.

Enquanto avançava por entre as silvas, sentindo os espinhos puxarem-lhe o cabelo e o casaco do fato, perguntou:

— O plano era matar toda a gente no pátio?

— Já disse para guardares as perguntas para o teu pai — grunhiu Bruce, empurrando Roman para ir mais depressa, como se corressem o risco de o feitiço se quebrar à meia-noite e eles ficassem transformados em pedra. — Mas como a tua mulher estava lá, posso dizer-te isto... não. Só ele.

Ele era Dacre.

Roman não conseguia esconder os tremores. As suas mãos estavam geladas, mas o seu peito estava a arder. Sentiu-se apanhado numa estranha mistura de alívio e choque, indignação e esperança, e arrancou uma silva do cabelo quando emergiu do outro lado.

Fez uma pausa, com a respiração ofegante. Bruce deve ter sentido que ele precisava de parar, porque deixou de o incitar a continuar.

— Uma bomba não chega para o matar — disse Roman,

lembrando-se da mensagem que ainda tinha no bolso do casaco. Bruce franziu o sobrolho.

— O que queres dizer com isso? Estava mesmo por baixo do palco.

Roman estremeceu ao imaginar toda aquela madeira a estilhaçar com a explosão, a voar por entre a multidão, empalando pessoas inocentes. Engoliu em seco com força e disse:

— É preciso mais do que isso para matar um deus.

— Só espero que estejas errado. Porque se estiveres certo... — Bruce não terminou o pensamento.

Nem mesmo Roman sabia como completar aquela frase.

Correram pelas traseiras da propriedade, que até agora parecia um mundo diferente. Um mundo muito distante de Oath e da guerra. Mas antes que a mansão ficasse à vista, Bruce parou à sombra de um espinheiro.

— Não posso ir mais além sem ser detetado pelos soldados — explicou. — Vai ter com o teu pai.

— Fazes parte do Cemitério? — Bruce não respondeu à pergunta. Roman interpretou aquilo como uma confirmação. — Vais voltar para a ir buscar? — perguntou logo a seguir, sem conseguir esconder o tremor da sua voz. — Vais voltar para ir buscar a minha mulher?

— Não te preocupes com a Miss Winnow. Ela é uma rapariga esperta.

— Isso quer dizer que vais fazer o que te peço? Eu... — Roman calou-se, estreitando os olhos. — Eu nunca te disse que o apelido dela era Winnow. Como é que sabes? — Mais uma vez, Bruce ficou em silêncio, mas manteve os olhos fixos em Roman com a mandíbula cerrada. As peças começaram a encaixar. Roman aproximou-se mais, usando a sua altura para se sobrepor a Bruce. — Já a tinhas visto. Quando?

— Não há tempo para isso.

— *Quando?*

— Antes de ela partir para a frente de batalha, há algumas semanas. O teu pai pediu-me para lhe entregar uma mensagem. Não percas a cabeça. Não é a altura certa para...

— Qual era a mensagem? — A voz de Roman era fria e neutra.

— Era dinheiro.

— Dinheiro?

— O suficiente para ela viver confortavelmente se anulasse o vosso casamento. Coisa que parece que não fez. Agora, sai da minha frente e faz o que te disse antes que o caos se instale.

A mão de Roman fechou-se num punho.

Mas tinha obtido as respostas que queria. Virou costas e afastou-se.

Ainda tinha o sangue a ferver quando se aproximou da porta das traseiras da mansão.

Reparou em duas coisas através da névoa da sua raiva: havia uma enorme pilha de caixotes por baixo do pavilhão, com letras garridas onde se podia ler «Cuidado», e os soldados de Dacre estavam a patrulhar o quintal como se já não tivessem medo de serem vistos pelos vizinhos. Roman passou pelo meio deles e apercebeu-se de que tinha mais poder do que julgava. Gritaram-lhe que parasse, que levantasse as mãos, mas não fizeram *nada* quando ele se recusou a obedecer. Agiu como se eles não existissem ao entrar pela porta das traseiras da sua casa.

Os seus sapatos ecoaram no chão polido. Dirigiu-se ao escritório do pai, afogado nos seus pensamentos.

Não tinha sido capaz de chegar até Iris. Não tinha sido capaz de a proteger quando ela mais precisava dele — do seu pai ou de Dacre. Roman não sabia se ela estava viva, se estava ferida, se estava morta.

Ela está bem, disse a si mesmo, apesar de ranger os dentes. *Eu saberia se ela estivesse morta.*

A porta do escritório do pai estava entreaberta. Roman abriu-a com um pontapé, assustando Mr. Kitt, que andava de um lado para o outro com um charuto na mão.

— Fecha a porta — disse o pai, num tom urgente. Os seus olhos azuis arregalaram-se quando viu o estado em que Roman estava. O vômito, o gotejar de sangue. Os arranhões das silvas. — O que aconteceu?

Roman encarou o pai sem dizer uma palavra. Sentia-se feito de pedra, desgastado por anos de culpa, medo e desejos que nunca poderia perseguir. Mas estava farto de ser governado por tais coisas. As últimas semanas tinham-no lascado e rachado; ele tinha saído daquela casca, cortado velhas amarras, e agora olhava fixamente para o pai até este se submeter, apagando o charuto na secretária.

— Porque é que há caixotes empilhados por baixo do pavilhão? — perguntou Roman num tom cortante. — Não me diga que é mais daquele maldito gás que encomendou ao professor de química.

Mr. Kitt pestanejou, surpreendido pela brusquidão de Roman. Mas recuperou rapidamente, aproximando-se para sussurrar.

— Na verdade, não. Mas já está tudo resolvido?

— Do que está a falar, pai?

Mr. Kitt olhou por cima de Roman, para a porta que ainda estava aberta. Era a primeira vez que Roman via o pai assustado. Num tom ainda mais baixo, perguntou:

— Ele está *morto*?

Roman desconfiava que o pai estivesse a jogar pelos dois lados do campo — por Dacre e pelo Cemitério. Claro que sim, porque só lhe

interessava ficar do lado dos vencedores, fosse qual fosse o resultado. Mas agora Roman tinha a certeza.

Mr. Kitt estava demasiado envolvido. Não sabia nada sobre deuses do mundo inferior, nada sobre a vida na frente de batalha ou sobre as feridas infligidas pelas garras da guerra. E os elementos do Cemitério, apesar do seu fervor, pareciam altamente desorganizados e desordenados. Tinham falhado uma tentativa de assassinato, e agora toda a cidade iria pagar por isso.

— Não sei — respondeu Roman.

— Como assim, não sabes? A bomba explodiu ou não?

— Explodiu, mas o seu homem arrastou-me para aqui antes que eu pudesse ver mais.

Mr. Kitt começou a andar de um lado para o outro. Mas parecia confiante, como se o facto de saber que a explosão tinha ocorrido significasse que podia passar à fase seguinte.

— Nós devíamos...

Foi interrompido por uma corrente de ar frio. As paredes tremeram. O lustre tilintou. A madeira do soalho gemeu sob um par de pés pesados.

Roman conhecia aquele som, aquela *sensação*. Viu o pai paralisar assim que também ele o reconheceu. Ouviram, horrorizados, a porta da sala de estar a bater.

— Esconde-te atrás da secretária — sussurrou o Mr. Kitt, agarrando-o por um braço com um aperto doloroso. — Não saias de lá até eu dizer.

Roman soltou-se, mas o pavor do pai era contagiante. Consequia senti-lo no fundo da garganta.

— Não me posso esconder aqui. É demasiado tarde para isso.

— Faz o que te digo, filho. Não te vou perder por causa disto. — Mr. Kitt saiu do escritório, fechando as portas e deixando Roman para trás, naquela sala opressiva e cheia de fumo. Teve de respirar pela boca, mas não se mexeu. Ficou parado no centro da sala, a ouvir...

— Senhor! — exclamou o pai. — O que aconteceu?

Uma pausa constrangedora. Mas quando Dacre se pronunciou finalmente, a casa pareceu ampliar-lhe a voz.

— Quero todos os meus oficiais e soldados que ficaram para trás alinhados no salão. Agora.

Roman ouviu o súbito ruído de botas a marchar, que indiciava que a ordem de Dacre estava a ser cumprida. Um desses oficiais seria o tenente Shane, que segurava a confissão de Roman como uma granada. O tenente Shane, que sem dúvida acreditava ter sido traído, já que a cabeça de Dacre ainda estava presa ao corpo.

Roman cerrou os dentes, transido de medo. Correu para a secretária do pai, abafando a tosse, e acendeu um fósforo.

Rapidamente tirou a carta incriminatória do bolso e segurou-a pelo canto, enquanto lhe chegava o fogo.

Viu o papel enrolar-se em fumo antes de deixar cair o resto no tapete, apagando as chamas famintas. Ainda lhe doía a cabeça, mas teve tempo para colocar o fósforo enegrecido no cinzeiro, alinhado com todos os outros que o pai tinha usado.

Só então deixou o escritório e entrou no salão.

Respira, lenta e profundamente.

Os soldados e oficiais estavam alinhados e em sentido. Olhavam em frente, mesmo enquanto Dacre caminhava diante deles, com os seus olhos a examinarem cada um dos seus rostos enquanto passava revista.

Roman estancou. Só conseguia ver as costas de Dacre, mas as roupas do deus estavam rasgadas e ensanguentadas e os longos cabelos loiros estavam emaranhados.

— Fui traído por um de vocês — disse Dacre. A sua voz era suave, densa, como óleo na água. — Esta é a vossa oportunidade de se chegarem à frente e confessarem.

Ninguém se mexeu ou falou.

Roman viu o tenente Shane na formatura. A julgar pela aparência, Shane era perfeito. O semblante fechado, a farda imaculada, como se tivesse muito orgulho nela. Não tremia de medo nem respirava de forma entrecortada. Parecia impassível, como se a ideia de trair o seu senhor nunca lhe tivesse passado pela cabeça.

— Tu — disse Dacre, apontando para um dos soldados. — Dá um passo à frente e ajoelha-te. O soldado obedeceu. — Estende o braço direito. — Mais uma vez, o soldado fez o que Dacre ordenou, embora Roman visse a mão do homem a tremer. — Parto-te o braço, a menos que confesses ou denuncies os nomes dos teus camaradas que me traíram — ameaçou Dacre, agarrando no antebraço do soldado.

— M-meu comandante — gaguejou o homem. — Não sei de nada. Sou-vos fiel.

— Vou dar-te mais uma oportunidade para responderes. Confessa, ou dá-me um nome.

O soldado permaneceu em silêncio, mas a urina corria-lhe pela parte da frente das calças.

Roman já tinha visto o suficiente. Estava cheio de uma fúria silenciosa, e farto de se vergar a um deus que medrava com o medo e a subserviência dos mortais. Que se deleitava em feri-los e curá-los pela metade, quando isso lhe convinha.

Roman avançou pelo salão e levou a mão ao bolso. Acariciou as bordas do pequeno livro de Iris, que trazia consigo desde que ela o deixara no seu quarto.

— Comandante? — chamou.

Dacre levantou a cabeça. Os seus olhos brilharam ao ver a aparência de Roman, e este ficou subitamente grato pelo vômito e pelo sangue nas suas roupas. Pela sujidade, as rugas e os arbustos. Mas também ficou chocado ao ver que Dacre tinha escapado ileso. O sangue que manchava as suas vestes não era dele, pois não havia um único arranhão no seu rosto ou nas suas mãos.

— Roman — disse Dacre, soltando o braço do soldado. — Pensei que tinhas morrido.

— Não, senhor. — Roman passou por Shane. Sentiu o olhar frio do tenente, fugaz, mas arrepiante, quando parou diante de Dacre.

— Porque estás aqui? — perguntou o deus. — Como é que conseguiste sobreviver?

— Eu estava do lado de fora do pátio. Quando se deu a explosão... fiquei sem saber o que fazer, por isso vim para casa, ciente de que o encontraria aqui, senhor.

Dacre ficou em silêncio, enquanto refletia na resposta de Roman.

Naquele momento tenso de antecipação da resposta de Dacre, Roman percebeu que os outros oficiais — incluindo o capitão Landis — e soldados que estavam com ele no Green Quarter teriam morrido na explosão. Era o sangue deles que estava no rosto e nas roupas do deus. E um desses homens estava ao lado de Iris.

Roman sentiu uma dor lancinante. A angústia começou a devorar-lhe os ossos, fazendo-o tremer com o peso. Quase se curvou. Quase se derreteu no chão.

Sê firme.

Repetiu aquelas palavras, uma estrutura sobre a qual apoiar a sua mente e o seu corpo, e mordeu o interior da bochecha. Entrelaçou os dedos atrás das costas. Mas havia um grito a crescer no seu peito, a rasgar-lhe os pulmões.

Eu saberia se ela estivesse morta.

— Estende o teu braço direito, Roman — disse Dacre.

Se aquilo era um teste, Roman não podia dar-se ao luxo de falhar. E se não fosse, Roman saberia verdadeiramente o que era sofrer às mãos de um deus.

Estendeu o braço sem hesitar. Mas a sua mente era uma corrente escura e profunda, que rodopiava sem parar. *Vais arrepender-te de me teres partido os ossos. Vais arrepender-te de teres afastado Iris do meu pensamento. Vais libertar algo da minha medula que desejarás nunca ter despertado.*

Dacre segurou no braço de Roman. Puxou-o para mais perto, até que as suas respirações se misturaram.

— Sabes quem me traiu? — perguntou Dacre.

— Não, senhor. — O aperto de Dacre tornou-se mais forte. Roman sentiu a sua mão começar a formigar; viu o pai pelo canto do olho, a

aproximar-se, a cara num esgar de horror. — Não tenho um nome — disse, desta vez num tom mais confiante. — E não acredito que haja aqui um traidor.

— Convince-me do teu raciocínio.

— Nós temos estado consigo, senhor. Servimo-lo nas profundezas e à superfície. Conhecemos a sua verdadeira natureza, o seu poder, a sua magia. Se um de nós tentasse matá-lo, crê que seríamos suficientemente ingênuos para usar uma bomba?

Dacre soltou-lhe o braço. Mas passou a mão pelo cabelo encaracolado, num gesto tão humano que Roman quase se riu.

Era possível matar um deus, mas teriam de ser mais espertos da próxima vez.

Encorajado pela hesitação de Dacre, Roman prosseguiu.

— Senhor, este é um momento muito precário. Em vez de duvidarmos de nós, devemos definir estratégias para o próximo passo.

Dacre voltou a examiná-lo. Suspirou como se estivesse aborrecido.

— Muda de roupa e vai ter comigo à sala de guerra dentro de dez minutos. — Depois virou-se para os seus oficiais e soldados. — Aos vossos postos.

Roman foi rodeado por uma súbita corrente de vida. Soldados que regressavam às suas patrulhas ou à sala de jantar para fazerem uma refeição; à biblioteca transformada em caserna. O que quer que estivessem a fazer antes de Dacre ter regressado e estragado a noite.

Shane roçou o ombro de Roman.

Um sinal de camaradagem ou um aviso, Roman não percebeu, e estava demasiado cansado para tentar esmiuçar o gesto. Subiu as escadas e retirou-se para o seu quarto. Finalmente sozinho, despiu o casaco. Caiu de joelhos, agarrado à garganta.

Ofegou como se tivesse acabado de vir à tona de água.

*

Nove minutos depois, Roman regressou à sala de estar vestido com roupas limpas. O sangue e o vômito tinham sido lavados e penteara o cabelo escuro para trás. A sua postura era direita, um pouco rígida, mas ele sempre tinha sido assim, verdade?

A julgar pela aparência, parecia normal. Parecia bem. Arranjado e apumado, mesmo para quem tinha acabado de escapar por pouco a uma bomba.

Mas por dentro? Sentia-se estilhaçado.

Dacre estava demasiado absorto para reparar. Postara-se diante da lareira, cheio de vitalidade, como se nunca tivesse sentido o ferrão de uma explosão. Também ele tinha mudado de roupa e lavado todos os vestígios de sangue mortal. A luz da lareira iluminava-lhe o rosto anguloso. Mas, apesar de toda a sua distância interior, ouviu Roman

entrar na sala. Sem se virar, disse:

— Preciso que escrevas uma carta importante.

Roman sentou-se diante da máquina de escrever, à espera de sentir o alívio por estar novamente perto dela. A Terceira Alouette. A sua ligação a Iris. Olhou para as teclas E e R com uma sensação de vazio.

Mas depois reparou noutra coisa pousada sobre a mesa. Uma chave de ferro manchada de sangue, presa a um fio.

A chave que o capitão Landis trazia ao pescoço.

— Diz-me quando estiveres pronto — disse Dacre.

Roman concentrou-se na tarefa, colocando uma folha de papel na máquina de escrever. Não pôde deixar de voltar a olhar para a chave de ferro, ali tão perto. O poder de desbloquear os portais muito perto do seu alcance.

— Estou pronto, senhor.

E, no entanto, não estava preparado para as palavras que saíram da boca de Dacre. Para a pessoa a quem a carta era dirigida. Roman ouviu, mas não conseguiu escrever o nome.

Dacre apercebeu-se do silêncio. Calou-se e encarou-o com um olhar de reprovação.

— Passa-se alguma coisa, Roman?

— Não, senhor.

— Então, porque não estás a escrever?

— Desculpe, senhor. — Roman fletiu os dedos, estalando dois deles. — Por favor, continue.

Eu saberia se ela estivesse morta.

Dacre repetiu e, desta vez, Roman converteu as suas palavras em tinta, mesmo que os seus olhos estivessem pousados na primeira linha:

Cara Iris E. Winnow

CONVERSAS COM A DIVINDADE

Iris correu pela rua lateral às escuras.

Algures pelo caminho, tinha perdido um dos sapatos de saltos altos e os seus pés descalços ardiam a cada passo em falso. O seu vestido estava rasgado; os joelhos esfolados. Não conseguia perceber a dimensão das suas feridas porque tinha o corpo dormente.

Só sentia o coração, a bater num ritmo errático nos seus ouvidos, nas linhas tortuosas das suas veias.

Não pares! Ainda não é seguro.

A exaustão apoderou-se dela, tornando-a lenta e desajeitada. Os seus músculos estavam tensos e quentes sob a pele suada. Não conseguia forçar-se a correr mais depressa e, no entanto, preocupava-se com o facto de poder colapsar se parasse de se mexer.

Onde é que eu estou?

Sentia-se completamente virada do avesso, perdida num labirinto sombrio. Engolida por um pesadelo do qual estava desesperada por acordar. Tremeu enquanto coxeava até parar, com relutância, no cruzamento seguinte.

Alguns carros passaram a toda a velocidade, passando sobre as poças de chuva e salpicando-a. Os candeeiros de rua começavam a ganhar vida, atraindo, com a luz âmbar, uma série de traças. Um jornal desintegrava-se nas pedras da calçada.

Anoitecera, e o recolher obrigatório estava iminente. Oath era uma cidade sinistra na escuridão solene, como se ganhasse dentes e garras quando o sol se punha. Ela precisava de encontrar um lugar seguro para descansar durante a noite, mas não sabia onde, até se aperceber da rua onde tinha entrado.

Deu um passo hesitante em frente.

Ao longe, o museu, com as suas colunas brancas, candeeiros cintilantes e portas cor de sangue. Aquelas portas fechar-se-iam ao cair da noite; ninguém poderia segui-la lá para dentro. Estaria a salvo do Cemitério.

Como se alguém tivesse pressentido os seus pensamentos, soaram

tiros ao longe, seguidos de algazarra e de um grito lancinante.

Iris estremeceu e agachou-se, mas não parou. Apressou-se ao longo do passeio até estar quase a chegar às escadas do museu. Depois livrou-se do outro sapato até ficar só com os pés descalços a correr sobre o mármore.

Abriu a pesada porta e entrou no museu momentos antes de os trincos se fecharem por magia. Iris vacilou — *estás em segurança, estás em segurança* — e deu cinco passos pelo átrio antes de as pernas lhe falharem.

— *Estás em segurança* — sussurrou para si própria, como se dizer aquelas palavras em voz alta as tornasse reais. Mas ela não acreditava na sua própria voz.

Já não acreditava nas suas palavras.

*

Nos momentos que antecederam a explosão, Iris tinha achado o discurso de Dacre presunçoso, exagerado e melífluu. Não acreditou numa única palavra — para ela, ele era transparente como água — mas quando olhou para as pessoas à sua volta... as suas expressões eram de espanto e intenção. Viu que estavam a ceder ao apelo que ele fazia à cidade.

Não haverá derramamento de sangue. Não haverá necessidade de morte.

Estou aqui para curar as vossas feridas antigas e restaurar a glória desta cidade.

Imaginou se aquilo seria o princípio do fim. Se Oath estava prestes a curvar-se numa rendição febril. Como seria a sua vida sob o domínio de Dacre?

Foi então que ouviu aquele estranho estalido.

Ao princípio, não percebeu o que era, mas o seu corpo ficou rígido quando recordou o tempo passado nas trincheiras com Roman; da granada que tinha feito um som semelhante antes de explodir. O homem alto que estava ao seu lado também pareceu adivinhar o significado daqueles estalidos. Ele respirou fundo e deu um passo em frente, como se estivesse prestes a invadir o palco.

Não teve tempo. Uma explosão abalou o pátio.

Uma luz ofuscante, o estalar da madeira, o peso do trovão. A picada dos estilhaços e o silvo do metal no ar. A gravidade que se desfazia e os ossos a estilhaçar. O sabor do sangue e do fumo e o chamamento da morte.

Iris não se lembrava de ter caído. Mas quando se livrou dos detritos que a cobriam e abriu os olhos, compreendeu que o homem à sua frente tinha levado com o impacto da explosão. O homem, *cujo nome ela nem sequer sabia*, tinha morrido como escudo, fosse essa a sua

intenção ou não. Estava agora tombado sobre as suas pernas, perfurado por pedaços de madeira, a manchar-lhe o vestido de sangue. A custo libertou-se do peso do cadáver, em pânico ante a tomada de consciência do que tinha acabado de acontecer.

Levantou-se com as pernas a tremer.

Através do fumo, conseguiu ver algumas pessoas a tossir e a rastejar pelo chão, mas a maioria à sua volta estava morta. Agarrou na parte da frente do seu vestido e olhou para cima.

Viu o olhar colérico de Dacre de pé e imponente no meio dos destroços, com sangue a pingar-lhe da cara e das roupas em farrapos.

Quando ele deu um passo em frente, ela recuou, tropeçando em corpos antes de embater no chão.

Foge.

Foi o único pensamento cristalino que teve.

Foge.

Quando os tiros romperam a névoa, Iris pôs-se de pé e desatou a correr.

*

Era estranho como agora não conseguia levantar-se.

Estava deitada no chão do átrio do museu, com a face pressionada contra o mármore. A última vez que tinha estado ali, tinha roubado a Primeira Alouette com a ajuda de Attie e Sarah. Uma noite que parecia ter sido há séculos.

Reviu a recordação, na esperança de que isso lhe acalmasse o coração. Ao invés, trouxe-lhe à memória que o museu tinha sempre um guarda a patrulhar à noite. Ela não estava sozinha e não queria ser apanhada.

Com um gemido, pôs-se de joelhos e depois de pé. Agora que a adrenalina tinha diminuído, conseguia sentir um latejar quente no arco do pé direito. Examinou-o e viu alguns cacos de vidro cravados na pele.

Havia sangue seu derramado no chão, mas não tinha nada com que o limpar.

— Mais tarde — disse a si própria, coxeando pelo corredor.

Apenas alguns candeeiros estavam acesos, emitindo uma luz ténue. A maior parte do museu estava envolta em sombras, silenciosas e frias como se estivessem debaixo de água. Quase tinha chegado à sala onde a Alouette tinha estado exposta quando ouviu o eco de uma porta a fechar-se.

Ficou paralisada, à escuta.

Alguém caminhava pelo outro corredor, na direção do hall de entrada.

Só podia ser o guarda noturno. Iris correu para uma das salas das

traseiras, ajoelhando-se para se esconder atrás de uma estátua. Apertou as pernas contra o peito. A respiração era difícil, o pé latejava a par do batimento cardíaco frenético.

Fechou os olhos aos passos se aproximavam dela.

Estava *exausta*; não tinha mais forças para se esquivar de outro inimigo. Para correr de sala em sala em busca de um sítio para se esconder.

Engoliu em seco.

Pouco depois, viu um feixe de luz a atravessar-lhe as pálpebras. Aguardou, tensa. E quando a luz finalmente se derramou sobre ela, soube que não havia mais fingimentos. Não tinha mais onde se esconder.

Abriu ligeiramente os olhos, semicerrando-os para vislumbrar o guarda que estava diante de si. Era uma mulher de meia-idade com longos cabelos, negros como a noite, com algumas mechas prateadas. Tinha uma pele pálida, mas radiante, e o seu rosto podia ser um daqueles que Iris já tinha visto muitas vezes e esquecido, não fosse pelos olhos de um verde fulgurante. Era alta e esguia por baixo da farda, mas não estava armada. Nem pistola nem bastão, apenas uma lanterna de metal, que apontou educadamente para baixo.

Iris tremeu enquanto esperava que a mulher fizesse as suas exigências. Aguardou pelo expectável: *Quem és? Isto é invasão de propriedade privada. Tens de sair imediatamente. Vai.*

Mas não ouviu tais palavras.

— Estás ferida — disse a mulher. — Deixa-me ajudar-te.

E quando ela estendeu a mão, Iris não hesitou.

Aceitou a ajuda e a mulher levantou-a do chão.

*

— Sinto muito — disse Iris. Estava sentada numa cadeira de couro gasta no gabinete do museu, e a mulher — que não tinha crachá — estava ajoelhada diante de si, preparando-se para retirar o vidro do seu pé com uma pinça.

— Porquê?

— Por ter entrado fora de horas.

A mulher examinou o pé de Iris em silêncio. As suas mãos estavam frias e macias, mas tinha os nós dos dedos inchados. Iris perguntou-se se ela própria estaria a sofrer, até que a ouviu dizer:

— O museu é mais do que uma casa de artefactos. Em muitos aspetos, é um refúgio. E fizeste bem em vir para aqui, se estavas a precisar. — Iris acenou com a cabeça. Começava a sentir-se fraca, a olhar para aquelas pinças. A mulher pressentiu isso mesmo. — Fecha os olhos e inclina a cabeça para trás. Vais ficar despachada num instante.

Iris fez o que a mulher lhe disse, e respirou fundo. Mas o silêncio alimentou as suas preocupações, e deu por si a dizer:

— Há quanto tempo trabalha no museu?

— Há pouco.

— É daqui, de Oath?

Ouviu-se um tilintar de vidro a cair num tabuleiro de metal. Iris nem sequer tinha sentido o puxão do vidro.

— Não sou de cá, mas esta agora é a minha casa. Não saio daqui há muito tempo.

— Tem família aqui? — indagou Iris.

— Não, sou só eu. A minha companhia é a música.

— Toca algum instrumento?

Uma longa pausa, seguida de um ligeiro puxão. Iris estremeceu ao sentir um caco de vidro a soltar-se.

— Já toquei — respondeu a mulher. — Mas deixei-me disso.

— Por causa do decreto do chanceler?

— Sim, e não. Um homem como ele não me impediria de tocar, se eu quisesse.

Aquilo trouxe um sorriso ao rosto de Iris. Lembrou-lhe Attie, a passar um arco pelo seu violino na cave. Recusara-se a entregá-lo às autoridades quando estas confiscaram todos os outros instrumentos de corda.

Novo pedaço de vidro retirado. Desta vez, ardeu, e Iris sibilou entre dentes.

— Estou quase a acabar — disse a mulher. — Só mais uns cacos. — Desta vez, Iris ficou calada, com os olhos fechados e a cabeça inclinada para trás. Mas absorveu os sons do museu à noite: uma chaleira a ferver no pequeno fogão da sala das traseiras, outro tilintar de vidro a cair, a respiração segura da mulher enquanto trabalhava, e um silêncio reverente, que unia tudo aquilo. — Já está — anunciou a mulher. — Deixa-me fazer-te um penso.

Iris abriu os olhos. Tinha sangrado para as calças da mulher, mas ela parecia não se importar enquanto envolvia o pé de Iris numa ligadura de linho.

— E agora, um chá. — Levantou-se e dirigiu-se para o fogão antes que Iris pudesse sequer pestanejar, pondo de lado as pinças e o tabuleiro cheio de estilhaços de vidro. Iris ouviu-a lavar as mãos no lava-loiça, e em breve a sala estava perfumada com o aroma de chá preto de alfazema e mel quente. — Aqui tens. — A mulher pôs-lhe uma chávena de chá nas mãos. — Bebe. Vai ajudar-te a dormir.

— Obrigada — respondeu Iris. — Mas tenho de ficar acordada.

— Nunca pensaste como seriam os teus sonhos se adormecesses num museu?

Iris sorriu.

— Não, nunca.

— Então, imagina. Aqui estás a salvo. Deixa-te sonhar, nem que seja para ver onde a tua mente te leva.

Iris bebeu um gole. A sua mente estava agora enevoadada, e uma sensação de conforto e felicidade começou a invadi-la, como se estivesse deitada no meio das ervas com o sol de verão a aquecer-lhe o rosto. Perguntou-se se seria do chá ou se estaria mesmo assim tão cansada.

A mulher tapou-lhe as pernas com um cobertor.

Iris adormeceu sem dar por isso.

*

— *Iris.*

Assustou-se com o som do seu nome. Um som semelhante ao das canas que balançam ao vento. Um som de magia a passar por baixo da porta de um roupeiro.

Iris abriu os olhos. Estava no museu.

Deu um passo para a entrada e viu que não estava sozinha. A guarda noturna estava com ela, só que agora estava descalça e trajava um vestido simples.

— Vem comigo. — Fez sinal para Iris a seguir até uma das salas. — Quero que vejas uma coisa.

Iris seguiu-a, surpreendendo-se quando a mulher parou em frente a um expositor de vidro com uma espada.

— Já vi isto — disse, admirando o brilho do aço temperado e as pequenas pedras preciosas incrustadas no punho dourado. — Creio que vi esta espada da última vez que estive no museu.

— De facto — confirmou a mulher, divertida. — Quando entraste no museu para roubar a Primeira Alouette.

Iris devia ter ficado com medo por a guarda ter conhecimento do crime que cometera. Mas aquela mulher não inspirava medo, por isso, limitou-se a sorrir.

— Sim, tem razão. Porque me quis mostrar isto agora?

A mulher voltou a dirigir a sua atenção para a espada.

— Esta é uma arma encantada. Foi forjada por uma divindade Subterrânea e oferecida ao Rei Draven há vários séculos, quando esta terra era governada por um só homem, que a usou para combater os deuses. Esta lâmina matou muitos seres divinos num tempo quase esquecido.

— Mas a placa diz que só foi usada para...

— É mentira. — A voz da mulher era firme, mas não indelicada. Encarou Iris, com os seus fascinantes olhos verdes que estavam simultaneamente zangados e tristes. — Muitas partes do passado foram reescritas ou perdidas. Esquecidas. Pensa em quantos livros da

biblioteca têm páginas arrancadas.

Iris ficou em silêncio, mas sentiu o peso daquelas palavras. Voltou a olhar para a espada e perguntou:

— Qual é a magia da espada?

— Corta osso e carne como uma faca corta manteiga, se o portador oferecer primeiro à lâmina e ao punho um pouco do seu sangue. Um sacrifício, para que o portador mostre a sua fraqueza antes de desferir qualquer golpe. — A mulher virou-se e retomou a caminhada. — Anda, há mais para ver.

Guiou Iris até uma parte estranha do museu, em que as paredes se tornaram subitamente estreitas e rochosas. O ar era agora húmido e frio, com sabor a musgo e putrefação. A luz das chamas dançava em arandelas de ferro.

— Não sabia que o museu tinha um sítio como este — disse Iris, desviando-se de uma teia de aranha.

— E não tem — respondeu a mulher. — Este é o domínio do meu marido.

— Vamos ter com ele?

— Não. Quero mostrar-te uma porta. Mas primeiro, presta atenção ao chão. À forma como se inclina. Ele vai guiar-te através das muitas passagens, levando-te às profundezas do reino.

— Às profundezas? — Iris abrandou o passo.

As paredes começaram a oscilar. As cores começaram a fundir-se umas nas outras.

— Não penses muito nisso, Iris — disse a mulher. O seu cabelo negro adquirira tons azulados naquela estranha luz. — Caso contrário, isto vai desfazer-se.

Iris acenou com a cabeça, e tentou relaxar. Por fim, chegaram à porta. Era alta e arqueada, com o lintel entalhado com runas. A mulher tocou na maçaneta de ferro e fez uma pausa, como se estivesse perdida em recordações.

— Quando eu morava aqui, não havia fechaduras. Podia entrar e sair de qualquer parte do reino, desde que não voltasse para a minha vida à superfície. O meu marido pensava que me estava a dar liberdade, mas era uma gaiola.

Iris sentiu uma onda de consternação.

— Quem era o seu marido?

A mulher olhou para Iris, mas disse apenas:

— Para lá desta porta está o coração do reino. Um lugar selvagem, embora vulnerável. Era aqui que a minha música era mais forte, talvez por causa do risco. Mas vais precisar de uma chave para abrir a porta.

— Onde posso arranjar uma chave? — perguntou Iris, com o cérebro a começar a latejar.

A mulher não respondeu, mas quando fez força, a porta abriu-se.

Iris seguiu-a, surpreendida ao sentir o ar húmido do túnel novamente quente e luminoso.

Estavam numa colina verdejante. À sua volta, havia uma paisagem de vales salpicados de flores e de penhascos que se estendiam até montanhas distantes. Pinhais estendiam-se na vastidão e um rio corria ao longo do leito de um vale.

— Há muito tempo que não apreciava esta vista. — A voz da mulher estava temperada com a saudade. O vento tocou-a com um suspiro, juntando os seus longos cabelos como uma mão carinhosa. — Perguntaste se eu era de Oath. Não sou, e em tempos percorri estas colinas com a minha família. Onde quer que pudesse ver o céu, qualquer horizonte que pudesse perseguir. O chão recém-revolvido dos cemitérios. Esse era o meu domínio, mas abandonei-o quando fiz uma jura a Alzane, tudo porque ele temia o meu poder. Desde então, tenho estado em dívida para com Oath. Não posso deixar a cidade, caso contrário, tê-lo-ia enfrentado no Ocidente quando ele acordou.

— Ele, quem? — sussurrou Iris.

— Dacre — disse a mulher. — Ele pode reparar o que destrói, mas eu sou música e conhecimento, chuva e colheita. Eu sou pesadelos, sonhos e ilusões. E se me matasse, como é seu desejo, ficaria com toda a minha magia para ele. O seu poder não teria fim, e ele regozijar-se-ia com o medo e o serviço dos mortais. Ele quer conquistar este reino. Quer que o venerem só a ele.

— Mas se a sua magia é tão vasta, não deveria ser capaz de o conquistar? Se é ilusão e pesadelo e...

— Oh, mas é esse o custo — atalhou a mulher com brandura, com uma expressão melancólica no rosto. — Reclamei para mim os poderes dos outros três, não porque tivesse fome deles, mas porque não queria que ele colhesse tal magia quando acordasse. Mas mal sabia eu que, ao fazê-lo, enfraqueceria o meu próprio poder. — Levantou uma das mãos, e Iris pôde ver os nós dos dedos inchados. — Ainda consigo tocar a minha harpa, mas não sem uma dor horrível.

O céu ficou nublado e sombrio. Um trovão ressoou ao longe, e o vento bradou eivado de chuva.

— Por favor, ajude-nos a derrotá-lo — sussurrou Iris.

Uma expressão compassiva surgiu no semblante da mulher. Estendeu a mão para afagar o rosto de Iris, as pontas dos dedos frias como a água do rio no inverno.

— Dei-vos todas as peças de que precisavam para o destruir — disse ela. — Confesso que, se for eu a enfrentá-lo, a minha mão vai ficar parada. Não serei capaz de lhe cravar a espada no pescoço, mesmo depois de todo o rancor que cresceu entre nós. Ele vai fazer-me em pedaços e reclamar os meus poderes. Nessa altura, será o único ser divino que restará no reino. Sei que há de chegar um tempo, seja

na tua geração ou noutra, em que um mortal suficientemente corajoso vai acabar com ele, enterrando-o sem cabeça numa sepultura. Quando isso acontecer, a magia também morrerá, porque não haverá mais deuses a caminhar entre vós ou a dormir debaixo da terra. Quando estivermos todos mortos, tudo isto se desvanecerá.

Iris sentiu um nó no peito. Quase lhe doía respirar, pensar em tudo aquilo que a mulher descrevia. Um mundo numa gaiola. Um mundo sem liberdade e sem magia, uma memória do passado.

Pensou na sua máquina de escrever. No encanto das coisas pequenas e vulgares. Pensou nas cartas que tinha enviado por baixo da porta do seu roupeiro para Roman. Palavras que tinham atravessado quilómetros e distâncias, tristeza e alegria, dor e amor. Palavras que a tinham feito despir a armadura depois de anos a cingila contra o peito.

Kitt.

Iris arquejou. A sua mente tornou-se mais aguçada à medida que se lembrava de quem era, e o mundo à sua volta começou a derreter. As montanhas e o céu, os vales e as flores silvestres. Estrelas que ela nem sequer sabia que existiam. Tudo se esvaía como água numa banheira, mas a mulher mantinha-se firme diante dela, com flores a desabrochar no seu cabelo escuro.

Não era uma mulher, mas uma deusa.

— Não quero que morra. Não quero que a magia desapareça, mas não tenho a sua força — disse Iris. — Ele vai derrotar-me de certeza.

— Tu és capaz de muito mais do que imaginas. Porque crês que olho para ti agora e fico maravilhada? Porque crês que me aproximo da tua espécie? Cantei para muitos de vós, para que tivessem o descanso eterno depois da morte, e descobri que a música de uma vida mortal é mais brilhante do que qualquer magia que as minhas músicas possam despertar.

Inclinou-se para beijar a testa de Iris. Por uma fração de segundo, assemelhou-se a Aster — cabelos castanhos compridos, um trejeito nos lábios, sardas no nariz. As lágrimas arderam nos olhos de Iris quando se apercebeu de que, durante todo aquele tempo, não tinha estado a sonhar com a mãe, mas com a deusa.

Sem que estivesse preparada para o fim do sonho, Iris acordou de repente.

Estava sentada numa cadeira de couro, e o escritório do museu estava iluminado pela luz da madrugada. Uma chávena de chá frio estava ao seu lado, um cobertor quente cobria-lhe as pernas. O seu pé direito estava enfaixado e ela demorou alguns instantes a recuperar o fôlego, ainda débil do sonho.

Reparou que havia um par de botas no chão à sua frente, desapertadas e polidas. Na cadeira ao seu lado, roupa limpa: uma saia

pelo joelho e uma blusa verde com botões de pérola. Um bule de chá, a fumar, esperava que ela o servisse.

Iris afastou o cobertor e levantou-se, sem se preocupar com o pé, embora só sentisse um ténue resquício de dor quando o pousava.

— Enva? — chamou.

Não obteve resposta. O ar estava pesado e silencioso.

— *Enva!*

Começava a convencer-se de que tudo fora fruto da sua imaginação febril, uma forma de a sua mente dar sentido ao mundo depois de ter sobrevivido à explosão, quando um clarão dourado lhe chamou a atenção. Iris virou-se e viu uma espada com o punho incrustado de joias encostada à parede, com a lâmina de aço guardada na bainha. Era a mesma espada que Enva lhe tinha mostrado no sonho. A espada de Draven. A que tinha matado muitas divindades no passado.

Iris encaminhou-se para ela. Hesitou, recordando tudo o que Enva lhe tinha dito e mostrado. A espada, a porta, as palavras.

Como é que não percebi quem tu eras no momento em que te vi?, perguntou-se Iris, custando-lhe pensar que tinha tido uma deusa ajoelhada diante de si, enquanto retirava estilhaços de vidro do seu pé. A tratar das suas feridas. Uma deusa a fazer-lhe chá e a percorrer um sonho com ela.

És capaz de muito mais do que imaginas.

Outrora, não há muito tempo, Iris não teria acreditado naquelas palavras. Mas sentiu as marés a puxarem por si, como se estivesse sob uma lua vermelha.

Agarrou no punho da espada.

ENTREGO-TE AS MINHAS MÃOS

Iris pousou a espada na secretária. À luz suave do candeeiro, a lâmina quase parecia pertencer ao lado da máquina de escrever. Mas ao olhar para elas, sentiu como se dois mundos e dois tempos muito diferentes estivessem a colidir.

A sua mente vagueou para o sonho da noite anterior.

O *Inkridden Tribune* estava silencioso e vazio. Apenas alguns candeeiros de secretária estavam acesos, dando a sensação de ser a calada da noite, quando o sol já tinha nascido. Iris, com a espada na mão e vestida com as roupas que Enva lhe deixara, tinha seguido diretamente para o *Tribune* assim que as portas do museu se abriram. Ficava apenas a um quarteirão de distância, e ela não quis enfrentar o trânsito matinal para chegar ao apartamento com uma espada na mão que provavelmente valia mais do que todo o ouro dos cofres de Oath.

— Quem está aí? — A voz de Helena emanou do seu gabinete. Parecia abatida e irritada.

— Sou só eu — respondeu Iris. — Cheguei adiantada, para variar.

No segundo seguinte, Helena apareceu à porta, envolta em fumo. Deu uma longa baforada no cigarro enquanto serpenteava pelas secretárias.

— Estás bem, miúda? Ouvi dizer que houve um atentado à bomba ontem à noite no Green Quarter.

A boca de Iris ficou seca, tentando reprimir as recordações. Recordações que lhe davam a sensação de ainda ter vidros debaixo da pele.

— Não estou ferida.

Helena estancou e observou-a atentamente.

— Tens a certeza? Posso levar-te ao hospital se...

— Eu estou bem. — Iris tentou sorrir, mas a sua cara estava rígida. — A sério.

— Bem, fumei um maço inteiro ontem à noite, a pensar que estavas morta e a martirizar-me por te ter deixado ir sozinha à festa. — Apagou o cigarro num cinzeiro próximo. — Sabes o que aconteceu?

Iris soltou um suspiro profundo.

— Dacre estava lá. Presumo que tenha sido uma tentativa de assassinato.

— Foi o que o meu informador me disse. Cinquenta e três pessoas mortas, e vinte feridas. Onze ainda não foram encontradas. O chanceler está em estado crítico no hospital. Não acreditam que ele se safe. Dacre, por outro lado, desapareceu. Ninguém sabe onde está, mas um dos sobreviventes disse que ele parecia ter escapado ileso da explosão. Nem mesmo os tiros conseguiram afetá-lo. — Helena fez uma pausa, ao ler a expressão de Iris. — Senta-te, miúda. Estás pálida. Deixa-me fazer-te um café. — Foi então que finalmente reparou na espada sobre a secretária de Iris. — *Esta* é a espada do Rei Draven. Que raio faz ela aqui na minha redação?

— Foi-me dada — esclareceu Iris. — Tenho de a esconder no seu gabinete. É temporário.

— *Esconder?* Iris, tu... — Helena calou-se quando ambas ouviram passos a descer as escadas. Alguém estava a entrar no *Tribune*, apesar de serem apenas 6h15 e o expediente só começar às 8 horas.

— Por favor, Helena — sussurrou Iris.

A chefe suspirou.

— Está bem. Mas depressa, antes que alguém veja. Não quero que se espalhe a notícia de que roubei uma relíquia inestimável ao povo de Oath.

Iris agarrou na espada e correu atrás de Helena. O gabinete não era muito grande, por isso não tiveram outra opção senão esconder a espada debaixo da secretária de Helena.

— Mrs. Hammond?

Iris ficou paralisada ao ouvir a voz de Tobias. Virou-se para o ver a contornar as secretárias e a aproximar-se da porta do gabinete. Ele também parecia chocado por ver Iris ali tão cedo. Arqueou as sobrancelhas quando se deteve.

— Tobias — cumprimentou Helena. — Algum problema?

— Tenho uma encomenda urgente.

— Para o *Tribune*?

— Para a Iris, para ser entregue aqui ao amanhecer — disse, estendendo um envelope.

Iris ficou a olhar para ele. Arrepiou-se de medo quando reconheceu a caligrafia refinada. Mas aceitou o correio de Tobias. A unha curvou-se quando ela quebrou o selo e leu um pedido sucintamente datilografado:

Cara Iris E. Winnow,

Gostaria de a convidar para tomar chá na minha mansão, esta tarde, às 16h30. Há assuntos

importantes que temos de discutir. Peço-lhe que venha sozinha. Aqui estará em segurança.

Com os melhores cumprimentos,
Mr. Ronald M. Kitt

— O que se passa, Iris? — A voz ansiosa de Helena quebrou o silêncio.

Iris dobrou a carta. Não lhe tinha ocorrido até então, e quase se sentiu tola por isso. Mas devia ter percebido no momento em que viu Dacre subir ao palco do Green Quarter. Devia ter percebido onde é que o deus se tinha escondido. Que portal tinha usado para entrar em Oath por dentro.

— É apenas um convite para tomar chá, do meu sogro — disse Iris.

— Queres que mande alguém contigo? — perguntou Helena. — Talvez a Attie?

Iris sabia que Attie tinha pedido o dia de folga. O encontro com a professora de música tinha sido bem-sucedido, e Attie tencionava praticar a *Canção de Embalar* de Alzane na sua cave as vezes que fossem precisas até conseguir tocar as notas na perfeição, independentemente das circunstâncias. No escuro, à luz do dia, parada, em constante movimento.

Mas mesmo que Attie estivesse disponível, Iris não lhe teria pedido para ir à propriedade dos Kitt. Não quando havia tanto perigo à espreita.

— Posso levar-te lá, se quiseres — ofereceu-se Tobias. — Espero por ti cá fora, e depois trago-te de volta, quando terminares.

Iris acenou com a cabeça, e relaxou os ombros.

— Agradeço-te imenso, Tobias. E não, Helena. Tenho de ir sozinha. Não precisa de se preocupar.

Helena não parecia convencida. Nem Tobias.

Peço-lhe que venha sozinha. Aqui estará em segurança.

Iris sentiu a carta do Mr. Kitt — Dacre — amarrotar-se no seu punho.

Já não havia lugares seguros na cidade.

*

Às 16h28, Iris estava diante dos portões de ferro da mansão dos Kitt. Não se abriram para dar passagem ao carro, o que levou Iris a presumir que Dacre queria que ela se aproximasse da porta da rua a pé.

— Estarei aqui à espera, se precisares de mim — disse Tobias, estacionando na berma.

Iris acenou com a cabeça e saiu do veículo. Tal como tinha pensado, os portões abriram-se quando ela se aproximou.

Percorreu o longo caminho de acesso sozinha, levando consigo apenas a sua mala de tecido desgastada, e ficou impressionada com o silêncio e a calmaria no pátio. Nenhum pássaro esvoaçava por entre os arbustos perfeitamente aparados. Nenhuma libélula ou abelha saltitava de flor em flor. O vento não agitava as árvores, a luz do sol não cintilava por entre as nuvens. Parecia que uma sombra tinha caído sobre a propriedade, e Iris estremeceu quando subiu as escadas até à porta da rua.

Quando levantou a mão para tocar à campainha hesitou, ao notar que tinha as palmas suadas.

Não chegou a ser preciso. A porta abriu-se e Mr. Kitt apareceu na soleira. O seu aspeto era tão desalinhado que a apanhou de surpresa. O cabelo preto parecia oleoso, os olhos vermelhos e cheirava a fumo de charuto.

Iris não tinha uma saudação preparada. Ficou espantada por ele vir à porta receber a sua convidada. Onde estava o mordomo? Os criados que certamente tratavam do governo da casa? Um segundo depois, fez-se luz.

— Entre, Miss Winnow. — Ele deu-lhe as boas-vindas.

— Obrigada — disse Iris, mas a voz soou débil, facilmente engolida pelo grande hall de entrada. Assim que a porta se fechou atrás de si, Iris viu os soldados, parados nas sombras. Só nesta entrada havia sete, armados com espingardas, e quando seguiu o Mr. Kitt, contou mais cinco no corredor.

A mansão tinha-se transformado num complexo militar secreto.

— O chá será servido na sala de estar — informou Mr. Kitt.

Iris abriu a boca para perguntar por Roman, mas impediu-se. Partira do princípio de que ele tinha regressado ao seu posto, tal como lhe tinha dito, mas isso já não fazia sentido se Dacre estava aqui.

Talvez fosse por isso que ele ainda não lhe tinha escrito.

Talvez lhe tivesse acontecido alguma coisa.

Sentiu o coração a latejar na garganta quando chegaram à porta da sala. Sentia-se incrivelmente trémula, como se o chão fosse torto. Pegou no medalhão dourado que escondia por baixo da blusa; o medalhão era uma âncora, lembrava-lhe Forest e a mãe. As coisas difíceis pelas quais já tinha passado.

As portas da sala de estar abriram-se.

Dacre estava a uma longa mesa de chá, diretamente na linha de visão de Iris. Os seus olhares cruzaram-se e mantiveram-se como se um feitiço tivesse sido lançado. Ele não tinha idade, era intemporal, talhado de uma beleza inegável e terrível. Era difícil desviar o olhar da sua aparência, ao mesmo tempo agradável e mortífera, como quem olha demasiado tempo para o sol. Iris ainda conseguia vê-lo quando fechava os olhos, como se uma impressão tivesse sido queimada na

sua mente.

— Iris Winnow — disse ele com um sorriso afável, que quase o fazia parecer humano. — Vem tomar chá comigo. — Iris deu um passo em frente. Assustou-se ao ver Mr. Kitt fechar as portas, deixando-a sozinha com Dacre na sala de estar. — Senta-te — insistiu o deus, servindo-lhe uma chávena.

Iris sentou-se, tensa. Ficou a ver o vapor a subir, perguntando-se se seria seguro beber aquele chá, quando Dacre interrompeu os seus pensamentos.

— Lembras-te do teu antigo colega?

Iris franziu o sobrolho, mas sentiu que alguém estava a olhar para ela — podia senti-lo como a luz das estrelas na mais escura das noites. Olhos que já a tinham seguido muitas vezes.

A sua respiração ficou suspensa quando olhou por cima do ombro.

Roman estava encostado à parede, a olhar para ela. O seu rosto estava pálido e magro, ainda mais do que na noite em que ela dormira na cama dele. Perguntou-se se ele estaria a comer, se estaria a dormir. A sua expressão era impassível, os olhos frios como o mar de inverno. Tinha o mesmo aspeto que tinha nos dias do *Gazette*, profissionalmente composto, com as suas roupas engomadas e o cabelo penteado para trás. Mas detetou um tique muscular na sua mandíbula. Reparou que as mãos dele estavam fechadas nos bolsos, escondendo os punhos.

— Sim — murmurou, voltando a sua atenção para Dacre. — Eu lembro-me do Kitt.

— Ele deu-te a minha carta no café, não foi?

Iris aceitou a chávena de chá e o pires de Dacre. Ficou mortificada com o facto de a sua mão estar a tremer. Parecia muito pequena e frágil, comparada com o divino.

— Sim — disse ela, resistindo à vontade de olhar para Roman.

Age como se o odiasses outra vez. Despreza-o. Como se ele não fosse a tua outra metade.

Dacre estudou-a enquanto ela colocava leite e mel na chávena, demorando-se como se isso fosse atrasar o inevitável.

— Vi-te ontem à noite no Green Quarter — disse ele.

Iris pousou a colher.

— Sim, eu estava lá.

— Fui eu que pus o teu nome na lista de convidados. Queria conhecer-te. — Dacre inclinou-se para mais perto, baixando a voz para um tom profundo. — Porque fugiste de mim, Iris?

— Senhor?

— Vi-te através do fumo. Queria curar-te, ajudar-te. E tu fugiste.

— Não me senti segura.

— Tens medo de mim?

Sim, queria ela dizer. Tinha medo dele. Mas não desviou o olhar; manteve a língua pressionada contra os dentes.

— O que achaste do meu discurso? — tornou Dacre. — Antes de ser... interrompido?

— Sinceramente? Disse tudo o que aquelas pessoas queriam ouvir. Vendeu-lhes um sonho, não uma realidade.

— Desaprovas?

— Simplesmente não bate certo com o que ouvi de si.

— E o que ouviste, Iris Winnow? E de quem?

Iris hesitou. Não sabia bem como responder. Sentia que estava a jogar um jogo de xadrez com ele, e não havia qualquer hipótese de ganhar.

— Ouve muitas histórias — disse ela, passando o dedo pela pega de porcelana da sua chávena de chá. — Dos meus tempos de repórter de guerra na linha da frente.

Dacre ficou pensativo, mas parecia que sabia exatamente o que ela queria dizer. Não tinha visto a destruição dele com os seus próprios olhos? Por vezes, ainda não conseguia dormir à noite, com medo de voltar a ver essas imagens. O pânico e o sangue das trincheiras sob fogo. Bluff, destruída pelos bombardeamentos.

O silêncio prolongou-se, incómodo. Iris obrigou-se a beber um gole de chá, agora morno e demasiado doce. Ouvia a respiração ténue de Roman atrás de si.

Estamos presos aqui, pensou ela, com o estômago às voltas. *Estamos presos na teia dele e eu não sei como nos libertar, Kitt.*

— Porque me chamou? — perguntou Iris.

— Tu sabes porquê, Iris. — O comportamento indolente de Dacre era irritante. E, no entanto, a tensão parecia crescer entre eles, esticada como uma corda quase até ao limite.

— Se quer a minha resposta à sua pergunta anterior — disse Iris —, é não.

— Não...?

— Não vou escrever para si.

— Mas escreves para Enva? Isso é uma grande... oh, como é que vocês mortais lhe chamam? Roman, qual é a palavra que procuro?

Roman ficou calado durante demasiado tempo. Quando falou, a sua voz era rouca.

— Hipocrisia, senhor.

— Hipocrisia — repetiu Dacre, com um sorriso afiado.

— Não estou a ver porquê — disse Iris. — Nós, mortais, temos a liberdade de escolher quem ou o que veneramos, e até mesmo se veneramos.

— Então, tu venera-la? — Os seus olhos estreitaram-se, enquanto observava as roupas de Iris. A camisa verde-escura, os botões de

pérola. Roupas que Enva tinha deixado para ela. Iris imobilizou-se. Será que ele pressentia isso? Que ela tinha estado com Enva durante a noite? — O que sabes sobre as divindades? — perguntou Dacre, encarando-a. Iris mal conseguia respirar. — Sabes que todos nós, até mesmo os Celestiais, aquele clã hipócrita de Enva, procuramos obter ganhos? Somos egoístas por natureza. Fazemos qualquer coisa, até matamos os nossos próprios filhos, os nossos irmãos, os nossos cônjuges para sobreviver. Porque achas que restam tão poucos de nós, depois de termos sido centenas, tanto à superfície como no submundo?

Dacre prosseguiu, alheio aos pensamentos que acorriam à mente de Iris.

— Não queremos saber de ti nem dos da tua espécie, a não ser para ver o que podem fazer por nós, seja servir como vassalos ou morrer de forma gloriosa. Ou para nos entreterem com as vossas canções tolas e os vossos ofícios, ou até para aquecerem as nossas camas, se assim o desejarmos. E, tal como a guerra me mostrou... vocês anseiam por venerar algo maior do que vocês próprios, e estão dispostos a morrer por isso. São frágeis, mas resistentes. Têm esperança, mesmo quando não deviam.

Fez uma pausa, enquanto observava o rosto de Iris. A mente dela estava a mil, e ele parecia divertir-se com o brilho desnorteado nos seus olhos.

— Mas, acima de tudo, estão a lutar por uma deusa que é uma cobarde; que se esconde à vista de todos. Se a guerra eclodisse nas ruas de Oath, ela permaneceria nas sombras. Nunca vos oferecerá ajuda e permitirá de bom grado que o teu povo morra no seu lugar. Preferes escrever para ela, uma deusa que usou a sua magia para me atrair até aqui, destruindo a vossa terra para tal, ou preferes escrever para mim, que caminho lado a lado convosco? Que vos mostrei que sim, um deus pode ser cruel, mas também pode ser misericordioso?

Iris desviou o olhar. Os seus ossos vibravam, as dúvidas inundavam-na como uma torrente.

Pensou na noite anterior. Enva tinha sido gentil e amável. Tinha-a ajudado, abrigado, tinha-lhe oferecido conhecimento como migalhas de pão para a sustentar nos dias seguintes. Mas Enva não deixava de ser uma deusa. Não era humana e não compreendia toda a amplitude da mortalidade.

— Nunca fui devota — disse Iris, cruzando olhares com Dacre. — E não escrevo para ninguém além de mim mesma.

— Uma montanha solitária para conquistar — respondeu Dacre com uma ponta de escárnio.

— Será que sim? Diz que não sei nada sobre a sua espécie, mas mesmo depois de todo este tempo a caminhar entre nós, acho que

também não nos compreende verdadeiramente, senhor.

— Não me desafies, Iris — disse ele. — A menos que penses que vais ganhar. — Aquela ameaça gelou-lhe o sangue. — Roman? — Dacre olhou para ele. — Trazes a máquina de escrever à Iris?

Iris engoliu em seco quando sentiu que Roman se aproximava. Sentiu o cheiro do seu perfume e teve vontade de chorar, ao pensar naqueles velhos tempos em que tinham lutado com palavras e artigos. Ao lembrar-se de como pareciam jovens na altura, e reconhecer a situação em que ambos se encontravam agora.

Ele afastou a sua chávena de chá com uma mão pálida e elegante. Uma mão que a tinha tocado, que tinha explorado todas as suas linhas e curvas. As pontas dos dedos que outrora lhe tinham traçado os lábios enquanto ela arquejava. Em seguida, ele trouxe a máquina de escrever. Pousou-a cuidadosamente diante dela. A Terceira Alouette.

Ela examinou-a e pestanejou para afastar o ardor que sentia nos olhos. Quantas palavras tinha ela escrito naquela máquina de escrever, uma companheira fiel nas noites solitárias? Quantas ideias tinha tido, transformando-as em tinta eterna no papel? Quantos poemas e cartas a sua avó tinha datilografado nela, anos antes de Iris ter nascido? Quantas horas tinha passado a consolar Roman, a ser uma âncora para ele nos dias mais negros do cativeiro?

Era algo imensurável. Infinito. A magia ainda estava presente e chamava por ela.

E, no entanto, Iris recusou-se a tocar nas teclas.

Dacre olhava para ela, expectante. A sua paciência era como gelo na primavera, desaparecia rapidamente. Uma expressão sombria cintilou no seu rosto.

— Papel, Roman?

Iris mordeu o lábio, enquanto Roman, obedientemente, pegava numa folha nova. Teve de se colocar atrás dela, inclinando-se sobre os seus ombros, para enrolar o papel na máquina de escrever. Ela sentiu o seu calor. Sentiu a respiração dele no seu cabelo. Ele teve o cuidado de não lhe tocar, mesmo quando as suas mãos se afastaram e ele se endireitou. Foi cuidadoso, como se conhecesse os seus próprios limites, assim como os dela.

Se se tocassem agora, destruiriam a história que tinham escrito para sobreviver.

— Podemos agora falar sobre o que te chamei aqui para escreveres? — inquiriu Dacre. — Tenho um artigo importante que gostaria...

— Não vou escrever para si — atalhou Iris.

Dacre arqueou uma sobrancelha. A princípio, pareceu surpreendido, como se o desafio dela fosse uma chuva inesperada. Mas depois a sua irritação ficou evidente pelos lábios comprimidos numa

linha fina.

— Respondes sem sequer saberes as palavras que te pediria para escreveres? — questionou. — Que tipo de repórter és tu, que te recusas a ouvir quando o conhecimento te é oferecido? Conhecimento que salvaria milhares de pessoas da tua espécie?

Iris cerrou os dentes, mas agora estava a tremer. Parecia que tinha sido exposta à neve e ao vento, e que nenhum fogo ou luz do sol poderia voltar a descongelar-lhe os ossos. Estava aterrorizada, e o seu estômago agitava-se, ameaçando vomitar as escassas torradas e sopa que tinha comido nesse dia.

Dacre estalou os dedos.

— Roman? Põe as mãos dela nas teclas, já que a Iris se esqueceu de como se escreve.

— Comandante — disse Roman, mas a sua voz estava rouca, como se lhe doesse falar. — Eu...

— Ou também perdeste toda a noção?

— Não, senhor. — Deu mais um passo em frente, obediente. Iris sentia-o a olhar para os dedos que tinha entrelaçado no colo. O brilho da sua aliança de casamento.

Roman hesitou.

Se ele me tocar, parto-me em duas, pensou, com fogo no sangue. *Se ele me tocar, eu desfaço-me.*

Iris pôs as mãos nas teclas antes que Roman fizesse menção de lhe tocar. Mas sentiu a sua presença perto dela. Conseguiu ouvir o suspiro que ele exalou.

— Muito bem — disse Dacre. — Não custou assim tanto, pois não, Iris? — Ela não conseguiu responder. A cabeça doeu-lhe quando se apercebeu de como ele a tinha coagido. Como ela tinha concordado em escrever para ele. Algo que ela nunca quis fazer. — Diz-me quando estiveres pronta — prosseguiu o deus, com um brilho de triunfo no olhar.

Ela ficou ali sentada durante mais alguns minutos, com as mãos paralisadas sobre a máquina, o olhar fixo nas teclas. Debateu-se com a desilusão, com o fantasma lúbrico do medo, a raiva, o desejo; com as palavras que se tinham juntado e formado uma barragem dolorosa no seu peito.

Mas estaria ela a render-se verdadeiramente se continuasse viva? Se apenas lhe entregasse as suas mãos?

Iris levantou os olhos. Olhou para o pescoço de Dacre, para as cordas da sua garganta que se moviam enquanto ele bebia o último gole de chá.

— Estou pronta.

CORTESIA DA IRIS INKRIDDEN

O ar da tarde já tinha arrefecido, tornando-se noite, quando Tobias levou Iris para longe da propriedade dos Kitt. Mas a cidade parecia anormalmente calma naquela que era normalmente a sua hora mais movimentada.

Iris reparou que a maioria das ruas estava vazia, que o lixo se acumulava nas bermas como destroços num rio. As lojas já estavam fechadas. Havia flores colocadas nos parapeitos das janelas para o chanceler, que ainda estava a lutar pela vida no hospital. Não havia crianças a brincar nos pátios nem no parque, e as pessoas seguiam pelos passeios com os casacos apertados e os olhos ensombrados pela preocupação. As portas estavam fechadas para o mundo, como se a guerra não pudesse atravessar um limiar sem ser convidada.

Iris sabia que não era assim. Também sabia que Oath estava abalada com a chegada de Dacre e com as consequências da tentativa de assassinato. Tinham morrido pessoas inocentes e estavam a ser cavadas novas sepulturas no cemitério. Não seriam as últimas, e a cidade parecia estar equilibrada no fio de uma navalha, à espera de ver para que lado cairia.

No dia seguinte, ao meio-dia, teriam a sua resposta. Ela pegou no papel enfiado no bolso. Uma página marcada com as palavras de Dacre.

O sol afundava-se atrás dos prédios, pintando as nuvens de dourado, quando Tobias estacionou em frente à tipografia. Aquele era um sítio que nunca dormia, onde eram impressos jornais até à meia-noite para que estivessem prontos para serem recolhidos pelos ardinias ao amanhecer. Iris tinha esperança de ainda chegar a tempo de apanhar o *Inkridden Tribune*.

Deslizou do banco de trás, com as pernas a tremer.

— Obrigada, Tobias. Nem imaginas o quanto a tua ajuda foi importante.

Ele acenou com a cabeça, com o braço enganchado nas costas do banco.

— Queres que espere aqui por ti?

Iris hesitou. O recolher obrigatório estava a aproximar-se rapidamente, mas o dia ainda estava longe de terminar.

— Podes fazer mais uma coisa por mim?

— Claro.

— Podes ir ao *Inkridden Tribune* e trazer aqui a Helena? Diz-lhe que é muito importante.

— É para já. — Tobias já estava a engatar a primeira velocidade no roadster. — Volto em menos de nada.

Iris viu-o afastar-se a grande velocidade, sentindo o sabor do escape do carro.

Subiu a correr as escadas até à entrada da tipografia, com uma ligeira picada no pé direito. Pensou que talvez as feridas estivessem a sangrar, mas não tinha tempo para se preocupar com isso. Empurrou as pesadas portas da entrada da tipografia.

— Desculpe? — Iris aproximou-se de uma senhora mais velha sentada a uma secretária na receção. — Preciso de falar com Mr. Lawrence, o chefe da tipografia.

A senhora examinou Iris através dos seus óculos de lentes grossas. O seu cabelo loiro já grisalho estava enrolado num carrapito apertado. Parecia ser daquelas que cumprem sempre as regras.

— Está ocupado na sala de composição, a supervisionar os linótipos. Mas posso marcar hora para amanhã. Ele está disponível do meio-dia à uma, e depois a partir de...

— É um assunto de extrema urgência — cortou Iris com um sorriso forçado. *Sê simpática*, disse a si própria, mesmo que lhe apetecesse gritar. — Sou repórter do *Inkridden Tribune*, e tenho uma alteração a fazer para o jornal de amanhã.

— Não aceitamos alterações a esta hora.

— Eu sei, minha senhora. Mas esta é uma exceção invulgar. Por favor, preciso de falar com ele.

— Terá de marcar uma *hora*, menina.

Iris não sabia o que fazer. Suspirou, derrotada, olhando para a parede de vidro à sua esquerda, de onde era visível a sala de composição da tipografia. Havia inúmeros linótipos em movimento; podia sentir o seu zumbido constante no chão. Iris aproximou-se da janela e observou os empregados a escrever nos teclados diante de cada máquina. Os estalidos e os chocalhos eram constantes, à medida que os linótipos criavam chumbo quente para ser utilizado pela máquina de impressão no segundo andar. Era uma visão fascinante, mesmo à distância, e Iris perguntou-se se um dos trabalhadores estaria a datilografar frases para o *Inkridden Tribune*. Se assim fosse, Iris teria de convencer Mr. Lawrence a deitar fora aquelas frases e a refazê-las.

Sentiu uma onda de incerteza até olhar para as mãos, onde

continuava a segurar as palavras de Dacre. O deus tinha insistido para que ela publicasse o seu artigo na primeira página do *Tribune* de amanhã. E Iris, que tinha datilografado as palavras ditadas por ele com os dentes cerrados durante todo o processo, sabia que a sua única opção era cumprir tal ordem. Ignorou-a quando lhe tentou fazer ver que o jornal talvez já estivesse na tipografia.

Então, é melhor despachares-te, Iris E. Winnow, tinha sido a sua resposta presunçosa. Como se soubesse que ela teria de correr de um lado para o outro da cidade, agitada e preocupada. Como se soubesse que ela teria de lutar com unhas e dentes para conseguir que o jornal fosse alterado.

Iris desdobrou o papel, passando por cima da introdução de Dacre — todas aquelas palavras floreadas que ele usava para seduzir as pessoas — e voltou a ler o essencial do artigo. Era estranho como aquilo ainda parecia uma faca cravada no seu flanco, que fazia com que os seus ombros se curvassem para dentro. Ela tinha datilografado aquelas palavras há menos de uma hora e, no entanto, continuavam a deixá-la sem fôlego.

Como sou misericordioso, darei a cada um de vós uma opção. Aqueles de vós que se quiserem juntar a mim nesta nova era de reparação e justiça, serão acolhidos em segurança. Venham para o meu lado da cidade antes do relógio bater o meio-dia de hoje. Atravessem o rio para o lado norte de Oath, onde os meus soldados estarão à espera para vos receber e proteger. Nenhum mal vos acontecerá, a vós e aos vossos, se fizerem a travessia antes do meio-dia. Aos que recusarem a minha oferta e ficarem para trás, a sul do rio, não posso oferecer proteção. E como sou um deus que defende a justiça, dado o que me foi feito no Green Quarter, devem preparar-se para enfrentar as consequências dos vossos atos.

As portas da entrada abriram-se.

Iris virou-se e viu Helena e Tobias, ambos a caminhar na sua direção.

— O que aconteceu? — disse a chefe, ofegante. Iris relaxou de alívio.

— Preciso que isto seja a manchete da edição de amanhã — disse, entregando-lhe o discurso de Dacre.

Helena franziu o sobrolho enquanto percorria as frases. Mas depois percebeu de quem eram as palavras que estava a ler, e o seu rosto

ficou exangue.

— Pelos deuses — sussurrou, olhando para Iris. — Ele tenciona bombardear a zona sul de Oath amanhã?

Iris assentiu com a cabeça, o estômago feito num nó.

— Sei que estava determinada a nunca publicar uma palavra dele, Helena, mas...

— Não, isto é uma exceção. Ele não nos deu escolha. — Helena olhou para a parede de vidro, onde os linótipos continuavam a trabalhar. — Onde está o Lawrence?

— Mr. Lawrence está *ocupado* — disse a mulher atrás da secretária, em voz alta. — Posso marcar uma hora para amanhã...

— Sim, e há uma boa hipótese de este edifício não estar de pé depois de amanhã, Greta — explodiu Helena. — Chama o Lawrence. *Agora.*

Greta bufou de indignação, corada. Mas pegou no auscultador e fez uma chamada para a sala de composição. Cinco minutos depois, Digby Lawrence apareceu de mangas arregaçadas até aos cotovelos. Vinha a puxar os cabelos cor de aço para trás, e Iris viu-lhe as pontas dos dedos manchadas de tinta e o semblante carregado, embora nunca o tivesse visto bem-disposto nas raras vezes em que passava pela tipografia.

— Sabes que não aceito alterações de última hora, Hammond — disse ele.

Helena ignorou o comentário.

— Já imprimiste o *Tribune*?

Ele deve ter ouvido a urgência, o medo que tingia a sua voz.

— Não — respondeu, num tom mais brando. — A linha de tipos vai ser criada dentro de uma hora. Porquê?

— Preciso de fazer uma alteração na primeira página. Lamento, Lawrence, mas não tenho escolha. — Estendeu-lhe o papel.

Iris estalou os dedos enquanto Lawrence lia. Teve perfeita noção da altura em que ele chegou à ameaça, porque o sulco na sua sobrancelha aprofundou-se.

— Está bem — assentiu. — Deixa-me parar a produção. Depois podes vir ajudar-me num dos linótipos, e fazemos a edição.

— Esperem — disse Iris, num suspiro. — O *Gazette* já foi impresso?

— Ainda não. Imprimo-o sempre depois do *Tribune*.

— Então, pode cancelar também a sua impressão?

— Iris — disse Helena, num tom de aviso. — Não posso interferir na produção de outro jornal.

— Eu sei. Mas tenho uma ideia. E vou precisar do *Gazette* para a concretizar.

Helena hesitou, tal como Lawrence. Foi Tobias quem deu um passo em frente, posicionando-se ao lado de Iris.

— O que é que isso interessa? — disse ele, levantando a mão. — Amanhã, isso será totalmente irrelevante.

— Tens razão. — Helena tirou um cigarro do bolso e rodou-o nos dedos. — Lawrence?

Ele ficou em silêncio, muito mais tempo do que Iris gostaria. Mas depois acenou com a cabeça.

— Está bem. Eu suspendo os dois. O que significa que vamos imprimir os jornais mesmo antes do amanhecer. — Lawrence olhou para Iris, com os olhos semicerrados. — É bom que a sua ideia para o *Gazette* valha a pena, Miss Winnow.

Iris cruzou os braços. Há muito tempo que as suas palavras não eram publicadas no *Gazette*. Não é que tivesse grandes saudades, mas, de vez em quando, deixava-se levar pela nostalgia e recordava os tempos em que era uma novata de olhos brilhantes, ansiosa por saber que poderia ser colunista naquele prestigiado jornal de Oath.

Parecia agora apropriado que se apoderasse do *Gazette* e escrevesse para o jornal uma última vez.

— Claro, Mr. Lawrence. Quero usá-lo para informar as pessoas como podem abrigar-se durante o bombardeamento.

Enquanto Helena acompanhava Lawrence até à sala de composição para preparar novos linótipos para a primeira página do *Inkridden Tribune*, Iris e Tobias sentaram-se na entrada com folhas de papel e lápis, a anotar todas as ruas e edifícios mágicos a sul do rio de que se lembravam.

Não foi tão fácil como Iris tinha previsto inicialmente, porque sabia que as linhas ley subterrâneas não coincidiam exatamente com as ruas à superfície. E embora metade de um complexo de apartamentos ou de um edifício pudesse ser seguros, havia a hipótese de o outro lado não ser.

Iris girava o lápis na mão, estudando atentamente as moradas e os nomes de ruas que ela e Tobias tinham rabiscado. Tinha a certeza de alguns lugares, lembrando-se do mapa que Roman havia desenhado para ela. Outros lugares conhecia por experiência própria, como a mercearia da esquina, onde antigamente parava com frequência quando voltava do *Gazette* para casa. Era inegável que se tratava de um edifício encantado com raízes numa linha ley, cujas paredes e telhado resistiriam a uma bomba. Um lugar seguro para as pessoas se abrigarem durante o ataque. Mas, noutros casos, a magia era mais ténue. Mais discreta. Havia estruturas em que a magia não era tão evidente, e Iris suspirou.

— Não quero enganar as pessoas — disse, esfregando as têmporas. — Dizer que um edifício é seguro para se abrigarem quando pode não ser.

Tobias ficou em silêncio, a estudar a lista.

— Eu sei. Mas isto vai salvar mais pessoas do que pensas, Iris.

Ela voltou a passar os olhos pela lista, condoída ao pensar em quantas pessoas viviam na metade sul da cidade. Era onde ficava a universidade, assim como o *Gazette* e o *Tribune*. A maior parte do centro da cidade. O Riverside Park. O edifício da ópera. O museu.

Iris vivia a sul do rio, tal como Attie e Tobias. Os lugares onde tinham crescido, os lugares que amavam. Tudo isso seria destruído por Dacre no dia seguinte.

Iris olhou para as portas de entrada. A noite aproximava-se rapidamente.

— Devias ir para casa, Tobias — disse ela. — Não quero que sejas apanhado na rua depois do recolher obrigatório.

— E tu e a Helena?

— Ficaremos a salvo aqui. Obrigada por toda a tua ajuda.

— Sempre às ordens. — Ele sorriu, mas parecia triste. Preocupado. — Vou passar pela casa da Attie a caminho de casa, para a avisar, a ela e à família, do que se está a passar, uma vez que estão a sul do rio.

Iris acenou com a cabeça.

— Eu ia passar lá amanhã bem cedo.

Tobias deu-lhe um abraço, e as suas palavras de despedida ressoaram no peito de Iris:

— Não te preocupes. Já passámos por muita coisa, e a última volta de uma corrida é sempre das mais difíceis. Mas desta vez vamos conseguir.

Se fosse Iris a dizer aquelas palavras, talvez lhe custasse acreditar nelas. Mas Tobias já tinha feito o impossível, e ela sentiu-se reconfortada com a ideia.

Depois de ele ter saído, juntou os papéis. Greta lançou-lhe um olhar severo, mas não a deteve quando passou pela sua secretária para se juntar a Lawrence e Helena, que estavam a trabalhar num dos linótipos na sala de composição barulhenta.

— Muito bem — disse Iris, forçando a voz para falar por cima do ruído constante. — Eu...

Mas Helena agarrou-a pelo braço e levou-a para o corredor mais calmo.

— O que tens para mim, miúda? — perguntou-lhe.

— A minha ideia é a seguinte. — Iris respirou fundo antes de continuar. — Dacre vai ler o *Inkridden Tribune* amanhã, para ver se cumpri com a minha palavra e coloquei o anúncio dele na primeira página. Acho que não vai ler o *Gazette*, mas por via das dúvidas, acho que devemos colocar algumas moradas na primeira página, como se fosse apenas um anúncio, e depois continuar na segunda ou terceira página, terminando com a declaração de que se trata de edifícios

erguidos sobre linhas ley, que podem constituir os melhores abrigos durante o bombardeamento.

Helena, que tinha um cigarro apagado na boca, sorriu.

— Isso é brilhante, miúda.

— Até o Zeb Autry me ligar de manhã e ameaçar processar-me — disse Lawrence num tom áspero. Iris não se tinha apercebido de que ele as tinha seguido até ao corredor. — Sei que nada disso vai importar depois do meio-dia, mas como vou justificar a publicação de um «anúncio» que ele nunca aprovou?

— É muito simples. — Iris entrelaçou os dedos atrás das costas. — Diga-lhe que é uma cortesia da Iris Inkridden.

FERRO E SAL

Já quase anoitecera quando Iris chegou à paragem de eléctrico mais próxima, ficando à espera sob o brilho de um candeeiro de rua. Helena tinha decidido ficar na tipografia durante a noite para ajudar Lawrence, despedindo-se de Iris pouco depois de terem combinado o que fazer com o *Gazette*.

— Vai para casa antes que anoiteça, miúda — dissera Helena, acendendo finalmente o cigarro. — Sei que o teu irmão deve estar em cuidados.

Iris não protestou. Sentia-se exausta e abatida, agora que o artigo já não estava nas suas mãos. E precisava de ir para casa — queria estar com Forest — mas depois lembrou-se da espada, ainda escondida debaixo da secretária de Helena.

Com um suspiro, Iris começou a caminhada rápida até ao *Inkridden Tribune*. Não era muito longe da tipografia e, felizmente, chegou à redacção antes do último editor sair.

— Fechas tudo quando saíres, Winnow? — perguntou ele, vestindo o casaco.

Iris sentou-se à secretária como se tencionasse trabalhar toda a noite, mas acenou com a cabeça.

— Sim, claro. Boa-noite, Frank.

Esperou que os passos dele se desvanecessem nas escadas para se levantar e tirar um casaco suplente do cabide. Correu para o gabinete de Helena, temendo que a espada tivesse desaparecido. Mas ainda lá estava, tal como a tinham deixado.

Iris ajoelhou-se e embrulhou a bainha e o punho no casaco. Foi a melhor maneira que encontrou para transportar a espada para casa sem revelar o que era — o que fariam os indivíduos do Cemitério se a apanhassem com ela? — e estava prestes a levantar-se, com a espada desajeitadamente a reboque, quando ouviu novamente passos. Cada vez mais audíveis. Alguém estava a descer as escadas, a aproximar-se do *Tribune*.

Iris ficou atrás da secretária de Helena. Não tinha trancado a porta

quando Frank saíra, pensando que ninguém passaria por lá, uma vez que o recolher obrigatório estava quase a começar. Mas agora estava retida no gabinete da chefe, sem saber quem se aproximava.

Ouviu a porta principal a abrir e a fechar. Passos a andar à volta das secretárias, quase hesitantes, como se estivessem perdidos, ou à procura de alguma coisa.

Iris susteve a respiração quando o indivíduo se aproximou do gabinete de Helena. *Vai-te embora*, pensou, imaginando que a pessoa não estaria ali com boas intenções. Mas depois ouviu uma tosse abafada. Alguém a aclarar a garganta.

— Iris?

A voz era-lhe familiar. Ela pôs-se de pé, com a espada nos braços, e olhou fixamente para a última pessoa que esperava ver ali.

— *Kitt*?

Ele abriu a porta do gabinete e a luz do candeeiro banhou-lhe o rosto.

— Escondes-te debaixo das secretárias muitas vezes, Winnow? — atirou.

A alegria na sua voz, o ligeiro sorriso que lhe repuxava os lábios, a forma como o apelido dela soava na sua boca. Era como se tivessem recuado no tempo, e isso causou-lhe um aperto no coração. Iris teve de engolir um soluço e não resistiu a olhá-lo com devoção.

— Gosto de o fazer de vez em quando — respondeu, mas depois baixou a voz. — O que estás a fazer aqui?

— Vim certificar-me de que estavas bem quando saíste de minha casa. E que chegavas bem a casa. Estava à tua espera à porta da tipografia e fiquei surpreso quando fizeste um desvio. — Os olhos de Roman fixaram-se no embrulho. — Quero saber o que isso é?

— Tenho a certeza que sim. Mas deixa-me mostrar-te à luz. Pode ser aqui, na minha secretária. — Ela passou por ele, por pouco não lhe roçando o peito. Mas ouviu a inspiração forte, e as suas pulsações dispararam.

Roman seguiu-a até à sua secretária — lamentavelmente — desorganizada. Afinal de contas, quem é que tinha tempo para manter as coisas arrumadas? No rolo da sua máquina de escrever de trabalho ainda havia uma frase por terminar, além de livros abertos e uma pilha de papel desordenada. Iris empurrou discretamente o prato de torradas esquecidas para fora do caminho.

Roman ficou a vê-la desembulhar a espada embainhada. Assobiou baixinho.

— Roubaste isto do museu, minha esposa?

— E eu lá tenho cara de ladra? — Iris fez uma careta. — É melhor não responderes.

— Bem, agora que te vejo melhor... — Roman sorriu. Os seus

olhos desceram pelo corpo dela, e depois subiram, lentamente. — A propósito, gosto do teu penteado novo.

Iris resfolegou, mas corou enquanto passava a mão pelo cabelo. Ainda estava frisado por causa do cabeleireiro, com as pontas mais curtas a roçarem-lhe a clavícula.

— Obrigada. E esta espada foi-me *oferecida*.

— Por quem?

— Por Enva. — Roman ficou paralisado. Escutou-a avidamente, enquanto Iris lhe contava o que tinha vivido na noite passada: a bomba, o abrigo no museu. O sonho. As coisas que Enva lhe tinha revelado. — Tinhas razão, Kitt — disse-lhe, em jeito de conclusão. — Ela matou Alva, Mir e Luz, tomando-lhes os poderes, mas apenas como medida preventiva, para que Dacre não lhes roubasse a magia quando acordasse. No entanto, a consequência foi o enfraquecimento do seu próprio dom da música e a obrigação de se manter aqui, em Oath.

— Porque não matou também Dacre no seu túmulo? — perguntou Roman bruscamente. — Ter-nos-ia poupado muitos problemas se o tivesse feito.

Iris hesitou, mordendo o lábio.

— Não sei bem. Só percebi que era ela quando o sonho estava prestes a terminar. Gostava de ter falado com ela mais tempo.

Roman ficou calado, com o olhar a desviar-se para a espada.

— E agora ela quer que mates Dacre.

— Sim.

— Tem todo aquele poder à sua disposição, e ainda assim ordena que o faças.

— Ela não me *ordenou* — esclareceu Iris, mas depois ponderou porque estaria tão na defensiva. De certa forma, conseguia perceber a atração do Cemitério e das suas crenças. O envolvimento com os deuses nunca tinha beneficiado os humanos. Havia sempre um senão. — Não sei como convencer Dacre a descer até ao mundo inferior para conseguir encantá-lo com a música — confessou.

Roman começou a andar de um lado para o outro, passando as mãos pelo cabelo. Iris pousou cuidadosamente a espada e sentou-se na borda da secretária, com as pernas a baloiçar, enquanto Roman tentava raciocinar. Mas depois parou e virou-se, olhando para Iris com os seus olhos escuros e brilhantes.

— Lembras-te de quando estávamos nas trincheiras? O tenente Lark disse-nos que os *eithrals* nunca apareciam na frente, estavam reservados para as localidades civis, a quilómetros de distância dos combates reais. — Iris assentiu. — Acho que isso se deve ao facto de ser Dacre quem comana os *eithrals* quando lançam as bombas e, para isso, tem de estar debaixo da terra. Durante os bombardeamentos nas

trincheiras ele quer estar à superfície, a supervisionar o ataque. Mas durante os impasses, quando não acontecia nada durante dias, ele descia ao seu reino e enviava os *eithrals* para aterrorizar os civis. E tinha sempre o controlo total das feras.

Iris passou os dedos pelo arco dos lábios.

— Se isso é verdade, então Dacre vai...

— Estar no reino subterrâneo amanhã, quando a cidade for bombardeada — concluiu. — Há mais de cem caixotes no pátio das traseiras da minha casa. Com as bombas que Dacre tenciona usar. Terá de enviar os *eithrals* até lá para pegarem nelas, uma a uma, para depois as levarem para sul e as largarem. É nessa altura que nós temos de avançar.

— Nós?

— Pensavas que te deixava ir sozinha?

— A Attie vai comigo.

— E que portal tencionam usar?

— O da tua sala de estar?

— Está muito bem guardado. Acho que não vou conseguir ajudar-vos a entrar.

— E as chaves?

Roman esfregou o maxilar.

— Talvez arranje uma chave. Havia uma perdida na mesa de guerra, ontem.

A ideia de Roman roubar uma das chaves de Dacre aterrorizou Iris. Ficou parada, tentando descobrir outra maneira, mas em vão. Teria de ser o portal da sala de estar, que estava cercado pelos soldados de Dacre, ou arranjar uma chave para abrir o seu próprio portal.

— Quem me dera que não tivesse de chegar a isso — disse. A expressão de Roman tornou-se mais branda, como se as palavras dela tivessem atingido uma ferida. Aproximou-se mais até ficar entre as pernas dela. Apoiou-se na secretária, com as mãos de cada lado de Iris, e apertou-a. Iris não se mexeu, aturdida quando o olhar de Roman se alinhou com o dela. — Se me tivesses tocado hoje, Kitt — sussurrou. — Acho que não teria sido capaz de continuar a esconder. Quem tu és para mim. Quem eu sou para ti.

— Assim? — Ele roçou-lhe o joelho com o polegar, mesmo por baixo da saia. O seu toque era suave, mas possessivo, e Iris fechou os olhos. — Ou assim, Iris? — Ela sentiu os dedos dele a percorrerem-lhe o braço e o ombro, parando nos botões da blusa.

— Sim. — Ela inclinou a cabeça para trás quando sentiu a boca dele na sua garganta.

— Achas que iria permitir que ele me dissesse quando e como te tocar? — A voz de Roman era grave quando traçou o maxilar dela com os lábios. — Achas que iria permitir que ele me roubasse este

último momento? Em que me entregaria apenas a ti, que te tomaria nas minhas mãos e arderia contigo antes da chegada do fim?

— Este não é o nosso último momento — disse ela, de olhos postos nele. Mas sentiu o peso da sua afirmação como se fosse o destino. Enrolou as pernas à volta da cintura dele, com a saia a cair sobre a secretária. Sobre os papéis e os livros. A máquina de escrever brilhava enquanto a mesa tremia debaixo deles.

— Escreve-me uma história, Kitt — sussurrou, beijando-lhe a testa, as faces. Os lábios e a garganta, até Iris sentir que o amor era um machado que lhe tinha aberto o peito. O seu próprio coração batia no ar. — Escreve-me uma história em que eu fico acordada até tarde, todas as noites, com o matraquear da tua escrita, e em que escondo bilhetes nos teus bolsos para que os encontres quando estiveres no trabalho. Escreve-me uma história em que nos conhecemos numa esquina e eu entornei café na tua gabardina cara, ou sobre quando nos cruzámos na nossa livraria preferida e eu recomendei poesia e tu recomendaste mitos. Ou sobre aquela vez em que a casa de sandes se enganou no nosso pedido, ou quando acabámos por nos sentar ao lado um do outro no jogo da bola, ou quando me atrevi a apanhar o comboio para oeste só para ver até onde conseguia ir, e tu por acaso também estavas lá. — Iris engoliu a dor que sentia na garganta, inclinando-se para trás para o encarar. Gentilmente, como se ele fosse um sonho, tocou-lhe no cabelo. Alisou-lhe as madeixas escuras da testa. — Escreve-me uma história sem final, Kitt. Escreve-me e preenche os meus espaços vazios.

Roman encarou-a fixamente, com o desespero a brilhar no olhar. Uma expressão que ela nunca tinha visto cintilou no seu rosto. Tinha tanto de dor como de prazer, como se ele se estivesse a afogar nela e nas suas palavras. Eram ferro e sal, uma lâmina e um bálsamo, e ele inspirou profundamente pela última vez.

Por favor, rezou Iris, aproximando-o mais. *Não deixes que isto seja o fim.*

Mas isso tornava a sua união ainda mais doce, ainda mais nítida; a pele brilhante como o orvalho, as respirações a ir e a vir, os seus nomes feitos sussurros esfarrapados.

Escrever a história que ambos queriam naquela noite.

Pensar que poderia ser a última.

CEM VEZES, MIL VEZES

Roman sabia que tinha ficado na rua até muito tarde. Tentou não pensar nas consequências enquanto acompanhava Iris a casa, uma mão entrelaçada com a dela, a outra a segurar a espada embrulhada no casaco. As ruas estavam mais vazias do que ele previra — até os elementos do Cemitério tinham ficado nas suas tocas naquela noite, como se pressentissem que o fim estava próximo. Ao menor estrondo no chão as pessoas fechavam as cortinas, trancavam as portas e enroscavam-se com os entes queridos.

O apartamento de Iris ficou à vista no momento em que uma neblina se formou. As luzes brilhavam como estrelas cadentes, e Roman parou entre os candeeiros de rua, numa mancha aveludada de sombra. Mas ainda conseguia ver Iris, vagamente. A forma como a neblina pousava, iridescente, no seu cabelo. Como os seus olhos brilhavam e os lábios se entreabriam quando se virou para ele e perguntou:

— Queres entrar? O Forest está em casa. Tenho a certeza de que ele gostaria de te cumprimentar.

Roman mexeu-se, desconfortável. Tinha sentimentos contraditórios em relação a Forest, mas não queria que Iris soubesse disso. A questão principal era a forma como tinha visto o irmão a arrastá-la durante o ataque a Bluff. Como Forest tinha fugido intencionalmente de Roman, separando-o de Iris.

E, no entanto, depois de viver entre as forças de Dacre, desorientado e solitário, com ferimentos que ainda lhe causavam tanto sofrimento... Roman entendia melhor as coisas. Compreendeu que costumava olhar para a vida através de um periscópio. E agora via como o horizonte era vasto. Havia também o facto de Roman, de uma forma estranha, sentir que conhecia Forest, de todas as cartas que tinha recebido de Iris no início.

— Infelizmente, tenho de voltar. — O que era verdade. — Mas gostaria muito de falar com o Forest em breve. Talvez possamos ir juntos ao Riverside Park.

Que poderia ser arrasado no dia seguinte.

Iris acenou com a cabeça, mas Roman viu-a engolir em seco. Não sabia se havia lágrimas nos olhos dela, mas os seus picavam em antecipação.

Despediram-se com um beijo. Ele queria que fosse gentil, mas foi um choque de bocas, mordidelas com os dentes e arquejos que o arrepiaram até aos ossos. Sentiu Iris agarrar-se a ele, e sabia que se não se afastasse dela naquele instante, nunca mais o faria. Segui-la-ia até ao seu apartamento. Despiria as roupas húmidas e deitar-se-ia ao lado dela na cama. Abraçá-la-ia junto do coração e rezaria para que a manhã nunca chegasse.

— Boa-noite, Winnow — sussurrou, entregando-lhe a espada. Deu um passo atrás, espantado por constatar que a distância fazia com que ele sentisse que tinha partido uma costela. — Vemo-nos amanhã, sim?

— Tudo bem — assentiu Iris.

Nenhum dos dois se mexeu. Tinham delineado um plano para se encontrarem na zona norte da cidade. Iris e Attie usariam o convite de Dacre para passarem em segurança. Roman contava ter a chave de que as raparigas precisavam para lhes entregar às 11h30. Se não conseguisse apanhá-la, recorreriam à única opção que tinham: Roman entraria sorrateiramente na mansão e abriria caminho até ao portal da sala de estar.

— Eu espero aqui — disse Roman. — Para garantir que entras em segurança.

Iris deu um passo atrás, ainda de frente para ele.

Roman viu a luz do candeeiro pintá-la de dourado, depois ela virou-se e subiu as escadas para o apartamento. Ele ficou a vê-la, com as mãos nos bolsos, o coração na garganta, até se certificar de que Iris tinha entrado em casa e fechado a porta atrás de si.

Só então se rendeu às ruas sombrias, dirigindo-se para norte do rio. Para aquele que seria o seu lar, apesar de não o sentir como tal.

*

Tudo bem.

Aquela frase vazia continha as últimas palavras que ela lhe tinha dito.

Iris sentiu-se entorpecida quando entrou no apartamento, fechando a porta atrás de si.

Tudo bem, como se fossem encontrar-se para tomar chá amanhã. Como se o mundo não estivesse prestes a ruir em chamas.

— Iris? És tu?

Ela saiu do seu torpor quando ouviu a voz de Forest a vir da cozinha.

— Sim. — Pousou a espada no aparador e correu ao seu encontro

no centro da sala, deixando que ele a levantasse no ar num abraço tão forte que espremeu todo o ar dos seus pulmões. Iris quase se riu, recordando os abraços que ele lhe dava nos velhos tempos, quando a mãe ainda estava viva. Antes de tudo se ter desmoronado.

— Pelos deuses, Iris. — Forest pousou-a no chão, afagando-lhe o rosto com as mãos calejadas. — Estava muito preocupado contigo.

— Eu sei, mas estou *bem*. — Sorriu para o tranquilizar. — Só uns arranhões nos joelhos.

Tinha ligado para a oficina naquela manhã do telefone do *Tribune*, ciente de que a notícia do atentado no Green Quarter haveria de se espalhar. Nunca tinha ouvido a voz de Forest tão abalada como nesse telefonema, e sentiu-se culpada por chegar a casa tão tarde.

— A Prindle está cá?

— Não, hoje foi passar a noite com a família. E tu já devias estar em casa há horas.

— Tinha uma coisa urgente para entregar na tipografia. Demorou mais do que eu esperava. — Encaminhou-se para o quarto, com os pensamentos num desalinho. — E tenho uma coisa para te contar, mas deixa-me mudar de roupa primeiro.

— Tem piada dizeres isso — ripostou Forest. — Porque também tenho novidades para ti. — Porque é que Iris sentiu o coração a mirrar? Porque partia do princípio que era algo mau? — Vou fazer um chá — ofereceu-se o irmão, como se pressentisse o seu receio.

Quando Iris regressou à sala de estar, Forest estava sentado no sofá. Um bule de chá preto com duas chávenas lascadas estava em cima da mesa, e ela aceitou uma de bom grado, envolvendo a porcelana com os dedos frios.

— Tu primeiro, Forest — disse Iris, sentando-se ao lado dele na almofada.

— Bem — começou ele, hesitante, a coçar o queixo. Parecia que estava a tentar deixar crescer a barba, mas ainda era muito rala. — Sabes que fui ao médico na semana passada, certo? Ele deu-me medicamentos para aliviar os sintomas, que têm ajudado, mas também quis fazer uma radiografia. E assim fez e... ontem fui lá outra vez por causa dos resultados.

Iris preparou-se para tudo. Sentiu-se tonta quando perguntou:

— E então, Forest?

Ele suspirou, olhando para o chá.

— Encontraram fragmentos de bala no meu corpo. Acho que quando Dacre me curou, deixou-os para trás intencionalmente. Para servir de castigo se eu alguma vez me separasse dele. Se calhar até pensou que a dor acabaria por me levar de volta para junto dele. Mas agora sei o que tem causado o meu mal-estar, que se agudiza a cada dia que passa.

Os olhos de Iris encheram-se de lágrimas. Pôs de lado a chávena de chá e virou-se para Forest no sofá, estendendo-lhe a mão.

— Sinto muito — sussurrou. — Nem consigo imaginar como isso é, Forest.

Ele riu-se para desanuviar a tensão, mas havia um tremor nas suas mãos quando ele também pousou a chávena.

— A má notícia é que preciso de mais cirurgias. Mas a boa notícia é que o médico acredita que pode remover todos os fragmentos e, embora os sintomas possam persistir, não serão tão maus como eram. O medicamento vai ajudar-me a controlá-los.

— E eu estarei aqui para te ajudar — disse Iris. — Quando vais ser operado?

— No próximo Dia de Mir. — Agora, era Iris que vacilava. O hospital ficava a sul do rio, e ela não duvidava que seria bombardeado por Dacre. — O que foi? — sussurrou o irmão, lendo as linhas do seu rosto.

Iris contou-lhe tudo sobre o ultimato de Dacre. Que teve de correr para a tipografia para forçar as alterações, e que acreditava que certas ruas e casas estariam a salvo apesar do ataque iminente. Custava-lhe que as palavras a queimassem como fumo; que a esperança nos olhos de Forest, fruto da sua recuperação e da crença no futuro, comesse a desvanecer.

Recostou-se no sofá, a olhar para o teto manchado de água.

— Não estamos a salvo aqui, pois não?

Iris não tinha a certeza. Por vezes, o apartamento revelava algumas peculiaridades, mas ela não sabia se isso se devia a uma linha ley ou ao facto de o edifício ser antigo. Olhou em volta e tentou imaginar como seria se a sua casa se transformasse em escombros, mas continuava a sentir-se entorpecida.

— Acho que vamos ter de nos abrigar noutro sítio. Conheço alguns sítios bons que não são muito longe daqui. — Quase revelou a Forest que não estaria sempre com ele, que enquanto Oath agonizava, ela estaria no submundo. Mas as palavras tinham gosto a ferrugem; guardou-as para si e pegou num livro grosso que estava sobre a mesa. — Um dos livros da Prindle?

Forest pareceu ficar grato pela distração.

— Sim. Tenho lido para ela à noite. Está a tentar convencer-me de que afinal gosto de ficção. Só preciso de encontrar a história certa.

— Lês para mim?

O irmão esboçou um sorriso tímido, mas aceitou o livro, abrindo-o onde ele e Sarah o tinham deixado.

— Olha que ainda adormeces.

— Tudo bem — disse Iris, puxando um cobertor para cima das pernas.

Tudo bem. Aquelas duas palavras outra vez. Não se enquadravam na noite, ou talvez sim, e ela só agora começava a ver isso.

Iris deixou-se descansar, enquanto ouvia Forest a ler, a sua voz profunda como um som reconfortante. Não lhe disse que tinha medo de dormir sozinha, preocupada com o que poderia encontrar em sonhos. Explosões, corpos mutilados, sangue e Dacre a persegui-la através do fumo. Não lhe disse que tinha medo, mas quanto mais ele lia, mais os seus medos se dissipavam. Espreitavam nos cantos, mas feneciam diante da presença firme e luminosa de Forest.

Iris adormeceu com a cabeça no ombro do irmão.

*

Roman não precisou de se esgueirar para entrar na propriedade. Após a saída de Iris, nessa tarde, decidira abordar Dacre diretamente, com o coração em chamas. Olhou o deus nos olhos e perguntou-lhe calmamente se podia segui-la.

— Porquê? — perguntara Dacre. Não parecia desconfiado, mas queria ser convencido.

— Para garantir que ela faz o que lhe pede, senhor — respondeu Roman.

— Achas que não o fará?

— Não viu como ela é teimosa?

Dacre ficou pensativo. Mas então, fosse lá por que razão fosse, concordou.

Roman tinha saído pelos portões da frente por sua própria vontade, e agora estava de volta, algumas horas depois. Sabia que o seu tempo de liberdade já tinha passado e que Dacre estaria a interrogar-se sobre o motivo do atraso. Também sabia que precisava de roubar a chave que estava em cima da mesa de guerra, pousada sobre uma pilha de papéis, o ferro escurecido pelo sangue do capitão Landis.

Roman estava a pensar nisso enquanto se aproximava da entrada da mansão, batendo as unhas uma na outra. A névoa tinha-se acumulado na gabardina e ensopara-lhe o cabelo. Tossiu para as mãos, várias vezes, limpando os pulmões apesar da dor no peito.

O sabor era horrível, mas engoliu, com o estômago às voltas pela caminhada até casa.

A sua mente estava longe quando as portas se abriram com um gemido. À sua frente estavam a dois soldados com as caras fechadas e em silêncio. Quando Roman passou por eles, com os sapatos molhados a ranger no chão do vestíbulo, um deles disse-lhe:

— O Comandante está à tua espera na mesa de guerra.

Nunca era boa ideia deixar Dacre à espera, mas Roman estava preparado. Agradeceu e encaminhou-se para a sala de estar, porém, a sua confiança diminuía a cada passo que dava, até se sentir uma

sombra do que tinha sido há poucas horas, quando estava com Iris.

As portas da sala estavam abertas, espalhando a luz pelo corredor, e Roman surpreendeu-se ao ver o grupo aí reunido.

Dacre estava sentado na sua cadeira preferida, com o fogo a crepitar nas suas costas e as sombras a dançarem no seu rosto. Quatro dos seus oficiais estavam ao seu lado, sendo um deles o tenente Shane. Mr. Kitt também estava presente, mas parecia mais abatido do que nunca, com as roupas amarrotadas, o corpo caído na cadeira como se tivesse perdido toda a esperança.

Foi o desespero patente nos olhos vermelhos do pai que fez o coração de Roman vacilar.

Havia algo de errado.

— Senhor? — disse Roman, encarando Dacre. — Ela entregou o artigo na tipografia. Deverá sair na primeira página do *Inkridden Tribune* de amanhã, como ordenou.

— Estás muito atrasado, Roman — respondeu Dacre, como se não tivesse ouvido nada do que Roman dissera. — Porquê?

— Ela demorou algum tempo na tipografia. Para fazer uma alteração daquelas... o responsável não estava muito convencido.

— Hmm. — Dacre esboçou um sorriso que não lhe chegou aos olhos. Traçou o lábio inferior com as bordas dos dentes. — Porque me roubaste?

A respiração de Roman vacilou.

— Senhor?

— Não tenho sido bom para ti? Não te dei mais liberdades do que à maioria? — Dacre fitou-o durante um instante longo e lacerante. — Revistem-no.

Os dois soldados que tinham recebido Roman à porta avançaram. Arrancaram-lhe o casaco à força e começaram a revistá-lo.

Não resistas, disse Roman a si próprio, mesmo quando se irritou.

— Senhor? — disse ele. — Não estou a perceber.

Dacre não respondeu. Os soldados não encontraram nada, exceto o volume sobre pássaros verde. Atiraram-no para cima da mesa, e Dacre folheou as páginas quebradiças. A sua sobranceira arqueou-se quando não encontrou nenhuma mensagem escondida. Não havia nada que pudesse incriminar Roman. Era simplesmente um livro sobre pássaros. Dacre resfolegou quando atirou o livro para a lareira.

Roman estremeceu quando o livro de Iris se transformou numa labareda brilhante. Lentamente, desfez-se em fumo, deixando para trás espirais de cinzas. Mas as palavras e as ilustrações permaneceram, gravadas na sua mente.

Pensou nas corujas, nas garças, nos albatrozes, nos rouxinóis. As páginas que mais se tinham desgastado. Vincadas e manchadas, como se tivessem sido tocadas por inúmeras mãos, lidas vezes sem conta.

Pensou nos pássaros que tinham partido as asas, recusando-se a ficar cativos.

— Onde está a chave, Roman? — perguntou Dacre.

— Que chave?

— Não te faças de desentendido. Sei que a viste, pousada sobre esta mesa. Estava aqui esta manhã, antes da visita de Iris Winnow, e agora desapareceu. O que lhe fizeste?

A mente de Roman corria célere. O suor brotou-lhe nas palmas das mãos.

— As informações confidenciais foram retiradas da mesa antes da visita da Iris, para serem guardadas numa sala dos fundos. Para que ela não visse nada de importante. Foram ordens suas, senhor, e a chave deve ter-se extraviado...

— Quantas mais mentiras já me contaste? — cortou Dacre.

Roman ficou paralisado. *Isto é um teste.* No entanto, ele não soube responder.

Ouviu passos no corredor. Um ritmo lento e confiante. Um segundo depois, Roman sentiu a presença encharcada de chuva de alguém alto e intimidador parado atrás de si.

Roman virou-se. Era Val, com um olhar de indiferença estampado no rosto.

— Que tens a dizer? — instou Dacre.

O olhar de Val desviou-se para encarar Dacre.

— Ele seguiu-a até à tipografia, como vos disse. Esperou cá fora durante horas, até Iris Winnow aparecer. Ela desceu a rua e ele seguiu-a. Quando Iris fez uma paragem no *Tribune*, ele seguiu-a. Estiveram juntos durante cerca de uma hora, antes de ele a acompanhar a casa. Tiveram... um encontro bastante romântico.

Roman ficou sem pinga de sangue. Até àquele momento — quando percebeu que Dacre havia enviado Val para o seguir e observar — Roman acreditava que poderia salvar a situação. Mesmo com a paranoia de Dacre sobre a chave perdida. Mas agora sabia que o seu tempo se tinha esgotado. Não havia nada que ele pudesse dizer, nenhuma mentira que conseguisse inventar, que o libertasse da teia.

— Presumo que Iris *E.* Winnow seja Iris *Elizabeth* Winnow — disse Dacre, num tom brando e sombrio.

A atenção de Roman voltou-se para o deus. Por fim, reparou nos papéis espalhados sobre a mesa diante de Dacre. A caligrafia de Roman, discorrida sobre as páginas. A sua confissão, que Shane tinha na mão.

É o fim.

Escusas de continuar a fingir.

Roman olhou de relance para o tenente.

Shane parecia entediado, as mãos entrelaçadas atrás das costas, os

olhos pesados. Mas notou-lhe as narinas dilatadas quando os seus olhares se cruzaram.

Roman queria perguntar-lhe porquê. Porquê traí-lo agora? Porquê expô-lo agora? Os seus dedos cerraram-se em punhos, as unhas cravaram-se nas palmas das mãos vincando meias-luas, e ele ainda pensou se deveria denunciar Shane.

Não tens provas!

A verdade atravessou-o como se fosse oco. Queimara a missiva que Shane lhe dera, porque tivera medo de a ter consigo. Um erro, embora talvez não tivesse feito diferença.

Shane estava em vantagem, atirara Roman aos lobos para se salvar.

E Roman não lhe faria o mesmo. Mesmo agora, caído em desgraça, Roman recusava-se a ver outro homem ser rebaixado e ferido por um deus desonesto.

Joguei a minha cartada, e fui suplantado.

Mas o seu peito ardia ao pensar em Iris. Ela dependia dele para amanhã.

O silêncio de Roman tinha sido demasiado longo. Dacre levantou-se, ameaçador na sua imponência. Todas as paredes, todos os presentes pareciam inclinar-se para ele, como se fosse um remoinho. Uma estrela implodida. O centro de gravidade.

— Vou fazer-te quatro perguntas, Roman — disse Dacre. — Quatro perguntas, às quais podes responder. Escolhe bem as tuas palavras, porque não vou tolerar mais mentiras da tua parte. — Roman fez um leve aceno de cabeça, expectante. — Porque me traíste? Porque deste a Iris *Elizabeth* Winnow informações sobre Hawk Shire? Não fui bom para ti? Não te salvei?

Roman exalou. Estava a pensar na sua resposta, no que queria dizer e como articular as palavras, quando o pai se levantou abruptamente da cadeira.

— Comandante — suplicou Mr. Kitt. — Por favor, o meu filho não está bem, como vê...

Dacre ergueu a mão.

— Silêncio. Quero ouvir a resposta do Roman.

Mr. Kitt baixou a cabeça.

Roman não olhou diretamente para o pai, mas pelo canto do olho viu que tremia. Era estranho ver o seu pai, outrora um portento, totalmente vergado.

— Traí-vos — começou Roman — porque a amo.

Dacre não estava à espera daquela resposta. Parecia perplexo, mas depois riu-se, com uma gargalhada cheia e mordaz.

— Foi por isso que te arruinaste? Vocês, mortais, pensam com o coração, quando deviam dar poder à vossa mente.

— Traí-vos porque amo a Iris *Elizabeth* Winnow — prosseguiu

Roman, em surdina, como se não tivesse ouvido a provocação de Dacre. — Ela representa tudo o que há de bom neste reino. O ataque a Hawk Shire punha em risco a vida dela. Não suportaria viver num mundo em que ela fosse morta pelo seu egoísmo, senhor, e por isso avisei-a. Não suportaria viver num mundo em que se mata ou se fere inúmeros dos meus compatriotas, apenas para o senhor os curar parcialmente de modo a que se sintam confusos e em dívida para consigo. O senhor nunca me curou como devia. Para começar, é o senhor o responsável pelas minhas feridas. Se não fosse por si, nunca teria respirado o gás que me marcou os pulmões. Nunca teria sentido o ferrão dos estilhaços na minha perna.

» Nada pode ser mais cruel e terrível do que a existência de um deus com tanto poder e magia que é tão mesquinho e cobarde ao ponto de viver os seus dias intermináveis a fazer mal aos outros. Em vez de nos deixar *escolher* amá-lo pelo bem que poderia fazer, obrigamos a servi-lo através da dor e do terror. Isso é imperdoável, e uma lição que aprenderá, embora tarde demais, quando perder esta guerra contra nós.

» Nunca me salvou, como diz. No campo de Avalon Bluff. Não foi o senhor que me salvou, foi a Iris.

Dacre bateu com o punho na mesa. Os seus lábios curvaram-se para trás num esgar. Toda a sua beleza imortal se transformou-se em algo tão feio que Roman estremeceu ao ver os seus verdadeiros ossos sob a pele. O coração podre de Dacre, um deus que só se preocupava consigo mesmo.

— Traíste-me por causa de uma mulher? — vociferou. — És o maior idiota dos meus homens, e também a minha maior vergonha.

As palavras saíram naturalmente da boca de Roman. Sorriu, sentindo que tinha engolido uma chama que lhe iluminava a medula, que lhe iluminava as veias.

— Seria capaz de vos trair cem vezes — disse, a sua voz plena. — Seria capaz de vos trair *mil* vezes por ela.

— *Basta!* — A explosão de Dacre cortou o ar. A tensão estalou na sala como um relâmpago; Roman tinha a certeza de que seria atingido.

Não teve medo. Mesmo quando os seus joelhos falharam, soube que o tremor era forjado pela coragem. Tinha dito as palavras que queria — as palavras que *sentia* — e não tinha mais arrependimentos.

— Leva-o para o submundo e algema-o na fila dos traidores — disse Dacre a Val. Roman não resistiu quando Val lhe prendeu os braços atrás das costas, torcendo-os até à submissão. — Depois, quando ele estiver seguro lá em baixo — continuou Dacre, com deleite na voz —, vai buscar a Iris. Trá-la até mim. Gostava de voltar a falar com ela.

— Não — sussurrou Roman. A força da ordem de Dacre atingiu-o como uma espada, rasgando-o de alto a baixo. Debateu-se. Lutou contra o aperto de ferro de Val. — *Não!*

Gritou até que a voz lhe foi arrancada da garganta. Val estava a arrastá-lo para a porta da sala de estar, que aguardava aberta como uma bocarra, sombreada pelo reino das profundezas. Mas Roman venderia cara a submissão. Quase conseguiu escapar, a pele manchada de nódoas negras, quando Dacre apareceu diante de si. O deus levantou a mão e enrolou os dedos.

Roman ofegou quando os seus pulmões se apertaram de forma obediente.

A força esvaiu-se dos seus membros e começou a cair. Viu estrelas a pontilhar a sua visão, mas sussurrou o nome dela na sua mente. Agarrou-se a ele enquanto a escuridão o devorava.

Iris.

A TUA ALMA JURADA À MINHA

Iris abriu os olhos, sem saber o que a tinha acordado. Tinha a cabeça apoiada no ombro de Forest, que respirava pesadamente.

Estavam sentados no sofá, a escuridão perceptível para lá das cortinas da janela. O chá ainda estava sobre a mesa, e o livro aberto no colo de Forest. Apenas um candeeiro estava aceso, e a sua luz era de um âmbar enevoado, que estriava as paredes à sua volta.

Estava tudo calmo até Iris ouvir a água a correr na cozinha e o tilintar inconfundível de uma chaleira a ser posta ao lume. Havia alguém no apartamento com eles. Iris levantou-se, com a pele arrepiada.

Dirigiu-se para a cozinha e, ao dobrar a esquina, viu o intruso.

Cabelo comprido e escuro. Um vestido modesto. Um cinto feito de flores entrelaçadas.

— Enva? — disse Iris, incapaz de esconder o seu choque. Enva virou-se para a encarar.

— Olá, Iris.

— Está mesmo aqui, ou estou a sonhar?

A deusa não respondeu com palavras, mas quando pegou na chaleira a ferver, esta derreteu-se nas suas mãos.

Um sonho, então, pensou Iris.

— Porque veio visitar-me outra vez?

Enva endireitou-se, como se de repente se sentisse desconfortável numa cozinha, a fazer tarefas mortais.

— Queria voltar a ver-te. Antes de fazeres a descida até ao mundo inferior.

Iris examinou-a por um longo instante.

— Quantos outros sonhos já percorreu?

— Mais do que consigo contar.

— Já visitou a Attie?

— Sim — respondeu Enva, cautelosa. — Queria que ambas ouvissem a canção de embalar.

— E o Forest?

- Algumas vezes.
- E o Kitt? Já visitou os sonhos dele?
- Não da maneira que estás a pensar.
- Então, como?

Enva acenou com a mão sobre o fogão. A chaleira reapareceu e permaneceu sólida enquanto ela a agarrava, deitando água quente para uma chávena de chá.

- Ajudei-o a lembrar-se de quem era.

Iris ficou em silêncio, recordando as palavras que Roman lhe tinha escrito. *Todas as noites, quando sonhava, estava a tentar juntar todas as peças. Estava a tentar encontrar o meu caminho de volta para ti.*

- E assim contrariou Dacre — concluiu Iris.

Enva manteve o olhar na chávena de chá enquanto juntava uma colher de mel.

— Havia um certo número de soldados de Oath que eu inspirava a lutar. O teu irmão era um deles. Contava que pudessem ajudar o Ocidente ao ponto de Dacre ser morto pela mão de um mortal. Mas muitos desses soldados morreram em sepulturas sobre as quais ainda não cantei, e alguns o meu marido curou e usou para aumentar os seus efetivos de uma forma macabra. Não posso deixar a cidade na minha forma corpórea, mas posso usar a magia de Alva para alcançar esses soldados em sonhos. Ajudá-los a lembrarem-se de quem eram.

— Porque não o matou quando teve oportunidade? — perguntou Iris, baixinho. — Se matou Mir, Alva e Luz nos seus túmulos, porque não Dacre?

Enva virou-se para trás. A sua postura tornou-se rígida enquanto respirava, e Iris imaginou que estaria prestes a dissolver-se do sonho em vez de responder.

- Alguma vez trocaste votos com alguém, Iris?

A pergunta de Enva foi tão inesperada que Iris se limitou a pestanejar. Mas quando fechou os olhos, ainda conseguia ouvir um eco de si própria, a trocar votos com Roman num jardim crepuscular.

E mesmo então, que eu encontre a tua alma ainda jurada à minha.

- Sim — disse Iris.

— Quando eu descí às profundezas para governar ao lado dele, fiz-lhe o meu voto, assim como ele me fez o dele. Mas não percebi que as promessas dos Celestiais são muito diferentes das promessas dos Subterrâneos. Com as minhas palavras, jurei nunca pôr fim à sua imortalidade, mas ele não me concedeu o mesmo. Não receei que ele me matasse naqueles dias de lua de mel, mesmo quando vagueava nas profundezas do seu domínio. Sabia que ele estava encantado com a minha presença, mas que um dia se cansaria de mim. Um dia, encontrá-lo-ia com uma lâmina encostada à minha garganta, desejoso de me roubar a magia e de se livrar de mim. — Enva bebeu o chá e

pousou a chávina na bancada. Olhou por cima do ombro e fixou o olhar de Iris. — Podia feri-lo. Humilhá-lo. Sair do seu reino se conseguisse ser mais esperta do que ele. Mas não podia violar os meus votos e matá-lo.

Iris tomou o sentido daquelas palavras. Perguntou-se se a defesa da imortalidade estaria incluída nos votos dos Celestiais para evitar que os cônjuges se casassem e depois se matassem um ao outro. Para evitar que os deuses roubassem mais poder daqueles de quem eram mais próximos. Aqueles que deviam amar.

— Menti muitas vezes ao meu marido — prosseguiu Enva. — E menti a Alzane, o vosso rei mortal, quando ele me pediu para matar as outras quatro divindades. Tínhamos um acordo que ditava que eu podia ser a última deusa do reino — o último ser de magia — mas tinha de fazer outra promessa e permanecer em Oath para poder ser controlada pelo rei. A música que cantei a Mir, Alva e Luz era uma lâmina encostada às suas gargantas adormecidas. Eram um problema que mais valia ver pelas costas. Mas Dacre? Eu não podia matá-lo, e por isso cantei o máximo que pude, para o manter enterrado durante séculos. Alzane nunca soube disso; ele achava que todos os deuses estavam mortos, exceto eu, e inventou uma história que dava conta de que estávamos todos a dormir, para que o povo pudesse continuar a venerar e a viver em magia e paz.

Iris observou o rosto de Enva. Como seria manter uma mentira durante tanto tempo? Ser jurada a um marido que ansiava por derramamento de sangue. Ser imensuravelmente poderosa, mas presa a uma cidade. Encontrar apenas angústia na magia que outrora fora incandescente de alegria.

— Ele está em Oath — disse Iris. — Na propriedade dos Kitt.

— Eu sei. — Enva desviou o olhar. — Encontrei-o num sonho. Foi então que soube que ele não pararia por nada até ter a minha cabeça cortada nas mãos.

— *Iris.*

Era a voz de Forest, distante, mas cheia de urgência. Iris sentia a mão dele no seu joelho, apertando-a.

O sonho começou a vacilar, ameaçando desvanecer-se. Iris cerrou os dentes, esforçando-se por mantê-lo intacto durante mais algum tempo, mesmo quando o chão começou a desaparecer debaixo dela.

— Porque veio ter comigo como minha mãe? — atreveu-se a perguntar. — Porque não se mostrou logo como era?

Enva sorriu, num triste quarto crescente, e o seu cabelo começou a ondular como se estivesse a ser arrastada para uma tempestade.

— Vocês, mortais, são lentos a confiar. E eu precisava que confiasses em mim, Iris.

O sonho desfez-se sem aviso.

Iris acordou sobressaltada, com a cabeça leve e fria de suor. Forest estava a sacudir-lhe o joelho, e ela endireitou-se, sentindo um aperto no pescoço.

— O que se passa?

— Estás a ouvir isto? — As palavras foram proferidas de forma tão baixa que ela quase não as ouviu.

Ambos ficaram à escuta, imóveis, com a respiração suspensa. *Ali*, desta vez tinha ouvido. Parecia que alguém estava a abrir a fechadura da porta da rua.

— Levanta-te sem fazer barulho — disse Forest. — Esconde-te na cozinha. Se as coisas correrem mal, quero que fujas. Vai diretamente para casa da Attie, está bem? — Iris não conseguia falar, transida de medo. — Vai — insistiu Forest, puxando-a enquanto se levantava.

Ela obedeceu, correndo para as sombras da cozinha. Agachando-se atrás da fileira de armários, de onde não tinha uma perspetiva da sala de estar, o que a preocupou. Não conseguia ver Forest e não percebia porque é que aquilo estava a acontecer. Porque é que alguém entraria no seu apartamento na calada da noite?

A porta abriu-se com um rangido.

Por instantes, não houve nada para além de um silêncio absoluto, tão intenso que Iris teve medo de respirar. Depois, os passos. De repente, o ar cheirava a névoa, a pedras húmidas e a couro gasto. A luz do candeeiro cintilou.

Iris mordeu a palma da mão, contendo uma onda de terror.

O estranho parou.

No instante seguinte, ouviu-se um estrondo e um grunhido. Parecia que uma mesa se tinha partido, que os corpos tinham rolado contra a mobília e batido na parede com tanta força que a moldura solitária estremeceu. A luz âmbar voltou a piscar quando o candeeiro foi derrubado. O apartamento ficou às escuras e Iris arquejou, com os músculos a arder enquanto permanecia agachada.

Alguém gritou de dor. Uma dor que atravessou Iris como uma descarga de eletricidade, e ela soube que era Forest. Soube como se ela própria tivesse sido atingida.

O irmão queria que ela fugisse e o deixasse para trás. Mas Iris cerrou os dentes e levantou-se, lembrando-se da espada que tinha deixado no aparador.

Conhecia o apartamento como a palma da sua mão, conseguia andar por ele na mais completa escuridão e mover-se sem fazer barulho. Contudo, quando entrou na sala, um fio de luz do candeeiro de rua penetrou no espaço. Iris viu a mesa partida, o bule de chá espalhado pelo chão. Os frascos de medicamentos de Forest estavam partidos, deixando um rasto de comprimidos no chão. Conseguiu ver duas sombras a lutarem no sofá; a que estava em cima a esmurrar a

outra sem parar.

Forest gritou novamente, preso por baixo do intruso.

— Onde é que ela está? — perguntou a voz desconhecida. — Onde está a tua irmã?

Estava ali à procura *dela*, e Iris pegou na espada.

O casaco caiu ao desembainhar a lâmina. Estava a tremer quando avançou. Ainda pensou que os ossos se separariam das articulações quando levantou a espada, lembrando-se tardiamente do que Enva lhe tinha dito.

Corta osso e carne como uma faca corta manteiga, se o portador oferecer primeiro à lâmina e ao punho um pouco do seu sangue. Um sacrifício, para que o portador mostre a sua fraqueza antes de desferir qualquer golpe.

Iris hesitou antes de pegar no gume da espada. Estremeceu quando o aço lhe picou a palma da mão, e o seu sangue começou a escorrer e a pingar, quente e rápido. Esforçou-se por agarrar o punho e teve de usar as duas mãos; o metal era escorregadio, e ela nunca se sentira tão desajeitada a empunhar algo na sua vida.

Deu mais um passo em frente, pisando um pedaço do vaso partido.

O intruso parou de esmurrar o irmão e virou-se para ela, com um raio de luz a atravessar-lhe o rosto.

Iris reconheceu-o. Era um dos homens de Dacre. Val. O mesmo que entregava os artigos de Roman na *Gazette*. O mesmo que comandava os *eithrals* e cavalgava no seu dorso.

— Larga a espada, Iris — disse ele, levantando-se e encarando-a. Estendeu-lhe a mão protegida por uma luva com espigões de metal nos nós dos dedos. — Vem comigo, e eu deixo o teu irmão viver.

Forest gemeu no chão, e o som distraiu Iris, que olhou para o irmão. Tinha a cara ensanguentada, o nariz parecia partido.

Val avançou, aproveitando a sua distração.

A intenção era arrancar-lhe a espada, sem dúvida convencido de que seria fácil. Mas Iris baixou as mãos, de modo a que o punho ficasse apoiado na cintura, a ponta da espada inclinada para cima. Val foi diretamente contra ela, e o aço afundou-se no seu peito.

Com um suspiro estrangulado, cravou os olhos arregalados em Iris, em choque. Ela viu o reconhecimento no seu rosto, mesmo que demasiado tarde: percebeu que lâmina era aquela.

Enquanto caía, a espada continuou a retalhá-lo para cima, prendendo-se a dois fios de prata que trazia ao pescoço, por baixo das roupas. Uma flauta e uma chave de ferro. Os fios partiram-se sob o encanto do aço, tilintando no chão como sinos enquanto a lâmina seguia o seu caminho, cortando o coração, o esterno e as costelas.

Matei-o.

Iris soltou um lamento, mas não largou o punho. Viu Val tombar

inanimado, com o sangue a formar uma poça debaixo de si. Olhou para a chave e para a pequena flauta, ilhas num lago vermelho cada vez maior. Sentiu um arrepio na pele enquanto o estômago se revolia, com um gosto amargo a assombrar-lhe a boca.

Acabei de matar um homem.

— Iris! Estás ferida? — perguntou o irmão, rouco.

Ela largou a espada e passou por cima de Val para se aproximar dele.

— Não — disse Iris, mesmo com a palma da mão a arder. — Mas tu estás.

Concentrar-se nele deu-lhe uma distração. Pegou no cobertor que estava no sofá e limpou-lhe o rosto com cuidado.

— Não é tão mau como parece — disse Forest. — Mas quem era? O que queria contigo?

— Ele é um dos homens de Dacre — respondeu, ajudando Forest a levantar-se.

Os dois ficaram a olhar para Val, sem saber o que fazer. Deveriam deixá-lo ali? Enterrá-lo algures? Queimá-lo? Iris baixou-se para apanhar a flauta e a chave, apesar dos protestos de Forest.

— Não, Iris!

Ela não respondeu, antes fechou os dedos na chave. Em seguida, pegou na espada e, antes que Forest pudesse exigir mais respostas, falou primeiro.

— Não podemos ficar aqui esta noite. Temos de sair daqui.

Matei uma pessoa, pensou Iris, fechando os olhos.

E estremeceu quando teve noção de que ele não seria o último.

*

O pai de Attie não pareceu chocado ao encontrar Iris e Forest no alpendre, a baterem discretamente à porta na calada da noite. As luzes da casa estavam acesas, com a iluminação a infiltrar-se pelas portadas, e isso fez com que Iris se sentisse um pouco melhor por incomodar a família da amiga a uma hora tão tardia.

Mr. Attwood olhou para Iris, com o cabelo encaracolado e a espada embainhada às costas, e para Forest, cujo rosto estava feito num oito, e escancarou a porta da rua.

— Peço imensa desculpa — disse Iris, sem fôlego por causa da viagem atribulada. — Eu... não sabíamos para onde ir.

Da casa emanava um cheiro a melaço e biscoitos de açúcar que quase vergou Iris.

— Entrem, entrem — disse Mr. Attwood, estendendo a mão para os receber. — Parece que tiveram uma noite difícil, e acabámos de fazer chá.

— Às vezes, faço biscoitos quando não consigo dormir — disse Attie, pousando o prato de biscoitos quentes na mesa da sala de jantar. — Em Bluff, eu e a Marisol fazíamos o mesmo. Ela ensinou-me umas coisas sobre scones, que nunca me saem bem.

Iris sorriu, pegando num dos biscoitos de açúcar. Não tinha fome, mas havia qualquer coisa naquela doçura, que se derretia na língua, que a fazia sentir como se tivesse regressado ao seu corpo; que a despertava da dormência.

Forest sentou-se ao seu lado, grato pelos cuidados de Mrs. Attwood, que pegou em agulha e linha e suturou a sua sobrelanceira. Tobias sentou-se do outro lado da mesa, ao lado de Attie. Iris não ficou surpreendida ao vê-lo, nem com o facto de a família de Attie ter insistido para que ele passasse ali a noite, quando o recolher obrigatório chegou durante a sua visita.

Os Attwood estavam todos cientes do que estava para vir. Era por isso que ainda estavam acordados; dormir parecia impossível naquela noite. Apenas os irmãos mais novos de Attie estavam enfiados nas camas no piso de cima, alheios ao que aconteceria de manhã. Os pais quiseram que aquela fosse uma noite normal, para não preocuparem as crianças.

— Amanhã vamos para casa dos McNeil — disse Mrs. Attwood, pousando um bule de chá acabado de fazer. — Sei que a casa deles fica numa linha ley. Lá estaremos seguros.

Mr. Attwood acenou com a cabeça, embora parecesse preocupado.

Tobias mal abriu a boca, perdido nos seus pensamentos enquanto comia o seu quarto biscoito de açúcar. Mas Attie cruzou olhares com Iris por cima da mesa. Nenhuma delas tinha mencionado a sua missão no submundo, e também não sabiam como dar a notícia.

Às 3 horas, o chá já tinha sido bebido e os biscoitos comidos. O grupo mudou-se para a sala de estar, para se sentar num espaço mais confortável. Enquanto Mr. Attwood acendia o lume na lareira, Iris ajudava Attie a levar a loiça para o lava-loiça da cozinha.

— Será que vale a pena lavar a loiça? — suspirou Attie. — Esta casa pode não existir amanhã. Mas se alguma coisa desta casa sobreviver, há de ser o lava-loiça.

Iris abriu a torneira e começou a esfregar.

— Preciso de te dizer uma coisa.

A atenção de Attie ficou mais aguçada.

— O quê? Usaste a espada esta noite, não foi? Vi que tens a mão enfaixada.

Iris fez uma careta.

— Sim, mas há mais uma coisa. — Fez uma pausa, passando a Attie um dos copos para secar. — Encontrei uma chave.

— Para o reino inferior? — sussurrou Attie. Iris acenou com a cabeça.

— Delineei um plano com o Kitt ao início da noite, para nos encontrarmos a norte do rio, para ele nos passar a chave ou, na pior das hipóteses, para nos levar até ao portal da sala dele. Diz que quer ir connosco. Mas agora que tenho uma chave... Acho que amanhã devemos ir para o portal mais próximo que encontrarmos, depois de as nossas famílias estarem num lugar seguro. Acho que seria demasiado arriscado atravessar o rio para nos encontrarmos com o Kitt, eu com uma espada e tu com um violino.

Attie ficou em silêncio, ponderando as palavras de Iris.

— Tens a certeza, Iris? — disse, pendurando as chávenas de chá limpas nos ganchos. — Imagino o quanto gostarias de ver o Kitt antes de tudo isto acontecer. Que ele fosse connosco.

Por instantes, a voz de Iris ficou embargada. A ligadura à volta da mão molhara-se e o corte começava a latejar.

— Sim, tenho a certeza — disse ela por fim, passando outra chávena a Attie. Forçou um sorriso, para aliviar a tristeza que viu na expressão de Attie. — Tenho a certeza de que vou vê-lo amanhã. Quando tudo isto estiver terminado.

ONDE TODOS OS TRAIDORES POUSAM A CABEÇA

Roman remexeu-se, com a cara encostada à pedra quente. Sentia-se pesado, sobrecarregado. A cabeça doía-lhe, a boca estava seca. O ar sabia a enxofre e a podridão, e ele conseguia ouvir o silvo do vapor, o borbulhar do líquido.

Abriu os olhos e viu que estava nas profundezas do reino subterrâneo. Poças amarelas e fervilhantes, sombras repugnantes, esqueletos espalhados por toda a parte, vapor bruxuleante. Era estranho que aquilo lhe parecesse familiar. Mas quando tentou mexer as mãos, sentiu resistência, seguida de um estrondo de ferro sobre pedra.

Roman examinou o seu corpo como se não fosse dele. A princípio, estava demasiado entorpecido para reconhecer o que via, mas depois o passado veio-lhe à cabeça como uma maré fria e sóbria.

Lembrou-se de Iris sentada na secretária do *Tribune*, com as pernas à volta dele, as mãos no seu cabelo enquanto se juntavam. Lembrou-se das acusações e perguntas de Dacre na sala de estar. Lembrou-se de como tinha respondido, dos arrependimentos que se desprendiam como pele calejada, e da agonia que se seguiu.

Este era o destino dos traidores de Dacre. Morrer lentamente, acorrentados entre vapor e sombras.

Não, recusou Roman, puxando pelas correntes. Estavam presas a cada pulso, ferindo-lhe a pele com as bordas enferrujadas. Tentou pôr-se de pé, mas as correntes não lho permitiam, e o resultado foi mais ossos velhos e quebradiços serem esmagados pelas suas botas.

Deu novo puxão nas correntes, e gotas de sangue começaram a escorrer pelos antebraços.

Nisto, sentiu um sopro de ar gelado por cima de si.

Roman imobilizou-se, acompanhando a sombra de asas a ondular sobre as poças de enxofre. O guincho do *eithral* eriçou os pelos dos braços de Roman.

Não te mexas, Kitt. Não fales, não te mexas.

A voz de Iris sussurrou na sua mente. A lembrança de um campo dourado, o corpo dela contra o seu, enquanto o prendia à terra. A respirar com ele. Impositiva, desesperada por mantê-lo vivo.

Roman baixou-se devagar até estar sentado no chão de pedra, entre as ossadas. O *eithral* continuou a sobrevoá-lo, como se sentisse que ele estava perto e estivesse determinado a encontrá-lo.

Não te mexas.

Roman fechou os olhos, com o suor a escorrer-lhe pelas têmporas.

Este era o destino dos traidores de Dacre. Daqueles que o desafiavam ou discordavam dele. Daqueles que se libertavam do seu domínio.

Dacre não sarava as suas feridas persistentes. Não mascarava a sua dor nem lhes voltava a apagar a memória, obrigando-os a começar tudo de novo.

Não, dava-os a comer aos seus monstros.

UM PORTAL QUE JÁ ATRAVESSASTE

A manchete do *Inkridden Tribune* dividiu a manhã em duas. Num *antes* e num *depois*. Uma ignorância feliz e uma constatação terrível.

Iris estava à janela da casa dos Attwood a observar o frenesim que o ultimato de Dacre provocava nas ruas. Havia pessoas a sair de casa, transportando malas e bens preciosos, com expressões de ansiedade estampadas no rosto. Algumas dirigiam-se para norte; outras corriam para sul, em direção, esperava Iris, a um edifício seguro.

Observava o êxodo em pânico, com o estômago feito num oito.

Custava-lhe que tudo aquilo lhe parecesse familiar; que visse Avalon Bluff sempre que fechava os olhos.

Tobias tinha saído. Pegara no roadster de madrugada e fora a casa buscar os pais. Attie dera-lhe a morada da casa dos McNeil, o ponto de encontro e abrigo previamente combinado para o resto do dia. E fez bem em sair antes de os ardinas terem atirado os jornais para as soleiras das portas, porque depois das 8 horas as ruas ficaram tão entupidas e caóticas que Iris achava impossível que um veículo conseguisse passar.

— Tenho de ir buscar a Sarah — disse Forest quando se pôs ao lado de Iris à janela. — Achas que ela está no *Gazette*, ou devo ir primeiro a casa do pai dela?

— Aposto que ela já está na redação. Era sempre das primeiras a chegar. — Iris imaginou o que estaria a acontecer no *Gazette*. Zeb ficaria perplexo e invejoso pelo facto de o *Inkridden Tribune* ter provocado um frenesim, e depois furioso por ver que a sua primeira página tinha sido alterada.

Mas Iris só acreditaria quando visse o jornal com os seus próprios olhos.

Saiu à rua com Forest, agarrando-se à manga do casaco dele. O irmão tinha o rosto todo pisado e um pouco inchado à volta do olho direito, mas o seu olhar era límpido e concentrado. Iris percebeu que a sua mente já estava a quilómetros de distância, a imaginar o caminho para chegar até Sarah.

— Leva-a para o número 2928 de Thornberry Circle — instruiu Iris. — É a casa dos McNeil. Nós estaremos lá à vossa espera.

Forest acenou com a cabeça.

— Podemos atrasar-nos, se ela estiver no *Gazette* e tivermos de ir buscar o pai dela.

Iris mordeu o lábio para se impedir de protestar. Nisto, a brisa que soprava fez um jornal voar até ao passeio. Bastou o tipo de letra do título, Iris percebeu que se tratava do *Gazette*. Baixou-se e apanhou-o, alisando a primeira página.

Não conseguia explicar a sensação que lhe brotou no peito ao ver o seu artigo sorrateiro ali mesmo, ao centro, na primeira página. Para um leitor mais incauto, o bloco de texto seria apenas uma estranha lista de moradas, com continuação na página três. Ela folheou a terceira página, e Forest franziu o sobrolho quando se aproximou para ver o que ela estava a fazer. Ali, outro bloco de moradas. Outro e mais outro, com uma explicação do que se tratava.

ESTAS MORADAS SÃO CONHECIDAS OU SUSPEITAS DE ESTAREM CONSTRUÍDAS EM CIMA
DE LINHAS LEY MÁGICAS, E PODEM SERVIR DE ABRIGO DURANTE O
BOMBARDEAMENTO.

— Se tu, a Sarah e o Mr. Prindle não conseguirem chegar a casa dos McNeil a tempo — começou Iris, colocando o *Gazette* nas mãos de Forest —, vão para uma das moradas desta lista, ou para um edifício que saibam ter inclinações mágicas. Isso deve manter-vos seguros.

Forest percebeu finalmente. Uma luz brilhou nos seus olhos enquanto passava os dedos pelo cabelo de Iris e lhe beijava a testa.

— Já te disse que estou muito orgulhoso de ti?

— Sim, mas nunca me vou cansar de ouvir — disse Iris, divertida.

— Além disso... gosto do teu novo penteado. Fica-te bem.

— Só *agora* é que reparaste, Forest?

O irmão limitou-se a sorrir ao sair para a rua. Com o jornal debaixo do braço, virou-se e misturou-se com a multidão.

Iris ficou ali mais algum tempo, a tentar gerir as suas preocupações. Com Forest e Sarah, com Tobias e os seus pais. Com Marisol, Lucy e Keegan, ainda na periferia da cidade. Com Roman, e no que este pensaria quando Iris e Attie não aparecessem no encontro marcado.

Procurou a chave de ferro, escondida no bolso das calças.

— Estás pronta?

Iris virou-se e viu Attie a descer os degraus do alpendre para se juntar a ela no passeio.

— Acho que sim.

— Há papas de aveia e ovos na mesa, se quiseres. O meu pai insistiu para que todos comessem uma boa refeição antes de

partirmos.

— Não sei se consigo meter alguma coisa no estômago.

— Já somos duas. — Attie ficou calada, protegendo os olhos contra os raios de sol da manhã. — É estranho dizer isto em voz alta, mas não sabia qual seria a minha reação.

— Em relação a quê?

— Ao facto de tantos dos nossos vizinhos meterem todos os seus pertences numa mala e seguirem para *norte*.

Iris ficou em silêncio, a ver passar as pessoas. Famílias que chegavam do lado norte do rio, famílias que fugiam do lado sul. Algumas pessoas que simplesmente andavam às voltas, confusas e a chorar. Outras que agiam como se tudo estivesse normal, tentando seguir em frente com as suas rotinas diárias.

Tinha ouvido alguns indivíduos, em pânico, a dizerem que todos os portões do sul e pontos de saída da cidade também tinham sido barricados e bloqueados pelo exército de Dacre. Ninguém podia sair de Oath; as pessoas tinham de escolher em que lado do rio se abrigariam.

— Pensei que mais pessoas que eu conhecia se recusariam a ajoelhar perante Dacre, mas parece que me enganei. — Attie encolheu os ombros, mas Iris percebeu que ela estava magoada e triste.

— Às vezes — começou Iris —, acho que só sabemos de que fibra somos feitos quando nos deparamos com o pior cenário possível. Depois, temos de decidir quem somos verdadeiramente e o que é mais importante para nós. Acho que muitas vezes ficamos surpreendidos com aquilo em que nos tornamos. — Ficaram lado a lado durante mais algum tempo, silenciosamente perdidas nos seus pensamentos.

Por fim, Attie quebrou o silêncio.

— Toma. Isto é para ti. — E colocou uma bola macia e pegajosa nas mãos de Iris.

— O que é isto?

— Cera para os teus ouvidos — explicou Attie. — Por muito que eu queira que me ouças tocar, é melhor que não o faças. Não quero que adormeças.

Iris nem sequer tinha pensado nisso, mas estremeceu de alívio. Claro que também ficaria vulnerável ao feitiço da música de Attie se a ouvisse no mundo subterrâneo, por isso guardou a cera no bolso para mais tarde.

— Tocas-me a *Canção de Embalar* do Alzane quando isto acabar? — perguntou Iris. — À superfície, claro.

Attie sorriu.

— Está prometido.

Uma caminhada de dez minutos demorou quase meia hora.

Iris deu a mão a Ainsley enquanto seguiam pelo caminho que Mr. Attwood lhes traçara através das ruas cheias de gente. Ele levava um pequeno carrinho com Lilás, que não parava de miar. Attie vinha logo atrás, com o irmão mais novo encavalitado nas suas costas e a caixa do violino presa ao peito. Os dedos de Mrs. Attwood estavam entrelaçados com os dos dois gémeos, um de cada lado. Mesmo assim era difícil manterem-se juntos, esbarrando constantemente com estranhos e tropeçando em objetos abandonados nas ruas. Era tão esgotante seguir a corrente como ir contra ela.

Os joelhos de Iris estavam espapaçados e as roupas húmidas de suor, quando finalmente chegaram à porta dos McNeil.

Mrs. Attwood tocou à campainha, mas Attie já estava a abanar a cabeça.

— Não me parece que estejam em casa, mãe.

— Então, deixa-me bater à porta. Acho que eles não iriam para norte...

Iris examinou a casa. As persianas estavam aferrolhadas. Não havia luzes acesas. A porta estava trancada.

O rosto enrugado de Mrs. Attwood revelou o seu desânimo quando se apercebeu da verdade.

— Podemos encontrar outro sítio — disse Attie com confiança. — E o museu?

O museu era tão encantado como espaçoso. Um edifício quase sem janelas. Também proporcionaria alguma distração no decurso das longas horas.

— Uma boa escolha — concordou Mr. Attwood. Lilás miou em concordância. — Mas temos de nos despachar. Vai ser uma longa caminhada com este trânsito.

— Primeiro, temos de deixar um bilhete ao Tobias e ao Forest. — Attie abriu o estojo do violino para tirar uma folha de pauta.

Iris encontrou um batom numa bolsa descartada e entregou-o a Attie. Escreveu em letras garrafais e vermelhas na folha de pauta: *TOBIAS & FOREST, ESTAMOS NO MUSEU!!!* antes de prender a folha à porta da casa dos McNeil com um pedaço da cera que tinha dado a Iris.

E iniciaram o trajeto mais para sul, para o centro da cidade, abrindo caminho, com muito esforço, por entre a multidão.

Eram quase 11 horas — faltava uma hora para o início dos ataques — quando o museu se tornou visível.

Para choque de Iris, havia uma multidão à porta, como se todos os cantos e recantos estivessem já ocupados por pessoas que tinham lido o *Gazette*, desesperadas por encontrar segurança. Não havia qualquer hipótese de os Attwood encontrarem espaço, e o pânico começou a

formigar na ponta dos dedos de Iris.

— Mãe, para onde vamos? — perguntou Ainsley, exausta da caminhada. — Tenho sede.

Mrs. Attwood não respondeu, com os olhos a perscrutar a impossibilidade diante delas.

— Que outros edifícios encantados temos por perto? — Attie sussurrou para Iris. — Estou a tentar pensar, mas a minha mente está um caos...

Iris pôs-se em bicos de pés para estudar as estruturas altas que as rodeavam. A espada embainhada era pesada, e espreguiçou os ombros doloridos. Pensou na lista que ela e Tobias tinham feito, e no único sítio de que se tinham esquecido.

— E o Gould's?

— O café? — interveio o Mr. Attwood.

— Onde o chá nunca arrefece e os scones estão sempre quentinhos. Não é longe daqui. Attie pôs o irmão às costas. — Acho que devíamos pelo menos passar por lá e ver se está cheio.

Avançaram por entre a multidão. Iris sentiu a tensão dissolver-se dos seus ossos quando viu que havia muito espaço dentro do café. Alguns empregados até estavam a servir chá e bolos aos clientes, como se as bombas não estivessem a chegar.

— Venham, meus amores. Vamos sentar-nos naquela mesa de canto ao fundo da parede — disse Mrs. Attwood. O seu alívio era quase palpável.

Os irmãos encavalitaram-se na grande mesa, o mais longe possível das janelas, com Lilás a reboque. E enquanto Mr. Attwood foi ao balcão buscar um jarro de limonada e umas sandes, Attie puxou Iris para o lado.

— Vou voltar para o museu — disse ela. — Para dizer ao Tobias e ao Forest onde estamos quando eles chegarem.

Iris lambeu os lábios gretados, sentindo o gosto a sal da transpiração. Não conseguia ignorar o aperto no coração, como se o peito tivesse desabado. Tinham demorado tanto tempo para ir de um ponto ao outro que ela não sabia se Tobias e Forest conseguiriam alcançá-los.

— Está bem — disse ela, ignorando aquela pontada de medo. — Vou ver se há aqui um portal que possamos usar.

Attie acenou com a cabeça.

— Ótimo. Volto às dez para o meio-dia.

— Tem cuidado — aconselhou Iris.

Ficou a ver Attie voltar para a rua, onde a multidão diminuía à medida que o meio-dia se aproximava. Inquieta, Iris percorreu o café, em busca de uma porta que pudesse tornar-se um portal. Passou pela mesa onde se encontrara com Sarah numa manhã chuvosa, depois pela

mesa onde se sentara com Roman, a partilhar chá e sandes, não há muito tempo. Passou a mão pelas costas da cadeira ao passar, com lágrimas nos olhos.

Mantém-te atenta, mantém-te forte, disse a si própria. *Concentra-te só mais um bocadinho. Isso vai passar.*

Roman havia mencionado que os portais de Dacre preferiam a proximidade às lareiras. Mas não havia lareira no café, e Iris começava a pensar que teria de procurar outro portal num edifício diferente, quando um empregado se aproximou dela.

— Tem aí uma bela espada. Aceita uma chávena de chá? — perguntou, estendendo-lhe uma chávena delicada num pires. — Com os cumprimentos da deusa.

Iris sobressaltou-se.

— *Enva* esteve aqui?

— Não — disse ele, com um sorriso. — Esta é simplesmente a nossa maneira de dizer a Dacre *que pode voltar para o inferno de onde saiu*.

— Oh. — Iris soltou uma risada trémula. — Um brinde a isso. Obrigada.

Bebeu o chá, surpreendida pela forma como lhe acalmou o estômago, e continuou a percorrer o café. Ou talvez não fosse o chá, mas a coragem, a camaradagem inesperada. Olhou para as pessoas que se tinham juntado, algumas com as suas malas e sacos cheios de objetos de valor, outras sem nada a não ser o chá e o bolo que o café estava a distribuir. Havia pessoas mais velhas, outras que pareciam bastante jovens. Algumas vestiam fatos e saltos altos, outras usavam fardas ou macacões manchados de gordura. Uma mulher estava sentada com um xaile enrolado aos ombros e um livro de poesia nas mãos esguias.

E, no entanto, estavam todos ligados pela sua decisão de *ficar*.

Iris reparou que o dono do café e alguns empregados de mesa começavam a transportar grandes painéis de madeira para pregar nas janelas. Mr. Attwood e os irmãos de Attie apressaram-se a ajudar, e a luz no interior foi diminuindo gradualmente à medida que a luz do sol era bloqueada.

Iris continuou a vaguear pelo café, pelo seu corredor tortuoso, ao fundo do qual brilhava a cozinha, chamando por si com a sua luz e o aroma a scones de mirtilo acabados de fazer. Passou pela casa de banho, a mesma onde tinha lido as cartas de Roman e de Dacre, e a chave no seu bolso aqueceu.

Fez uma pausa e olhou para a porta.

Era ali o limiar que seria transformado em portal.

Bebeu o resto do chá e juntou-se à família de Attie na mesa de canto, com uma lanterna em cima do tampo para iluminar melhor.

Mas os minutos continuaram a passar. Pouco depois, o relógio na parede marcava 11h45, e Attie ainda não tinha regressado. O ambiente no café começava a ficar ansioso e sombrio, e Iris não conseguia ficar quieta.

Dirigiu-se para a porta da rua e olhou lá para fora.

A rua estava vazia.

Parecia estranha, abandonada, mesmo ao sol do meio-dia.

Às cinco para o meio-dia, o medo já se tinha apoderado totalmente do coração de Iris. Cruzou os braços para esconder o tremor das mãos.

— Eu vou procurá-la — disse Mr. Attwood.

Iris virou-se e viu que ele estava atrás dela, também a olhar para lá da porta, ansioso pelo regresso de Attie. Se saísse agora, não chegaria ao café antes do meio-dia.

— Deixe-me ir eu, Mr. Attwood — ofereceu-se Iris. — Estamos a planear...

— Espera, ali estão eles!

Iris deu meia-volta. Abriu a porta, com a campainha a tocar e o calor do dia a invadi-la. Tobias e os pais estavam a correr atrás de Attie enquanto ela abria caminho para o café. Não havia sinal de Forest e Sarah.

Iris engoliu aquela constatação como se fosse um pedaço de gelo que lhe raspava a garganta. Sentiu-se gelada.

— Voltámos — anunciou Attie, para contentamento do pai. Depois virou-se para Iris e sussurrou — Desculpa. Esperei o máximo que pude, mas o Forest e a Prindle não apareceram.

— De certeza que se abrigaram noutro sítio — constatou Iris. Olhou novamente para o relógio. Mais dois minutos.

Attie levou Tobias e o pai para um canto reservado. Iris sabia que estava a dar-lhes a notícia e encaminhou os Bexley para a mesa de canto. Apresentou-se formalmente aos pais de Tobias, apertando-lhes a mão e oferecendo-lhes um sorriso.

— Ouvimos falar muito de ti, Iris — disse Mrs. Bexley calorosamente. — É um prazer conhecer-te finalmente. O Tobias disse-me para trazer o meu baralho de cartas para podermos passar o tempo mais depressa. Queres juntar-te a nós?

— Adoraria, Mrs. Bexley — disse Iris, lutando para conter as lágrimas. — Mas tenho umas coisas a tratar primeiro. Fica para depois, pode ser?

— Claro. Guardamos-te um lugar.

Iris acenou com a cabeça e afastou-se, com os pés pesados. Desviou-se para dar passagem ao empregado, que trazia o último chá de oferta, o último bolo. Parecia o último suspiro de normalidade, um vestígio final da vida como eles a conheciam.

Ocorreu a Iris que precisaria de algo para deixar um rasto no

submundo. Pediu alguns biscoitos, e o mesmo empregado que lhe tinha oferecido a chávena de chá entregou-lhe três scones de mirtilo, ainda quentes.

— Não sei o que pensam fazer — disse, voltando a olhar para o punho da espada —, mas espero que tenham sucesso.

Iris não teve oportunidade de lhe responder; Attie chamou-a por cima do murmúrio das conversas, com o violino e o arco na mão esquerda. Iris atravessou o café para ir ter com a amiga.

Tobias parecia abatido. Tinha os lábios franzidos e os olhos baixos, atrás de Attie, com os dedos entrelaçados nos dela. Mr. Attwood também parecia aturdido, mas havia nele um brilho de orgulho quando contemplou a filha, que empunhava o seu instrumento num espaço público.

— Contei-lhes tudo — disse Attie. — Encontrei o portal?

— Sim. É aqui.

Iris serpenteou pelas mesas. O violino de Attie atraía mais olhares e sussurros do que a espada de Iris, e ficou aliviada quando chegaram à cobertura do corredor.

A chave voltou a aquecer no seu bolso. Iris trouxe-a para a luz fraca e mostrou-a na palma da mão. Por instantes, ninguém falou ou se mexeu. Limitaram-se a olhar para a chave do reino inferior até que um estrondo distante fez estremecer as paredes.

A primeira bomba, e não parecia ter caído muito longe.

— Uma das táticas de Dacre é bombardear e devastar, e depois trazer as suas forças para vasculhar e saquear — explicou Iris, olhando de relance para Mr. Attwood. — Vou abrir esta porta e quando eu e a Attie a transpusermos, vou fechá-la atrás de nós. Portanto, este portal não ficará ativo, mas é algo a ter em conta.

Algo a ter em conta se falharmos, concluiu Iris mentalmente. Mas não queria referir essa possibilidade em voz alta.

— Quanto tempo vão estar lá em baixo? — perguntou Tobias.

Iris e Attie trocaram um olhar incerto. Não havia maneira de saberem.

— Não temos a certeza — respondeu Attie. — Mas contamos que não seja muito tempo.

Outra bomba fez abanar as paredes. Alguns empregados passaram a correr, desaparecendo na cozinha. A luz deu sinais de falhar.

— Pronto, Iris? — perguntou Attie e, embora soasse confiante, Iris viu-a ainda agarrada à mão de Tobias, como se deixá-lo fosse a última coisa que queria fazer.

Iris acenou com a cabeça e virou-se para a porta. Encostou a chave na maçaneta e ficou espantada quando viu formar-se um buraco de fechadura. Introduziu a chave no buraco, rodou-a, e a porta abriu-se.

O cheiro foi a primeira coisa que sentiu, o cheiro do reino

subterrâneo. Pedra húmida e ar frio e bafiento. Com cuidado, abriu a porta e estudou a passagem. Era uma escadaria íngreme escavada na rocha pálida, e descia para uma escuridão espessa e coberta de teias de aranha.

— Tobias? — disse o Mr. Attwood. — Podes ir buscar a lanterna que está na mesa?

Tobias obedeceu rapidamente, largando os dedos de Attie. Em poucos segundos, regressou com a lanterna na mão e entregou-a a Iris.

— Obrigada — disse ela, sem conseguir esconder a voz embargada. Mas estava grata pela luz, e deu o primeiro passo para baixo, e depois outro.

Iris fez uma pausa quando se apercebeu de que Attie não estava atrás dela.

— Lembras-te de tudo o que te ensinei, Thea? — dizia Mr. Attwood.

— Como é que me podia esquecer, pai? — ripostou Attie alegremente, mas parecia que estava prestes a chorar. — Eu costumava pensar que um dia iria tocar na sinfonia.

— Sim, e todas as horas que dedicaste a esse sonho, a tocar às escondidas. — O pai fez uma pausa e acariciou-lhe a cara com os nós dos dedos. — Agora vejo que todos esses momentos te prepararam para este. Estou orgulhoso de ti, querida. Tem cuidado. — Beijou-a na testa. Attie pestanejou rapidamente para afastar as lágrimas.

Tobias deu um passo em frente para a abraçar. Ela colocou-se em bico de pés para lhe sussurrar algo ao ouvido, e ele prestou atenção, com os dedos espalhados nas costas dela. Fossem quais fossem as palavras, ele largou-a, mas os seus olhos perfuraram as sombras, seguindo-a enquanto Attie dava o seu primeiro passo para baixo.

— Volta para mim, Thea Attwood — disse-lhe.

Attie virou-se e olhou para ele.

— Caso não saibas, eu também tenho nove vidas, Tobias Bexley.

Aquilo arrancou-lhe um pequeno sorriso, que se desvaneceu quando Attie deu mais um passo em direção ao reino subterrâneo e bafiento. Tobias estremeceu, como se quisesse segui-la para a escuridão.

Iris mal conseguia respirar quando pegou na maçaneta da porta.

— Vou trazê-la de volta em segurança — prometeu.

— Estaremos aqui à vossa espera — disse o Mr. Attwood, colocando a mão no ombro de Tobias.

Iris precisou de todas as suas forças para fechar a porta, para ver a luz desaparecer com o movimento. Mas foi isso que fez, trocando assim um reino por outro. Introduziu a chave no buraco da fechadura e trancou a porta atrás de si e de Attie.

O PESO DE 50 ASAS

Tobias ficou a olhar para a porta da casa de banho, com o coração aos saltos enquanto Iris rodava a fechadura por dentro. Respirou fundo duas vezes antes de pegar na maçaneta, incapaz de se conter.

Abriu a porta e viu que era apenas a casa de banho. Chão de azulejos pretos e brancos, uma sanita, um lavatório com um espelho salpicado, papel de parede florido.

Attie e Iris tinham desaparecido. Como se nunca tivessem existido.

— Vamos voltar para a mesa — disse Mr. Attwood.

Tobias assentiu, apesar de poder ter ficado ali durante horas a olhar para a porta, à espera que elas voltassem. Esperaria o tempo que fosse necessário, mesmo que as paredes desabassem.

Mas não podia esquecer as palavras que Attie lhe tinha sussurrado ao ouvido, mesmo antes de partir.

Por favor, toma conta da minha família enquanto eu estiver ausente.

Caminhou com o pai dela até à mesa de canto, onde os seus pais e Mrs. Attwood conversavam. Os irmãos de Attie estavam amontoados, com o efeito do açúcar da limonada e do bolo há muito esquecido, quando outra bomba caiu, fazendo estalar o ar como um trovão.

Tobias sentou-se no banco ao lado de Garrett, um dos gémeos. O rapaz tinha os olhos arregalados de medo e os ombros encurvados. Outra bomba caiu, desta vez mais perto. Os pratos chocalharam, os quadros estremeceram nas paredes. Na cozinha, parecia que uma pilha de loiça tinha tombado e partido.

Tobias pegou na pequena mochila de couro que tinha trazido de casa. A mãe pensara que ele ia levar os seus troféus, as suas fitas. Todos os objetos que representavam o seu sucesso na pista de corridas. Mas não, ele tinha trazido a sua antiga coleção de carros. Os brinquedos de madeira da sua infância.

Pôs um em cima da mesa e empurrou-o para Henry. Depois um para Ainsley. Hilary. Laven. E por último, Garrett, que estava ao seu lado.

— Quando tinha a vossa idade, estava sempre a fazer corridas com

isto — disse-lhes.

Caiu outra bomba. O chão tremeu e Ainsley gritou, mas agarrou no carro de madeira contra o peito.

— Qual de vocês acha que me consegue vencer? — perguntou Tobias.

— Eu consigo! — respondeu Garrett, prontamente.

— Não, eu! — insistiu Laven.

Quando os irmãos começaram a discutir sobre quem achava que podia ganhar, admirando os diferentes pormenores dos carros que lhes tinham sido atribuídos, Tobias olhou para cima e cruzou olhares com a mãe. Havia um sorriso no rosto dela e um brilho de lágrimas nos olhos. Ele nunca a tinha visto com tal expressão, e teve de se distrair antes que se deixasse levar pela emoção.

— Muito bem — disse ele, colocando o último carro em cima da mesa. — Vamos correr.

*

Helena estava sentada à sua secretária no *Inkridden Tribune*, a fumar o seu nono cigarro do dia com um copo de uísque a reluzir junto ao cotovelo. Tinha os pés apoiados ao lado da máquina de escrever e o olhar erguido para as telhas do teto quando as bombas começaram a cair.

Estava sozinha na redação, mas era essa a sua vontade.

Inspirou o ar, o cheiro do *Tribune*. Expirou fumo.

As bombas abanaram a terra e dividiram a tarde, uma após outra, após outra. O teto fendeu. A poeira começou a cair em cascata. Os canos gemeram e a luz falhou por fim.

Helena deixou os pés caírem no chão. Bebeu um gole de uísque e pegou no papel que estava na secretária, introduzindo-o na máquina de escrever.

Estava tão escuro que mal conseguia ver, mas um raio de sol ainda entrava pela pequena janela na parede atrás dela. A luz espalhava-se pela secretária, criando uma lâmina de fogo no papel.

Há muito tempo que não escrevia para si própria.

E enquanto Oath se desmoronava à sua volta, ela fez a única coisa que podia fazer. Acendeu outro cigarro e começou a escrever.

*

Marisol estava ao lado de Keegan na colina, a olhar para Oath ao longe.

Tinham feito marchar o exército quilómetros para trás para se abrigarem num vale, e uma brisa soprava agora do Oeste. O sol estava no seu zénite e, com um mão a fazer de pala à frente dos olhos, Marisol acompanhou o voo dos *eithrals* por entre as nuvens e os

arranha-céus, batendo as asas iridescentes, que brilhavam à luz, enquanto largavam as bombas sobre a cidade.

Marisol tinha contado 25 *eithrals*. O maior número que já tinha visto de uma só vez.

O fumo e a poeira levantaram-se rapidamente, dificultando a visibilidade, à medida que a metade sul de Oath começava a ruir.

— Keegan — lamentou-se Marisol, com um soluço a quebrar-lhe a voz. Tapou a boca com a mão, mas o nome escapou-lhe novamente por entre os dedos. — *Keegan*.

Era a única palavra que ela conseguia dizer. O nome da sua mulher, pois nele estava tudo o que Marisol amava e sonhava. Era força e conforto, segurança e ferocidade. Passado, presente e futuro.

Keegan puxou-a para perto de si. Marisol encostou o rosto ao seu peito, onde o coração dela batia. As condecorações presas na farda arranharam-lhe a cara, mas Marisol aceitou a dor e fechou os olhos.

Uma vez, há muitos meses, Marisol sonhara com a vida a voltar ao normal depois da guerra acabar. Como era *antes* da guerra. Tinha pensado que os seus dias poderiam eventualmente voltar a essa era, como se nunca tivessem sido tocados por esta tempestade. Mas quando sentiu o chão tremer, o braço de Keegan a apertar-se à sua volta, soube o quão ingênua tinha sido.

Algumas cicatrizes podem desvanecer-se com o tempo, mas outras nunca desaparecem.

Marisol nunca esqueceria aquele dia em Bluff. Como ele a tinha mudado, deixado uma marca na sua alma.

E nunca esqueceria o dia em que Oath caiu.

*

Forest não largara a mão de Sarah, agachado atrás de um carro estacionado na rua. Encontrara-a no *Gazette* e ela quisera regressar a casa para ir ter com o pai antes de se encontrarem com os outros, como ele previra.

Mas Forest não esperava que as ruas estivessem a transbordar, caóticas. Os elétricos tinham parado, e Sarah vivia a uma boa distância de Broad Street, na parte mais a sul da cidade.

As bombas tinham começado a cair antes de chegarem ao seu bairro.

— Estamos quase a chegar — sussurrou Sarah, mas ele senti-a a tremer. — Só mais alguns quarteirões.

Forest engoliu em seco. A adrenalina era como fogo no seu sangue, mas também conseguia sentir a náusea e a fadiga a instalarem-se nos seus ossos. Não tinha tomado o seu remédio naquela manhã, e a dor começava a atormentá-lo.

Tinham de encontrar um abrigo, mas não conhecia bem aquela

parte da cidade. Além disso, tinha oferecido o seu exemplar do *Gazette* a um pai histérico com três filhas.

Forest atreveu-se a olhar por cima do capô do carro.

— Precisamos de...

Uma bomba explodiu na rua ao lado. Tijolos e telhas voaram pelo ar. Madeira estilhaçada, fragmentos de vidro e pedaços de mobília espalharam-se pela rua. Sarah encolheu-se e gritou, mas Forest nunca fechou os olhos. Nunca largou a mão dela e, através do fumo, viu um caminho livre para uma casa com uma porta aberta.

Não importava se era uma casa comum ou encantada. Eles precisavam de abrigo.

Forest puxou Sarah e começou a correr, mantendo-a o mais perto possível de si.

Olhou para a sua sombra, que se espalhava pelos paralelepípedos e detritos à medida que ele corria. Viu a sua sombra ganhar duas longas asas, até deixar de ser a sua sombra para se tornar outra coisa, que bloqueava o sol como se a lua o tivesse eclipsado.

Um arrepio frio percorreu-lhe a espinha. Estugou o passo, olhando novamente para a porta aberta.

— Forest — disse Sarah, ofegante. — *Forest*, o meu pai!

— Estamos quase lá. Continua a correr, Sarah.

Estavam a três passos da porta quando viram uma luz incandescente, como se uma estrela tivesse caído. Sentiu uma pressão nos ouvidos e um estrondo que lhe abalou o peito.

Mesmo assim, Forest não largou a mão dela.

UMA CANÇÃO DE EMBALAR PARA AMANTES CONDENADOS

Há já algum tempo que Roman estava sentado como uma estátua, de olhos fechados enquanto as asas dos *eithrals* o sobrevoavam, quando ouviu o som distante de uma flauta.

Assustou-se. Não conseguiu evitar um movimento brusco dos braços e, conseqüentemente, as correntes fizessem barulho.

Um dos *eithrals* apercebeu-se do movimento.

Desceu e pousou diante dele com um guincho, e o chão estremeceu sob as suas garras. As poças de enxofre de cada lado de Roman começaram a subir, ameaçando borbulhar e queimá-lo.

Transido de medo, ele não conseguia respirar, mas não desviou os olhos do *eithral*. A criatura abriu a boca, revelando dentes manchados de sangue e hálito podre, e soltou outro guincho que fez o coração de Roman vacilar. Estremecendo, tapou os ouvidos com as mãos.

O *eithral* colocou-se em posição de ataque, prestes a parti-lo ao meio, e Roman só pensava que não estava preparado para isto. Mas o impacto não veio. Novas notas preencheram o ar, cintilantes como chuva ao sol. Um feitiço havia sido lançado. Um comando dado pela flauta.

A criatura parou de repente, levantando a cabeça em resistência. Roman caiu para trás, esparramando-se sobre a pedra, trémulo. Ficou a ver o *eithral* a abrir as asas musculosas e levantar voo, seguindo o som das notas debitadas pela flauta.

Roman ficou assim deitado durante algum tempo, sentindo que os seus ossos se tinham derretido. Olhou para o vapor à deriva e ouviu as notas que continuavam a soar no reino subterrâneo. Por fim, sentou-se para a frente com um gemido, e viu algo estranho ao longe. Um pilar de luz solar, que rompia as sombras.

Era a saída de vapor. Tinha-se aberto, e os *eithrals* passavam a voar através dela.

O bombardeamento já tinha começado, e uma onda de raiva tomou conta de Roman.

Gritou, rouco e desesperado, enquanto puxava as correntes. Puxou até que os grilhões lhe abriram feridas mais profundas nos pulsos e voltou a sangrar. Gritou até perder as forças e sentir os pulmões pequenos e apertados, o coração arrasado pela angústia.

Roman deslizou até ficar de joelhos entre os esqueletos.

Olhou para aquele pilar de luz. Um arrepio espalhou-se pelo seu corpo, como a geada a rastejar sobre a sua pele, quando se apercebeu de que aquela seria a última vez que veria o sol.

*

Estava um silêncio sepulcral no reino subterrâneo.

Iris desceu as escadas, lembrando-se das palavras que Enva lhe dissera no sonho. *Presta atenção ao chão. À forma como se inclina. Ele vai guiar-te através das muitas passagens, levando-te às profundezas do reino.* Também se lembrou do que Roman havia dito sobre o nível mais baixo do submundo, onde os *eithrals* moravam e eram comandados por uma flauta.

Ela ainda tinha a flauta de Val no bolso, junto à chave, a bola de cera e agora três scones de mirtilo. Tudo artigos importantes para levar a cabo uma missão de morte no reino subterrâneo.

Quando a escada finalmente desembocou num corredor, Iris optou por virar à direita porque o chão se inclinava para baixo. Deixava uma migalha de scone no chão de cada vez que ela e Attie faziam uma curva, para conseguirem encontrar o caminho de volta. Mas também prestou atenção aos aglomerados de malaquite, que eram tão bonitos que a fizeram parar para os admirar.

— Para que achas que servem estes cristais? — Disse Attie em voz alta, passando o dedo pelas suas facetas verdes.

— Será que é suposto serem um mapa, ou sinais de trânsito — contrapôs Iris — ou uma forma de as pessoas saberem onde estão? — Roman tinha descrito ter visto aglomerados de ametistas no seu passeio nas profundezas de Oath.

— Uma bela ideia. — Attie limpou o pó dos dedos. — Mas porque é que elas cresceram para dentro das passagens?

— Se calhar, enquanto Dacre dormia, as coisas selvagens tomaram conta de tudo.

Com os pensamentos a ferver, as raparigas continuaram.

— Achas que há ratazanas aqui? — perguntou Attie enquanto Iris pousava outra migalha.

— Espero que não. — Se aparecessem ratazanas e comessem o seu rasto de scones, nunca mais encontrariam o caminho de volta para a porta do café. Mas até ali só tinham passado por grossas teias de aranha, com criaturas cujos olhos piscavam como rubis à luz da lanterna.

Pouco depois chegaram a um cruzamento, e Iris ficou surpreendida ao ver a luz das chamas que ardiam em arandelas de ferro nas paredes. Escondeu a lanterna atrás de um conjunto de malaquite e estudou os diferentes caminhos que podiam seguir.

— Espera — disse Attie, quando Iris ia dar um passo em frente. — Ouves isto?

Iris paralisou, esforçando-se por ouvir. Duas respirações mais tarde, ouviu o mesmo que Attie. Pareciam botas a marchar sobre a pedra, aproximando-se cada vez mais.

— Rápido — disse Iris, recuando pelo caminho por onde tinham vindo. — Esconde-te.

As raparigas esconderam-se atrás de um afloramento de rocha e de minerais. Iris susteve a respiração enquanto os passos se aproximavam. Atreveu-se a espreitar à volta do seu esconderijo e viu um grupo de soldados de Dacre a marchar pelo cruzamento. As espingardas estavam apoiadas nos ombros, as mochilas às costas.

Era como Iris suspeitava. Dacre esperaria até o lado sul ser arrasado para mandar regressar os *eithrals*. Os seus soldados sairiam por portais seleccionados para reunir todos os que tivessem sobrevivido.

Era uma repetição de Avalon Bluff, mas numa escala maior.

O que significava que Iris e Attie estavam a ficar sem tempo; não se podiam dar ao luxo de ter uma interrupção como aquela. Quando Iris estava a pensar que talvez tivessem de voltar para trás e encontrar outro portal por onde passar, a fila de soldados chegou ao fim.

As raparigas esperaram alguns instantes antes de se levantarem e seguirem para o cruzamento. Iris escolheu outra vez a passagem com o ângulo mais acentuado, apesar de ser mais escura do que as outras.

Quando chegaram a uma porta, já conseguia ouvir a sua respiração e sentir o coração a bater nos ouvidos. Era parecida com a que Enva lhe tinha mostrado, com runas gravadas no lintel. Tal como no sonho, estava trancada.

— É aqui? — sussurrou Attie.

— Sim — respondeu Iris, embora não tivesse a certeza. Mas tirou a chave e viu que esta encaixava, destrancando a porta.

Desta vez, a passagem que percorreram estava coberta de trepadeiras e espinhos. Iris teve de abrir caminho, sentindo as sarças a puxarem-lhe o cabelo e a arranharem-lhe a cara. Teria parado, desanimada, se não tivesse visto a luz ao longe. Um raio de luz amarela no meio das brumas, entrelaçado com o cheiro forte a enxofre.

— Estamos quase a chegar — disse ela, ofegante, para Attie, com a esperança a aquecer-lhe o sangue.

Vinte e um passos castigados pelos espinhos depois, as raparigas

chegaram ao centro em ebulição do reino subterrâneo. Iris olhou para o vapor, espantada com a vastidão do local. Reparou que as trepadeiras corriam ao longo do chão traiçoeiro, mas logo se desvaneceram, como se estivessem ali apenas para marcar a localização da passagem. Virou-se e olhou para trás, vendo que o lintel estava cheio de espinhos, e reparou também na malaquite que tinha crescido ao longo dele, quase escondida.

Temos de encontrar a porta marcada pelos espinhos e pela malaquite quando voltarmos, disse a si própria antes de avançar.

Iris e Attie contornaram as poças, passando por cima de esqueletos e correntes de ferro. Iris arrepiou-se com a visão, mas continuou a partir pedaços de scone e a deixar um rasto, com a pele a brilhar de transpiração.

Não tardou muito até que as notas melódicas de uma flauta pairassem no ar. Tão depressa pareciam distantes como, logo a seguir, suficientemente próximas para estarem ao alcance da mão. Iris tentou segui-las, mas era impossível, até que viu um pilar de luz ao longe. Devia ser o ponto de referência, apercebeu-se, e começou a seguir para lá, usando as últimas migalhas de scone. Era ali que Dacre estaria, a tocar a flauta para comandar os *eithrals* enquanto eles o sobrevoavam.

Parecia que tinham caminhado durante uma hora, atrás daquelas notas e daquele raio de sol, embora provavelmente tivessem passado apenas dez minutos, quando Iris ouviu alguém a gritar ao longe. Ficou paralisada, e Attie parou atrás de si.

— Achas que aquilo é real? — perguntou Iris, com a voz grave. — Ou será uma ilusão?

— Não sei — disse Attie.

Não tinham tempo para investigar e ajudar. Iris avançou, ignorando o sentimento de culpa que lhe apertava o estômago. O sabor amargo na boca. A forma como o seu coração se agitou quando os gritos finalmente se calaram.

Aproximaram-se da luz, o lugar onde o mundo superior e o reino inferior se tocavam. Finalmente, ali estava Dacre de pé, banhado pelo sol, a soprar notas na flauta com o rosto e o cabelo dourados como um mito de um tomo antigo. Ele era lindo, hipnotizante. A visão deixou Iris ao mesmo tempo furiosa e triste: ver tal divindade e o seu potencial, e saber que não passava de um ser feito de ambição pura.

— Pronto, Attie? — sussurrou Iris, com os dedos a envolverem o punho da espada.

— Sim — respondeu esta. — Não te esqueças da cera!

Iris *tinha-se* esquecido dela no meio do assombro e do terror do reino subterrâneo. Meteu a mão ao bolso e encontrou a bola de cera, dividiu-a rapidamente e enfiou uma parte em cada orelha.

Foi como se mergulhasse debaixo de água.

Já não ouvia o silvo das poças, o som mágico da flauta de Dacre. Já não ouvia a voz de Attie, nem os seus passos, nem a primeira nota que a amiga arrancou das cordas do violino. Iris só conseguia ouvir a sua própria respiração e o seu coração, que batia num ritmo constante nos seus ouvidos.

Desembainhou a espada. Esta brilhava, como se o aço estivesse a rir, divertido por se encontrar a refletir o reino subterrâneo.

Iris deixou-a morder-lhe a mão. O seu sangue escorreu como uma promessa vermelha, e ela pegou novamente no punho da arma.

Sentiu Attie a tocar-lhe.

Iris olhou para trás e viu que os olhos de Attie estavam arregalados de terror, com os dedos a abrandar nas cordas enquanto se afastava.

— *Iris!* — A boca de Attie formou o seu nome.

Iris virou-se mesmo a tempo de ver Dacre a pairar sobre elas, com os olhos a brilhar como brasas e o cabelo louro a cintilar. Estendeu a mão para as atacar; as raparigas dispersaram, Iris para a esquerda, Attie para a direita.

Iris correu alguns passos ao longo do sinuoso caminho de pedra, sem se preocupar com as poças. Mas virou-se e viu a sombra de Dacre a desaparecer no vapor. Ele corria atrás de Attie, o que significava que ela tinha de parar de tocar para se esquivar dele.

Iris perseguiu-o, esgueirando-se por trás dele. Dacre estava inclinado para a frente e preparava-se para atacar Attie, que agarrava no violino pelo braço, incapaz de tocar enquanto se esquivava e se baixava.

Com um grunhido, Iris levantou a espada, descrevendo um arco largo.

Sabia que o seu golpe seria curto. Apenas roçou os longos cabelos de Dacre. As madeixas partiram-se instantaneamente, caindo como mil fios dourados.

O deus fez uma pausa, como se sentisse a picada de cada fio partido. Lentamente, virou-se e olhou para Iris com uma maldade tal que quase lhe parou o coração.

Ela deu um passo atrás. Ele avançou.

Sorriu, revelando o brilho dos seus dentes, e lambeu-os, como se estivesse a imaginar o sabor da morte dela. Em seguida, levou a flauta aos lábios e soprou.

Iris não sabia se Attie tinha recomeçado a tocar. Não sabia quanto tempo a amiga teria de tocar até que a magia comesse a surtir efeito, mas estava perturbada pelo facto de Dacre não estar a abrandar. O violino não parecia exercer qualquer efeito sobre ele, e Iris começava a acreditar que Enva a tinha enganado.

Vocês, divindades, só sabem mentir, gritou a sua mente, enquanto

Iris corria pelos caminhos cheios de ossos e correntes, sentindo Dacre a aproximar-se. *Só se preocupam com os vossos interesses.*

Pensou que ele estava no seu encalço, mas ele emergiu do vapor diante dela. Iris parou abruptamente e estremeceu quando Dacre a atingiu com força na cara.

Sentiu um dos molares de trás deslocar-se enquanto rodopiava e caía no chão, a apenas um palmo de distância de uma poça de enxofre. Cuspiu sangue e o dente. O seu coração batia descompassado, num ritmo que latejava nos seus ouvidos.

Mas ainda segurava a espada com a mão direita, que sangrava. E foi demasiado lenta quando Dacre pôs a bota sobre o seu pulso, ameaçando pressionar com força. Quando o fez, Iris estremeceu, ciente de que ele iria esmagar todos os seus tendões até ficarem em pó.

A única coisa que o deteve foi uma súbita rajada de vento. Iris ofegou, com os olhos a arder. Os cabelos chicoteavam-lhe a cara quando levantou o queixo e viu os *eithrals* a pairarem por cima deles, voando em círculos. Dacre tinha-os chamado até ali para o ajudarem, e Iris não sabia se devia chorar ou rir, ao perceber que o bombardeamento tinha parado, mas apenas porque os *eithrals* lhe iriam agora limpar os ossos depois de Dacre ter acabado com ela.

A visão das feras incendiou-a. Ela lutou e debateu-se, rangendo os dentes enquanto tentava libertar-se.

Dacre pressionou o pé com mais força sobre o seu pulso. Ela gritou de dor quando os seus dedos longos e frios deslizaram para o seu cabelo, descendo até à garganta.

Percebeu que o fim estava próximo, paralisada, enquanto Dacre se preparava para lhe partir o pescoço.

Iris engoliu em seco, sentindo o gosto do cobre do seu sangue. O sal do seu suor.

Fechou os olhos e exalou um suspiro, mas era estranho que o medo parecesse desaparecer, deixando na sua esteira o lastro de estrelas brilhantes. E naquela lacuna de tempo obscuro, deu por si à espera do impossível. Que a magia ainda acontecesse.

*

Roman susteve a respiração, esforçando-se por ouvir por cima do murmúrio das poças à sua volta.

Para seu grande choque, um violino soava ao longe. A sua canção de embalar melancólica preenchia o mundo subterrâneo como um perfume de mirra espalhado ao vento. Nunca tinha pensado muito no sabor ou no cheiro da música, mas esta música trazia-lhe a memória da salmoura do mar de inverno, do bolo de morango no primeiro dia de primavera, da fragrância dos bosques cobertos de musgo logo após

a chuva.

Cortava o ar podre que assombrava este lugar.

Roman inspirou, enchendo os seus pulmões de música. A melodia era calmante. Convenceu-o a concentrar-se no seu interior, até que se sentiu apoiado por anseios tão ferozes que parecia que os seus ossos se tinham transformado em ferro.

Não se apercebeu de que a sua força estava a diminuir até os seus membros começarem a formigar. A sua mente ficou embaciada como a janela de uma estufa, era demasiado tarde. Roman lutou contra o torpor, mas percebeu que era melhor simplesmente abraçar o estranho sonho que lhe acenava.

Deitou-se e deixou-se levar por aquele sono eivado de fumo.

*

Os dedos de Dacre deixaram o pescoço de Iris, deixando-lhe a pele marcada pelas unhas em forma de garra. Iris só percebeu o que o tinha travado quando abriu os olhos.

Enva estava a oito passos de distância, com um riacho de enxofre a borbulhar entre eles. Mesmo através dos cachos de vapor, Iris via-a nitidamente.

A deusa estava radiosa, com um vestido azul sem mangas com constelações cosidas ao longo da bainha. Pregadeiras de rubi brilhavam nos seus ombros e um cinto dourado cingia-lhe a cintura. Uma coroa feita de flores e bagas vermelhas como sangue adornava-lhe a testa, e trazia o cabelo longo e solto, escuro como a meia-noite.

Iris ficou tão atónita ao vê-la que só conseguiu estremecer, certa de que tinha sido assim que Enva se tinha apresentado na noite em que se juntara a Dacre no submundo, para lhe jurar os seus votos. Na noite em que se tinham casado, sob estrias de minerais, longe do brilho da lua e do véu das nuvens. Na noite que plantou as sementes desta guerra, séculos antes.

Dacre deu um passo em direção a Enva. Fez uma pausa, aturdido por ela; a deusa manteve-se firme enquanto ele continuava a aproximar-se, com urgência nos seus passos.

Iris, com o coração latejar na garganta, pôs-se de joelhos. *Não*, quis gritar, mas parecia que tinha engolido areia. Só conseguia ouvir o rugido da sua pulsação nos ouvidos, o que a deixava zozza, mas percebeu que Dacre estava a dizer alguma coisa a Enva. Estavam quase frente a frente, o seu corpo numa postura violenta, e Iris levantou-se, agarrada à espada.

As palavras que Enva tinha partilhado com ela no sonho do museu voltaram a arder dentro de si, impelindo-a para a frente.

Se ele me matasse, como deseja fazer, ficaria com toda a minha magia para si. O seu poder não teria fim.

— Não! — Iris sentiu a palavra irromper-lhe do peito. *Não podemos permitir que ele vença esta batalha. Já chegámos longe demais para isso.*

Estava prestes a saltar sobre o riacho de enxofre quando sentiu alguém agarrar-lhe o braço. Virou-se e viu Attie, com o violino debaixo do queixo e o arco na mão direita. O seu cabelo encaracolado agitava-se com o vendaval e os seus olhos estavam arregalados, mas atentos.

Espera, murmurou a Iris, voltando a tocar num movimento contínuo.

Iris quis protestar, mas Attie tinha visto algo que lhe escapara. Virou-se e voltou a olhar para as divindades.

Os *eithrals* continuavam a sobrevoar, com as asas a agitar o ar frio à sua volta. O cabelo de Dacre emaranhou-se com a ventania, à semelhança do cabelo de Iris e de Attie, mas o vento parecia não afetar Enva. O seu cabelo permanecia liso e imóvel, as suas vestes como a superfície de um lago plácido.

Dacre levantou a mão para desferir um golpe. A tensão acumulou-se toda nos ossos de Iris, mal conseguindo respirar ao observar Enva, que não se mexia nem falava, que se limitava a fixar Dacre com um brilho negro nos olhos.

O punho dele nunca lhe tocou.

As pernas falharam-lhe primeiro e ele ajoelhou-se diante dela. Vacilou por um instante, como se lutasse contra o feitiço que lhe invadia os ossos, mas nem mesmo Dacre conseguia resistir ao chamamento da sereia. A sua mão tombou flácida ao lado do corpo enquanto ele se afundava na pedra, caindo de costas.

Depois dele, também os *eithrals* começaram a cair, um após outro.

Iris e Attie agacharam-se, abraçadas uma à outra, com o ar podre a picar-lhes o nariz. Mas Iris manteve os olhos abertos, e viu os *wyverns* a caírem nas poças e nos caminhos de pedra; as barrigas fendiam-se em duas no impacto; as escamas derretiam-se na água sulfurosa. O chão tremeu quando as suas asas se estilhaçaram.

E logo a seguir, o mundo tornou-se calmo e tranquilo.

Iris tirou a cera dos ouvidos e levantou-se, ajudando Attie a pôr-se de pé.

As raparigas miraram o corpo de Dacre, deitado, e Enva, de pé, diante dele. A deusa olhou para o marido adormecido antes de levantar os olhos para Iris e Attie.

Ambas caminharam cuidadosamente ao longo da pedra escorregadia até chegarem às divindades.

— Enva — disse Iris, assombrada. Como é que ela tinha chegado ali? Como é que não se deixou embalar pela melodia encantada de Attie? Foi então que Iris percebeu, suficientemente perto para reparar na translucidez da pele de Enva, no brilho ténue do seu vestido de

noiva.

Iris estendeu a mão. Os seus dedos atravessaram o braço de Enva.

Aquele era o efeito de um dos poderes que a deusa havia absorvido. A magia das ilusões e dos enganos. Estava ali, mas não estava, como se soubesse que a sua presença seria um fio primordial na tapeçaria da morte de Dacre.

Enva não parecia ser capaz de falar, mas indicou Dacre com uma inclinação da cabeça.

Iris olhou para ele, sentindo a sua frieza. Parecia mais jovem e mais brando durante o sono, e Iris pensou no que poderia ter sido, e no que ainda poderia ser, agora que ele estava prestes a desaparecer do mundo. A extinguir-se como uma chama. A sua alma e a sua magia transformar-se-iam em fumo, que se dissolveria à medida que ele ascendia aos céus.

Com os dentes arreganhados, ela abateu a espada sobre o seu pescoço.

Foi mais fácil e mais difícil do que ela esperava. Fácil, porque a espada cortou os ossos e os tendões como se Dacre não passasse de uma teia de aranha. E difícil, porque sentiu mais uma nódoa negra no seu coração, marcado pela morte.

O sangue de Dacre começou a escorrer, ouro cintilante sobre a pedra. Um cheiro excessivamente doce e húmido envolveu o ar e Iris caiu de joelhos, com a espada a deslizar da sua mão. Sentiu a pressão a mudar, o que fez o seu coração palpar.

Pelo canto do olho, Iris viu a ilusão de Enva a esfumar-se nas sombras.

ÍCORE DERRAMADO

Roman ainda estava a sonhar quando sentiu o chão deslizar por baixo de si. Ouviu o tilintar do ferro, um silvo de vapor. Um latejar doloroso à volta dos pulsos. A voz de um homem a praguejar através da estática.

— Acorda!

Uma mão abanou-o e, quando isso não o despertou, deu-lhe uma bofetada na cara. Roman mexeu-se, com os olhos pesados e cheios de areia. Demorou um instante até que as cores voltassem à sua visão e que todas as arestas esbatidas se tornassem nítidas e definidas.

Para seu grande choque, estava a olhar para o tenente Shane.

— O que estás a fazer? — perguntou.

— O que te parece? Vou tirar-te daqui. — Shane agarrou-o pelos braços, puxando-o para cima. — Consegues ficar de pé?

Roman levantou-se, mas cambaleou.

— Dá-me um segundo.

Shane suportou o peso de Roman, mas bufou de impaciência.

— Não temos um segundo. Temos de nos despachar. As coisas estão a evoluir de uma forma que eu não esperava, e temos de voltar para a superfície.

— Como assim? — Roman deu um passo em frente. A cada segundo que passava, sentia-se mais firme, embora a sua cabeça latejasse violentamente. Fletiu as mãos, percebendo que estavam livres das correntes. — Como é que tu...?

Shane tirou uma chave do bolso. Ainda estava manchada com o sangue do capitão Landis. A chave que havia desaparecido ou, como Roman percebeu, que Dacre tinha colocado como isco sobre a mesa, para ver qual dos soldados a roubaria.

— Porque é que a roubaste? — perguntou Roman. — Fazes parte do Cemitério?

— Sim. E precisamos do seu poder — disse Shane, empurrando-o pelo caminho e chutando uma pequena caveira para longe. — Podemos trancar ou destrancar qualquer um dos portais de Dacre. E

podemos aproveitar os recursos do reino subterrâneo.

— E as outras quatro chaves?

— O Val foi dado como morto. Não chegou a trazer a Iris, se é isso que te preocupa. Não sabemos onde está, mas não regressou depois de te trazer para aqui. A chave dele não foi encontrada, mas acho que faço uma ideia de quem a tem.

Roman inspirou lentamente, com a respiração trémula. Os ossos doeram-lhe quando se perguntou onde estaria Iris.

— Dacre também está morto — constatou Shane, como se nada fosse. Como se estivesse a anunciar uma previsão do tempo, e não o caso de um deus. — Não sei onde está a chave dele.

Roman tropeçou.

— *Morto?*

— A tua miúda cortou-lhe a cabeça. Levou-a para um café há pouco tempo. Ou pelo menos é o que dizem os rumores. Anda, temos de nos despachar.

Roman não teve tempo de processar aquilo, mas quando piscou os olhos, teve um vislumbre de Iris, arrastando a cabeça cortada de Dacre pelos seus cabelos dourados.

Arrepiou-se com a visão.

— Saíste de Oath para te alistares nas forças de Dacre — disse Roman, juntando lentamente as peças do passado de Shane. — Mas nunca tiveste a intenção de o servir. Passaste-lhe a perna este tempo todo, enquanto reunias informações para o Cemitério. Como matar um deus. Encontrar uma chave para o submundo. Memorizar as linhas ley.

— Isso choca-te, Roman? Não estavas a fazer o mesmo?

— Ele feriu-me e depois engajou-me contra a minha vontade. Eu não o escolhi.

A conversa dos dois homens estagnou quando chegaram à porta decorada com cristais de citrinos e videiras. Roman tentou acompanhar o ritmo de Shane, mas a sua respiração começou a ficar pesada. Sentia a garganta fechada, os pulmões apertados. Parou para tossir para a manga, aturdido quando viu sangue a manchar o tecido.

Shane reparou na mancha, apesar da escuridão.

— Vais ter de ir ao médico em breve — disse. — A verdade é que vamos ter muitos soldados doentes, agora que o feitiço dele se quebrou.

Roman não disse nada. Baixou o braço e acompanhou a passada de Shane, mesmo quando a inclinação lhe causou um ardor no peito. Não reconheceu aquelas passagens, mas quando chegaram ao pé de uma escada, travou Shane.

— Porque me entregaste a ele? Porque me traíste?

— Porque não entregaste a mensagem como te pedi? Dacre estaria

morto há dias e o bombardeamento nunca teria acontecido — rebateu o tenente. Mas depois suspirou, suavizando a sua postura. — Ouve. Quando roubei a chave, Dacre começou a revistar-nos a todos, decidido a descobrir qual de nós era o traidor. Dei-lhe a tua confissão para me salvar, por mais egoísta que isso possa parecer. E não me teria importado com o que te acontecesse, a não ser pelo facto de te recusares a denunciar-me. Por isso, aqui estou agora, a arriscar-me para pagar a minha dívida.

— Não existem dívidas — grunhiu Roman.

— Na guerra — contrapôs Shane —, há sempre dívidas. Anda, estamos quase a chegar ao abrigo.

*

Iris estava na Broad Street, a olhar para o *Oath Gazette*. O edifício tinha sido atingido e demolido. Tijolos, vidros, pedaços de metal retorcidos e objetos pessoais estavam amontoados a brilhar à luz da tarde. Conseguiu ver algumas máquinas de escrever, meio enterradas nos escombros.

O *Gazette* tinha desaparecido.

O quinto andar tinha sido destruído, os seus destroços espalhados como palha. Sabia que devia estar a sentir alguma coisa, mas o seu peito estava entorpecido.

Forest tinha estado ali, para levar Sarah. Provavelmente, tinham ido para casa dela, para junto do pai.

Iris virou-se, e os seus olhos varreram a rua e o novo horizonte recortado de edifícios que tinham desmoronado ou tinham paredes a ruir. A cidade estava irreconhecível; parecia que nunca tinha estado naquele lugar, onde os carris do elétrico faziam sulcos nas pedras da calçada.

Onde vivia Sarah? Iris não sabia ao certo, embora a tivesse ouvido falar num bairro na zona mais a sul de Oath. Quando se lembrou, Iris viu-se obrigada a conter o pânico.

Eu encontro-os. Eles estão a salvo. Eles estão bem.

Começou a andar, passando por cima de escombros. Os golpes nas palmas das mãos recommçaram a sangrar, mas ela mal conseguia sentir a picada enquanto escolhia um caminho por entre os destroços.

Será melhor ir para norte, para a propriedade dos Kitt?

Fez uma pausa, indecisa entre aventurar-se mais para sul, à procura de Forest e Sarah, ou seguir para norte, à procura de Roman. Alguns rapazes passaram por ela, empunhando armas, com as vozes excitadas a serem sopradas pela brisa quente. A visão deveria tê-la assustado, mas Iris limitou-se a pestanejar à sua passagem. Sentia-se esmagada pelos destroços. Como conseguiriam reconstruir a cidade? Nunca mais seria a mesma, nunca mais teria a mesma sensação.

Mais pessoas começaram a aventurar-se nas ruas. Ao longe — pelo caminho de onde tinha vindo — havia vozes animadas aos gritos e a dar vivas. Sabia que lhe chegavam desde o Gould's Café, que resistira, incólume, ao bombardeamento, ficando com apenas duas janelas rachadas, telhas do teto soltas e vários pratos partidos. Foi lá que depositou a cabeça de Dacre. O champanhe foi aberto e distribuído, assim como mais biscoitos e bolo para celebrar, mas Iris escapuliu-se da multidão depois de se ter assegurado de que Attie estava em segurança junto da família e de Tobias.

Iris começou a vaguear, incerta do seu destino.

Não sabia porque se sentia tão vazia. Porque não lhe apetecia festejar a morte de Dacre. A guerra tinha chegado ao fim. Mas então porque sentia que havia mais qualquer coisa à espreita? Como se estivesse prestes a surgir mais uma surpresa.

— Para com isso, Iris — repreendeu-se, sacudindo o pessimismo. — Para onde vais?

Por fim, percebeu onde estava. Caminhou por entre mais destroços, e só parou quando três jovens se aproximaram dela. Tinham armas, mas olhavam-na com admiração.

— É a mulher que cortou a cabeça de Dacre? — perguntou um deles.

Iris ficou em silêncio. Mas não conseguia esconder o ícore que lhe salpicava as calças, manchando-lhe a roupa. Dacre tinha sangrado bastante depois de a sua cabeça ter rolado. Fora o suficiente para a fazer engasgar e vomitar.

Passou pelos jovens, sentindo-se observada enquanto continuava a andar. Pouco depois, chegou ao sítio que desejava e temia ver em igual medida, sem saber se tinha resistido ou não.

O edifício do *Inkridden Tribune*.

Ainda estava de pé, embora a maioria das janelas tivesse explodido e uma parte das paredes do andar superior tivesse desmoronado. Iris estava a olhar para ele quando ouviu uma voz familiar.

— O que fazes aqui, miúda? Não te dei o dia de folga? — Iris virou-se e viu Helena do outro lado da rua, a fumar um cigarro. O seu coração disparou ao ver a chefe, viva e de saúde, apesar de abalada e com os olhos raiados de sangue, e apressou-se a abraçá-la. — Não te preocupes, eu estou bem — disse Helena, dando-lhe uma palmadinha nas costas. — E antes que perguntes... o *Tribune* também se safou. E a Attie?

Iris acenou com a cabeça, com as lágrimas a brotarem-lhe na garganta.

— Ela está bem.

— Ótimo. — Helena foi interrompida por um súbito tiroteio.

Iris deu um salto, com a pulsação acelerada e agachou-se. Helena

agarrou-lhe no braço, empurrando-a para um monte de escombros para se abrigarem.

— Ouve, miúda — disse-lhe, pisando o cigarro. — Tens de ir para casa ou ficar com pessoas em quem confies. As ruas não são seguras, e não vão sê-lo durante algum tempo. Não com os elementos do Cemitério a saírem das suas tocas.

— O Cemitério? — repetiu Iris. — Porque é que eles estariam a disparar contra as pessoas? Numa altura *destas*, depois do que acabámos de ultrapassar!

Helena passou os dedos pelo cabelo.

— Porque o chanceler está morto. E um deus também está morto, se os rumores forem verdadeiros. — Reparou nas manchas de ícore nas roupas de Iris. — Estão a reunir os soldados de Dacre. Para os executar.

*

Roman e Shane atravessaram o portal e entraram no reino superior.

A luz era fraca, mas quando Shane fechou a porta atrás deles, Roman viu que estavam num quarto opulento. Os enormes cortinados estavam corridos nas janelas, mas uma réstia de luz do sol iluminava uma cama de dossel e um espelho enorme, com moldura dourada. O tapete que as botas sujas de Roman pisava era macio e suave.

Era o tipo de quarto que os seus pais teriam, o que significava que deviam ter emergido algures a norte do rio, num dos bairros mais ricos.

— Onde estamos? — perguntou Roman, rouco.

Shane não respondeu. Foi até à porta do quarto e abriu-a, saindo para o corredor.

Roman seguiu-o, porém, uma vez no hall de entrada, Shane parou, assustado.

Havia soldados a correr de uma sala para a outra, derrubando mesas e cadeiras, abrigando-se atrás de tudo o que encontrassem, inclusivamente um piano de cauda. As armas estavam prontas, os rostos tensos, como se estivessem prestes a entrar numa refrega.

— Temos de sair daqui — murmurou Shane, girando e agarrando no braço de Roman. — Depressa, vamos voltar para o quarto. Este lugar não é seguro.

Roman não percebia o que se estava a passar, mas sentia a pressão que se acumulava, como se tivesse nadado até às profundezas mais escuras e frias de um lago.

Aquilo fazia-lhe lembrar as trincheiras. O momento antes do ataque.

Uma fila de soldados de Dacre passou por ele, sibilando ordens uns

aos outros. A confusão, a perplexidade e o desespero pairavam no ar, e Roman estava tão ansioso quanto Shane para fugir dali, quando viu um soldado encostado a uma parede, a tossir para a manga.

O sangue escorria-lhe do queixo. A dor vidrava-lhe os olhos. O seu rosto estava pálido.

Roman parou.

Conhecia o som daquela tosse húmida. Sentia o seu gosto na parte de trás da boca, e ajoelhou-se diante do soldado.

Não se tratava de alguém que tinha optado por lutar por Dacre, apesar da farda que usava e das forças com quem se acantonava. Era alguém que tinha sido ferido e quase morto pelo gás, e depois curado apenas o suficiente para servir, a sua mente embaciada pela magia de Dacre. Alguém exatamente como Roman.

— Deixa-o — disse Shane, com o pânico a cortar-lhe as palavras. — Não temos tempo!

Roman não estava disposto a abandonar aquele soldado. Colocou o braço do homem sobre os ombros e ajudou-o a levantar-se.

— Consegues andar? — perguntou.

— Devias... deixar-me aqui — disse o soldado, enquanto tossia mais sangue. — O Cemitério... vem aí para nos matar...

— Temos de te levar a um médico. — Roman olhou para o corredor, mas Shane tinha desaparecido. Tinha-o deixado para trás e, apesar de grato por este o ter salvado da prisão subterrânea, não pôde deixar de pensar que o tenente se portara agora como um cobarde. Optara por fugir e por se esconder quando o fim se aproximava. — Vamos tentar sair pelas traseiras.

Os dois percorreram o corredor aos tropeções até chegarem a um solário. Através das paredes de vidro, Roman viu figuras agachadas a correr pelos jardins. Indivíduos que usavam máscaras para esconder o rosto, com espingardas na mão, a aproximarem-se da casa.

Antes que Roman pudesse virar-se, uma pedra atravessou a parede de vidro. Não, não era uma pedra, mas um objeto redondo e metálico, que fez tiquetaque quando caiu no chão.

Os seus olhos arregalaram-se.

— *Foge* — sussurrou. Virou-se e arrastou o soldado consigo, de volta para o corredor. *Foge* e, no entanto, sentia que tinha as pernas enterradas em mel. Como se estivesse num pesadelo, e tudo fosse lento e resistente.

Contou cinco pulsações, cinco batidas nos seus ouvidos, antes de a granada explodir; de rebentar com as paredes.

Roman e o soldado foram projetados e caíram atordoados no chão. Destroços espalhavam-se a toda a volta e estavam cobertos de pó fino que se entranhava nas suas gargantas, fazendo-os tossir.

Roman estava de costas, aturdido. Por cima deles, o lustre de

cristal abanava, torto, no teto, a brilhar por entre o fumo.

Apesar de ter os ouvidos a zunir, escutou o estampido dos tiros.

Temos de sair daqui.

Uma sombra ondulou sobre ele, bloqueando a visão do lustre. Roman sibilou quando sentiu alguém a agarrar-lhe na camisa, a retirá-lo dos escombros.

— Juntem os sobreviventes — disse o estranho, cerrando o punho. Tinha uma anêmona de um vermelho vivo presa ao colete. — Está na altura de o povo de Oath testemunhar justiça.

*

Iris estava quase a chegar ao seu apartamento quando escutou passos a ecoar nos escombros. Parecia que alguém estava a correr atrás dela. Retesou os músculos e olhou por cima do ombro para analisar as sombras que se expandiam.

O sol estava a pôr-se e Iris tinha decidido voltar para casa, na esperança de a encontrar ainda de pé e o irmão a salvo dentro das suas paredes. Depois de se separar de Helena, tinha testemunhado em primeira mão a imprevisibilidade das ruas. Tinha visto esforços de resgate corajosos, com pessoas a retirarem sobreviventes dos edifícios desmoronados, mas também o caos, com o Cemitério a correr desenfreado com armas em riste.

— Forest? — chamou.

Os passos ficaram mais audíveis. Alguém corria por uma rua lateral, na sua direção. Quando finalmente emergiu na clareira, a luz derramou-se sobre o indivíduo.

Iris susteve a respiração.

O indivíduo usava uma máscara. Um membro do Cemitério. Tinha ombros largos por baixo das roupas escuras, revelando uma constituição forte. E corria na sua direção.

Iris girou e correu para o monte de escombros mais próximo. Sentiu a distância a diminuir entre eles, e o seu coração frenético quando arrancou um pedaço de cano dos escombros, girando para enfrentar o seu atacante.

— Miss Winnow! — gritou o homem com uma voz áspera, quando ela ameaçou bater-lhe com o cano. Ele levantou as mãos e parou. — Miss Winnow, sou eu.

Ficou a olhar para o estranho. Não fazia ideia de quem era, e manteve o cano entre eles.

Ele cedeu e tirou a máscara.

Era o associado de Mr. Kitt. O homem que uma vez a tinha seguido e ameaçado, oferecendo-lhe dinheiro para anular os seus votos de casamento.

— Afaste-se de mim! — disse, brandindo o cano.

Ele esquivou-se facilmente.

— Ouça! — gritou ele. — Não temos tempo. Preciso da sua ajuda.

Iris não confiava nele. Começou a fugir outra vez, passando por ele, até que as suas palavras a alcançaram.

— É o Roman! Está prestes a ser executado.

Iris estancou. O seu sangue gelou quando se virou.

— *Quem* é que o vai executar?

O associado aproximou-se.

— O Cemitério. Ele foi capturado juntamente com os soldados de Dacre, e o Cemitério não faz prisioneiros. Não consegui convencer os meus camaradas a soltá-lo. Exigem *provas* da sua inocência. Tem alguma coisa? Algo que o possa manter vivo?

Iris sentiu a cabeça a andar à roda com aquela revelação, mas mordeu a língua e concentrou-se. Tinha todas as cartas que ele lhe tinha escrito quando estava com Dacre. Ainda tinha a carta de Hawk Shire, apesar de Roman lhe ter implorado para ela *queimar as suas palavras*.

— *Sim* — sussurrou. — Tenho uma carta. No meu apartamento, se ainda estiver de pé.

O associado do Mr. Kitt pôs-se em movimento, pegando na mão dela e puxando-a através dos escombros. Era forte; afastava os detritos a pontapé enquanto atalhava por uma casa desmoronada para chegarem mais depressa ao seu destino. Iris não sabia se devia estar grata ou recear que o homem soubesse exatamente onde ela vivia, mas quando finalmente chegaram à sua rua, todos os pensamentos e sentimentos se dissiparam.

O prédio do seu apartamento ainda estava de pé.

Enxugou as lágrimas enquanto subia as escadas a correr. A porta da rua estava aberta; estava escuro lá dentro, ainda não havia luz.

— Forest? — gritou ela, numa voz entrecortada. Mas não havia sinal do seu irmão. Só o cadáver de Val jazia no chão da sala. Saltou por cima do cadáver para correr para o seu quarto.

O associado de Mr. Kitt permaneceu do lado de fora da porta, mas ela ouvia a sua respiração ofegante.

— Depressa, Miss Winnow — instou-a.

Ela ajoelhou-se e alcançou a caixa de chapéus que estava debaixo da cama. Tirou a tampa e começou a separar todas as cartas, com as mãos a tremer. Ali estava ela, amarrotada e manchada, mas muito legível.

Queima as minhas palavras.

— Está aqui — anunciou.

multidão.

Tinha as mãos atadas e estava encostado a uma parede de tijolo. Estava numa fila com outros 51 soldados; prisioneiros de guerra que o Cemitério estava prestes a executar sem julgamento.

Para lá da linha de fogo, juntou-se um grupo de espectadores. Alguns aplaudiam, outros pareciam preocupados. Roman sentia-se tonto, subjugado pelas vaias, pelo barulho, pela visão de pessoas satisfeitas por verem a sua morte.

Os joelhos tremiam-lhe.

Pensou que ia desmaiar, até que a viu. Iris avançava na sua direção. O seu rosto estava arranhado e manchado de terra, salpicado de um dourado luminoso. Segurava um pedaço de papel e gritava, mas a sua voz perdia-se no meio do barulho.

Foi então que os seus olhos se fixaram nos de Roman.

— Preparar... — disse uma voz.

A fila de espingardas baixou.

Roman não conseguiu travá-la. Não conseguiu impedir Iris de avançar, de se colocar entre ele e a bala.

— Iris — implorou, mas só ele conseguia ouvir o nome dela. Um sussurro no meio do caos. — *Iris, não.*

Ela movia-se por entre a multidão como se o mundo se curvasse diante dela. O seu olhar permanecia fixo no dele, como se nada se pudesse interpor entre eles. Nem deuses, nem guerra. Nem mesmo a picada de uma ferida mortal.

— Apontar...

Que as nossas respirações se entrelacem e o nosso sangue se torne um só, até que os nossos ossos voltem a ser pó.

Um soluço quebrou a respiração dele.

E mesmo então, que eu encontre a tua alma ainda jurada à minha.

Iris atravessou a linha de fogo, com o cabelo emaranhado no rosto, as botas a bater nas pedras encharcadas de sangue.

— Fogo!

Interpôs-se entre Roman e a espingarda no momento em que os tiros estalaram no ar.

O QUE PODIA TER SIDO

Iris ficou paralisada.

Apercebeu de apenas três coisas.

O som agudo das balas.

A forma como os soldados na fila se sacudiram e caíram para a frente, de cara nas pedras ensanguentadas.

E o facto de Roman continuar de pé e a respirar, intocado pelos tiros. A forma como olhou para ela.

Os seus olhos estavam arregalados, frenéticos. Ardiam de horror, contando ver o sangue a brotar na camisa dela e a escorrer-lhe pelo peito. Que ela tombasse com os outros.

Mas Iris manteve-se de pé. Os seus pulmões continuavam a encher-se de ar; o seu coração continuava a bater furiosamente dentro dela.

Virou-se para olhar para o homem que se preparava para disparar contra Roman. O seu rosto estava escondido por uma máscara, e ele ainda segurava na espingarda, que estava agora apontada a ela. Mas não chegara a disparar.

— Saia da frente! — urrou.

— Baixe a arma — disse ela. As pernas tremiam-lhe da corrida; o suor escorria-lhe pelo cabelo. Estava tão aliviada por ter chegado a tempo que teve de engolir o refluxo gástrico que tinha na garganta. — Estão prestes a matar um homem inocente.

— Estes soldados não são inocentes.

— Eu tenho provas. — Iris levantou a carta. — Roman Kitt é a única razão pela qual muitas das forças de Enva sobreviveram. Há semanas que ele revelava secretamente os planos e movimentos de Dacre. Se não fosse por ele, nenhum de nós estaria aqui a respirar, por isso vou dizer-vos mais uma vez. Cometeram um terrível crime de guerra ao matarem estes soldados sem um julgamento. Por favor, baixe a sua arma.

O silêncio que se seguiu foi incómodo, carregado de choque. Um homem alto e mascarado deu um passo em frente e aproximou-se dela. Só então a última espingarda foi baixada. Iris pressentiu que ele

devia ser uma figura importante para o Cemitério. Talvez o seu líder.

O homem estendeu-lhe a mão protegida por uma luva. Tinha duas flores presas ao casaco escuro — uma anêmona branca e uma vermelha. Contrastavam estranhamente com a sua arrogância, e Iris cerrou os dentes. Mas entregou-lhe a carta.

Ficou a ver os seus olhos a percorrerem as linhas. Quando acabou de ler, encarou-a. Observou as suas roupas manchadas de ícore, algo pelo qual ela estava agora muito grata. Os arranhões na sua cara, os espinhos perdidos no cabelo. As nódoas negras nos braços e as marcas de unhas no pescoço. Tudo testemunhos do seu percurso até ali.

— Parte do que ela diz é verdade — disse o homem à multidão. — Esta carta é um aviso sobre o ataque a Hawk Shire. Mas preciso de mais provas. Como é que sei que o enigmático R. é este homem? Como é que sei que não escreveste esta carta para o salvar?

A pele de Iris ficou vermelha de raiva. Abriu a boca para responder, mas outra voz adiantou-se.

— Posso atestar a sua idoneidade. — A multidão afastou-se para revelar Keegan. As estrelas presas na sua farda brilhavam à luz que esmorecia, e o seu semblante estava carregado. A sua voz, assim como a sua postura, não eram ameaçadoras, mas impunham respeito. Não trazia nenhuma arma e levantou as mãos quando o Cemitério apontou as espingardas na sua direção. — Estou desarmada. Quero uma conversação pacífica, tal como os soldados da minha brigada, alguns dos quais são filhos de Oath e vossos concidadãos, que lutam nesta guerra há *meses*. Pessoas que sangraram, passaram fome e perderam tempo com as suas famílias. Merecem ter uma palavra a dizer sobre o que acontece à sua casa nos próximos dias, e aos soldados que lutaram por Dacre e que — tendo em conta as *leis* do reino e a mais básica *decência* humana — deviam ser feitos prisioneiros e tratados com humanidade. Por isso, façam o que a Iris Winnow vos pediu educadamente. Baixem as vossas armas e deixem-nos participar numa discussão intelectual e democrática sobre o que é moral e o que é justo, e como devemos avançar para começar a sarar as nossas feridas.

O líder do Cemitério ficou desagradado, mas devolveu a carta a Iris antes de fazer sinal aos seus seguidores para baixarem as armas. Quando os soldados de Enva avançaram por entre a multidão, interrompendo as execuções, Iris correu para Roman.

Ele estava de joelhos, a arfar.

Iris ajoelhou-se diante dele, tocando-lhe no rosto pálido com a mão. Sentia-o tão frio, como se tivesse sido esculpido em mármore. O medo atingiu-lhe o coração quando viu as manchas de sangue nas mangas, as feridas nos pulsos. Ela não sabia o que tinha acontecido desde a última vez que o vira, mas pressentia que a história dele a atravessaria como aço enferrujado.

— Estás seguro, Kitt — sussurrou ela, abraçando-o. Queria chorar, vendo como ele tremia e sibilava para respirar. Acariciou-lhe o cabelo.
— Estás seguro comigo.

Ele encostou o rosto ao pescoço dela. Quando chorou, ela sentiu-se vazia de palavras, como se lhe tivessem sido arrancadas dos ossos. Tinha apenas as suas mãos, os seus braços e a sua boca, encostada ao cabelo dele.

E chorou com ele.

*

Em boa verdade, Roman não se lembrava de muita coisa depois do momento em que Iris se interpôs entre ele e a morte. As horas que se seguiram foram estranhas, passaram como se estivesse febril. Sentia-se perdido num turbilhão de nuvens de tempestade e fumo e, embora conseguisse ouvir e ver, não conseguia guardar esses momentos na memória.

Mas quando voltou a si, viu-se deitado numa cama de hospital, com uma agulha intravenosa espetada na mão.

Olhou para o teto, ouvindo a azáfama silenciosa das enfermeiras e dos médicos, o clique das rodas, um gemido de duas camas mais abaixo. Teve medo de reconhecer completamente onde estava até que uma mulher mais velha e esbelta, com cabelo grisalho curto e olhos castanhos, parou à sua cabeceira.

— Como se sente, Mr. Kitt?

— Não *sou* Mr. Kitt — disse Roman. Mas depois percebeu que tinha sido indelicado e suspirou. — Desculpe.

— Não precisa de pedir desculpa — disse a médica com um sorriso triste. — Quer contar-me a história dos seus sintomas, a começar pela altura em que começaram?

Roman hesitou, com um aperto no peito quando se lembrou de Avalon Bluff. Mas deixou as mãos relaxarem ao lado do corpo, percebendo que estava em segurança. E a verdade é que precisava de abrir aquelas velhas cicatrizes para poder sarar.

Contou tudo à médica. Há quanto tempo estava a sentir os sintomas, e o que os tinha agravado. O facto de ter inalado gás em Avalon Bluff.

A médica registou tudo na sua prancheta e depois colocou o estetoscópio no seu peito nu e pediu-lhe para respirar. Roman fez o que ela pediu, ansioso por olhar para a cara dela. Quando ela se afastou, a sua expressão era inescrutável, mas havia uma ponta de tristeza na sua voz.

— Quero fazer uma radiografia — começou ela —, mas posso dizer-lhe o que penso que tem, com base nas dezenas de doentes que já vi e tratei hoje com problemas idênticos ao seu.

— Seja sincera, doutora — pediu Roman.

— Os seus pulmões têm tecido cicatricial, que foi criado pelo gás a que esteve exposto. As cicatrizes dificultam-lhe a respiração, como descreveu, e também criaram pressão no seu coração. Não existe nenhuma cirurgia ou medicamento que cure totalmente esta doença, mas há coisas que pode fazer para ajudar a aliviar os sintomas quando estes se agravam. Acima de tudo, terá de fazer ajustes nos próximos dias, para garantir que está a cuidar dos seus pulmões e do seu coração. Caso contrário, esta condição pode ser fatal, levando a uma paragem cardíaca ou tornando-o suscetível à tuberculose. — Roman ficou em silêncio. — Tem mais alguma pergunta? — inquiriu a médica, com brandura. — Se não, vou pedir a uma das enfermeiras para iniciar o seu primeiro tratamento respiratório e administrar alguns medicamentos.

— Sim — disse Roman, com os olhos postos nas paredes brancas e nas ténues cortinas azuis que separavam os doentes uns dos outros. — Quando posso ter alta?

— Quando tiver autorização, tanto minha como da nova chanceler.

— A nova chanceler?

— Sim. Ela pediu que todos os soldados de Dacre fossem mantidos na prisão, ou no hospital, caso precisassem de cuidados médicos.

Roman engoliu o pânico.

— Eu não sou um soldado.

— Eu sei. — A médica apertou-lhe o ombro. — Não se preocupe com isso. Concentre-se na sua recuperação, para poder ter alta em breve. A sua família também está desejosa de o ver. Não podemos permitir visitas, tendo em conta as circunstâncias, mas a sua mãe e a Iris estão a pensar em si e estão ansiosas por tê-lo de volta.

A médica passou ao doente seguinte.

Mas o coração de Roman acelerou, tornando a sua respiração ofegante. Queria ir para casa; queria estar com Iris. Quanto tempo mais ficaria ali, enclausurado no hospital?

Gelado, colocou a palma da mão sobre o peito. Sobre a dor oca do seu coração.

*

Era meio-dia e o tempo estava húmido, como se o verão tivesse devorado as últimas semanas da primavera. Iris fez uma pausa para limpar o suor do rosto. Os músculos dos braços e das costas estavam doridos de todas as horas que passara a afastar os escombros, mas não tencionava parar. Não antes de terem recuperado todas as pessoas que tinham morrido e que ainda estavam enterradas debaixo de pedra e tijolo. Não antes de terem resgatado todos os sobreviventes, embora, à medida que os dias avançavam, as hipóteses de encontrar pessoas

ainda vivas fossem muito reduzidas.

Mas Iris não se preocupava com esse facto, por uma simples razão. Já tinham passado três dias desde o bombardeamento e ela ainda não tinha encontrado Forest.

Ele está bem, pensou, redobrando os seus esforços, raspando entre montes de pedra britada até as unhas se partirem.

Mas não era só o facto de o irmão ainda não ter aparecido. Há dois dias, o hospital recusara-se a deixá-la visitar Roman. A última vez que o tinha visto, ele estava deitado numa maca, rodeado de enfermeiros que o levaram para a enfermaria. Segurou-lhe a mão até ser obrigada a largá-la, sem saber se ele tinha sentido o seu toque ou ouvido a sua voz.

Iris passou os dedos pelo cabelo húmido. Deixou que a raiva a alimentasse enquanto continuava a carregar tijolos, canos retorcidos e caixilhos de janelas partidos para a carrinha. Uma e outra vez, até que Helena lhe trouxe um cantil de água.

— Tens de fazer uma pausa, miúda — disse ela, olhando para Iris com a preocupação estampada no rosto. — Porque não vais antes recolher nomes?

Iris bebeu a água. Limpou a boca e disse:

— Não, estou bem. Mas obrigada.

Deixou Helena a olhar para ela e trabalhou durante mais uma hora. Depois outra. Sempre que alguém pedia ajuda, ela acorria, imaginando se teriam localizado Forest e Sarah, presos debaixo dos escombros, à espera de serem puxados para a liberdade.

Sempre que um corpo era encontrado, era levado com desvelo para um local específico na rua, para ser identificado. Helena registava os nomes dos falecidos para imprimir no jornal do dia seguinte. Apesar de muitos edifícios do centro terem ruído, tanto o *Tribune* como a tipografia tinham sobrevivido. E o jornal era a melhor forma de fazer circular as notícias, enquanto Oath procurava encontrar novamente o equilíbrio. A cidade estava a lutar por muitas coisas que eram tidas como certas, tais como eletricidade e água potável, refeições quentes e a capacidade de garantir que os hospitais tinham tudo do que precisavam para tratar dos feridos.

O *Inkridden Tribune* estava a ajudar as pessoas que tinham sido separadas a encontrarem-se umas às outras. Ou, na pior das hipóteses, a ajudar a encerrar um capítulo.

Ao crepúsculo Iris decidiu terminar o dia numa rua do Sul que nunca tinha visto. Tinha sido fortemente bombardeada; apenas algumas casas continuavam de pé. Estava a limpar cuidadosamente os escombros quando ouviu um dos homens, mais ao fundo da rua, a gritar por ajuda.

Iris não sabia explicar o arrepio que sentiu; o porquê de as suas

mãos cobertas de pó, em carne viva e marcadas por inúmeros arranhões, começaram a tremer.

Mas correu para o sítio onde o homem estava ajoelhado num monte de destroços. Ajoelhou-se ao seu lado com cuidado, examinando o que ele havia encontrado.

Forest e Sarah.

Iris olhou para eles como se fossem estranhos, incapaz de compreender o que estava a ver. O seu irmão, com o rosto inchado e cheio de nódoas negras, quase irreconhecível. Tinha protegido Sarah com o seu corpo, mas não fora suficiente. O monte de escombros matou-os aos dois, de mãos entrelaçadas.

Não voltariam a respirar. Não voltariam a rir ou a discutir. Não envelheceriam juntos.

Pequena Flor.

Iris virou costas e deslizou pelo monte.

Deu dois passos e caiu de joelhos.

Sentiu-se a afogar. Como se tivesse a boca cheia de água e tudo estivesse a arder. Dobrou-se, sem ar, abraçando-se a si própria com força para se impedir de colapsar.

Iris estava vagamente ciente das pessoas à sua volta, que a amparavam, ajudando-a a levantar-se. Helena, Attie e Tobias tornaram-se mais nítidos.

Mas a sua mente estava longe.

Estava vencida pelo que podia ter sido. Pelo que agora nunca seria.

UM *TRIBUNE* QUE SANGRA

Quando Roman percebeu que o *Inkridden Tribune* era o único jornal impresso em Oath, começou a requisitá-lo todas as manhãs da sua cama no hospital. A primeira coisa que fazia era ler a lista de nomes na primeira página. Os nomes de todas as pessoas que tinham sido mortas e das que ainda não tinham sido encontradas. Depois, lia as notícias sobre os julgamentos de guerra, que tinham começado com a nova chanceler e um painel de juízes.

Foi no *Inkridden Tribune* que Roman leu o destino do pai, um dos primeiros cidadãos a ser julgado.

Mr. Ronald M. Kitt foi considerado culpado de três acusações: primeiro, por ser um cúmplice voluntário no transporte de gás perigoso. Segundo, por conspirar com o inimigo e por lhe dar guarida sem aconselhamento ou limites adequados. Terceiro, por ter conhecimento do plano de destruição maciça e não ter feito nada. Foi condenado a cumprir 70 anos de prisão, sem hipótese de liberdade condicional.

Roman estremeceu quando percebeu que o pai iria morrer na prisão. Também leu o destino de duas outras pessoas suspeitas:

O Dr. Herman O. Little, professor de Química na Universidade de Oath, e a sua filha, Elinor A. Little, foram considerados culpados de crimes de guerra e condenados a prisão perpétua, pela criação e produção de gás e bombas perigosas que foram usadas como arma contra civis e soldados.

Roman virou a página. Quase conseguiu visualizar a sua antiga

noiva, o quão reservada tinha sido a sua atitude no único almoço que tinham sido obrigados a partilhar.

Na quarta manhã em que acordou no hospital, o doente ao seu lado sucumbiu aos ferimentos, incapaz de respirar devido às cicatrizes nos pulmões. Todos os que estavam no terceiro piso tinham sido vítimas do gás, e Roman ficou a olhar para a cama vazia durante algum tempo, antes de serem estendidos lençóis novos e de ser admitido um novo doente.

A enfermeira trouxe-lhe o *Inkridden Tribune*, juntamente com o café aguado e o pequeno-almoço, e Roman seguiu a rotina que tinha criado, com mais fome de palavras e de conhecimento do que de comida. Primeiro, lia os nomes dos mortos e desaparecidos, a seguir os relatórios dos julgamentos.

Não esperava ver um nome que reconhecesse entre os mortos, e ficou paralisado. Não um nome, mas dois, próximos um do outro, como se estivessem ligados por fios invisíveis.

Sarah L. Prindle

Forest M. Winnow

Roman ficou a olhar para eles até as palavras se esbaterem. Conseguia sentir o sabor da água do lago; conseguia sentir o peso da irmã nos seus braços. A forma como o seu estômago doía como se tivesse sido apunhalado. A forma como o seu coração se tinha entorpecido enquanto a levava para casa.

A dor dilacerou-o, tão afiada como tinha sido naquele dia, há quatro anos.

Roman afastou os cobertores das pernas e o jornal dispersou-se pelo chão. Virou o tabuleiro do pequeno-almoço. O café e os ovos espalharam-se pelos lençóis, mas não se importou. Os seus pés descalços bateram no chão quando arrancou a agulha intravenosa das costas da sua mão.

Ia sair dali. Aquelas paredes não continuariam a prendê-lo. Encaminhou-se para as portas, parando apenas quando um segurança o intercetou.

— Volte para a cama.

— Tenho de ver a minha mulher — disse Roman.

— Pode vê-la quando a médica lhe der alta.

Sê racional para o convences, pensou Roman, mas o que saiu a seguir foi uma série de impropérios. A sua voz alterada chamou a atenção da médica, que conduziu Roman com firmeza até à cama.

— Respire fundo — disse ela, recolocando a agulha na mão dele. — Já se esqueceu do que eu disse? Não é só com os pulmões que tem de se preocupar.

— Já não me preocupo — disse, entre dentes.

— Ai sim?

— Tem de me deixar sair. A minha mulher... perdeu o irmão. Tenho de a ver.

A médica suspirou.

— Lamento ouvir isso, mas todos perdemos alguém nesta guerra.

— Pelo menos, deixa-me telefonar-lhe?

— Não posso abrir exceções, agora que os julgamentos estão a decorrer.

Roman soltou uma gargalhada mordaz.

— E quanto tempo tenciona manter-me aqui?

A médica limitou-se a olhar para Roman até que ele corou e desviou o olhar. Imaginou que devia parecer tresloucado, a gritar obscenidades ao segurança e a insistir em ter alta.

— Isso — disse a médica —, depende de si.

Roman recostou-se. Se havia uma coisa em que ele era bom, era em aceitar um desafio.

*

Dois dias depois, a médica deu alta a Roman com uma lista de receitas e instruções rigorosas para descansar. Uma chuva suave caía quando ele deixou o hospital com roupas emprestadas. Caminhava por cima de pedras da calçada desfeitas e montes de entulho, passando apenas por algumas pessoas protegidas por guarda-chuvas ou jornais sobre a cabeça. Sem ligar à chuva, Roman encaminhou-se para leste, em direção ao apartamento de Iris.

Quando chegou a um cruzamento, fez uma pausa. Perguntou-se se Enva estaria por perto, a persuadir as nuvens de tempestade com a sua magia, e um arrepio percorreu-lhe a pele. Era estranho estar num lugar que até há poucos dias era vibrante e cheio de vida. Automóveis, carroças e bicicletas. Agora, ele parecia ser o único a respirar aquele ar, a lembrar-se de como tinha sido outrora.

— *Roman!*

Virou-se e viu Iris mais à frente na rua. Estava encharcada, o vestido quase translúcido, o cabelo colado à cara. Mas soube então que ela tinha estado à espera que ele tivesse alta do hospital.

Correu para ela.

Chocaram no centro da rua bombardeada. Roman tropeçou para trás, agarrando-se a ela. Teria perdido o equilíbrio se Iris não tivesse usado a sua força para o manter de pé.

— Acho que sou muito boa nisto — disse Iris. Encostou o rosto ao pescoço dele, rindo para esconder o choro nas suas palavras.

Roman abraçou-a, sentindo o peito dela subir e descer com a respiração. Lembrou-se do campo dourado de Avalon Bluff. A forma como ela corria para ele, pressionando-o contra a terra. Cobrindo o

seu corpo com o dela para o proteger.

— Em quê, Winnow? — inquiriu ele. — Tenho uma lista de coisas em que és muito boa.

Iris riu-se novamente. Segundos depois, inclinou-se para trás para o encarar, com a chuva a brilhar-lhe no rosto.

— Em apanhar-te de surpresa, Kitt.

QUERIDA IRIS

TRÊS MESES DEPOIS

Iris estava diante do seu apartamento, com uma caixa vazia nas mãos. Há semanas que andava a adiar aquilo, preocupada com demasiadas coisas importantes que precisavam da sua atenção. Mas sabia que finalmente tinha chegado a altura. Precisava de ver as suas coisas, decidir o que manter e o que deixar para trás antes de vender o apartamento. Estava na altura de separar os pertences da mãe, bem como os de Forest.

— Não precisamos de fazer isto hoje — disse Roman. Ele estava ao lado dela, com os braços a tocarem-se. A aliança de casamento brilhava na sua mão esquerda, uma aliança de prata que combinava com a dela. Também ele trazia uma caixa vazia, embora Iris soubesse que não conseguiria colocar toda a sua vida em duas caixas.

— Eu sei — disse ela, olhando para o céu à medida que as nuvens de tempestade se aproximavam. As primeiras gotas de chuva de verão começaram a cair, fazendo chiar o pavimento quente sob as suas botas. — Mas não quero adiar mais. — Sorriu-lhe, para aliviar o vinco de preocupação na testa dele.

— Juntos, então? — disse ele.

— Sim, juntos — concordou Iris.

Dirigiram-se para as sombras do apartamento no preciso momento em que a tempestade desabou.

*

Iris começou por seleccionar os seus pertences no quarto, porque seria mais fácil. Pensou que teria dificuldade em deixar as coisas para trás, como se estivesse a entregar fantasma após fantasma. Mas foi mais libertador do que tinha previsto.

Guardou algumas das suas saias e camisolas preferidas. As suas botas das trincheiras. Uma pulseira de pérolas que tinha pertencido à avó. Todos os seus livros e a estatueta de cavalo que tinha enfeitado a

sua secretária no *Gazette*. A máquina de escrever já estava no apartamento que ela e Roman estavam a arrendar, assim como a maior parte dos seus bens essenciais.

Em muitos aspetos, parecia que ela tinha finalmente largado a pele da sua infância. Com cada objeto que deixava para trás, a pele separava-se um pouco mais, até que, de repente, sentiu que podia respirar fundo. Não havia problema em deixar para trás o sofá e a velha chávena de chá que a mãe tinha usado como cinzeiro. O aparador com todas as velas derretidas das noites sem eletricidade. O quadro na parede que Iris sempre detestara porque se entristecia sempre que olhava para ele.

Quando entrou no quarto de Forest, que tinha pertencido à mãe antes dele, as duas caixas já estavam cheias.

— Deixa-me procurar outra caixa — disse Roman.

Deixou a porta da rua aberta, e Iris ouviu a chuva. O apartamento ficou logo a cheirar a petricor, e a fragrância tranquilizou-lhe o coração e as mãos, enquanto começava a vasculhar os pertences do irmão.

Ele não tinha muitas coisas. Crescer a dormir no sofá e a partilhar o roupeiro com a irmã não lhe dera outra opção senão contentar-se com pouco. Mas tinha uma mala de couro aos pés da cama.

Com um suspiro, Iris abriu-a.

Deixou que o conteúdo se espalhasse pelo colchão. Custou-lhe a sensação de estar a bisbilhotar, até que uma carta caiu da mala e pousou no colchão. Estava dobrada, escrita num papel amarelo. *Pequena Flor*, podia ler-se, na caligrafia rabiscada de Forest.

Iris ficou a olhar para a carta, e um trovão ribombou ao longe. Quando o seu coração finalmente se acalmou, pegou no papel e sentou-se no chão para o ler.

Querida Iris,

Tenho uma confissão a fazer: a tua amiga Sarah tem-me visitado. Ou melhor, tenho-a convidado para jantar cá em casa. Ao princípio, pensei que lhe tinhas pedido para me visitar enquanto estavas fora. Mas depois percebi que ela está tão sozinha como eu. Ambos sentimos a tua falta, por isso, de certa forma, tu aproximaste-nos.

Tenho outra confissão a fazer: fui ao médico, como me pediste. Agora, percebo que não precisava de ter medo das minhas cicatrizes. Não precisava de ter medo de contar ao médico a verdadeira história do que me aconteceu. Não sei porque é que isso me enche de vergonha, mas a verdade é

que assim é. Espero que se desvaneça com o tempo.

Talvez um dia escreva tudo. Acho que gostaria de te contar tudo. Mas, por agora, contento-me apenas em partilhar estas palavras contigo. Espero que saibas como estou orgulhoso de ti e como te considero corajosa por voltares para a frente de batalha. Quero dizer a toda a gente que encontro na rua que és minha irmã. Que a Iris E. Winnow do Inkriddden Tribune é minha irmã.

Volta depressa para casa, Pequena Flor. Mal posso esperar para voltar a ver-te.

Com amor, do teu irmão,
Forest

Iris não percebia porque tinha esperado tanto tempo para espalhar as cinzas de Forest, mas agora tudo fazia sentido. Tinha estado à espera das palavras dele; que a carta chegasse às suas mãos.

Iris tinha espalhado as cinzas da mãe nos campos de Avalon Bluff. E decidiu que um lugar no Leste seria mais adequado para o irmão. Um lugar verde e promissor, com colinas que pareciam não ter fim.

Tobias levou-os, a ela, a Attie e a Roman, quilómetros para norte de Oath. Disse-lhe que conhecia uma colina que transmitia a sensação de sermos únicos no mundo quando a pisávamos.

Iris subiu-a sozinha, carregando a urna com as cinzas de Forest.

Não era uma colina íngreme, mas as ervas eram altas e verdejantes devido às tempestades de verão. As flores silvestres brotavam, espessas e polvilhadas de pólen. Quando Iris chegou ao cume, ficou espantada com a vista que se desenrolava diante de si. Vales e riachos cintilantes. Manchas de perenifólias e bétulas.

— Acho que já estive aqui antes — sussurrou ao vento, lembrando-se do lugar que Enva lhe mostrara no sonho. Uma deusa que talvez nunca mais voltasse a ver, mas que Iris sabia que ainda percorria as ruas de Oath, disfarçada.

Abriu a urna.

Segurou-a por um instante antes de a virar. Com os olhos a arder, viu as cinzas de Forest espalharem-se pela brisa e tornarem-se parte da paisagem. Os pinheiros e as ervas, os vales e os riachos. Iris ter-se-ia sentido muito feliz se ficasse ali mais algum tempo, com flores silvestres até aos tornozelos, mas depois sentiu a primeira gota de chuva no rosto, que se misturou com as suas lágrimas.

Mais uma tempestade de verão que se formava. Iris apressou-se a descer o caminho até à estrada, onde Tobias, Attie e Roman esperavam por ela. O roadster brilhava como uma moeda recém-cunhada, mesmo com todas as mossas, marcas e manchas de lama da

estrada.

Iris deslizou para o banco de trás com Roman, enquanto Attie se sentou à frente com Tobias.

— Para onde vamos agora? — perguntou Tobias, ligando o motor.

— Para onde? — repetiu Attie. — Está quase a *chover*, Tobias.

— Este carro já resistiu a mais tempestades e pneus furados do que eu consigo contar. — Olhou para Iris através do espelho retrovisor. — O que dizes, Iris?

Ela sorriu.

— Para casa.

Tobias deu meia-volta e engrenou a segunda velocidade. Aceleraram pela estrada, deixando para trás os trovões e as cargas de água. Iris sentiu-se tentada a olhar para trás, para a colina onde tinha depositado Forest, mas uma fresta nas nuvens deteve-a. Um raio de sol perfurou a escuridão mais à frente; a promessa de uma tarde soalheira.

Roman entrelaçou os seus dedos nos dela.

Iris fechou os olhos, saboreando o calor da palma da mão dele contra a sua. A forma como o vento despenteava os seus cabelos. A luz do sol no seu rosto.

E, por instantes, quase pareceu ganhar asas.

A ÚLTIMA PALAVRA

UM ANO DEPOIS

Iris ajoelhou-se no jardim.

Os canteiros de flores estavam a ganhar vida à medida que os dias se tornavam mais quentes e maiores, e os primeiros rebentos verdes dos legumes começavam a romper o solo. Sorriu enquanto arrancava as ervas daninhas dos canteiros de ásteres e margaridas, e depois passou para os regos de terra, sentindo que o solo estava seco.

Estava prestes a levantar-se para ir buscar o balde de água quando um pedaço de papel dobrado em forma de triângulo caiu na terra, mesmo junto aos seus joelhos.

Iris olhou para cima, sem qualquer surpresa ao ver Roman a observá-la da janela do segundo andar. O cotovelo dele estava apoiado no parapeito, o queixo na palma da mão, e ele apenas sorriu enquanto esperava que ela lesse a mensagem.

— Já estão prontas para mim? — perguntou ela.

— Vais ter de ler a mensagem para descobrir.

Ela fez-lhe uma careta trocista, mas a verdade é que gostava tanto daqueles jogos como ele. Pegou no papel com as mãos manchadas de terra e desdobrou-o, lendo:

Querida Iris,

Tenho a certeza de que não são nada de jeito, mas as páginas 81-104 estão à tua espera na mesa da cozinha. Se te apressares, o bule de chá preparado na perfeição* ainda estará quente.

Com amor,
O teu mais que tudo
Kitt

* É discutível

P.S. Se entregar muitas páginas de cada vez,

tenho a sensação de que a minha prosa densa te vai adormecer, Winnow.

Iris sorriu, mas quando voltou a olhar para a janela, Roman tinha desaparecido. Escutando com atenção, porém, lá estava o tilintar metálico da máquina de escrever, que indicia que ele tinha voltado ao seu manuscrito. Ouvia os pássaros a sobrevoar os arbustos e a cantar no salgueiro no quintal dos vizinhos. Ouvia os rápidos distantes do rio, que ficava a uma curta distância a pé da sua pequena casa, uma estrutura de pedra coberta por heras, que tinha resistido aos bombardeamentos, situada na orla do parque.

Iris guardou a folha de papel no bolso e levantou-se.

Sacudiu a sujidade do macacão e deixou as botas no alpendre das traseiras, entrando na cozinha apertada, mas acolhedora.

Em cima da mesa, encontrou as páginas 81-104 presas debaixo de um dos cantos da máquina de escrever, tal como Roman tinha prometido, e um bule de chá ainda fumegante. Iris serviu-se de uma chávena, misturou demasiado leite e mel, e depois sentou-se na sua cadeira preferida e leu as páginas escritas por Roman.

Eram maravilhosas, transportando-a para longe. Cada vez que Iris lia um capítulo novo, sentia que pertencia à história. Era sobre um rapaz que pilotava um navio nas nuvens, e as aventuras, desafios e amigos que encontrava pelo caminho. Nem sempre era uma história feliz, embora fosse honesta, e a esperança nunca se desvaneceu para o rapaz e os seus amigos, mesmo nos momentos de perda e tristeza.

Encontrou duas gralhas e tinha três perguntas sobre as motivações de uma personagem secundária, por isso pegou na caneta de tinta permanente que Roman tinha deixado ao lado do bule e escreveu as suas notas nas margens da página. Às vezes, achava que ele deixava gralhas de propósito, só para ver se ela as apanharia.

Apanhava-as sempre.

Depois de beber o chá todo, Iris pegou nas folhas e subiu as escadas até ao local preferido de Roman para escrever, que era um pequeno recanto de um quarto nas traseiras da casa, com vista para o rio e para o jardim de Iris. A porta estava entreaberta e ela abriu-a mais um pouco; ele estava sentado à secretária, com os dedos a voar sobre as teclas da Primeira Alouette.

— São uma porcaria, não são? — Ele virou-se na cadeira para olhar para ela, com uma madeixa de cabelo preto a atravessar-lhe a testa. — Tenho de começar tudo de novo.

— Pelo contrário — disse Iris, aproximando-se dele. Pousou as folhas na mesa, ao lado dos medicamentos dele. Frascos de comprimidos, latas de pomadas e o óleo que ele misturava na chaleira a vapor para inalar quando a garganta apertava ou a tosse piorava.

Tratamentos que ajudavam a acalmar os pulmões e as vias respiratórias, mas que não curavam os danos causados.

Iris inclinou-se para roçar os lábios na maçã do rosto dele, seguindo-a até à orelha. Sussurrou:

— Acho que são as minhas páginas preferidas até agora.

— Não brinques — respondeu ele, mas havia desejo na sua voz. Levantou a mão e entrelaçou os dedos no cabelo dela, para a manter perto.

— Não estou a brincar. Vais encontrar as minhas notas nas margens. — Ela beijou-lhe a palma da mão e ele soltou-a com relutância. Mas sabia que Roman preferia ler os seus comentários em privado, por isso dirigiu-se para a porta, recolhendo duas chávenas de chá vazias à saída. — E não te esqueças, vamos jantar com a tua mãe e a tua avó às 18 horas, e depois temos o concerto da Attie às 20 horas. O Tobias vem buscar-nos.

— Não me esqueci — disse Roman, mas muitas vezes perdia a noção do tempo quando escrevia.

— Ah, e mais uma coisa, Kitt.

— O que é, Winnow?

Antes de fechar a porta, Iris disse:

— Vê no teu bolso esquerdo.

*

Roman não devia ter ficado surpreendido. Iris estava sempre um passo à frente dele. Mas riu-se quando ela fechou a porta, e depois enfrentou o dilema de ler primeiro os comentários ou enfiar a mão no seu bolso esquerdo à procura do que quer que ela tivesse lá enfiado habilmente nessa manhã.

Decidiu ler primeiro os comentários, grato por ela ter detetado as gralhas, e depois refletindo nas suas notas. Escreveu mais algumas perguntas para lhe fazer mais tarde e depois meteu a mão no bolso.

Os seus dedos encontraram um papel amarrotado, tão bem dobrado que ele não o encontraria antes do dia de lavar a roupa.

Roman puxou-o para a luz.

Um bilhete datilografado, que dizia:

Esta não é a verdadeira mensagem, mas apenas uma prequela. Encontrarás a outra no nosso roupeiro, escondida no bolso do teu casaco vermelho.

— I.W.K.

P.S. Isto só se aplica se me tiveres dado novos capítulos hoje. Se não, espera que eu implore por eles esta noite... na cama.

Roman sorriu. Decidiu que já tinha terminado por hoje. Levantou-se, seguiu a intrigante mensagem de Iris, desceu as escadas e entrou no quarto. Só havia um roupeiro na casa, que eles partilhavam, com as roupas bem juntas. Roman encontrou no bolso do seu casaco vermelho-escuro a carta que Iris tinha acabado de datilografar.

Levou a folha dobrada para a cozinha, para poder vê-la através da porta aberta. Iris estava a mondar o jardim, com a trança sobre o ombro quase a tocar no chão quando ela se curvava.

Por vezes, ela distraía-o quando estava a tentar escrever, mas, na maioria das vezes, ele sentia uma profunda sensação de paz e conforto na sua presença. Quando olhava para ela, observando-a a fazer as tarefas simples, mas adoráveis do dia a dia. Quando se sentava na sua cadeira preferida junto à lareira e lia para ele ao fim da tarde. Quando acordava de manhã — sempre depois dele — e quando roubava a maior parte dos cobertores à noite. Quando ela chegava em casa do *Inkridden Tribune*, a cheirar a jornais e café derramado, cheia de ideias brilhantes.

E tinha percebido que era nessas alturas que surgiam as suas melhores palavras.

Quando ele estava com ela.

Roman desdobrou o papel. Claro que a deixava ter sempre a última palavra, e leu:

Querido Roman,

Os livros são coisas difíceis de escrever, pelo menos é o que consta. Como autor, num dia adoras as palavras e no outro despreza-las. Mas vou fazer eco do que um antigo rival muito inteligente, muito bonito e muito irritante me disse uma vez:

«Continua a escrever. Encontrarás as palavras de que precisas para partilhar. Elas já estão dentro de ti, mesmo nas sombras, escondidas como joias preciosas. — C.»

Aguardo ansiosamente pelo próximo capítulo. Aquele que escreverás na tua história, bem como aquele que escreveremos juntos.

Com amor,
Iris

P.S. Impossível, Kitt.

{ Epílogo }

CODA

Ela pedia o mesmo chá e bolo todos os Dias de Dacre quando visitava o café. O mesmo empregado de olhos azuis servia-a sempre e, embora soubesse de cor o seu pedido, tinha tendência a esquecer os traços do seu rosto na altura em que ela pagava e saía.

Para ele, ela era como todos os outros clientes com quem se cruzava. Uma pessoa educada, mas reservada, que pedia sempre uma mesa para um no pátio, para poder ver a azáfama de Oath passar enquanto bebia um bule de chá que nunca arrefecia.

Neste Dia de Dacre em particular, Enva passou mais tempo do que o habitual no Gould's. Era primavera, e a primeira tarde do ano com calor suficiente para se sentar no exterior sem um casaco. Não que ela precisasse de um — tinha nascido nas regiões mais frias do céu — mas usava-o mesmo assim, quando lhe parecia útil, para se misturar com os mortais quando andava pelas ruas e visitava certas lojas.

Enva fechou os olhos quando sentiu a luz do sol aquecer-lhe o cabelo. Por reflexo, tocou na chave de ferro que trazia ao pescoço.

Iris tinha-a entregado, deixando-a escondida no altar da catedral de Enva.

Se quisesse, Enva poderia abrir portais e despertar as criaturas do submundo, que dormiam novamente, tendo-se reduzido a brasas latentes com a morte de Dacre. Mas, enquanto houvesse uma respiração divina, não entraria em colapso. Em tempos, tinha sido a sua casa, mesmo que ela não tivesse sido capaz de enraizar o seu coração dilacerado nas rochas.

O empregado de mesa de olhos azuis aproximou-se da sua mesa, com um tabuleiro redondo debaixo do braço.

— Mais um bule de chá, minha senhora? — perguntou.

Enva sabia que ele devia ter reparado no tempo que ela estava a demorar naquele dia. Uma quebra na sua rotina habitual. Ela sorriu e disse:

— Não. É só a conta, por favor.

Ele colocou-a ao lado da chávena de chá com uma vénia, antes de

se apressar a atender outra mesa. Enva pagou a mais, como era seu hábito, antes de se levantar e estudar os edifícios altos do outro lado da rua. Oath tinha sido reconstruída ao longo dos anos, mas ainda havia cicatrizes da guerra, se alguém soubesse onde procurar.

Em vez de continuar o seu percurso habitual para assistir ao ensaio da ópera, Enva entrou no Gould's. Ficou parada por instantes, a absorver a agitação do movimento e o cheiro ácido dos scones acabados de fazer. Lentamente, começou a percorrer o café. Passou pela mesa onde se sentara durante o bombardeamento, com um xaile azul à volta dos ombros e um volume de poesia na mão. Iris e Attie não a tinham reconhecido, mas Enva tinha observado as raparigas a descerem.

Entrou no corredor escuro, aproximando-se da porta da casa de banho.

Fez uma pausa, olhando para a pintura lascada da madeira. A chave à volta do seu pescoço aqueceu, e foi então que lhe ocorreu. Estava presa a Oath desde que fizera o acordo com Alzane. Não podia violar a sua promessa e ir além dos portões da cidade ou deixar que o vento a levasse para outro lugar. Mas será que teria o poder de viajar pelo reino se descesse às profundezas? Não apenas em sonhos e ilusões, mas com a sua carne e sangue?

Antes tinha sido uma gaiola para ela, mas agora provocava-a com a liberdade.

Há muito tempo que ela não via o Ocidente com os seus próprios olhos. Ou o Norte, o Sul. Para lá das fronteiras de Cambria, onde o horizonte se fundia com o oceano. Mas podia sentir os túmulos dos soldados, a terra seca e rachada sem a sua música. Almas à espera que ela as cantasse para alcançarem o descanso eterno.

Enva enfiou a chave na porta, que se destrancou com um leve estremecimento, abrindo-se para revelar as escadas que levavam ao reino subterrâneo. Silenciosa, empoeirada e sem luz.

Deu um passo em frente. Depois outro. As mãos doíam-lhe quando tirou a harpa debaixo do casaco, escondida e sem peso no bolso encantado que tinha tecido para a albergar.

Desceu as escadas, penetrando nas sombras. Mas aquele lugar parecia-lhe familiar, como se tivesse visto o seu reflexo nas águas da meia-noite. Isso fez com que se lembrasse da última vez que havia tocado o seu instrumento.

Tinha sido para cantar e assim convencer os mortais a alistarem-se para a guerra. Nas esquinas das ruas e nos bares cheios de fumo. No pátio da universidade e na margem musgosa do rio. Mas aquele não seria o seu último verso, mesmo que ela fosse a única divindade que restava.

Com a sua harpa na mão e a magia a acumular-se na ponta dos

dedos, Enva desapareceu na escuridão.

AGRADECIMENTOS

Caro leitor,

Se és o tipo de alma que gosta de ler agradecimentos como este, então sabes certamente que por detrás de cada livro está um grupo de pessoas que deram o seu tempo, amor e experiência ao autor e à sua escrita. É sempre com um sentimento de humildade e gratidão que olho para trás, para a criação de um livro, e reconheço as muitas pessoas extraordinárias que investiram horas em mim e nos meus romances. É com sentimentos contraditórios que encerro o último capítulo da história de Iris e Roman com este *Ruthless Vows*. Mas também não deixa de ser muito emocionante (porque isso significa que agora vão poder ler e desfrutar desta sequência). Que jornada tem sido esta duologia, e eu quero agradecer às pessoas que a tornaram possível:

Em primeiro lugar, ao meu Pai Celestial. Continuas a ser a porção e a força do meu coração.

Ao Benjamin, a minha cara-metade. Não há mais ninguém com quem eu queira caminhar pela vida, de mãos dadas. As nossas palavras para este ano: jardim, crescimento, coragem e aquelas abelhas.

À Sierra, sempre. Já tens 12 anos e eu saboreio cada dia que passo contigo, mesmo que estejas quase sempre a dormir enquanto escrevo.

Aos meus pais e aos meus irmãos — Caleb, Gabriel, Rome, Mary e Luke — por partilharem o meu entusiasmo e acompanharem todos os livros que produzo, e por serem a base e o apoio com que posso sempre contar. Aos meus sogros — Ted e Joy — e aos meus avós, cujo amor tem sido uma luz que me guia.

À Isabel Ibañez, uma das minhas amigas mais queridas e a minha destemida parceira de crítica que, literalmente, salvou um capítulo ou dois (ou três!) deste livro.

À minha agente, Suzie Townsend. Trabalhamos juntas há oito maravilhosos anos. Obrigada por seres a melhor companheira de publicação.

À Sophia Ramos, que é um raio de luz e incentivo, e cujos e-mails aguardo sempre com expectativa. À Olivia Coleman, por estar sempre ao meu lado e me ajudar a acompanhar todas as coisas importantes nos bastidores. À equipa da New Leaf, com quem é um sonho

trabalhar: Joanna Volpe, Kate Sullivan, Tracy Williams, Keifer Ludwig, Pouya Shahbazian, Katherine Curtis, Hilary Pecheone e Eileen Lalley.

À minha editora, Eileen Rothschild. Nunca esquecerei aquela tarde de quarta-feira, 26 de julho, às 17h17, em que me telefonaste (mas eu não atendi o telefone porque pensei que era um número de spam de Nova Iorque!), e depois o e-mail que me enviaste (com o assunto *Rebecccccaaaa!!!!*) e a incrível notícia que partilhaste de o *Rivais Divinos* ter chegado ao primeiro lugar na lista de bestsellers do *The New York Times*, dezasseis semanas depois de ter sido publicado. É um e-mail que devia emoldurar na parede (tenho a certeza de que o Kitt aprovaria). Mas é uma alegria e uma honra partilhar esse momento contigo. Obrigada por adorares e defenderes esta «duologia».

À minha incrível equipa da Wednesday Books, que dedicou tanto amor e tempo a esta duologia para a fazer brilhar verdadeiramente e me apoiou em cada passo do caminho: Meghan Harrington, Alexis Neuville, Lisa Bonvissuto, Brant Janeway e Sara Goodman. Não podia ter sonhado com uma equipa de pessoas mais perfeita para trabalhar comigo. À Olga Grlic, que continua a fazer magia nas capas dos meus livros. À minha editora de produção, Melanie Sanders, e ao Angus Johnston pela edição de texto e por garantir que eu utilizava a palavra «vestige» corretamente (todos os autores têm aquelas palavras problemáticas que trocam frequentemente e utilizam incorretamente e «visage/vestige» foram as minhas neste livro).

À minha fantástica equipa da Macmillan Audio, que assegurou que os audiolivros de *Rivais Divinos* e *Promessas Cruéis* ficavam perfeitos: Katy Robitzski, Amber Cortes, Chrissy Farrell e Claire Beyette. Aos narradores incrivelmente talentosos que deram vida a Iris e Roman: Rebecca Norfolk e Alex Wingfield.

À minha maravilhosa equipa do Reino Unido, que deu a esta «duologia» o melhor lar do outro lado do oceano: Natasha Bardon, Vicky Leech, Elizabeth Vaziri, Chloe Gough, Fleur Clarke, Kate Fogg, Rachel Winterbottom, Ajebowale Roberts, Robyn Watts e Kim Young.

À Kelley McMorris, cujas ilustrações de Iris e Roman são simplesmente deslumbrantes e fizeram capas tão bonitas para as edições do Reino Unido.

Aos autores que se juntaram a mim na digressão *Rivais Divinos* e festejaram comigo: Margaret Rogerson, Rena Barron, Emily Bain Murphy e Gina Chen. Obrigada por me terem dado o vosso tempo e amizade e por partilharem uma refeição comigo antes de cada evento.

Às livrarias e empresas de transporte de livros que têm dado um enorme apoio a esta série: Little Shop of Stories, Barnes & Noble, Books-A-Million, Book of the Month, OwlCrate e FairyLoot.

É possível que me tenham escapado alguns nomes ou que não tenha podido mencioná-los aqui, simplesmente devido à natureza dos

prazos e à data em que tive de entregar estes agradecimentos, por isso quero apenas agradecer-vos por todo o amor e trabalho árduo que dispensaram a este livro. Sem vós, ele não seria o que é hoje.

E, por último, aos meus leitores. É uma grande honra para mim partilhar as minhas histórias convosco e ficarei eternamente grata por todo o amor, críticas, publicações bonitas, arte de fãs e passa-palavra. O vosso apoio aos meus livros deu-lhes asas. Tem sido (e continuará a ser) uma das maiores alegrias da minha vida ver as minhas histórias a voarem e a encontrarem um lar nas vossas prateleiras.

Sempre vossa em palavras e magia,
RJR

NOTA EDITORIAL

Olá, Seekers!

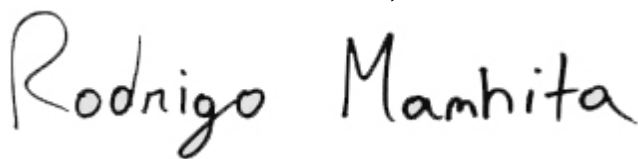
QUE LIVRO! Se *Rivals Divinos* foi arrebatador, *Promessas Cruéis* foi destruidor e fora deste mundo. Não há como não berrar de alegria por ter um livro destes no catálogo da Secret Society.

E o melhor de tudo foi conseguir concluir esta duologia em menos de dois meses, com imensos desafios pelo meio, graças a um tremendo esforço de todas as pessoas envolvidas no processo de publicação deste livro.

Não poderia deixar de aproveitar esta nota editorial para agradecer a todas as pessoas que estão na página à direita e também a toda a equipa de produção que fez o impossível para que este livro chegasse às vossas mãos.

E obrigado, por último, a vocês, por amarem tanto esta história quanto nós.

Com amor,

A handwritten signature in black ink that reads "Rodrigo Mambita". The script is fluid and cursive, with the first letter of each name being capitalized and prominent.

O editor da Secret Society

RODRIGO MANHITA
Headmaster of the Secret Society
Diretor Criativo

RODRIGO MANHITA
Seeker in chief
Editor

INÊS MARTINS
Executive Seeker
Assistente Editorial

PEDRO PÓVOA
Specialist Seeker of Translation
Tradutor

MANUELA DUARTE
Expert of Mistake Seeking
Revisora

ÁGATA VENTURA
Manager of Format Seeking
Paginadora



SEEK THE BUTTERFLY



SABE TUDO EM:
seekthebutterfly.pt

O QUE É A SECRET SOCIETY?

E se houvesse um lugar que te servisse de refúgio quando o mundo te desilude? Arriscarias tudo para o descobrir?

Conseguirias partir numa aventura e esquecer tudo aquilo que pensas ser? Terias a coragem de te aventurares em novos mundos e te transformares no que quiseses? Pertenceres a uma nova sociedade?

Shhhh!
Txuuu-tss Txuuu-tss

Ouves este som?

É o bater das asas de uma borboleta, um animal delicado e corajoso, que desafia a gravidade e escolhe perfurar o vento.

Prepara-te. Chegou o teu momento. Larga tudo. Esquece o que te prende e corre. Voa pela imensidão do mundo e procura as borboletas.

Permite-te entrar noutros universos. Descobrir lugares só teus, onde podes ficar o tempo que desejares, como desejares. As borboletas são a tua passagem para novos mundos.

Entra na Secret Society e arrisca-te a ser Seeker !



A Secret Society é o selo editorial YA (Young Adult) da Penguin Random House Grupo Editorial em Portugal. É a casa de nomes magníficos como Adam Silvera, Holly Black, Nina LaCour, Tahereh Mafi e mais.

Somos uma marca distinta, inovadora, diversa. Temos uma narrativa única e um universo em constante expansão, onde queremos que te

aventuras, percas e descubras vezes sem conta.

Mas não queremos ser só isso. Não somos apenas a casa de livros
incríveis.

SOMOS A TUA CASA.

SOBRE ESTE LIVRO



A GUERRA TENTOU SEPARÁ-LOS.
MAS A MAGIA QUE OS LIGA
SUPERA TUDO.

Dois corações. Duas viagens. Duas escolhas. Um destino.

Roman e Iris arriscam o amor que os une e até a própria vida para pôr fim a uma guerra divina.

A conclusão épica e incrivelmente romântica de uma fabulosa fantasia, repleta de twists de tirar o fôlego.

«Se as histórias tivessem cheiro, esta teria o aroma de uma chávena de chá preto, da tinta de uma máquina de escrever e daquela viciante especiaria chamada *enemies to lovers*.»

Shelbie Mahurin, autora bestseller de *Serpente & Pomba*

SOBRE REBECCA ROSS

Rebecca Ross é autora de romances de fantasia para jovens e adultos. Vive na Georgia (EUA) com o seu marido, um cão Pastor Australiano e muitas pilhas de livros. Quando não está a escrever, está a ler ou a passar tempo no seu jardim, onde nascem flores e ideias para novas histórias. Encontra-a em [@beccajross](#).